

O CONCEITO DE AMOR

**UM ESTUDO EXPLORATÓRIO COM
PARTICIPANTES BRASILEIROS**

**THIAGO DE ALMEIDA
JOSÉ FERNANDO BITENCOURT LOMÔNACO**

O CONCEITO DE AMOR

**UM ESTUDO EXPLORATÓRIO COM
PARTICIPANTES BRASILEIROS**

Copyright © dos autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos dos autores.

Thiago de Almeida; José Fernando Bitencourt Lomônaco

O conceito de amor: um estudo exploratório com participantes brasileiros.
São Carlos: Pedro & João Editores, 2018. 311p.

ISBN 978-85-7993-508-4

1. Amor. 2. Formação de conceito. 3. Conceito. 4. Teorias do amor. 5. Autores.
I. Título.

CDD –100

Capa: Andersen Bianchi

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil);
Nair F. Gurgel do Amaral (UNIR/Brasil); Maria Isabel de Moura
(UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil);
Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil).

Conselho Científico ad hoc:

Profa. Dra. Ana Paula Martins Cazeiro (Departamento de Terapia
Ocupacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro -UFRJ); Prof. Dr.
Renato Nunes-Bittencourt (FACC-UFRJ).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 - São Carlos – SP

2018

PREFÁCIO

Tentar falar sobre o amor me parece uma tarefa muito difícil uma vez que ele se refere a um sem número de fenômenos e categorias tão diversas que, podemos nos arriscar a dizer, enquanto palavra ela é vaga, com significados muito diferentes e sem grande especificidade.

Entretanto, a quantidade de tinta e papel já gastos com o tema durante toda a história humana mostra o quanto a temática é de importância e o quanto ela ocupa a mente e a imaginação de todos mesmo que, como se refere La Rochefoucauld (citado por Rougement, 1983, p. 173), “muitas pessoas não se enamorariam se tivessem sido informadas sobre o amor”.

As formas de pensá-lo podem ser diversas e abrangentes, estendendo-se desde os aspectos neurofisiológicos, em moda, mas que, embora expliquem os mecanismos corporais envolvidos naquilo que denominamos, grosso modo, amor, não conseguem esclarecer a intensidade e a importância desse fenômeno para a espécie, seus aspectos denominados inconscientes, carregados de significados intensos e característicos.

Na verdade, mais do que um fenômeno puramente objetivo, seja sob a análise biológica ou social, ele pertence ao campo do simbólico e, como tal, com características que são profundamente influenciadas pela sociedade e, principalmente, pela cultura.

Sua força é tamanha que demanda regulação para que não interfira de maneira muito marcada nos sistemas de equilíbrio sociais e, assim, passa a ser regulamentado através de contratos, muito bem detalhados que, a partir da Idade Média, em nossa cultura, assumem conotações religiosas e valorativas estabelecendo-se dentro da instituição casamento, controlada e regulamentada, construída em nossa cultura de maneira monogâmica e, teoricamente, “*ad aeternum*”, visando

principalmente o cuidado dos filhos e a estabilidade social a partir do controle instintivo.

Mesmo com as mudanças de costumes, cada vez mais marcadas, que ocasionam novas estruturas conceituadas a partir de muitas denominações diferentes, que se estendem dos casamentos abertos até o denominado “*poliamor*”, essa importância é facilmente visualizada ao vermos que, mesmo sob a égide de uma aparente transgressão, o que podemos observar é sempre a necessidade de seu controle sob um aspecto contratual, muito bem definido no qual, ainda que a sexualidade seja liberada, os afetos não o são, pois devem se manter dentro de características muito comuns à nossa cultura, principalmente após o século XX no qual amor e casamento passam a ser considerados como devendo ser, obrigatoriamente, unidos. Assim, mesmo com uma “aparente” liberação da sexualidade, a exclusividade dos afetos, simples demonstração de uma teórica posse, continua a ser “cobrada” de tal maneira que, nem mesmo é questionada quando se discute sobre o tema.

Confundem-se então impulsos sexuais e desejo, afetos significativos, contratos de exclusividade e posse com definição de direitos e deveres cada vez mais questionados e, principalmente, expectativas que, na maior parte das vezes, nunca serão supridas pela simples razão de que se pensa sob óticas idealizadas que não são, na maioria das vezes, compatíveis com a realidade.

Tudo isso para reforçarmos a ideia de que é um tema complexo, que demanda flexibilidade em sua abordagem e conhecimento de diferentes tópicos para que não seja visto (como o é frequentemente) de maneira maniqueísta e sem questionamento a respeito de características (principalmente aquelas ligadas ao casamento) que são consideradas pilares de nossa moral e de nossa cultura moderna.

A abordagem global e abrangente do tema foi a intenção dos autores deste trabalho, sobretudo do primeiro autor que, há anos, dedica-se de maneira intensa a conhecê-lo e explorá-lo, quer

através da busca acadêmica (representada exatamente por este livro, fruto de uma tese de doutoramento no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo), quer pela busca do conhecimento por meio da atividade clínica que permite que nos defrontemos com o mundo real e não o mundo das ideias, muitas vezes representativo somente de concepções teóricas discutíveis.

Exatamente por isso, e como tudo que se encontra inserido no existir humano, este trabalho tem vantagens e desvantagens posto que seria impossível abordar um universo tão extenso.

Os autores partem, exatamente, do desenvolvimento histórico do conceito, não só de amor, mas do próprio casamento que, no momento no qual vivemos, é considerado como que algo, conceitualmente, indissolúvel da questão amor.

Mostram assim que isso é uma “invenção da modernidade”, decorrente das próprias ideias de liberdade e de escolha democrática (sic), mas que nunca estiveram ligadas no decorrer da história ficando o amor (lembrem da Afrodite Pandêmia e da Afrodite Urânia de Platão) em um plano e o casamento em outro, muito mais mezinho e banal com Engels chegando a dizer que a invenção do casamento possibilitou o aparecimento de dois outros fenômenos como a prostituição e o adultério, ambos dele decorrentes.

Cabe ainda lembrar que o cristianismo e, principalmente a Igreja, considerando a expressão da sexualidade um problema conceitual, tentam controlá-la a partir da instituição já que, como quer São Paulo na Epístola aos Coríntios, se alguém não consegue se controlar é melhor que se case.

Sobre todos estes fenômenos o autor passa de maneira clara e detalhada, trazendo ao leitor sempre a vontade de conhecer e se aprofundar mais em um tema, de tal modo fascinante, que por mais que se escreva sempre restam dúvidas e desejos de conhecimento.

Os autores abordam ainda a questão das mudanças trazidas pela modernidade com algumas de suas implicações (e porque não

dizer, também causas) sociais bem como as repercussões dessas nas novas gerações e nos novos relacionamentos, muitas vezes estabelecidos em função das demandas de um mercado consumidor que alterou formas, mas que mudou, a meu ver, muito pouco o conteúdo das exigências no que se refere ao tema.

Finalmente, a partir de uma metodologia acadêmica, trazem os resultados da pesquisa que originou o trabalho realizado com jovens universitários e não universitários e adultos, e que mostra, em suas conclusões, exatamente a dificuldade em se conceituar o tema que, por sua imensa abrangência, transforma a palavra em algo que, considero, seja inespecífico e pouco claro o que, longe de ser um problema, permite à todos, a sua utilização para que se sonhe e se fantasie embora, exatamente por essa indefinição, também possibilite conflitos e confusões que, talvez, representem o núcleo do próprio existir do homem que, como ser gregário, necessita estabelecer relacionamentos com o outro mas que, a partir do momento em que se libera (por todas as construções civilizatórias que temos que considerar, existem há menos de 10.000 anos) dos mecanismos que garantem sua sobrevivência biológica estrita, passa a se relacionar pelos significados abstratos que estabelece e que são característicos da individualidade de cada ser, sendo fundamentadas sobre o que se constrói durante todo o existir e em resposta a uma questão, ao mesmo tempo simples e complexa: *“O que eu desejo para a minha vida?”*

Apoiam-se assim no território da ética, da individualidade e da solidão decorrente do próprio existir humano com suas possibilidades e limites. Daí a riqueza de seu estudo e das reflexões sobre o tema, tão bem abordado e desenvolvido pelos autores.

Foi um imenso prazer poder ler o trabalho e participar da banca de doutoramento do psicólogo Dr. Thiago de Almeida, atualmente, meu aluno de pós-doutorado. Mais ainda, foi uma honra poder refletir para poder escrever esta apresentação que, embora modesta, creio que possa ser introdutória para o trabalho

em questão. Espero que o prazer que tive, seja compartilhado por todos aqueles que o lerem e, espero, apreciem o texto.

São Paulo, agosto de 2017.

Francisco B. Assumpção Jr.

Professor Associado do Instituto de Psicologia da USP -
Departamento de Psicologia Clínica

Referência

Rougemont, D. (1983). *Love in the Western World*. Princeton: Princeton University Press.

APRESENTAÇÃO

Este livro é fruto do esforço de um orientando e de seu orientador, respectivamente primeiro e segundo autores deste livro, buscando unir suas expertises e apresenta um trabalho conjunto aproveitando o melhor de cada um. O psicólogo Prof. Dr. Thiago de Almeida, ao longo dos anos, abraçou o tema amor e os diversos assuntos a ele relacionados como ciúme, infidelidade, timidez, atratividade amorosa, dificuldades na aproximação afetivo-sexual, manutenção da relação e, por vezes, como lidar com a perda do amor. O Prof. Fernando Lomônaco tem um especial interesse, como docente e pesquisador, pelo processo de aprendizagem e, mais especificamente, pela aprendizagem de conceitos. Foram muitos os percalços para chegar a este produto final. O caminho nunca foi linear e tampouco monótono. Mas, sem dúvida, foi um rico processo de aprendizagem mútua. Cada um de nós procurou absorver o conhecimento que o outro tinha condições de oferecer. E, com isto, ambos fomos contemplados. A resultante deste processo de compartilhamento de informações e experiências é este livro que hoje oferecemos a você leitor, na esperança de podermos introduzi-lo nesta área de tão difícil conceituação: o fenômeno amoroso.

Como o leitor poderá observar pela leitura deste texto, não procuramos definir o amor *a priori*; ao invés disto, perguntamos aos nossos 600 participantes que associações lhes ocorriam diante deste estímulo verbal. E, a partir daí, procuramos nos aproximar um pouco mais do significado desta multifacetada palavra. Cabe ao leitor, agora, julgar se atingimos nosso objetivo.

No primeiro capítulo, buscou-se identificar como o amor foi concebido por diferentes civilizações, ao longo dos séculos. Procurou-se compartilhar uma visão histórica do amor desde a Pré-história até nossos dias, ressaltando as profundas mudanças que este conceito sofreu ao longo da história da humanidade.

No segundo capítulo, procuramos mostrar ao leitor como o amor se tornou objeto de estudo da psicologia e, também, algumas teorias e pesquisas que o tema tem suscitado. Considerou-se a resistência da Psicologia em admitir como objeto de estudo um tema tão carregado de subjetividade que parecia desafiar todos os esforços para sua compreensão científica. Um panorama dos estudos sobre o amor e assuntos afins no Brasil é também apresentado.

Considerando-se que o estudo original teve como objetivo investigar o conceito de amor, é fundamental esclarecer o que se entende por conceito e como ele será definido neste trabalho. No terceiro capítulo, discorreremos acerca do que se entende por conceito e as teorias que têm sido propostas para explicá-lo, desde as primeiras, até uma das mais recentes - a visão teórica - que embasará a interpretação dos nossos dados.

Finalmente, no quarto capítulo, será discutida propriamente a pesquisa da qual se originaram os dados para este livro. Aqui serão explicados, devidamente, quem foram os participantes da pesquisa e como foram selecionados, qual foi o material empregado na pesquisa, como foi tabulado o material obtido, que categorias foram criadas e como chegamos a elas, como os resultados da pesquisa foram analisados estatisticamente e, por último, quais foram as principais conclusões que essa pesquisa pode propiciar. Aos que quiserem ter a oportunidade de se aprofundarem na pesquisa, tal como ela foi realizada, disponibilizamos, em anexo, o capítulo 5, da tese que originou este livro.

Ainda que este estudo esteja longe de esgotar o assunto, ele pode ser considerado como mais um esforço, em âmbito nacional, no sentido de familiarizar o leitor com o tema e, quem sabe sugerir novas pesquisas na área do relacionamento amoroso, buscando entendê-lo de forma mais precisa.

AGRADECIMENTOS

Levando-se em consideração que esse livro derivou da tese de doutoramento do primeiro autor desse estudo, orientado pelo segundo autor, Prof. Dr. José Fernando Bittencourt Lomônaco, gostaríamos de agradecer os preciosos comentários e as críticas pertinentes levantados pelos componentes da Banca Examinadora quando da defesa da tese. Graças aos seus comentários pudemos melhorar sensivelmente a qualidade de nosso trabalho. A todos eles nossos sinceros agradecimentos: Profa. Dra. Ana Paula Martins Cazeiro, Profa. Dra. Luciana Maria Caetano, Prof. Dr. Francisco Baptista Assumpção Junior e Prof. Dr. Renato Nunes-Bittencourt.

SUMÁRIO

Prefácio	5
Apresentação	11
Agradecimentos	13
1 CAPÍTULO 1 - O amor através dos tempos	19
1.1 Considerações iniciais	19
1.2 Uma breve historiografia do amor	21
1.2.1 Pré-História (aproximadamente 1.600.000 a.C. a 4000 a.C	22
1.2.2 Idade Antiga (4000 a.C.-- 476 d. C.)	27
1.2.3 Idade Média (476 d. C. – 1453 d. C	39
1.2.4 Renascimento e Idade Moderna (1453 – 1789	61
1.2.5 Idade Contemporânea (1789 – até os dias atuais	69
1.2.5.1 O cinema americano	69
1.2.5.2 As revistas femininas	72
1.2.5.3 O cenário socioeconômico do pós-guerra	74
1.2.5.4 As lutas pela emancipação feminina e a revolução sexual	78
1.2.5.5 As contribuições das neurociências	97
1.2.5.6 O advento da internet, das redes sociais e dos aplicativos e seu papel facilitador nos relacionamentos	100
1.3 Mudanças histórico-sociais nos relacionamentos amorosos ao longo dos séculos: uma proposta de síntese	103
1.3.1 Da irrelevância à importância crucial do amor nos relacionamentos interpessoais	104
1.3.2 Da repressão à liberação dos impulsos afetivo-sexuais	106
1.3.3 Da profundidade à superficialidade nos relacionamentos afetivo-sexuais	111
1.3.4 Das concepções intuitivas, não empíricas e especulativas acerca do amor, para um entendimento empiricamente fundamentado	114
1.3.5 De concepções mais etnocêntricas e/ou ahistóricas a posições mais culturalmente relativizadas acerca da diversidade das expressões amorosas	116

2	CAPÍTULO 2 - O amor como objeto de estudo da psicologia: teorias e pesquisas	125
2.1	O advento do interesse pelo amor na Psicologia	126
2.2	Teorias do amor	138
2.2.1	John Allan Lee e a teoria estilos de amor	139
2.2.2	John Bolwby: a teoria do apego	141
2.2.3	John Money: o mapa amoroso	144
2.2.4	Robert Sternberg: a teoria triangular do amor	146
2.3	O estudo do amor e temas correlatos no Brasil	147
3	CAPÍTULO 3 - O conceito de conceito	153
3.1	Teorias sobre a formação de conceitos	160
3.1.1	A visão clássica	161
3.1.2	A visão prototípica, probabilística ou natural	168
3.1.3	A visão dos exemplares	174
3.1.4	Similaridade e coesão textual	177
3.1.5	A visão teórica	179
3.2	Justificativa e objetivos da pesquisa de Almeida (2017)	184
4	CAPÍTULO 4 – A pesquisa	187
4.1	Quem foram os participantes desta pesquisa?	188
4.2	Qual foi o material empregado na pesquisa?	192
4.3	Como foram selecionados os participantes da pesquisa?	194
4.3.1	Como foi o processo de seleção dos alunos participantes da rede pública e privada do Ensino Médio?	194
4.3.2	Como foi o processo de seleção dos alunos participantes de universidades públicas e privadas?	196
4.3.3	Como foi o processo de seleção dos demais participantes	196
4.4	Como foram tabuladas as respostas desse estudo?	198
4.5	Quais categorias foram criadas?	199
4.5.1	Categoria 1: o amor como uma relação entre pessoas específicas, não necessariamente romântica.	199
4.5.2	Categoria 2: o amor como algo essencial/fundamental ao ser humano e/ou à humanidade.	200
4.5.3	Categoria 3: o amor como algo indefinível, inefável, etéreo.	200

4.5.4	Categoria 4: o amor como algo ligado a componentes sexuais.	201
4.5.5	Categoria 5: o amor como uma relação romântica entre duas pessoas.	201
4.5.6	Categoria 6: o amor voltado para pessoas da família.	202
4.5.7	Categoria 7: o amor voltado para amigos.	202
4.5.8	Categoria 8: o amor voltado para entidades divinas e/ou sobrenaturais.	202
4.5.9	Categoria 9: o amor voltado para animais irracionais.	203
4.5.10	Categoria 10: o amor voltado para seres inanimados.	203
4.5.11	Categoria 11: o amor dirigido a si mesmo.	204
4.5.12	Categoria 12: o amor como fonte de emoções, atitudes e comportamentos positivos.	204
4.5.13	Categoria 13: o amor como fonte de emoções, atitudes e comportamentos negativos.	205
4.5.14	Categoria 14: outras respostas.	205
4.6	Como as categorias foram criadas?	206
4.7	Como os resultados foram analisados estatisticamente?	207
4.8	Quais foram as principais conclusões deste trabalho de pesquisa?	208
4.8.1	O amor é um conceito muito geral ou abrangente.	208
4.8.2	O amor é concebido de forma diferenciada por homens e mulheres.	210
4.8.3	O amor é diferentemente conceituado de acordo com a idade.	211
4.8.4	A conceituação de amor varia de acordo com o grau de instrução dos participantes.	212
4.9	Como os resultados desta pesquisa podem ser interpretados?	213
4.9.1	A visão teórica como um quadro de referência para a interpretação dos resultados.	215
4.9.2	Conceituação do amor em função do sexo dos participantes	220
4.9.3	O amor no decorrer do desenvolvimento humano: o fator idade dos participantes	224
4.9.4	O amor e a variável grau de instrução dos participantes	227
4.9.5	Propinquidade	228
4.9.6	Considerações finais	232

Anexo	235
Referências	279

CAPÍTULO 1

O AMOR ATRAVÉS DOS TEMPOS

1.1 Considerações iniciais

O conceito popular de amor implica, de maneira geral, o estabelecimento de um vínculo emocional com alguém, ou com algum objeto que seja capaz de receber este comportamento amoroso e enviar os estímulos sensoriais e psicológicos necessários para a sua manutenção e motivação. É tido por muitos como a maior de todas as conquistas do ser humano. Ou ainda, uma experiência ética de alteridade, pois, pressupõe a capacidade de respeitarmos rigorosamente as diferenças do outro, afirmando-se como se essas fossem nossas próprias qualidades (Bittencourt, 2014). Nesta acepção, o amor leva um casal a se comprometer mutuamente, ao estabelecer um profundo vínculo entre eles (Hintz, 2008). Nesse sentido, o amor entre parceiros, doravante, para os nossos interesses, chamado apenas de amor, pode ser entendido como um sistema complexo e dinâmico que envolve cognições, emoções e comportamentos relacionados muitas vezes à felicidade do ser humano (Almeida & Mayor, 2006). Dessa forma, o termo amor é utilizado muito livremente no cotidiano. Mas, que extraordinário fenômeno é esse que possibilita a pessoas, até então desconhecidas uma da outra, aproximarem-se e expressarem o desejo de construir uma vida em conjunto?

Há muitos séculos diferentes concepções de amor têm sido propostas por poetas, filósofos e romancistas, mas não há ainda um consenso (e, talvez, nunca haja) sobre uma definição do fenômeno

amoroso capaz de identificar sua essência, dada sua diversidade e subjetividade. Logo, o amor enquanto um fenômeno passível de ser estudado, não se permite esquadriñar facilmente por todos aqueles que tentam compreendê-lo em sua totalidade. Muitos pensadores manifestaram suas ideias a respeito do amor, ora ressaltando seu valor positivo e, exclusivamente humano, identificando nele a expressão inefável da transcendência, ora tratando-o como uma meta inalcançável e, até mesmo, como algo a ser evitado pelas suas consequências, por vezes, danosas.

Mas, embora parem muitas dúvidas a respeito do que seja o amor, nunca se deixou de falar dele. Atualmente, nos mais diferentes contextos, são feitas muitas perguntas a seu respeito. Essas perguntas intrigam não somente os indivíduos que as formulam, mas também muitos psicólogos, mesmo aqueles profissionais cujo enfoque não é a questão dos relacionamentos interpessoais amorosos.

Na tentativa de se entender o amor, muitas pessoas procuraram formular definições a fim de identificar seus atributos essenciais. A dificuldade da tarefa é muito bem expressa nesta citação de Hunt (1974): *Amor é, sem dúvida, uma palavra mercurial; embora vejamos claramente onde ele se encontra, basta encostar o dedo nele para descobrir que não se encontra mais ali, mas em outro lugar qualquer* (p. XI).

Não obstante tal constatação sobre a dificuldade em conceituá-lo, alguns psicólogos insistem em perguntar: o que é, de fato, o amor? Como podemos concebê-lo de forma a abranger todas as suas variadas expressões? O amor, enquanto um fenômeno psicológico, tem condições de ser cientificamente estudado pela psicologia? É possível defini-lo precisamente? Essas são algumas questões de interesse deste trabalho.

Uma maneira de procurarmos entender melhor o fenômeno amoroso é remontarmos ao passado e verificarmos como artistas, filósofos, religiosos entendiam o amor. É o que se verá a seguir, por meio de uma breve historiografia do amor.

1.2 Uma breve historiografia do amor

O campo de estudo acerca do amor desafia a possibilidade de uma revisão simples, pois, como veremos, muitas correntes, tendências, diferentes abordagens e perspectivas afloraram e conviveram em períodos históricos simultaneamente. A evolução das abordagens, metodologias e teorias tampouco é linear, o que impede uma descrição simples da história deste campo tão profícuo. No entanto, de acordo com Doucet-Bon (1975), May (2011) e Menandro, Rölke e Bertollo (2005), a importância das ações e das reflexões dos seres humanos sobre os temas do amor e do casamento, no conjunto das relações sociais, é facilmente constatável, mesmo consideradas culturas ou épocas distintas. Para esses autores, tais ações e reflexões impregnam fortemente as diversas modalidades de produções culturais, como valores, princípios religiosos, normas, manifestações artísticas, linguagens e estereótipos.

Segundo Canevaro (2002), durante séculos muito se escreveu sobre a convivência de casais e a relação amorosa. Adicionalmente, Bittencourt (2013) expõe que:

Por ser talvez o afeto motriz de grande parte de nossas ações cotidianas, o silêncio discursivo sobre o amor revela para o intelectual um sinal de carência criadora. As palavras são sempre imprecisas para que versemos sobre o fenômeno transfigurador do amor, que se situa na experiência do inefável, mas o esforço para se analisar essa questão é inevitável para o pensador que se preocupa com as questões éticas, sociais e valorativas de sua época. (p. 3).

Compreender a experiência amorosa como um acontecimento dinâmico influenciado pelos diferentes contextos históricos leva à consideração de diferentes concepções de amor. É por isso que se faz oportuna introduzirmos uma historiografia do amor, ainda que breve, para entendermos o perfil e as concepções amorosas de cada era na qual o fenômeno amoroso ocorreu.

Vejamos, então, seu percurso ao longo da história da civilização, procurando traçar um panorama de como o amor, a paixão e o casamento foram retratados ao longo do tempo até os dias atuais.

1.2.1 Pré-História (aproximadamente 1.600.000 a.C. a 4000 a.C.)

Pode-se pensar que os primeiros homens e mulheres a experienciar, por meio de retratos, pinturas e esculturas tenham sido aqueles que viveram no período que se convencionou chamar de Idade Antiga. Isso não é verdade. Os primeiros achados que retrataram as vicissitudes do amor e dos relacionamentos datam de bem antes, mais especificamente da Pré-história como podemos ver nesta pintura rupestre, a seguir, comentada.

A chamada Pré-história inicia-se com o surgimento do homem na Terra e dura até cerca de 4000 a.C. com o surgimento da escrita no Crescente Fértil, mais precisamente na Mesopotâmia. Caracteriza-se, grosso modo, pelo nomadismo e atividades de caça e de pesca. Neste período, surge a agricultura, a pecuária e os vínculos afetivo-sexuais que levaram os homens pré-históricos ao sedentarismo e à criação das primeiras cidades.

O que se convencionou considerar como Pré-História compõe 98% da evolução do ser humano. Os outros 2% restantes constituem a história propriamente dita. Há que se evidenciar que essa divisão é meramente convencional e tem caráter didático, pois as mudanças ocorridas de um período para outro se estenderam por um largo período de tempo de forma gradual, sem rompimentos abruptos. No entanto, podemos afirmar que as raízes do que se concebe por amor remontam aos povos das cavernas, que o retratavam em pinturas rupestres, parecendo indicar que o amor é um conceito universal, presente desde sempre em todas as culturas que se conhece (Malinowski, 1955; 1970; 1983).

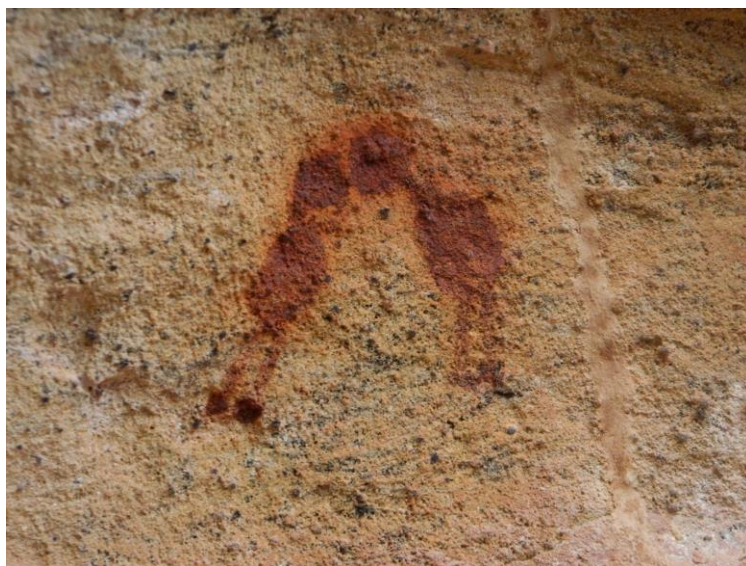


Figura 1. "O beijo". Pintura rupestre que pode ser encontrada no Sítio Toca do Boqueirão Pedra Furada do Parque Nacional da Serra da Capivara, São Raimundo Nonato (Piauí - PI, Brasil) retratando um suposto beijo, aproximadamente datado entre 48 mil a 6 mil anos a.C. (Fonte: <https://www.pinterest.pt/pin/796926096534962878/>)

Os antropólogos Jankowiak e Fischer (1992) examinaram 166 (88.5% da amostra) culturas diferentes e encontraram evidências da existência do amor apaixonado e seus emaranhamentos em 147 delas a partir de discursos, do folclore ou de estudos etnográficos. Para as culturas restantes (19 - 11.5% da amostra), os autores concluíram que não podiam determinar se o amor apaixonado, de fato, não existia, ou se, por não haver dados suficientes para se fazer tal presunção, acabaram por levar a tal conclusão. Nos dezenove casos em que o amor romântico não foi encontrado, apenas um etnógrafo - Holmberg (1969) - faz distinção entre o conceito de amor romântico e o conceito de luxúria, mas nega a presença do amor romântico. As outras 18 etnografias observam que relações sexuais ocorriam, mas não exploram o motivo de as pessoas engajarem-se nestes enlaces e, portanto, não se pode

determinar se o amor romântico foi um dos motivos que levaram as pessoas a terem esse tipo de relacionamento. É importante salientar que os autores desse estudo conduziram-no questionando se o amor era realmente um produto da cultura ocidental como se pensava até esse momento. Em somente uma cultura estudada foi observado que o amor romântico parecia não existir de acordo com a concepção holmberguiana. É importante ressaltar também que nem todos os indivíduos de uma cultura se apaixonam. Assim, Jankowiak e Fischer concluíram que o amor romântico ou apaixonado constitui um aspecto humano universal, ou quase universal, que independe da cultura que se investiga. Outros autores (e.g. Aron et al., 2005) também defendem a ideia de que o amor romântico é um fenômeno universal transcultural. Wright (2006) contribui para a aceitação dessa ideia quando afirma que o amor é um recurso evolutivo refinado. Nesse sentido, dirigir amor a alguém teria a finalidade de garantir a sobrevivência e a preservação da espécie humana, visando estabelecer a perpetuação dos genes (Vincent, 2005). Nessa concepção etológica, o amor seria uma espécie de contrato biológico entre um homem e uma mulher, visando aumentar as taxas de sobrevivência e de reprodução. Para a etologia, ciência que estuda as origens dos comportamentos humanos e animais, esse contrato determinaria que, em troca dos recursos trazidos por um homem para garantir a alimentação, o abrigo e a proteção da mulher e dos filhos dele, esta, em contrapartida, disponibilizaria a ele seu útero, com exclusividade.

Para uma melhor compreensão do (s) porquê (s) o amor se tornou uma ferramenta evolutiva a serviço da sobrevivência e da reprodução é necessário traçar um panorama daquela época. Há aproximadamente 200 mil anos surgiram os ancestrais do *Homo sapiens*. Esses ancestrais viviam em condições adversas. Tinham que caçar, pescar, coletar frutas e raízes para sua alimentação e eram expostos cotidianamente às mais variadas doenças e riscos como, por exemplo, ser atacados por animais ferozes. A expectativa de vida desse hominídeo variava entre 20 a 35 anos de

idade (Goklany, 2003; Kaplan, Hill, Lancaster & Hurtado, 2000; Demeny & McNicoll, 2003; Robson & Kaplan, 2003). Assim, podemos ilustrar:

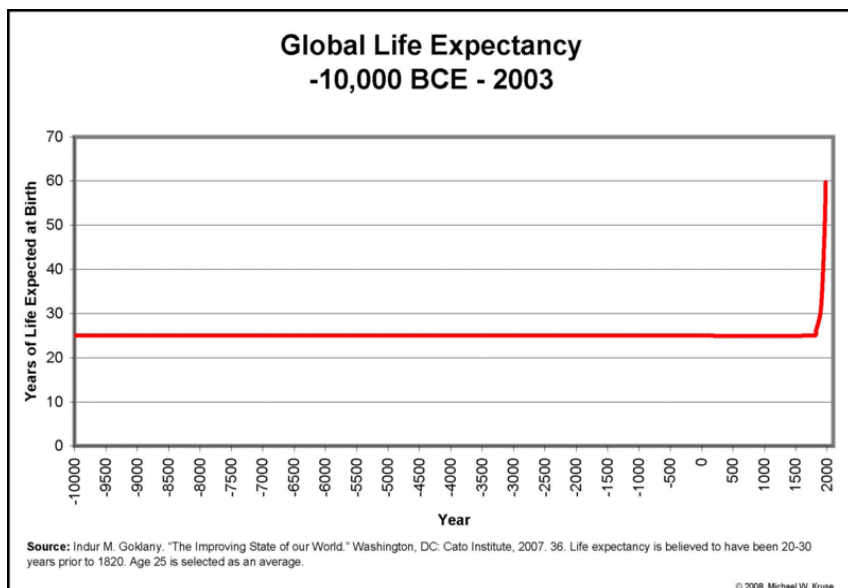


Figura 2. Expectativa de vida global. (Fonte: <https://www.eitdigital.eu/news-events/blog/article/looking-ahead-to-2050-extending-human-life-i/>)

De acordo com essas condições de vida, um ferimento não cuidado era capaz de causar uma hemorragia incontida e levar à morte. A mortalidade infantil era alta; poucos filhos sobreviviam e chegavam aos 20 anos em condições razoáveis de saúde. E, há de se evidenciar que, muitas de nossas características atuais foram moldadas por milhares de anos de privações, de condições aversivas para a sobrevivência dos nossos ancestrais, de doenças infecciosas e de predadores humanos e não humanos.

De acordo com Varella (2014), a mais importante característica adquirida, por ocasião dessa época, foi a maturidade sexual precoce. Vivia-se tão pouco que levavam vantagem na competição pela sobrevivência as meninas que menstruavam antes e os meninos que produziam espermatozoides mais cedo. E,

quanto mais rapidamente homens e mulheres escolhessem uma parceria qualificada (que evidenciasse mais simetria, mais traços de maturidade sexual reprodutiva e manifestasse que seria um bom provedor/cuidador para futuros filhos) e mais depressa concebessem filhos, maior a probabilidade de transmitir seus genes às gerações futuras e garantir a perpetuação de sua linhagem.

Nessas condições de vida desfavoráveis, caracterizada pela baixa expectativa de vida e pela precocidade da fase reprodutiva, puderam se beneficiar os seres humanos que, por algum motivo, desenvolveram a capacidade de se apegarem uns aos outros e de se vincularem a parceiras e a sua prole por tempo suficiente para proporcionarem os primeiros cuidados e investimentos parentais (Marlowe, 2000; Trivers, 1972).

Uma discussão atual é se a evolução, por algum motivo, não ocorreu no sentido do surgimento de um tipo de amor não associado à procriação (Fisher, 2006). Em outras palavras, a seleção natural teria transformado o cálculo do custo-benefício em uma emoção, *principalmente no sentimento do amor?* (Wright, 2006, p. 47). Segundo Fisher (2006), calcula-se que isso possa ter ocorrido há aproximadamente 10.000 anos e que tenhamos herdado este legado amoroso. Dessa forma, os homens passaram a amar as mulheres não como meras reprodutoras, e estas passaram a olhar os homens como algo mais além de provedores do sustento de si mesma e de suas proles. Sob esta perspectiva etológica, vincular-se afetivo-sexualmente a alguém poderia ser considerado funcional do ponto de vista evolutivo. Ou seja, se alguns de nossos antepassados tivessem fracassado em escolher, cortejar e manter um parceiro, a cadeia evolutiva teria sido rompida e não estaríamos vivos para contar, ou mesmo estudar, a história dos que nos precederam. Portanto, cada um de nós deve sua própria existência a milhares de gerações de ancestrais bem-sucedidas nas quais a natureza operou sutilmente os cálculos de custo-benefício para a preservação dos bem adaptados (Buss, 1988).

1.2.2 Idade Antiga (4000 a.C. - 476 d.C.)

Este período histórico está estreitamente ligado ao Oriente. Lá surgiram as primeiras civilizações, sobretudo no chamado Crescente Fértil, uma área de terra própria para a agricultura situada entre o vale dos rios Tigre e Eufrates. Por convenção, a Antiguidade é um período compreendido entre 4000 a.C. até 476 d.C., quando ocorre a queda do Império Romano do Ocidente. Essa época viu surgirem e desaparecerem várias civilizações tais como a do Egito, da Palestina, do Irã, da Fenícia, além das nossas bem conhecidas e estudadas, civilizações grega e romana.

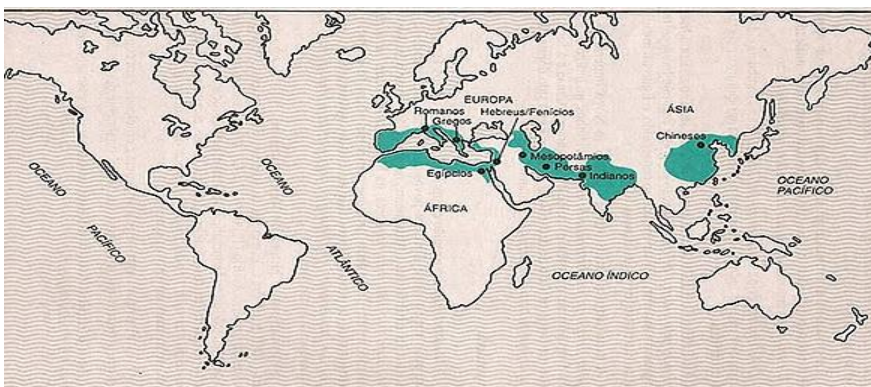


Figura 3. As primeiras civilizações da Antiguidade. (Fonte: <http://blogdodgeohistoria.blogspot.com.br/2011/03/as-principais-civilizacoes-da.html>)

Tanto nas primeiras civilizações letradas, como o Egito, a China, a Grécia e Roma, quanto em sociedades pré-letradas e semiletradas, como as sociedades indígenas americanas, australianas, da Índia, da Indonésia e das ilhas do Oceano Pacífico, existem diversos relatos e registros explícitos de manifestações culturais que expressam as vicissitudes do amor e da paixão (Westermarck, 1934).

Usualmente, o amor manifesto entre um homem e uma mulher era expresso por meio de rituais sociais, sobretudo o

casamento. Não é conhecido nenhum agrupamento humano no qual não vigorem os laços duradouros do casamento, ainda que com delineamentos diferentes do que conhecemos contemporaneamente. Grupos promíscuos diminutos surgem ocasionalmente com propostas alternativas para o matrimônio convencional, mas, em nenhum dos grupos, a promiscuidade é assumida como norma.



Figura 4. Papiro Harris 500, produção estimada do final do reinado de SETI I (1290 a.C a 1279 a.C.) ou início do reinado de RAMSÉS II (1279 a.C. e 1213 a.C.). É conservado no Museu Britânico (Inglaterra). Tradução de um trecho deste papiro: “Se eu não estiver contigo, onde porás o teu coração? Se não me abraçares, o que será de ti? /.../ Melhor é um dia em meus braços do que centenas de milhares nas terras” (Wiedemann, 2007, p. 340-341). (Fonte: <http://gloria-ao-egito.blogspot.com.br/2012/07/papiro-harris-500.html>)

Do Egito, há aproximadamente 1500 anos a.C., temos retratado em papiros (como o Papiro Harris 500, o Papiro Turim, que hoje se encontra preservado no Museu Egípcio de Turim na Itália, e o Óstraco do Cairo 1266+25218) remotos cânticos amorosos (Montet, 1989).

A base que temos para a compreensão de toda uma cultura é apenas um pedaço daquilo que sobreviveu ao tempo. Os textos

contidos em *Poemas de Amor no Antigo Egito* e *Escritos para Eternidade* são exemplos desses vestígios (Araújo, 2000). Os poemas de amor encontrados em escritos antigos como esses relatam a sensualidade e o romantismo de um pensamento sexual ligado à religião, à natureza e aos seus prazeres (Araújo, 1995; Manniche, 1987). Não é por acaso que, em muitos escritos, aparecem referências ao panteão egípcio, como é o caso da deusa Hator, deusa da alegria, da beleza e do amor (Trauncker, 1995). O ato sexual para os antigos egípcios não era um momento isolado de prazer em seu cotidiano, mas representava uma ação criadora, ou a origem da vida, pois a sexualidade estava ligada à religião desde suas origens e mitos da criação do mundo e do homem, como é o caso do Deus Atum e Osíris (Mysliwiec, 2004). Dessa forma, o erotismo no Egito Antigo tinha um caráter sagrado devido a sua ligação com a origem da vida (Antelme & Rossin, 1999). Tanto é que a infertilidade no cotidiano egípcio era algo bastante temido, tanto para os homens, quanto para as mulheres (Tyldesley, 1995). Não ser fértil no Egito poderia levar a um divórcio ou a anulação da união do casal (Silva, 2012).



Figura 5. Amuletos Djed. (Fonte: <https://www.descobriregipto.com/o-djed-na-cultura-egipcia-antiga/>)

A vida sexual dos egípcios era ligada a muita vaidade, beleza, perfumes, adornos que, por vezes, apareciam em forma de objetos visivelmente ligados a sexualidade, como é o caso das figuras do deus Min, que empunha na sua mão esquerda o falo ereto; dos pilares osíricos, dos amuletos de djed (hieróglifos em forma de pilar que representava a estabilidade da organização social egípcia) e dos anões itifálicos (com o pênis ereto), peças com muita carga simbólica feitas muitas vezes de lápis-lazúli, ouro, pedra, cobre (El-Qhamid & Toledano, 2006).

Perucas, perfumes, óleos, pinturas, roupas, todos esses acessórios estavam ligados a uma esfera sensual que ativava as damas aos prazeres da vida (Noblecourt, 1994). A importância desses adornos torna-se cada vez mais presente na cultura do Império Novo. Araújo (1995) nos mostra o processo de aperfeiçoamento dessa esfera sensual ligado às vestes e como essas estavam intimamente ligadas ao período do Império Novo.

Entre as damas da alta sociedade, a túnica comprida e justa do Império Antigo, que marcava as formas do corpo, viria a se transformar, na época de maior exaltação dos valores individuais que foi o Império Novo Médio, tornando-se mais curta e deixando os seios a descoberto. Depois, com o refinamento do Império Novo, as damas cobriam-se de fino linho, deixando por vezes um dos seios à mostra. (p. 106)

O estudo do erotismo no Egito antigo é viabilizado por fontes escritas, representações de imagens e de objetos encontrados nos túmulos dos grandes senhores e dos funcionários egípcios. A representação da vida sexual dessa civilização tem como caráter principal sua cultura religiosa “pós-morte”. As pinturas, desenhos e escritos nos túmulos ligados à sexualidade tem como principal objetivo que aqueles momentos de prazer sejam levados para a eternidade. No Egito do ano 1000 a.C., o amor já era retratado como um esmagamento do eu e, portanto, semelhante a uma espécie de doença que deveria ser erradicada (Montet, 1989). Além

disso, também encontramos no Egito Antigo referências ao incesto, à homossexualidade e à prostituição.

Registros de pinturas mostram orgias, desenhos pornográficos e pictografias de pessoas nuas. A relação sexual entre irmão e irmã era comum, especialmente na linhagem da nobreza; para eles, casar-se com o irmão ou irmã, significava ter cada vez mais pureza no sangue. O incesto para os egípcios era normal por ter como referência sua religião: o deus Osíris casou-se com a deusa Isis (sua irmã), união que resultou no nascimento de Hórus que, no futuro, se casaria com a deusa Hathor (em algumas traduções, Hator), deusa que personifica os princípios do amor, da beleza, da maternidade e dos prazeres.



Figura 6. Papiro Turim. (Fonte: <http://portalpesquisa.com/egito/antigo-egito/papiro-erotico-de-turin.html>)



Figura 7. Cena anterior do Papiro Turim reconstituída. (Fonte: <http://egiptologiabrasil.blogspot.com.br/2014/09/visao-geral-do-erotismo-no-antigo-egito.html>)



Figura 8. Ísis e Osíris, irmãos, de acordo com a mitologia egípcia. (Fonte: <https://www.pinterest.com/pin/297589487851504715/>)

Na China, segundo Joppert (1979) e Watson (1969), os primeiros poemas de amor foram compostos na época da Primeira Dinastia Shang (séculos XVIII-XII a.C., ou seja, pré-Confúcio), que governou soberana por 500 anos. Na Grécia e em Roma, com uma produção mais expressiva, temos inúmeras crônicas amorosas, como a lendária devoção de Penélope e a paixão de Dido por Eneias, descrita na Eneida (*Aenis*, em latim). A Eneida é um poema épico latino escrito por Virgílio no século I a.C. que conta a saga de Eneias, um troiano que é salvo dos gregos em Troia e viaja, errantemente, pelo Mediterrâneo até chegar à Península Itálica. Eneias seria o ancestral de todo o povo romano.

Paralelamente, nesta época foi escrita *A Arte de Amar* do poeta romano Públio Ovídio Naso, mais conhecido como Ovídio. Também conhecida como *Ars Amatoria* (em latim), esta obra de Ovídio é uma série de três livros, escrita de forma didática em versos, e tem como tema a arte da sedução e o universo feminino como pano de fundo, na qual são apresentados conselhos amorosos aos homens e mulheres que viviam na Roma Imperial. Há que se evidenciar que manuais como a *Arte de Amar* consideram a sexualidade enviezadamente *do ponto de vista masculino e para o consumo masculino* (Parker, 1992, p. 104). De acordo com o prefácio de Heuzé (1994): *Na história das idéias sobre a psicologia feminina a Arte de Amar é uma referência* (p. XII), haja vista o interesse de Ovídio pela vida feminina, pelas relações humanas e pelo outro ser humano, como nos aponta Ramboux (1985). Em *A Arte de Amar*, a mulher adquire suficiente autonomia para manifestar suas aspirações sexuais, situação que lhe seria negada durante os séculos seguintes. Os primeiros dois volumes da série, escritos entre 1 a.C. e 1 d.C., falam *sobre conquistar os corações das mulheres e sobre como manter a amada*, respectivamente. O terceiro livro, dirigido às mulheres, ensina-as a atrair os homens e foi escrito posteriormente.

Muitas discussões, por exemplo, sobre o modo pelo qual o amor “nasce” entre as pessoas, remontam à Antiguidade Clássica

(Ingenieros, 1910/1968). Mas, ao contrário do que se observa atualmente, os homens gregos geralmente não nutriam amor afetivo-sexual pelas mulheres (Grimal, 1991; Hendrick & Hendrick, 1992). Não obstante, o amor para eles era uma temática muito importante em sua filosofia (Philippe, 1999). De forma que eles ideavam o amor como uma força unitiva e harmonizadora e o compreendiam como o fundamento do amor sexual, da concórdia política e da amizade (Abbagnano, 1970). Segundo os pitagóricos, a reflexão filosófica pressupõe o amor e lhe confere sua última significação (Philippe, 1999). Hesíodo (VIII a. C. - VII a. C.), em sua Teogonia, e Parmênides de Eléia (século V a.C.), foram os pioneiros em sugerir que o amor é a força que impulsiona as coisas, que as conduz e as mantém juntas.

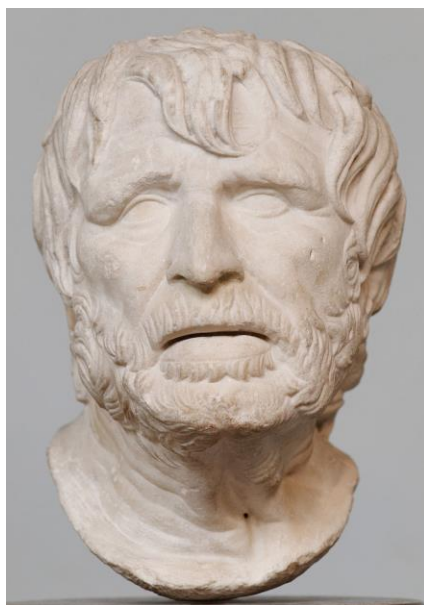


Figura 9. Hesíodo, autor de Teogonia, dentre outras obras. (Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Hes%C3%ADodo#/media/File:Pseudo-Seneca_BM_GR1962.8-24.1.jpg)



Figura 10. Parmênides, autor do livro *Da Natureza*, dentre outros. (Fonte: <https://www.baceleb.org/all/item/18189-parmenides>)

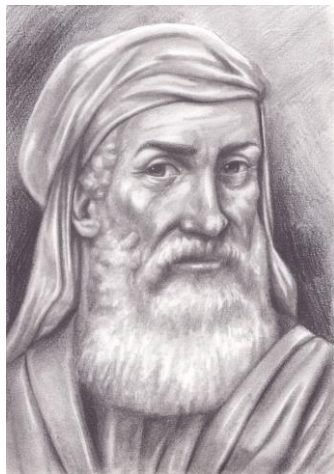


Figura 11. Empédocles de Agrigento (Sicília). Foi o autor da teoria cosmogênica dos quatro elementos, a saber, terra, fogo, ar e água. (Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/523613894150716796/>)

Empédocles (século V a.C.) reconheceu no amor a força que conserva unidos os quatro elementos e, na discórdia, a força que os separa. Essas duas forças cósmicas estariam encarregadas de constituir o universo, o Cosmos, dentro do qual o homem busca estabelecer o seu lugar. E, sob este prisma dual, estabelece que todo o universo é regido pelo amor e pelo ódio, que designava

respectivamente por Philos e Neikos (Assoun, 1978). Na mitologia grega Philos é uma deusa menor, filha da noite e corresponderia à personificação do afeto e da paixão, enquanto os Neikea, segundo a mesma mitologia, eram espíritos que personificavam as disputas, as pelepas e as ofensas (também podiam ser chamadas no singular Neikos), de tal forma que: *Em certos momentos, o universo se unifica e se ordena: é então o amor que o governa* (Philippe, p. 17, 1999).

Mas, será Platão (427-347 a.C.) que contribuirá para a historiografia do amor com o primeiro tratado filosófico sobre o amor. Há certo acordo entre os estudiosos em admitir que *O Banquete* é a matriz de todos os discursos sobre o amor no Ocidente (Guttman, 2009). Nesta obra, assumem-se e conservam-se os caracteres do Amor-Eros e, concomitantemente, tais caracteres são generalizados e sublimados. Há de se ressaltar que, ainda atualmente convivemos com a noção equivocada de amor platônico, uma expressão costumeiramente usada para designar um amor ideal, alheio a interesses ou aos prazeres carnavais. Nesse sentido popular costuma denotar a vivência de um amor impossível de se realizar, um amor perfeito, ideal, puro, casto. Contudo, trata-se de uma interpretação errônea da filosofia de Platão vincular o atributo *platônico* a algo existente apenas no plano das ideias. Porque *ideia* em Platão não é uma cogitação da razão ou da fantasia humana. É a realidade essencial. O mundo da matéria seria apenas uma sombra que lembraria a luz da verdade essencial. Logo, a expressão amor platônico é uma interpretação equivocada do conceito de amor na filosofia de Platão. O amor em Platão é falta. Ou seja, o amante busca no amado a Ideia - verdade essencial - que não possui.

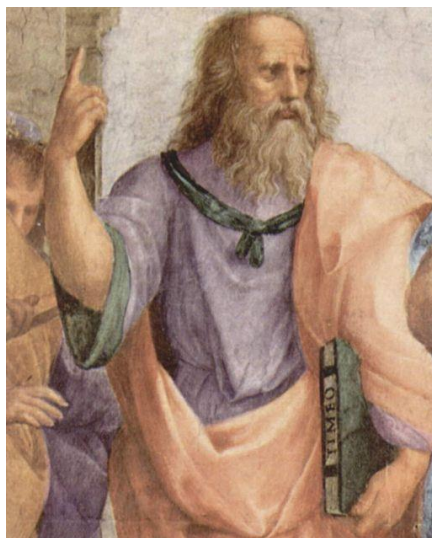


Figura 12. Platão, autor de O Banquete. (Fonte: <https://heidinnevropa.wordpress.com/2016/03/22/filosofia-ocidental-platao/>)

Outras contribuições gregas não menos importantes para a filosofia do amor são as de Aristóteles (384-322 a.C.), que direciona seu olhar sobre o amor não do ponto de vista erótico, mas como *philia*, o amor de amizade e a de Epicuro (341-270 a.C.), que se encarregará de desenvolver uma moral do prazer que, segundo ele, é uma propriedade imanente do amor. Há que se ter em mente que, em momento algum de sua obra, o filósofo prioriza o prazer imediato, sensível e sensual. O prazer epicurista é aquele que emerge da contemplação do ser amado. Por isso, faz-se necessário evitar equiparar o amor e o prazer, mas também é necessário evitar separá-los, já que não são domínios separados, mas aspectos integrados de um mesmo e único processo. E, diante da moral epicurista, situam-se os estoicos e sua concepção da moral. Para estes, não é o prazer o constituinte da felicidade do homem, mas a *apatheia*, a indiferença que o homem é capaz de adquirir graças ao domínio voluntário sobre si mesmo (Philippe, 1999). E será Plotino (203-269 a.C.), com o legado das filosofias platônica, aristotélica e

estoica, aquele que analisará o amor como silêncio último que une ao absoluto, ao bem, ao uno.

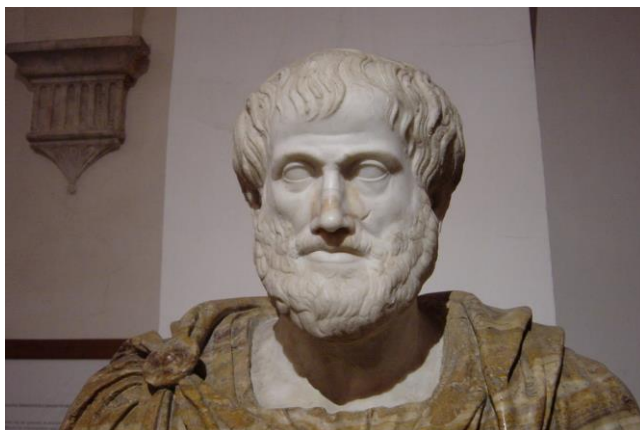


Figura 13. Aristóteles. Um dos filósofos com maior influência no pensamento ocidental. (Fonte: <http://www.nova-acropole.org.br/event/aristoteles-e-o-caminho-para-a-felicidade-3>)

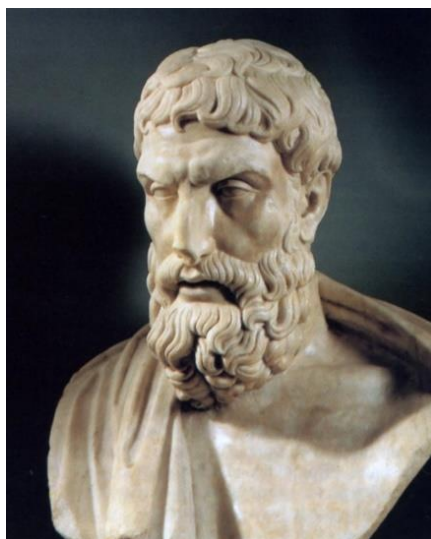


Figura 14. Epicuro, filósofo grego nascido em Samos, autor de Carta sobre a Felicidade, dentre outros textos. (Fonte: <https://www.estudopratico.com.br/etica-epicurista-epico-epicurismo-moral-e-etica/>)

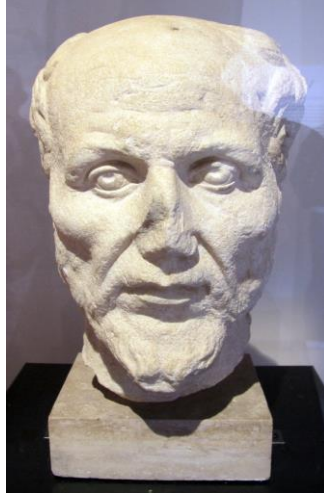


Figura 15. Plotino, autor de Ensaaios sobre a Beleza, dentre outros (Fonte: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ritratto_di_plotino,_da_ostia,_terme_del_filosofo,_250-300_ca._\(museo_arch._ostia\).JPG](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Ritratto_di_plotino,_da_ostia,_terme_del_filosofo,_250-300_ca._(museo_arch._ostia).JPG))

Dessa forma, observa-se que para as pessoas que compartilhavam de similares referenciais na Idade Antiga, o amor e a paixão, consagrados ou não através dos casamentos, ora eram vistos como algo que é benéfico até para a ascese humana, ora como uma ameaça para a sobrevivência do próprio clã, tribo, polis ou mesmo, em um nível mais pessoal, para o próprio ser humano.

Mas, essas formas de encarar o amor na Antiguidade Clássica vão sofrer profundas transformações com a contribuição do pensamento dos primeiros padres da Igreja, mormente na Idade Média.

1.2.3 Idade Média (476 d.C. – 1453 d.C.)

Com o advento do Cristianismo, a noção de amor é acentuadamente influenciada por dois fatores. Por um lado, era entendido como uma relação ou um tipo de relação que se deveria se estender a todas as pessoas entendidas como *próximos* (*caritas*, de caridade); por outro lado, o amor era aceito como um mandamento

(*ágape*, transliterado para o latim) que deveria levar as pessoas a criar uma comunidade que ainda não existia, mas que deveria tornar irmãos todos os homens: o reino de Deus. Outras visões e concepções amorosas foram negadas e até reprimidas. De acordo com Evangelista (2010), a partir do Estoicismo, movimento filosófico que tinha no ascetismo uma de marcas mais fortes, e com o advento do cristianismo, paixão e razão tornam-se opostas. Ainda de acordo com o autor, a Escolástica (pensamento cristão da Idade Média, fundamentado na tentativa de conciliação entre um ideal de racionalidade, corporificado especialmente na tradição grega do platonismo e do aristotelismo, e a experiência de contato direto com a verdade revelada, tal como a concebe a fé cristã) vai opor *ágape* (amor a Deus) e *charitas* (amor ao próximo) a Eros (desejo impulsivo). De acordo com Lins (2012a):

Os primeiros cristãos passavam o tempo todo preocupados em reprimir seus impulsos biológicos. Como, por mais esforço que fizessem, os impulsos sempre retornavam, eles colocaram a responsabilidade de visões e tentações sexuais no demônio. Quando os sonhos sexuais vinham durante o sono, transformavam as noites em algo muito difícil de suportar. Freiras e outras mulheres cristãs muitas vezes protestavam raivosamente, dizendo que o íncubo, um anjo caído, as visitara e as obrigara a cometer atos indecentes (p. 119).

Em outras palavras, o amor carnal e o exercício da sexualidade acabam sendo abafados, não estimulados e restringidos pela concepção medieval, e a dominação do cristianismo influenciará preponderantemente o pensamento social. Brown (1990) aponta que isso aconteceu porque a elite romana era sensível aos apelos de moderação e de contenção sexuais e a opinião popular estava cheia de histórias de castigos que afligiam o mundo por culpa dos maus indivíduos que não amavam o seu próximo.

Embora na filosofia grega Deus fosse concebido como a bondade, como o *bem em si* (Platão), ou como o *primeiro amável*

(Aristóteles), não se fazia ainda a equivalência entre Ele e o Amor, tal como se concebe até hoje (Almeida, 2008). E há que se levar em consideração que, entre afirmar que Deus é bondade e que Deus é amor, há uma distância muito grande. Pois bem, a teologia cristã desenvolverá a concepção grega e fará uma reflexão pautada no mistério do amor agápico. Alguns expoentes como Santo Agostinho (354-430 d.C.), São Boaventura (1218-1274 d.C.) e São Tomás de Aquino (1225-1274 d.C.), são de capital importância nessas reflexões.

Santo Agostinho, bispo da cidade de Hipona (hoje Annaba, na Argélia), foi um dos principais responsáveis pela síntese entre o pensamento filosófico clássico e o cristianismo e exerceu influência decisiva na formação e no desenvolvimento da filosofia cristã. Segundo o pensamento agostiniano, o amor constitui uma lei existencial e o motor da ética. Agostinho dizia que a força que iria libertar o homem de todas as suas amarras e limitações era o amor (Santo Agostinho, 1999). Se assim não fosse, o ser humano viveria imerso na solidão e no egoísmo e, conseqüentemente, ter-se-ia o fim da epopeia humana sobre a terra, pois as pessoas não se uniriam às outras, inviabilizando, desse modo, a procriação e a sobrevivência da própria espécie. Para Agostinho, influenciado pelas ideias Platão, de Plotino e também de São Paulo, o amor é uma lei existencial porque existe e habita o ser humano: *Ninguém poderá existir sem amar...* (Arendt, 1978, p. 94). Não é uma existência jogada simplesmente no mundo, porque o amor dá significado ao próprio ser e ao existir. A escolha do objeto do amor é o ser, que é o todo, aquilo que o abrange e envolve, constituindo uma relação de reciprocidade entre o amor e o ser. O ser é a totalidade que envolve e abrange o amor. O amor, por sua vez, tem a capacidade de envolver o ser e tornar-se a ser com ele.



Figura 16. Santo Agostinho acreditava que o amor acontecia quando dele se estava carente. (Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/574138652472742347/>)

São Boaventura nasceu em Bagnorea (atualmente Bagnoregio, em Viterbo), no ano de 1218 e foi batizado com o nome de João de Fidanza. Aos vinte anos de idade ingressou na Ordem fundada por São Francisco (onde vestiu o hábito e tomou o nome de Boaventura dois anos depois), que, à semelhança dos dominicanos, já tinham se estabelecido em Paris, Oxford, Cambridge, Estrasburgo e em outras universidades europeias. Estudou filosofia e teologia na Universidade de Paris, na qual, em 1253, foi designado catedrático. Também foi contemporâneo de Tomás de Aquino, outro santo e doutor da Igreja, de quem era amigo e companheiro. São Tomás de Aquino e São Boaventura foram convidados pelo Papa Gregório X a prepararem o segundo Concílio de Lion, mas São Tomás de Aquino faleceu alguns meses antes da abertura do Concílio, que aconteceu em 7 de maio de 1274. Alicerçado nas teses de Santo Agostinho e na filosofia de Platão, escreveu onze volumes teológicos, procurando dar fundamento racional às verdades regidas pela fé. A caridade é o fundamento da doutrina teológica, ensinou Frei Boaventura com suas palavras e escritos. O texto *Itinerário da mente para Deus* está entre os seus livros mais conhecidos (De Boni, 1983), obra na qual explicita que o fim de toda a busca intelectual humana é o amor. Este mestre

medieval foi canonizado em 1482 e recebeu o honroso título de doutor da Igreja.



Figura 17. São Boaventura, que ficou conhecido como Doutor Seráfico por sua devoção à Deus. (<http://livrariaconcreta.com.br/tag/sao-boaventura/>)

São Tomás de Aquino nasceu Roccasecca (atualmente na região do Lácio, na Itália), Reino da Sicília, no ano de 1225. Foi membro da pequena aristocracia – seu pai e um de seus irmãos eram da corte de Frederico II – dedicaram-se à pregação e aos estudos filosóficos e teológicos. Ingressou na Ordem dos Dominicanos sob forte oposição da família e nela foi mestre em várias cidades, como Paris e Roma (Torrel, 2004). Contudo, foi em Paris que realizou suas reflexões mais importantes (Lauand, 1999). Reconhecido como o principal teórico da Escolástica, sua compreensão de homem nos é particularmente importante. De acordo com Lauand (1999), este mestre do século XIII concebeu o ser humano como uma totalidade composta de corpo e alma (ideia incorporada da obra de Aristóteles), diferentemente dos pensadores que se inspiravam principalmente no neoplatonismo para afirmar a separação entre a matéria e o espírito. Santo Tomás de Aquino diferencia o amor de concupiscência do amor de benevolência. O amor de concupiscência é quando alguém se aproxima de uma pessoa tomando-a como um objeto, com vistas ao

próprio prazer e você a quer por causa daquilo que ela pode proporcionar a você, ela é algo que te dá prazer. Mas o verdadeiro amor, segundo este autor, é o amor de benevolência - aquele que quer o bem da outra pessoa. Desta forma, Tomás de Aquino definia o amor como desejar o bem do outro. Este autor também vai se remeter à filosofia platônica, resgatar o amor-paixão (Eros) e desenvolver uma teologia sobre as paixões. Alguns autores como Nunes (1979), Gilson (1995) e Le Goff (1995), consideram a Suma Teológica de Tomás de Aquino a mais importante produção intelectual medieval. Na verdade, Tomás de Aquino (2003) buscou, por meio do estudo das paixões, estudar a pessoa de Cristo da maneira mais adequada possível e, assim, vai estudá-la profundamente (Philippe, 1999). Uma das maiores contribuições dos escritos de Tomás de Aquino é a necessidade de formar o homem para que este reflita sobre sua ação no mundo, tendo em vista o *bem-comum* (Kreeft, 1990). E, o amor, o bem-comum e a formação humana estão intrinsecamente relacionados no pensamento deste mestre do século XIII. Os que buscam verdadeiramente entender e ver Deus irão necessariamente amar o que Ele ama, um amor que requer moralidade e aparece nas escolhas cotidianas dos homens. E, ao criar uma tipologia de onze diferentes tipos de paixões, São Tomás advoga que as paixões, em si, não são boas e nem más, mas uma fonte ontológica de riquezas para a vida humana. O que deve ser encarado como mal é o excesso nas paixões, pois elas, em si, são como uma espécie de apetite natural sensível. Infelizmente, sob o exercício de certo estoicismo, a educação maltrata diligentemente as paixões em lugar de enobrecê-las (Almeida, 2008). Antes da expansão do cristianismo, a moral estoica defendia a procriação como finalidade e justificação do casamento. Para os estoicos, um homem sábio devia amar sua mulher com discernimento, não com paixão (Levi & Schmitt, 1996). Os homens deviam se apresentar às esposas como maridos, não como amantes. A regra básica do código moral estoico defendia o amor reservado no casamento e o amor-paixão

fora dos ditames matrimoniais. Os cristãos se apropriaram da moral estoica. Este santo exerceu preponderante influência, pois foi o primeiro a elaborar um grande tratado sobre as paixões na filosofia ocidental e encarar o amor como um apetite vital, implicando o conhecimento. Uma grande contribuição deste pensador é que, em sua obra o ciúme é considerado uma consequência do amor. Para São Tomás, qualquer que seja o sentido do ciúme, provém da intensidade do amor que se sente pelo ser amado.



Figura 18. São Tomás de Aquino, diferenciou o amor de concupiscência do amor de benevolência. (Fonte: <http://cleofas.com.br/sao-tomas-de-aquino-o-doutor-angelico/>)

De acordo com Costa (1998), o amor-agápico, influenciado sobretudo pelo pensamento de santos e doutores da Igreja, dominará a mentalidade amorosa da Alta Idade Média e toda a mentalidade ocidental até a revolução cultural ocorrida entre 1500-1700. E, fundamentadas nessas e em outras concepções correlatas, *a Idade Média certamente conhece peso do pecado e com frequência vive entre o temor e tremor* (Gandillac, 1990, p.198).

E, ao falar-se de amor, um pensamento acorre à mente: e o casamento? Na Idade Média, o casamento tinha uma diretriz diferente da que se tem hoje por referência. Tudo o que desse vazão aos sentimentos, como o amor, era considerado impróprio para o casamento (Ackerman, 1997; Batten, 1995). De acordo com Araújo (2002), até o século V, a união dos casais e a celebração das núpcias não tinha interferência clerical. Era um ato privado que ocorria entre os nobres, tendo como função a transmissão da herança, dos títulos e a formação de alianças políticas. Escolha e paixão sequer pesavam nessas decisões.

Nesta época não havia incentivo, mas repressão aos sentimentos considerados como voluptuosos e corruptores da alma; portanto, a relação matrimonial não deveria sediar ou promover o amor carnal ou a paixão. De fato, o casamento era uma instituição que visava à estabilidade de toda uma sociedade desempenhando as funções de reprodução, união e manutenção de riquezas. No entanto, esse arranjo pragmático não é exclusividade somente desse período. Trabalhos realizados por Lévi-Strauss (1976) evidenciam que, nas sociedades mais antigas, a aliança (perspectivando a maximização de recursos familiares) também era um fator determinante no casamento. A união se justificaria muito mais pela necessidade de reciprocidade imposta pela divisão sexual do trabalho do que pela satisfação sexual (Araújo, 2002). A aliança era uma forma de intervenção do grupo sobre bens considerados escassos e essenciais para a sobrevivência e fundamentava-se em um sistema de trocas, cujas regras marcam a origem do casamento. Dessa forma, estava garantida a continuidade da estrutura social e estamental da época. A partir do momento em que o amor faz parte do casamento, esses sustentáculos, como a reprodução e união de riquezas, foram relegados a um segundo plano, ameaçando toda essa organização social (Almeida, 2008). Afinal, quando um casamento acontece simplesmente por amor não há mais interesse na reprodução ou na união de riquezas.

Contudo, apesar das diversas proibições da Igreja, a afeição, a ternura, o amor e a felicidade entre os cônjuges não eram desconsiderados na vida íntima dos casais (Philippe, 1999). De acordo com Duby (1990 a), os casais tomavam como exemplo a relação entre São José e a Virgem Maria que, mesmo sem terem relações carnavais, foram felizes e estavam satisfeitos um com o outro, apenas amando-se, cooperando e sendo fiéis um ao outro. O amor verdadeiro, na opinião de monges e clérigos menos extremistas, seria aquele em que se consideraria o sexo em uma posição de subordinado e não constituiria a prioridade da vida conjugal, pois este é o amor que se aproxima da caridade, portanto, de Deus. Assim, o amor, a afeição, era muito mais uma consequência do casamento do que uma causa (Duby, 1990a; Gandillac, 1990; Lê Goff, 1984). Expulso do casamento, o amor proliferou nas relações ilícitas, estilizado pelos cavaleiros, poetas e trovadores, vivido intensamente por homens e mulheres em toda a parte (Araujo, 2002).

De acordo com Casey (1992), nos séculos IX e X, as uniões matrimoniais eram constantemente combinadas sem o consentimento da mulher que, na maioria das vezes, era muito jovem. O fato de se casarem muito jovens era um dos motivos atribuídos para a falta de importância que os pais davam à sua opinião. O pai alegava que estava preocupado com o futuro da filha e, portanto, providenciando o melhor para ela. Essa falta de importância em relação à opinião da mulher resultava, muitas vezes, em raptos, às vezes, facilitados ou instigados pela jovem infeliz (Duby, 1990a). O modelo leigo de casamento arranjado priorizava o acúmulo de bens e preocupações com a questão da herança e levava em consideração os bens dos cônjuges para não cair futuramente na condição de pobreza. De acordo com Ariès (1986), observa-se um grande número de casamentos entre primos, situação essa que visava a não dispersão das riquezas de uma mesma família. Esse modelo de casamento exigia também, por parte das famílias, não ter muitos filhos, pelo mesmo motivo:

concentrar a riqueza. Quando houvesse mais de um filho, somente o primogênito tinha parte na herança, enquanto que os demais eram incentivados ao celibato, transformando-se em monges ou cavaleiros.

Ainda de acordo com Ariès (1986), as etapas de um casamento normal, nesta época eram as seguintes: (1) *Petitio* - pedido da noiva pelos pais do noivo; (2) *Desponsatio* - o consentimento das famílias sobre a união de seus filhos; (3) *Dotatio* - entendimento familiar sobre o dote; (4) *Traditio* - entrega da jovem ao noivo pelos pais; (5) *Publicae nuptiae* - cerimônia do casamento; e (6) *Copula carnalis* - união carnal. Essas etapas eram combinadas entre os pais. O *desponsatio* pode ser entendido como um noivado, mas sempre sem consentimento algum dos nubentes, pois, nessa época, os filhos eram ainda crianças, com cerca de sete anos, sem idade para a tomada de decisões. Os acertos sobre o dote eram feitos no *dotatio* e também ficava estipulado que, após as crianças crescerem e atingirem a idade de tomar suas próprias decisões, se o casamento não se realizasse por rebeldia de algum deles, haveria uma espécie de multa paga pela família da pessoa que desistisse do casamento (Bloch, 1995). Essa norma constituía mais uma pressão sobre os futuros noivos para a realização do casamento. Portanto, casamento era uma questão resolvida entre os pais homens, sem a participação das mães. A entrega da jovem (*traditio*) acontecia anos após as três primeiras etapas, quando as crianças já tivessem atingido a idade de aproximadamente doze ou quatorze anos. De acordo com Vainfas (1986) o rito nupcial propriamente dito acontecia numa festa na casa do noivo e o momento mais importante ocorria no quarto nupcial. Ao redor do leito se reuniam numerosas testemunhas, e o pai do noivo celebrava a união. Todos testemunhavam a intenção da união carnal e da procriação. Então, a cerimônia era realizada e, após ela, acontecia a união carnal. De acordo com Araújo (2002), a fecundidade era um elemento indispensável ao casamento, assim como a fidelidade absoluta da mulher, de modo que o adultério

feminino implicava o abandono ou mesmo a morte da esposa transgressora. Por sua vez, a esterilidade era uma situação que poderia fazer com que a mulher fosse repudiada pelo seu marido, algo muito comum entre os nobres medievais. Havia também a possibilidade de o casamento ser arranjado entre o pai da noiva e um cavaleiro, que seria o futuro noivo. Todas essas situações eram obstáculos para o surgimento do amor no casamento, tanto pela ausência do consentimento quanto da opinião da noiva.

Até essa época a Igreja ainda não participava efetivamente dos casamentos. Com a queda do Império Romano, gradualmente o cristianismo, anteriormente perseguido, começa a se expandir e, a partir do século V, a Igreja vai abrir caminho e, paulatinamente, começará a estender sua influência sobre o casamento, ao mesmo tempo em que tentava submeter reis e cavaleiros a sua hegemonia. Vainfas (1986) relata que, na Gália, em torno do século VI, a benção do casal à porta do quarto era feita por um padre. Mais tarde essa prática vai se difundir e se aperfeiçoar com a presença de um clérigo diante do leito, a fim de incensá-lo e aspergi-lo com água benta, o que poderia ser interpretado como uma intervenção modesta, em um momento em que ainda se oscilava entre a moral dos padres e a dos cavaleiros - perto do que viria a acontecer nos tempos seguintes. Os fundamentos dessa diretriz cristã casta e celibatária encontra-se na exortação do apóstolo Paulo aos coríntios, recomendando aos homens que permanecessem celibatários, às viúvas que se mantivessem castas e às solteiras que ficassem virgens. No entanto, esses ideais de condenação absoluta do desejo e do prazer não se sustentaram por muito tempo. A Igreja acabou aceitando o casamento como uma maneira de conter os libertinos.

Séculos mais tarde, como veremos, a Igreja vai instituir o casamento como o único espaço legítimo para uso da sexualidade, com o objetivo exclusivo da procriação. Até aí foi um longo caminho, desde o início do cristianismo, quando parcelas da Igreja se dividiam entre aceitar e condenar o casamento. Marcados pelo

ascetismo, os ideais cristãos pregavam a virgindade, a castidade e a continência. A renúncia aos prazeres da carne era necessária para ganhar o reino dos céus. Devido a essa falta de regulamentação eclesiástica, teólogos e pastores carolíngios davam maior importância ao ato sexual, isto é, à última etapa do casamento, a *copula carnalis*. A sacralização do casamento pela Igreja veio a ocorrer somente por volta do século XII. No entanto, é apenas no século XIII que a normatização da moral cristã se estabeleceu, instituindo o sacramento do matrimônio, tornando-o monogâmico e indissolúvel.

A Reforma Gregoriana, ocorrida entre os anos de 1050 – 1215 d.C. levou à modificação do entendimento da Igreja frente a vários aspectos e os casamentos não foram uma exceção. Muitas foram as discussões para decidir as concepções que a Igreja teria acerca de certos assuntos. Sobre o casamento houve, entre outros, o debate entre os clérigos Pedro Lombardo e Graciano. Por um lado, Lombardo defendia a ideia de que o casamento deveria ser um contrato e as palavras ditas à frente de testemunhas na hora do casamento seriam condição suficiente para unir o casal. Isto é, as promessas e palavras ditas anteriormente ao dia do casamento não efetivavam a união entre os cônjuges. Por outro lado, Graciano dizia que a intenção é a condição necessária e, portanto, mais importante que as palavras. Acreditava, assim, que a união poderia realizar-se mesmo antes do casamento. A promessa de um casamento e a relação sexual já equivaleriam ao matrimônio. Finalmente, em 1215, no Concílio de Latrão, foi decidido que o casamento seria um contrato público, ideia defendida por Pedro Lombardo. Porém, a intenção foi um aspecto valorizado para a consolidação do matrimônio, contribuição de Graciano. A partir de então, o ritual eclesiástico transferiu o ato matrimonial da casa, ou seja, do seu local tradicional, para a Igreja, e a cerimônia passou a ser conduzida por um padre.



Figura 19. Pedro Lombardo, teólogo. Suas reflexões foram profundas e influenciam ainda hoje, o pensamento cristão, sobretudo pela sua analogia com a relação esponsal entre Cristo e a sua Igreja. (Fonte: <https://institutobiblicosapiranguense.wordpress.com/biografias/pedro-lombardo/>)



Figura 20. Francisco Graciano, monge jurista. (Fonte: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Graciano_\(jurista\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Graciano_(jurista)))

Outra contribuição importante da Igreja é que ela estabeleceu proibições ao casamento entre parentes, que visava o modelo leigo de casamento arranjado, com vistas a não dissipação dos patrimônios acumulados, o que dificultava ainda mais a escolha do cônjuge. A partir da imposição eclesial dessa regra, ocorreram

muitos casamentos nos primeiros graus de consanguinidade permitidos, o que revela que o costume de se casar com os parentes mais próximos possíveis não desapareceu. Na verdade, não se sabe bem até onde essas proibições foram realmente levadas a sério. A Igreja tinha outra concepção para o casamento: reprimir o mal. Ela condenava o prazer nas relações sexuais e, portanto, considerava o casamento um mal menor: afinal, nele poderiam acontecer relações sexuais, sem prazer, visando apenas a procriação. Era uma forma de controle da devassidão dos leigos. Outra imposição da Igreja era a proibição das relações sexuais nos dias sagrados. Para conseguir impor essa proibição a instituição utilizava-se do medo das pessoas alegando que as crianças com anomalias eram concebidas em tais dias (Duby, 1990a).

As mulheres que não queriam contrair matrimônio e escaparem do casamento arranjado tinham a alternativa de seguirem a vida religiosa, um meio eficaz de fugirem deste destino: negavam o casamento por amor a Deus. De acordo com Duby (1990a), esse tipo de negação do casamento era motivo de louvor, por ser considerado um chamado divino, pois a vocacionada desejava a castidade ao exercício da genitalidade da vida matrimonial, algo de muita importância para a Igreja. Mas, mesmo alegando o amor a Deus, muitas dessas mulheres também acabavam se casando, pois, quando os pais da noiva desejavam a realização do casamento, não havia como escapar da imposição paterna. Nem por vontade própria, dizendo que amavam outro, nem por meio da religião, alegando amor a Deus. Pode-se, assim, perceber a permanência da falta de importância dada ao amor, seja entre cônjuges, seja entre uma mulher e Deus.

Data dessa época o amor cortês ou *l'amour courtois*? De acordo com Newman (1968), o amor cortês é um conceito europeu medieval caracterizado por atitudes, mitos e etiquetas para enaltecer o amor, e gerou vários gêneros de literatura, incluindo o romance medieval. O amor cortês surgiu nas cortes ducais e principescas nas regiões onde hoje se situa a França meridional, em

fins do século XI, e se propagou pelas várias regiões que enalteciam o *ideal cavaleiresco*. O amor cortês cantado pelos trovadores era diferente do amor cavaleiresco (Vainfas, 1986).

Em sua essência, o amor cortês era uma experiência contraditória entre o desejo erótico e a realização espiritual, um amor ao mesmo tempo ilícito e moralmente elevado, passionais e autodisciplinado, humilhante e exaltante, humano e transcendente. Nas palavras de Araújo (2002):

O amor cortês cantado pelos trovadores era diferente do amor cavaleiresco. O amor cavaleiresco era quase sempre ligado a um adultério carnal ou a uma proeza que resultava no casamento. O amor cortês era um amor adúltero espiritual que nunca implicava no casamento dos amantes. O amante dessas histórias era sempre socialmente inferior à dama cortejada e se dispunha a qualquer sacrifício para provar o seu amor. Era um herói disposto ao sacrifício, mas não buscava o encontro carnal com sua amada. Fazia simplesmente uma declaração, uma confissão de amor, fosse pelo gesto, pela amável conversa ou pelo simples olhar. A retribuição esperada era um ato de carinho, um reconhecimento do amor, nunca a entrega do corpo. Enquanto o amor cortês exaltava a mulher e a colocava num plano superior ao homem, o amor cavaleiresco a colocava numa atitude passiva, inferior ao homem e dependente de sua iniciativa. (p. 73)

A expressão *amour courtois* (amor cortês), originalmente foi dada pelo escritor Gaston Paris em um artigo escrito em 1883, *Études sur les romans de la Table Ronde: Lancelot du Lac, II: Le conte de la charrette*, um tratado no qual ele analisa a obra *Lancelote, o Cavaleiro da Carreta*, do autor Chrétien de Troyes (Paris, 1883).



Figura 21. Gaston Paris, escritor francês, filólogo e historiador da literatura francesa medieval. (Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Gaston_Paris)

De acordo com Melo (1992), o amor cortês não resulta de afinidades psicológicas ou de um reconhecimento afetivo mais aprofundado. Segundo Hendrick e Hendrick (1992), o amor cortês vigorou mais fortemente no século XII, embora tenham sido semeadas suas primeiras manifestações alguns séculos antes. De acordo com Heer (1976), a transmissão da herança na Europa da Idade Média deixava sem dinheiro, poder e propriedades todos os filhos mais jovens dos senhores feudais. O legado da herança tinha como base o parentesco lateral (irmãos, irmãs) e não vertical (filhos, filhas). Assim, os *desabonados* jovens nobres só tinham a oportunidade de ascenderem socialmente e de enriquecerem ao se casarem com noivas ricas. É desta massa econômica desvalida que surgirão os cavaleiros que se servirão do amor cortês e da poesia trovadoresca rumo à sua escalada aristocrática feudal. Assim, o amor cortês é essencialmente aristocrático. Era reservado às elites que frequentavam as cortes. Considerado uma ocupação de ociosos, libertos de qualquer preocupação material (Almeida, 2008). Nem a burguesia, nem ao menos a figura da mulher popular, merecem as atenções devotadas à dama, que só poderia ser uma castelã. Neste sentido, este feudalismo amoroso no plano afetivo e

sexual traduz a mentalidade de toda uma classe (Bonnassie, 1985). E será Guilherme IX, duque de Aquitânia e conde de Poitou, nascido em 1071, o primeiro dos trovadores. Ao que parece, suas líricas de amor em novo estilo difundiram-se por toda a Provença, onde mantinha a sua corte e, posteriormente, acabaram conquistando toda a Europa.



Figura 22. Guilherme IX, o Trovador. (Fonte: <https://www.recantodasletras.com.br/biografias/3144417>)

Existem muitas representações ficcionais e poéticas que discorrem sobre o amor na corte, mas, felizmente para os historiadores, um homem que viveu no Castelo de Eleonor, em Poitiers, observou tais acontecimentos em ação e, posteriormente, relatou à maneira de reportagem tudo o que viu, retratando assim com fidedignidade o amor cortesão. Foi um clérigo chamado André, que mais tarde tornou-se capelão na corte da condessa Maria, em Troyes, e se autodeclarou Andreas Capellanus, ou seja, André, o capelão. Dentre outras coisas, codificou trinta e uma normas básicas do amor cortesão, em um livro intitulado *Tratado do Amor Cortês*.



Figura 23. André Capelão, autor do livro *Tratado do Amor Cortês*. (Fonte: <https://le-citazioni.it/autori/andrea-cappellano/>)

Em suma, o *Tratado do Amor Cortês* se configura como uma doutrina que delimitava os dizeres e os lugares sociais a partir da ideologia cristã, conduzindo os sujeitos a desejarem a conjunção com o amor divino. O conteúdo dessa obra constituiu o fundamento da *lei* que regia os casos que eram submetidos a juízo nos tribunais. Algumas destas dinâmicas espelham o conflito do adultério com o sistema de casamento. Por exemplo, quando enuncia que o casamento não é uma desculpa real para não amar, ele estava defendendo o romance, ainda que não ocorresse entre maridos e mulheres. A sugestão do autor, em outras palavras, era amar a esposa ou o esposo do amigo ou do vizinho, uma vez que você não conseguia amar seu (sua) próprio (a) esposo ou esposa. A tradição que André Capelão inspirou pode encorajar membros da nobreza europeia entabularem casos emocionalmente intensos, embora emocionalmente castos, com lordes e ladies para experimentarem a paixão que inexistia em seus casamentos. De acordo com Iyengar (2015), em outros lugares do mundo, acreditava-se que o amor, enquanto sinônimo de paixão, poderia ser um obstáculo ao casamento. De tal forma, na China, por exemplo, eram bastante conhecidas situações nas quais os pais interviam, dissolvendo à força, o matrimônio dos recém-casados, quando se suspeitava que algum sentimento romântico começava a

interferir com as obrigações familiares dos componentes desse enlace.

De acordo com alguns autores, o *amor cortês*, funcionalmente, foi um meio de educar os cavaleiros, civilizá-los, ou seja, foi apenas uma estratégia (Costa, 1998; Heer, 1976). Tais jovens estavam dispostos a rebelar-se contra a ordem social dos mais velhos e, mesmo contra seus principais aliados como o clero e o papado romano. Neste jogo, a mulher servia simplesmente de engodo. Mas, os senhores feudais começaram a perceber os benefícios imediatos de tal situação, utilizando-se de suas mulheres para conduzir o jogo, oferecendo-as como o prêmio ao vencedor. Predicativos como a fidelidade ao senhor são exaltados nessas histórias. Como um senhor, muitas vezes, tinha muitas mulheres, este era extremamente favorecido devido ao grande número de cavaleiros que ficavam às suas ordens. Assim, as histórias do *amor cortês* tinham como objetivo principal estabelecer a conduta moral dos cavaleiros, sobremaneira perante o senhor feudal.

Outra visão complementa esta dinâmica feudal apontada por Heer (1976). Segundo Batten (1995), a tradição do amor cortês surgiu na época em que algumas mulheres da aristocracia começavam a granjear poder econômico. A ausência dos maridos que empreendiam lutas nas Cruzadas rendeu às mulheres, sobretudo às francesas, o ensino de administrarem as terras, da mesma forma que a ausência dos homens durante a Segunda Guerra Mundial deu às mulheres americanas a chance de ingressarem na sociedade como força de trabalho. Por volta do século X, as mulheres eram responsáveis por alguns feudos na região do sul da França conhecida como Provença. Com as mulheres administrando a propriedade de terras, os valores militaristas da sociedade feudal estavam abertos ao desafio. Então, diante deste considerável crescimento econômico, a partir do século XI, ocorreu uma patente e sensível melhoria de vida das mulheres (Bonnassie, 1985). Os jovens nobres franceses reconheceram nesta situação uma forma de conseguirem trabalho

como cavaleiro a serviço de um senhor abastado e conquistar a simpatia das mulheres destes senhores feudais. Sua estratégia era artilosa e, assim, foi criada a poesia trovadoresca, que pode ser considerada a versão medieval do romance contemporâneo (Batten, 1995). Os trovadores tornaram-se cavaleiros do amor, empenhando sua lealdade, obediência e serviços à esposa de seu senhor. Ainda segundo Batten (1995), em concordância com Heer (1976), este *feudalismo do amor* continha as sementes da mudança social, pois, por meio da poesia trovadoresca e do amor cortês, a dama era elevada ao mesmo status dos homens, embora esta não fosse a mensagem implícita mais subversiva. Cantavam os trovadores que o amor recíproco equiparava as pessoas, fossem estas ricas ou pobres e, assim, contestava-se a ordem social vigente e a rígida estrutura feudal estratificada (Ackerman, 1997). Como seria de se esperar, para a sociedade feudal, a ideia de que o amor poderia superar barreiras entre classes sociais e riquezas era subversiva. Contudo, o argumento era funcional aos que dele se serviam, trovadores e senhoras feudais. Ou seja, era conveniente aos seus interesses propagar a imagem do amor como uma forma social democratizante. Nas palavras de Heer (1976): *O amor cortês era uma maneira aceitável de rebeldia contra os costumes sociais dominantes e era conscientemente adotado para servir a este fim* (p. 172).

E, paulatinamente, o amor começou a ser uma condição tolerada para o casamento. O século XII é marcado por uma grande mudança em vários aspectos da Idade Média. O casamento e o amor não são exceções. Já se podem observar mudanças nas concepções sobre o amor no casamento, como as do monge Bernardo de Clairvaux: *O amor não requer nenhum outro motivo, além de si mesmo, e não busca frutos. Seu fruto é o gozo de si próprio* (Casey, 1992, p. 95).



Figura 24. Bernardo de Clairvaux ou Bernardo de Claraval (1090-1153), monge francês. (Fonte: <http://www.blogcruzterrasanta.com.br/sao-bernardo/>)

As histórias românticas (derivado do francês antigo *romans*, que se refere a uma linguagem utilizada na Idade Média, a língua românica, derivada da língua utilizada no norte da França, pois, na Idade Média, o uso do latim era limitado à escrita, enquanto a comunicação oral era utilizada nos textos da linguagem românica) do denominado amor cortês propagaram o amor carnal, material e reforçaram a imagem do amor proibido que não deveria existir no casamento, considerado sagrado pela Igreja. Dessa forma, o ideal do amor romântico irrompeu na sociedade ocidental durante a Idade Média e surgiu, pela primeira vez, na literatura no mito de Tristão e Isolda, depois nos poemas e nas canções de amor dos trovadores (Jonhson, 1987). Ainda de acordo com o autor, o amor cortês tinha por modelo o intrépido cavaleiro que honrava uma bela dama e fazia dela sua musa inspiradora, símbolo de toda beleza e perfeição, aspiração que o incentivava a ser nobre, espiritualizado, refinado e voltado para assuntos etéreos. Assim, de acordo com Le Goff: *O amor cortês foi antimatrimonial* (Le Goff, 1984, p.117).

Há de se evidenciar que a vida entre os casais não propiciava satisfação (Vainfas, 1986). A principal função social da mulher era o da reprodução: esta deveria evitar que o marido se tornasse seu

amante. Caso não obtivesse êxito na fecundação, ela poderia ser devolvida à família pelo marido. Há de se evidenciar que as mulheres não deveriam demonstrar nenhum sentimento durante o ato sexual; deveriam ficar deitadas de costas para que assim não pudessem ver nada e não estimulassem o homem. As demais posições sexuais deveriam ser evitadas para que não se sentisse prazer durante o ato – algo que a Igreja proibia e condenava. De acordo com Amaral (s.d.): *A intenção do matrimônio deverá ser engendrar filhos, para que estes amem a Deus.* (p.8). Duby tem uma ideia complementar sobre esse aspecto (1990a): *O amor do marido por sua mulher se chama estima, o da mulher por seu marido se chama reverência* (p. 58).

De acordo com Lázaro (1996) as hagiografias, ou seja, o estudo biográfico da vida dos santos insistia nas virtudes resignadas das mulheres santas. A partir da intervenção da Igreja no matrimônio, cada vez mais a mulher bonita, bem arrumada, não era bem vista, pois a imagem da beleza é sinal de luxúria, de pecado e de tentação. Em outras palavras, as jovens recém-casadas saíam de casa com pouca idade para viverem com um homem que sequer conheciam e, muitas vezes, tinham de sujeitarem-se às mais variadas violências e humilhações, eram repudiadas e abandonadas, situação essa devido à inexperiência e ao desconhecimento completo das mulheres que não sabiam até que ponto deveriam sujeitar-se aos maridos (Macedo, 2002). E é dessa forma que esposas infelizes, desprezadas, cada vez mais começam a buscar consolação fora de casa com outros homens. O mundo foi se tornando mais liberal, mesmo que contra a vontade da Igreja. Adulterios, pecados entre cônjuges, contracepções, aconteciam com maior frequência. Isso mostra uma emancipação dos valores vigentes por meio da exaltação dos sentimentos do indivíduo que, para satisfazer-se, corre atrás dos seus objetivos, mesmo indo contra a Igreja ou contra o comportamento social padrão.

Outra mudança importante no século XII é a *invenção* do casal. Entre seus dois constituintes deveria haver *a cooperação, a amizade e uma harmoniosa associação para gerir o negócio comum* (Duby

& Ariès, 1990, p.152), isto é, para gerir a casa, o espaço privado em que os sentimentos ganhavam espaço. Desta forma, começava a nascer um sentimento entre os cônjuges. Tornava-se comum ver pessoas tristes pela morte do seu companheiro. *Há uma aproximação no seio do casal* (Duby & Ariès, 1990, p.152). E, muito embora, a seleção de um marido não tenha deixado de levar em consideração o dote, o meio social do pretendente, a profissão, a qualidade de sua casa, a sua linhagem, a opinião da futura esposa começava a ser levada em conta para a realização ou não do casamento.

E, aproximadamente no século XV (fins da Idade Média), a literatura retrata casais que, apesar de usufruírem do prazer carnal no casamento, seguiam as normas da vida cristã e respeitavam suas regras (Macfarlane, 1990). Esse tipo de atitude era aceitável, ainda que não fosse a ideal para a Igreja. Apesar de algumas modificações nos padrões de comportamento desde o século XII e de uma maior tolerância por parte da Igreja, nos finais da Idade Média, o amor carnal continuou sendo condenado, visto como algo proibido, mesmo dentro do casamento (Copplestone, 1997).

Assim, a concepção do amor interdito ainda permanecia influente mesmo no final da Idade Média. E, até a Época Moderna, o amor continuou a ser encarado como algo não virtuoso ou saudável e não chegou a ser fundamental para a realização de um casamento, apesar do consentimento da mulher ganhar cada vez mais espaço até tornar-se a principal condição para a união de um casal.

1.2.4 Renascimento e Idade Moderna (1453 – 1789).

No decurso dos séculos, ocorreu o enriquecimento da nobreza e esta, tornou-se mais liberal em relação aos filhos. O medo de dissipar a fortuna devido ao grande número de filhos foi desaparecendo e as famílias começaram a permitir o casamento dos filhos que não quiseram seguir a carreira eclesiástica (Duby, 1990b).

Os costumes medievais recatados ainda continuaram na Idade Moderna, mas a Reforma Protestante ajudou a tornar alguns deles menos rígidos. O divórcio, por exemplo, que era proibido pelo catolicismo, passou a ser aceito na Igreja Anglicana. Outra contribuição importante é que Lutero estabelece a abolição do casamento sem consentimento dos pais, indo assim ao encontro dos interesses seculares e políticos. Nesse período, a Europa viu o monopólio de a Igreja Católica ruir; todavia, as igrejas protestantes que surgiram na Alemanha, Inglaterra e Holanda continuaram muito rigorosas no que se refere às práticas sexuais. Houve, todavia, uma mudança nos padrões de beleza - mulheres com cinturas finas e seios fartos passaram a ser as mais desejadas. Assim, no século XVI, surgiu o espartilho, peça de roupa que projetava os seios das mulheres para cima e afinava suas cinturas.

Na Idade Moderna, começaram a serem mais comuns os casamentos por amor, e não apenas por interesse (Lins, 2012b; May, 2011; Rougemont, 1988/1972). Uma das primeiras evidências de que o casamento migrou de um dever com a família para um compromisso de amor é a utilização de uma expressão comumente utilizada até hoje - *até que a morte nos separe*. De acordo com Iyengar (2015), esta expressão origina-se de uma obra chamada *Livro de oração comum*, cuja primeira versão foi publicada em 1549 pela Igreja da Inglaterra, produto da reforma Anglicana. Esses votos, na íntegra, escritos em inglês (o que representava a ruptura com a Igreja Católica Romana) diziam: *Para ter-te e conservar-te deste dia em diante, na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, para amar-te e estimar-te até que a morte nos separe* (Iyengar, 2015). Daí, o hábito de trocar cartas entre os apaixonados tornou-se comum. De 1545 a 1563, o Concílio de Trento tornou a Igreja responsável pelo casamento - antes, os casamentos eram apenas civis e aconteciam na própria casa. A partir daí, passaram a ser realizados diante de um membro da Igreja. Com a Reforma Protestante, o rei Henrique VIII da Inglaterra rompeu com a igreja Católica e fundou a Anglicana, em 1534, para poder se divorciar e

se casar com outra mulher. E os anabastistas, uma denominação protestante surgida na época, defendiam a poligamia.

Era também uma época de maior liberação sexual. De acordo com Blanc (2010), em 1495, pela primeira vez, soldados franceses em Nápoles dão sinais de tumores genitais. É o início da sífilis na Europa. Em 1527 foi empregada pela primeira vez a expressão *doença venérea*, por Jacques Bethercourt, embora a existência das mesmas já fosse conhecida desde o século II d.C. pelos romanos e tenham sido descritas por Galeno. Mas, foi somente em 1550 que foi inventada a camisinha moderna, creditada ao anatomista e cirurgião italiano Gabriele Falloppio (1523 – 1562), que recomendava o uso de um envoltório de linho sobre a glândula para evitar a disseminação da sífilis. Grandes artistas e pensadores dessa época trataram da temática amorosa em suas obras, como os filósofos Espinosa, Descartes e o dramaturgo William Shakespeare.

William Shakespeare, nascido em 1564, na cidade de Stratford-upon-Avon (Inglaterra) foi um poeta e dramaturgo inglês, tido ainda hoje como o maior escritor do idioma inglês e segundo muitos autores (e.g. Greenblatt, 2005), como o mais influente dramaturgo do mundo. Em *Romeu e Julieta*, por exemplo, tematiza os conflitos familiares decorrentes dos arranjos de casamento. A fala de Julieta, à Cena II desta obra - *Que há num simples nome? O que chamamos rosa, sob outra designação teria igual perfume* (Shakespeare, 1998, p. 38) - remonta a uma visão de mundo no qual o importante é a essência das coisas e não sua nomeação. O verso reafirma que o amor é o que importa entre casais apaixonados, e não as nomeações de quem são as pessoas apaixonadas. Ou seja, não importam os sobrenomes das pessoas que buscam o casamento, mas a paixão entre elas. O autor contribui também para valorizar os obstáculos anteriores à efetivação do relacionamento, os quais, antes de arrefecer os sentimentos, unem ainda mais os amantes, uma característica do romantismo que influenciará em grande parte o mundo ocidental contemporâneo.

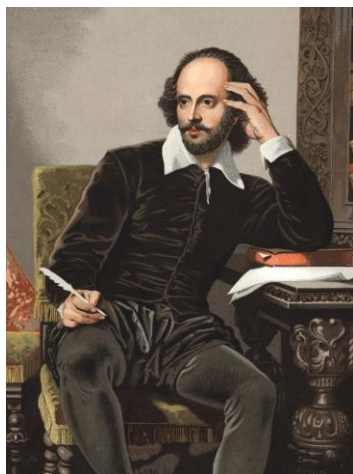


Figura 25. William Shakespeare (1564- 1616), autor de várias tragédias como: “Antônio e Cleópatra”, “Hamlet”, “Rei Lear”, “Macbeth”, “Romeu e Julieta”, dentre outras obras. (Fonte: <https://www.thoughtco.com/what-tragedies-did-shakespeare-write-2985070>)

René Descartes nasceu na cidade de La Haye (França), em 31 de março de 1596. Foi um importante filósofo, matemático e físico francês do século XVII com estudos nas áreas da Epistemologia e Metafísica. É considerado o pioneiro do pensamento filosófico moderno. Defendia que a razão era o único guia infalível para se chegar ao conhecimento e à sabedoria. Por isso é considerado o *pai do racionalismo*. Em seu texto *As Paixões da Alma*, última obra publicada pelo autor, em 1649, sugere que o amor seria um conceito multifacetado e plural. Este texto é o único em que trata diretamente dos problemas da vida moral. O livro foi escrito para a princesa Elisabeth e também é conhecido pelo título de *Tratado das Paixões*. Nele, o autor pretende esclarecer as relações entre a alma e o corpo. O livro é dividido em três partes: na primeira, Descartes mostra como a alma é o agente ativo em suas volições que terminam ou na própria alma ou no corpo, além de apontar os efeitos da percepção sobre o ser humano. Logo, na primeira parte, de *As Paixões da Alma*, evidencia-se a intenção de explicar o dualismo corpo-mente em face do conhecimento científico do

organismo humano que se tinha até então. Para tal, o autor serve-se de toda uma descrição fisiológica do funcionamento dos nervos, músculos, cérebro e coração com o intuito de mostrar como as paixões são produzidas pelos *espíritos animais* e como a alma pode influir no controle do corpo sem confundir-se com este. Na segunda parte são examinadas as paixões. Descartes (1983) define cada uma das paixões estudando-as do interior: a admiração, o amor, o ódio, o desejo, a alegria, a tristeza. A terceira parte do Tratado examina as diferentes paixões classificadas em espécies segundo as seis paixões primitivas estudadas na segunda parte.



Figura 26. René Descartes (1596 –1650). Autor da célebre frase: “Cogito, ergo sum” (Penso, logo existo). (Fonte: <https://educacao.uol.com.br/biografias/rene-descartes.htm>)

Outro autor importante dessa época foi Baruch de Espinosa, nascido em 1632, em Amsterdã. Juntamente com Descartes e Leibnitz forma o trio dos grandes racionalistas do século XVII. Era um profundo estudioso da Bíblia (tanto que é considerado o fundador do criticismo bíblico moderno), do Talmude e de obras de judeus como Maimônides, Ben Gherson, Ibn Ezra, Hasdai Crescas, Ibn Gabirol, Moisés de Córdoba e outros (Damásio, 2003). Também se dedicou ao estudo da filosofia de Sócrates, Platão, Aristóteles, Demócrito, Epicuro, Lucrecio e, também, de Giordano Bruno. Em sua obra, Espinoza reflete sobre a ética da alegria

(Macherey, 1994). Para ele, somente é boa a alegria que nos leva ao amor (que ele define como a ideia de alegria associada a uma causa exterior) no cotidiano e na convivência com os outros, enquanto a tristeza sempre é má, intrinsecamente relacionada ao ódio (que ele define como a ideia de tristeza associada a uma causa exterior), a tristeza sempre é destrutiva para nós e para os outros (Gleizer, 2005). Em sua obra *Tratado sobre a correção do intelecto* aponta que nossa suprema felicidade ou infelicidade depende da qualidade do ser com o qual nos unimos por meio do amor (Spinoza, 1954).



Figura 27. Baruch de Espinosa (1632- 1677). Tematizou sobremaneira a questão da alegria em seus escritos filosóficos. (Fonte: <https://educacao.uol.com.br/biografias/benedictus-baruch-espinosa.htm>)

Em sua *Ética*, Espinosa explicita que, quanto mais causas estão envolvidas na produção de um determinado fenômeno, mais esse fenômeno existe, e menos ele pode ser perecível ou destruído (Lloyd, 1996; Souza, 2013). Em outras palavras, a pluralidade torna forte a realidade que dela nasce; a multiplicidade fortalece a vida da singularidade que lhe permanece ligada: a singularidade lhe permanece ligada não de fora, mas por dentro, intimamente, ou como Espinosa preferia chamar na sua obra, de imanentemente (Chauí, 1995; 1999; Ezcurdia, 2008). Um exemplo bem simples: o amor. Se o amor que sentimos por alguém tem por causa apenas um atributo ou aspecto desse alguém, mais facilmente esse amor

poderá ser destruído: basta que desapareça esse atributo ou aspecto que causou o amor (Kaminsky, 1990). No entendimento do filósofo, os amores prejudicados pelo o ciúme, os amores infelizes, os amores inconstantes, os amores que fazem sofrer, todos esses amores têm poucas causas que acabam por reificar o ser amado, isto é, são poucos os aspectos do ser amado que realmente amamos (Souza, 2012). Então, frequentemente um parceiro tenta querer modificar os outros aspectos que não ama no outro parceiro, situação essa que, não raramente, conduz à incompreensão, às decepções e às mútuas acusações de desamor. De acordo com seu entendimento, quando alguém ama outro alguém devido à aparência de uma parte do seu corpo, este amor poderá estar comprometido e morrer se esta parte mudar de aparência, o que sempre acaba ocorrendo com o tempo ou por um acidente. Mais grave: quando se ama alguém por algo que lhe seja externo, como bens, propriedades ou poder, basta haver a diminuição ou perda dessas coisas para que o amor assim nascido também desapareça ou se perca (Souza, 2012). Assim, diz Espinosa, o amor por alguém, seja este alguém um par ou um amigo, será mais potente se esse amor estiver alicerçado em vários aspectos desse alguém, e não apenas nos aspectos físicos que o tempo pode mudar; nesse sentido, segundo este autor, o amor existe mais quando se amam também os aspectos invisíveis de um ser, aspectos estes que se sentem, mas não se podem tocar ou ver.

Não menos importante também foi a contribuição de Rousseau, que muitos autores (tais como Bloom, 1993; Soares, 1997; Lejarraga, 2002, 2005, dentre outros), consideram responsável pelo modelo de amor romântico. O filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau nasceu em 1712, em Genebra. Em 1742, estabeleceu-se em Paris, onde fez amizade com os filósofos iluministas (os chamados *philosophes*), entre os quais estavam Diderot e Condillac. Em consequência do que ele mesmo considerou uma iluminação, Rousseau escreveu o *Discurso Sobre as Ciências e as Artes*, na qual trata da maioria dos temas importantes em sua filosofia. Com a

publicação dessa obra, Rousseau conquistou o reconhecimento. Seguiram-se anos de grande atividade reflexiva. Em 1755, publicou o *Discurso Sobre a Origem da Desigualdade Entre os Homens* e, em 1761, veio à luz *A Nova Heloísa*, romance epistolar que obteve grande sucesso. No ano seguinte, foram publicadas duas de suas obras mais importantes: o ensaio *Do Contrato Social* e o tratado pedagógico *Emílio, ou da Educação*. Suas obras consistiam em um projeto amoroso que era também uma proposta filosófica e política para a sociedade burguesa em ascensão. Na visão rousseauniana, o amor apaixonado devia ser a base da construção da família, o pilar da sociedade. Estudiosos de Rousseau exploraram as contradições e os impasses de seu projeto amoroso.

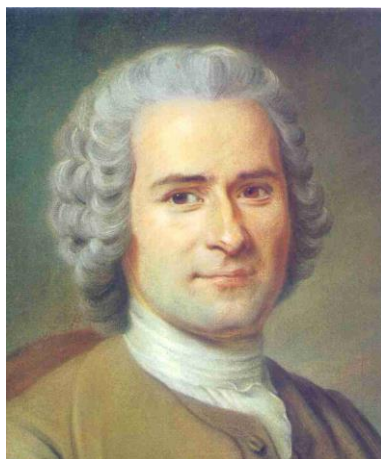


Figura 28. Jean-Jacques Rousseau, um dos principais filósofos do Iluminismo. (Fonte: <https://www.infoescola.com/filosofia/jean-jacques-rousseau/>)

Com a aceitação do amor romântico como forma de conduta na Europa, foram atendidos os anseios de autonomia e felicidade pessoais da classe burguesa, legitimando-a no poder: *Sua íntima associação com a vida privada burguesa o transformou em um elemento de equilíbrio indispensável entre o desejo de felicidade individual e o compromisso com ideais coletivos* (Costa, 1998, p.19).

E a especulação teológica sobre o amor retorna ao platonismo renascentista e, desta vez, acentua a reciprocidade do amor entre Deus e o homem, conforme a tendência própria do Renascimento de insistir na dignidade do homem como tal (Abbagnano, 1970).

1.2.5 Idade Contemporânea (1789 – até os dias atuais).

Como se pode depreender pelo que até aqui foi considerado a concepção de amor sofreu muitas mudanças ao longo da História. Tal concepção continuará a se modificar até chegar-se à forma pela qual o amor é entendido na contemporaneidade. A união que associa amor, sexualidade e casamento é resultado de uma gama muito ampla de fatores que estão continuamente sendo reinventados pelas configurações de relacionamento afetivo-sexual de cada momento histórico. Sem pretender sermos exaustivos, a seguir, arrolaremos alguns destes fatores.

1.2.5.1 – O cinema americano

O amor-sexual e o amor-paixão, como fundamento para o casamento, surgiram a partir da Idade Moderna e, com elas, aflorou um elemento revolucionário, pois enunciavam uma nova ordem nas relações amorosas. Nesse cenário, o amor vai percorrer uma longa trajetória até chegar à condição de uma força arrebatadora, sempre pronta a desembocar no casamento, como souberam muito bem capturar os filmes de Hollywood, que influenciaram e continuam a influenciar o ideário social. Depois da Primeira Guerra Mundial, com o colapso da indústria cinematográfica europeia, Hollywood passou ser o carro-chefe das novas produções e dos lançamentos de filmes que destacavam o relacionamento afetivo como eixo principal e a maioria das personagens femininas eram apresentadas em situação de triângulo amoroso. De acordo com Del Priore (2006):

As tramas ficcionais eram semelhantes: duas personagens se batem pelo amor de uma terceira. Depois do triângulo esclarecido, os maus eram punidos e os bons pares, felizes para sempre. Outro traço comum? O casamento como solução para qualquer problema. É por meio dele que personagens de grupos sociais diferentes se encontram. (Del Priore, 2006, p. 291-292)

Em um cenário aparentemente tão caótico, os relacionamentos amorosos adquirem um novo vigor e um duplo sentido. Para os abonados economicamente, os relacionamentos amorosos seriam um ponto a mais no sentido da autorrealização; para os menos afortunados, um consolo para os revezes que encontravam em seus caminhos. De acordo com Lins (2012 a e b), o amor romântico foi conservado como o mais ardoroso ideal, capaz de proporcionar as mais doces alegrias e as mais profundas dores emocionais. E, então, o amor como um tema, ocupará um lugar central na nossa vida social em todos os níveis culturais, da poesia aos romances, dos finais felizes dos musicais da Broadway aos filmes de Hollywood e, mais recentemente pela ampla divulgação dos relacionamentos entre casais (quase sempre famosos) em revistas populares, todos estes meios retratando-o como uma mistura de paraíso e inferno.

Segundo Lins (2012), cada vez mais, as produções que tematizavam o amor, incutiam no ideário das pessoas referenciais tais como: (1) a convicção de que, para cada indivíduo, existe um (a) companheiro (a) certo (a), predestinado (a) e único (a) no mundo, à espera de ser encontrado (a); a tarefa de todas as pessoas solteiras seria ou sair à procura, até que esse ser único fosse localizado; (2) o significado do *ato de se apaixonar*: em geral, presume-se que as pessoas se encontram distraídas e não preparadas para perceber a abordagem do amor, que acontece subitamente, seja à primeira vista, seja após os primeiros momentos com o ser amado; e, então, a vítima ao que se supõe cai, sem possibilidade de defesa, nas garras de uma vontade superior ou de uma Providência Divina; (3) a ideia de que o amor é cego e

que a pessoa que ama é uma má observadora das imperfeições da pessoa amada, sejam de caráter, sejam de beleza, nem as admite quando lhe são apontadas; (4) a convicção de que o amor tudo conquista e que ele é uma poderosa força que consegue derrubar todos os obstáculos que estejam em nossos caminhos; e (5) a atribuição de beleza e qualidades extraordinárias a alguma pessoa perfeitamente comum (Hunt, 1963).



Figura 29. Katharine Hepburn, atriz indicada 12 vezes ao prêmio Oscar, que venceu em quatro ocasiões, marca até hoje não superada por nenhuma outra atriz. Filmes tais como “Adivinhe quem vem para jantar”, “As Mulherzinhas”, “Manhã de Glória”, “Vivendo em dúvida”, dentre outros os quais ela estrelou, provocaram muita polêmica e influenciaram os costumes de toda uma época. (Fonte: <https://www.biography.com/people/katharine-hepburn-9335828>)

Tem sido atribuído ao cinema o papel de principal disseminador dos novos costumes. Hollywood, a partir de estrelas, como Katharine Hepburn e Marlene Dietrich, e de estilistas, como Edith Head e Gilbert Adrian, influenciaram milhares de pessoas. De acordo com Tannahill (1983) os filmes produzidos por Hollywood esforçavam-se por condicionar as mulheres à crença de que o lugar e o destino delas era serem *rainhas do lar*. Não porque, como no passado, inexistissem opções para ela, mas porque essa

mulher estava voluntariamente destinada a esse objetivo de vida pelo mágico poder e influência do amor e do romantismo. A sociedade ocidental é a única cultura da História que tem a experiência do amor romântico como um fenômeno de massa. Somos os únicos a cultivar o ideal do amor romântico e a fazer do romance a base de casamentos e relacionamentos amorosos. É inegável a participação hollywoodiana na difusão dessa maneira de se conceber a vida e de se pensar os relacionamentos, principalmente a partir de 1940.

1.2.5.2 *As revistas femininas*

Outras mídias influenciavam o comportamento e os costumes da época. Levando-se em consideração que, no início do século XX, não era tão difundida a psicoterapia para lidar com questões afetivas, nem tampouco havia uma farmacopeia específica para tratar as dificuldades dos relacionamentos amorosos, o suporte da época ficava por conta de revistas e manuais que passaram a falar da harmonia da vida sexual do casal e recomendavam muita serenidade na vivência a dois (Almeida, Del Vecchio & Lourenço, 2015). Publicações da época como as revistas *Jornal das Moças*, *Vida doméstica*, *Você*, *Capricho*, *Querida*, além de a seção feminina de *O Cruzeiro*, compartilhavam da mesma mentalidade que tiranizava as mulheres. Por exemplo, em uma dessas obras, estava textualmente escrito: “A desordem numa casa de banho desperta no marido a vontade de ir tomar banho fora de casa” (*Jornal das Moças*, 1945). “A esposa deve vestir-se depois de casada com a mesma elegância de solteira, pois é preciso lembrar-se de que a caça já foi feita, mas é preciso mantê-la bem presa.” (*Jornal das Moças*, 1955). Ou ainda: “Se desconfiar da infidelidade do marido, a esposa deve redobrar o seu carinho e provas de afeto”. (*Revista Claudia*, 1962).

Nesses textos, a Família, a Igreja e a Lei eram praticamente incontestáveis. Os artigos contidos nessas publicações tratavam de questões como: Como deveria se comportar uma boa esposa? O que seria moralmente aceito ou de se esperar de uma mulher?

Como e por que refrear os impulsos e as paixões? O que significa ser uma boa mãe, esposa ou boa filha? Como entender, conquistar e manter os homens?



Figura 30. Capas de publicações femininas dessa época que tinham como tema central a questão da felicidade conjugal. (Fonte: <https://www.justlia.com.br/2008/07/revista-capricho/>)

Outra das questões comumente tratadas buscava legitimar as aventuras extraconjugais dos maridos e procurava definir o futuro das mulheres como esposas, mães e rainhas do lar. Por exemplo, uma das edições do *Jornal das Moças* dessa época ensinava as leitoras que uma *boa esposa* deveria proporcionar, sem questionamentos, sossego e liberdade ao seu marido, a fim de preservar com suas atitudes obedientes e submissas a *felicidade conjugal*. Para isso, a esposa não deveria incomodá-lo com suspeitas, quaisquer que essas fossem sobre sua conduta. Não deveria duvidar de suas explicações sobre os atrasos. Não deveria demonstrar ciúme. Deveria também saber esquecer as aventuras de seu marido com outras. Os homens têm direito à liberdade. Outro exemplo é o da revista *O Cruzeiro* que, em sua seção feminina, recomendava às moças que se mantivessem virgens até o altar a fim de preservar a felicidade do casal; tal tipo recomendação certamente visava coibir as manifestações presentes nos filmes de

Hollywood que agrediam a decência e o decoro da época (Del Priore, 2006).

1.2.5.3 O cenário socioeconômico do pós-guerra

É importante ressaltar que, em meio a todas essas mudanças no ideário cultural e social, os EUA promoveram uma campanha pelo controle da natalidade. Tal movimento pelo controle de natalidade, visto como em uma tentativa de reforma social, durou de 1914 até cerca de 1950 e visava aumentar a disponibilidade de contracepção nos Estados Unidos por meio dos mecanismos oferecidos pela educação e pela busca da legalização das práticas contraceptivas. Este movimento teve início em 1914, quando um grupo de radicais políticos na cidade de Nova Iorque, liderado por Emma Goldman, Mary Dennett e Margaret Sanger, ficou preocupado com as consequências adversas que o parto e os abortos auto induzidos geravam para as mulheres de baixa renda. Dessa forma, pelo menos nos EUA, em decorrência desse programa, a taxa de fertilidade caiu de 7 para 3 ½ crianças por casal (Engelman, 2011). De acordo com Carvalho e Brito (2005), a posição oficial dos EUA foi, durante décadas, favorável à implementação de políticas de controle de natalidade nos países subdesenvolvidos como instrumento imprescindível à superação do círculo vicioso da pobreza.

Ao final da década de 30, movimentos totalitários por toda a Europa começam a eclodir - com Mussolini na Itália, Salazar em Portugal, Francisco Franco na Espanha e Stálin na União Soviética, além de Hitler na Alemanha - levaram à Segunda Guerra Mundial.

De acordo com Lins (2012), a guerra forjou muitos casais incompatíveis. O número de casamentos aumentou 50% depois de Pearl Harbor; os homens queriam ter alguém para quem voltar. Enquanto a guerra prosseguia, a média de idade dos recém-casados diminuiu sensivelmente. Como uma das diversas noivas que se casaram em 1942 lembrou, cinquenta anos depois: ao declarar que provavelmente não teria se casado tão rapidamente se

não fossem aqueles tempos de guerra. Por volta de 1944, havia 2,5 milhões de mulheres casadas a mais do que em 1940.

Consequentemente, a guerra gerou muitos bebês, gerados na despedida e na volta dos maridos. Os EUA e outros países envolvidos no conflito conheceram o *baby boom*, um explosivo aumento da taxa de nascimentos. A taxa de natalidade pulou de 2.466 milhões nascimentos, em 1939, para 2.703 milhões em 1941 e 3.104 milhões em 1943. Duas vezes mais famílias com três filhos e três vezes mais com quatro. Ainda, de acordo com Lins (2012), a guerra deixou muitas mães solteiras, mas o maior número de mães solteiras não estava entre as adolescentes e sim entre as mulheres de 30 a 35 anos. Um relatório de 1944 (citado por Lins, 2012) lamenta o comportamento *predador* de algumas mulheres que se envolviam com três ou quatro soldados americanos para garantir, pelo menos, um provedor para o sustento do futuro filho.

Se durante a época da Depressão econômica, o trabalho da esposa tinha sido objeto de imensa discórdia por *ter tirado o emprego dos homens*, agora ela era convidada e abençoada por trabalhar (Lins, 2012). Depois da Segunda Guerra Mundial, as conquistas femininas permitiram que as jovens namorassem no portão, mas com horário predeterminado por pais e irmãos, a fim de evitar desta forma que o encanto entre os dois pudesse acabar. Nesta época, também houve a popularização das novelas transmitidas pelo rádio e o comportamento amoroso dos amados geralmente não ia além de um leve toque de mãos. A prática dos beijos era proibida. Nesta década observa-se outro comportamento: os pais não criavam empecilhos ou dificuldades para o namoro da filha se o moço tivesse *futuro*, ou seja, se fosse de família rica e posição social próspera. Complementarmente Lins (2012) aponta que:

Depois da guerra, as mulheres americanas começaram a ficar ansiosas para arranjar marido. Dezesseis milhões de jovens soldados foram enviados ao outro lado do mar; 250 mil foram mortos; 100 mil se casaram com mulheres inglesas, francesas e de outras nacionalidades. “Elas perceberam que já não havia homens

em número suficiente e, mais grave ainda, que os veteranos estavam exigindo mulheres maduras, sofisticadas, iguais às que tinham conhecido na Europa, e não tinham tempo a perder com moças de cabeça oca. Surgem então as ‘caçadoras’, ‘ladras de homens’, admiradas em lugar das outras. Frequentar o colégio tornou-se uma forma de pegar marido, ‘ser diplomada como madame’ — e se, em outubro, a moça ainda não tivesse parceiro, então era mesmo um fracasso.” (p. 193-194)

A moda feminina dessa década é considerada uma das mais lindas e sensuais do século XX. Foi também nos anos 40 que Marilyn Monroe surgiu pela primeira vez nas telas. Seguindo esta linha de beleza forte da *femme fatale* e alegre da *pin-up* tentava-se compensar a tristeza da guerra. A maquiagem ficou carregada, com muito batom vermelho, lábios cheios e delineados e sobrancelhas bem desenhadas.



Figura 31. Poster de uma *pin-up*. (Fonte: <https://www.artstation.com/artwork/2q06e>)

De acordo com Lins (2012), o advento do cinema, no final do século XIX, multiplicou as possibilidades do erotismo artístico, antes limitado à pintura, às gravuras e às imagens produzidas pelos daguerreótipos. A imagem em ação e o movimento trouxeram um realismo impensável ao sexo representado. E

também surgiram alguns ícones do cinema, tais como Rodolfo Valentino. Entre as atrizes podemos destacar algumas, tais como Rita Hayworth, Theda Bara, Eleonor Glyn, Greta Garbo, Lana Turner e Marlene Dietrich. De acordo com Lins (2012):

O exotismo do Oriente compôs o primeiro mito cinematográfico masculino: *O Sheik*, misterioso personagem vivido por Rodolfo Alfonso Raffaello Pierre Filibert Guglielmi di Valentina d'Antonguolla ou apenas Rodolfo Valentino (1895-1926), como ficou conhecido por uma geração inteira de mulheres, que suspiravam por ele em uníssono. O filme rendeu 4,5 milhões de dólares e provocou uma paixão pelo tango.

O Sheik fez de Rodolfo o símbolo sexual da década. Seu olhar parecia dizer: “te amo, te desejo”. Os homens americanos se julgavam sheiks e beijavam a mão de suas namoradas, a quem chamavam shebas. Em contrapartida evitavam levar suas mulheres ao cinema nos filmes de Valentino. Elas rejeitavam suas bolinações durante as cenas quentes. (p. 177)

Como em períodos anteriores, aos maridos as relações extraconjugais eram consentidas e/ou toleradas. Não eram criticados os infiéis desde que fossem discretos e continuassem como provedores da família. E, quanto mais mulheres eles conquistavam, mais eram considerados viris e valorizados. Em contrapartida, as mulheres deveriam manter contida a sua própria sexualidade para serem vistas como esposas respeitáveis. Afinal, a honra do marido dependia muito da conduta da esposa. Descoberta uma relação extraconjugal, ela era atacada e, em caso de separação, corria o risco de perder a guarda dos filhos, pois a mentalidade dessa época determinava que um homem que fosse incapaz de tratar com violência a mulher que lhe fora infiel ou de separar-se dela perderia o respeito de seus iguais e passaria a ser visto como *corneo manso*, um insulto considerado gravíssimo para a época (Del Priore, 2006; Lins, 2012).



Figura 32. Cena do filme “O Sheik” (1921) mostrando Rodolfo Valentino envolvendo em seus braços a atriz Agnes Ayres. (Fonte: <https://br.pinterest.com/pin/199284352233219376/>)

1.2.5.4 As lutas pela emancipação feminina e a revolução sexual

Finda a Segunda Guerra Mundial apesar de as mulheres terem provado o gosto da igualdade e da liberdade econômica, cedem à supremacia masculina e desistem de trabalhar fora de casa para que os homens recuperem seus empregos (Yalom, 2001). Assim, voltam-se para o trabalho doméstico e reassumem o cuidado com a família, como donas de casas e esposas. Criavam filhas incutindo nelas a ideia de que, para encontrarem um *bom partido*, deveriam ser excelentes donas de casa. Na verdade, continuava-se a acreditar que ser mãe e dona de casa era o destino natural das mulheres bem-criadas. Agora que os homens estavam de volta da guerra, já não havia nenhuma necessidade de as mulheres trabalharem. As mulheres, então, pareciam concordar em desempenhar, no pós-guerra, o papel de esposas dedicadas exclusivamente ao lar e submissas ao marido. No entanto, essa situação não duraria muito tempo; era uma questão de tempo para ocorrer o movimento de emancipação feminina.

Os fabricantes do pós-guerra começaram a produzir aspiradores de pó, torradeiras, liquidificadores, máquinas de lavar roupas e pratos mais potentes e mais baratos para substituir os

modelos ineficientes criados antes da guerra e economizar o tempo das mulheres em seus afazeres domésticos. Os anos 50, ou *anos dourados*, são considerados uma época de transição entre os períodos de guerra da primeira metade do século XX e o período das revoluções comportamentais e tecnológicas da segunda metade. É nesta época que a televisão chega a Portugal e ao Brasil. O padrão de beleza, a arte de ser bela, ter a pele perfeita simbolizava sucesso. Neste período pós-guerra predominam os valores conservadores nos relacionamentos homem-mulher, expressos pelo flerte ou pelo namoro (jogo de gentilezas, olhadelas, gestos, sorrisos). O jovem casal apaixonado neste período ganhou o direito de atravessar o portão e se instalar na sala de estar da família, mas ainda sob os olhares atentos dos bastiões da moral e dos bons costumes.

Na primeira metade do século XX a mulher consegue igualdade com o homem em diversos aspectos da vida cotidiana, mas vive em conflito entre sua capacidade e o medo de não corresponder às expectativas masculinas. Ela teme que isso lhe custe a oportunidade de viver um relacionamento amoroso, de que suas escolhas e atitudes a requeiem à situação de solteirona (Lins, 2012; Hunt, 1963). Para que tal situação não viesse a acontecer, as mães aconselham as moças sobre o risco de se tornarem *perdidas*, ou seja, de perderem a virgindade antes do casamento. O desenvolvimento do uso da maquiagem, da tintura de cabelos, do culto ao corpo e da juventude são sinais de um desejo de amar e de ser amada que se acentuava cada vez mais. De acordo com Bassanezi (2006), a reputação das moças se apoiava em sua capacidade de resistir aos avanços sexuais dos rapazes. A ideia era a de que se ela não resistisse ao namorado, não resistiria a outros homens depois de casada.

Regras mínimas para os encontros eram bastante conhecidas. Primeiramente, o rapaz interessado devia ir buscar a moça em casa e depois levá-la de volta — mas, se ela morasse sozinha, ele não poderia sequer entrar; o homem sempre pagava a conta; as

chamadas *moças de família* não abusavam de bebida alcoólica e, de preferência, não bebiam; conversas ou piadas picantes eram consideradas impróprias; os avanços masculinos, abraços e beijos deviam ser firme e cordialmente evitados; a moça tinha de impor respeito (Bassanezi, 2006). Independentemente deste corolário de regras, os homens insistiam por mais intimidade, mas os que alcançavam seus intentos se desencantavam.

Casar, para a mulher, tornou-se a principal meta a ser alcançada na vida. E para isso era necessário impor respeito. Então, a mulher *fácil*, aquela que permitia certas liberdades, ficava mal falada, diminuindo assim suas chances de encontrar um marido. Ainda, segundo Bassanezi (2006), era importante que as mulheres soubessem distinguir o certo do errado e encontrar o chamado *bom partido* de forma a conservar suas virtudes e a conter sua sexualidade, dando-se ao respeito. Ficava mal para a reputação de uma jovem usar roupas sensuais, sair com muitos rapazes diferentes ou ser vista em situações que sugerissem intimidade com um homem. Seria prejudicial a seus planos de casamento ter fama de leviana, namoradeira, enfim, de ser uma garota fácil, que se permite beijos ousados, abraços intensos e outras formas de manifestar a sexualidade (Bassanezi, 2006; Lins, 2012; Del Priore, 2006).

De acordo com Del Priore (2006), o tempo de namoro também seguia alguns padrões, e não poderia — como no início do século — durar muito, e levantar suspeitas sobre as verdadeiras intenções do rapaz, nem tão pouco que catalisasse e precipitasse decisões sérias e definitivas. Além disso, o namoro muito longo comprometia a reputação da moça que se tornava alvo de fofocas maldosas.

As mulheres deveriam cuidar-se para não ter sua *reputação maculada* e assim perderem a oportunidade de se tornarem parceiras dignas de um casamento. Há de se levar em consideração que essa preocupação das mulheres não era infundamentada. De acordo com Hunt (1963), o padre francês Grimaud Charles Abbe, em seu livro *Aux grands jeunes gens - futurs époux* (Às pessoas jovens

– futuros esposos), publicado em 1920, era um dos pilares sexistas do pensamento que reforçava a mentalidade dessa época ao aconselhar aos homens que evitassem as intelectuais e as mulheres que trabalham fora, tanto quanto as prostitutas.

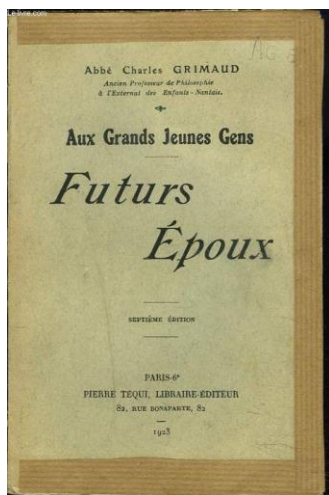


Figura 33. Capa do livro “Para grandes jovens – futuros esposos”. (Fonte: <https://www.priceminister.com/offer/buy/270772519/aux-grands-jeunes-gens-futurs-epoux-de-abbe-charles-grimaud.html>)

Essas e outras obras, de acordo com Azevedo (1986), validavam os valores morais da primeira metade do século XX quanto à escolha de parceiras possíveis, bem como quanto à forma de se relacionar no namoro, ou mesmo quanto a regras para o noivado e aos papéis de cada um no casamento. Esses suportes literários visavam também aprimorar o caráter, fortalecer a vontade, orientar a jovem leitora para os valores consagrados da pureza, honra e beleza moral segundo o modelo apontado pela ética e pela hagiografia católicas, que tinham a preservação da virgindade como supremo objetivo, condição última da tranquilidade de consciência e atributo insubstituível para o casamento e a dignidade da mulher. Hollywood, a mídia e o

ideário comum anunciavam o quanto interesses culinários e aparelhos eletrodomésticos eram “o sonho de toda a mulher”.

E toda a iniciativa da conquista era atribuída única e exclusivamente ao homem. O casamento para as mulheres era considerado ascensão social, pois, se ficassem solteiras, seriam consideradas fracassadas socialmente falando. Para atrair os pretendentes as moças utilizavam de estratégias. Estavam sempre bem vestidas, demonstravam bom humor e apresentavam-se amáveis. Consequentemente, a mulher dessa época se sentia confusa. Por um lado, tem o desejo de fazer uso dos seus direitos tão duramente conquistados, desenvolvendo-se tanto quanto o homem, mas por outro lado, ela deseja ser protegida pelo homem e de ser dependente dele.

Enfim, a moral sexual dominante nos anos 1950 exigia das mulheres solteiras a virtude, muitas vezes confundidas com ignorância sexual e sempre relacionadas à contenção sexual e à virgindade (Bassanezi, 2006). De acordo com Perrot (2006), quando a moça se casava lhe era imposta uma mudança na maneira de vestir — uma mulher casada deveria usar roupas de acordo com sua nova condição, e quanto mais importantes fosse a posição do seu marido, maior seria essa imposição, pois estava sob a mira do julgamento social. Sua aparência, sua beleza, suas formas, suas roupas, seus gestos, sua maneira de andar, de olhar, de falar e de rir eram objeto de uma perpétua suspeita. Suspeita que visava seu sexo, vulcão da terra. A estratégia da época, segundo Perrot (2006), era:

Enclausurá-las seria a melhor solução: em um espaço fechado, controlado, ou no mínimo sob um véu que mascara sua chama incendiária. Toda a mulher em liberdade é um perigo e, ao mesmo tempo, está em perigo, um legitimando o outro. Se algo de mau lhe acontece, ela está recebendo apenas aquilo que merece (p. 447).

Em suma, à mulher estava reservado o maior quinhão de responsabilidade para com a felicidade no lar. À mulher caberia

estar à disposição de seu marido e da família a qualquer momento. Deveria ser prendada, recatada, e ao mesmo tempo, esmerada em sua aparência, para que o homem não se sentisse atraído pelas mulheres da rua (Del Priore, 2006).

Ao contrário, os homens eram valorizados se tivessem relações sexuais com várias mulheres. Geralmente, eram prostitutas ou garotas com quem não casariam, como as que eram chamadas de fáceis, galinhas, bandidas, biscates. Essas lhes permitiam contatos sexuais proibidos às moças antes de se casar (Bassanezi, 2006). De acordo com Lins (2012), a moral sexual ainda estava vinculada à procriação, pois não havia ainda pílula anticoncepcional, mas por conta de todos os preconceitos, as mães solteiras eram repudiadas. Afinal, a mulher que tinha relações sexuais antes do casamento era considerada indecente, sem-vergonha, indigna. E, depois de casada, na ausência do marido, deveria restringir a sua vida social.

Com tanta repressão, o sexo não era considerado prazeroso para a maioria de seus praticantes, sobretudo, para as mulheres. O *Segundo Sexo*, originalmente publicado em 1949, da Simone de Beauvoir, torna-se a bíblia das moças que se vangloriavam de estarem desgostosas de viver, aproveitando para compensá-la com os mais diversos prazeres. Paulatinamente, as mulheres nutriam uma insatisfação em relação às suas vidas e em relação à vida que os respectivos maridos levavam. De acordo com Lins (2012), frequentemente as mulheres, quando se casavam, perdiam a maioria das amigas. Estas passavam pelo crivo de aceitação do marido, que procurava afastar a *má influência* das amigas mais liberadas ou mais independentes, situação essa que poderia ameaçar sua hegemonia familiar. Complementarmente Bassanezi (1996, 2006), aponta que a *boa esposa* da época deveria fazer tudo para agradar o marido, mesmo em detrimento do seu próprio bem-estar. Além disso, não deveria discutir com ele nem se queixar de algo que a insatisfizesse.



Figura 34. Simone de Beauvoir, autora da célebre frase: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. (Fonte: <https://www.comunidadeculturaearte.com/simone-de-beauvoir-nao-se-nasce-mulher-torna-se-mulher/>)

O homem chegava à vida adulta com pouca experiência e aqueles que tiveram alguma lida com o assunto foi por meio de relações com prostitutas, o que reforçava a ideia de o sexo ser algo pecaminoso e pouco digno (Del Priore, 2006; Lins, 2012).

Avançando na linha temporal, na década de 1960, segundo Del Priore (2006):

As músicas de Bob Dylan, Joan Baez exportavam, mundo afora, a ideia de paz, sexo livre, drogas como libertação da mente e, mais uma vez, do amor. Os países onde boa parte da população adotava o protestantismo — Estados Unidos, Inglaterra e Holanda — consolidavam uma desenvoltura erótica antes desconhecida (p. 321).

Ainda, segundo esta autora, a moral sexual brasileira flexibilizava-se cada vez mais e casais não casados eram cada vez mais aceitos, e já podiam circular socialmente. A sexualidade ainda era vivida como um pecado aos olhos da Igreja, mas um número crescente de católicos — em 1950, 93,5% da população brasileira declarava-se apostólica romana — começava a acreditar que amor e prazer podiam andar juntos (Del Priore, 2006). No entanto, as crianças e os adolescentes ainda eram *protegidos* pelos adultos de informações mais diretas que poderiam esclarecer quaisquer

dúvidas acerca de elementos eróticos/sexuais. Assim, utilizavam com eles de subterfúgios como evitar falar sobre aspectos da vida sexual ou, quando falavam sobre isso, utilizavam de eufemismos como, por exemplo, dizer que por meio de uma sementinha colocada na barriga da mãe nasciam os bebês.

Se antes dessa época, por exemplo, entre a década de 1940 a 1950, o beijo dos enamorados dessa época se limitava a um mero colar de lábios, na década seguinte, as carícias generalizavam-se e o beijo tornou-se mais profundo — o beijo de língua ou beijo francês — antes escandaloso, e mesmo considerado um atentado ao pudor, passava a ser sinônimo de paixão. Na intimidade sexual, a sexualidade bucal, graças aos avanços da higiene íntima, estende-se a outras partes do corpo. Esse fica inteiro à mercê de ser explorado pelos lábios. As preliminares tornam-se mais longas. As sucções mais profundas. A limpeza do corpo e certo hedonismo alimentam carinhos antes inexistentes (Del Priore, 2006).

No Brasil a pílula anticoncepcional começou a ser comercializada a partir de 1962, o que fazia parte do plano de controle de natalidade do governo dirigido às camadas mais pobres da população, mas também atingiu as outras classes sociais. Com o uso da pílula caiu muito o número médio de filhos por mulher - de 6,3 em 1960 caiu para 5,8 em 1970, 4,4 em 1980 2,9 em 1991, e, finalmente, 2,5 em 1996 - (Perpétuo & Aguirre, 1998). Ainda segundo essas autoras, esses números representaram uma diminuição de menos de 10% na década de 60, de 24% nos anos 70, de 34% na década de 80, e de 12% na primeira metade dos anos 90. Em suma, a queda total no período 1960-1996 foi de 60%. Ainda, com referência à década de 1960, as primeiras pílulas causaram muita polêmica e algumas propagandas em revistas falavam dos efeitos colaterais negativos deste método, como dores de cabeça, enjoos e ganho de peso.

Apesar da participação da música, do cinema e da televisão, que invadira 4,61% dos domicílios brasileiros em 1960, persistia o ideal do amor romântico nas novelas diárias, como a telenovela

Ocupado, transmitida pela antiga Rede Excelsior, que começaram a ser exibidas pela televisão brasileira a partir de 9 de setembro de 1963. Esta foi a primeira produção a mostrar o casal romântico Glória Menezes e Tarcísio Meira, como protagonistas.

Nos anos sessenta e setenta, no Brasil, São Paulo era uma cidade muito musical. Se na televisão, a efervescência da música se podia notar nos festivais de Música Popular Brasileira, na Jovem Guarda e em outros programas, nas ruas e garagens dos bairros de classe média, os jovens se esmeravam em suas tentativas de tocar as músicas dos Beatles, Animals, Rolling Stones. Há de se evidenciar que *Os Beatles* começaram a aparecer no final de 1962, com *Love Me Do*, mas só estourariam mesmo no Brasil, dois anos depois. Começava o tempo das *domingueiras*, em que os conjuntos reinavam absolutos nos clubes de São Paulo. Nas pistas improvisadas quase sempre na quadra de esportes dos clubes, os jovens dançavam, paqueravam, namoravam ou simplesmente ficavam de olhos vidrados naqueles deuses que tiravam um som idêntico aos conjuntos de seus ídolos lá de fora. Dessa forma, uma tarde de domingo no clube era um programa imperdível para garotos e garotas. Ao som de músicas como *You Really Got Me* e de *Well All Right* e entre um refrigerante e um sanduíche, os jovens se socializavam. Quem não aparecesse na domingueira, certamente ia passar uma semana por fora das novidades: por exemplo, quem estava namorando quem, que grupo tinha comprado guitarra nova, qual o comprimento (ou a falta de) da minissaia da fulana ou de sicrana, qual a nova música do momento que era um *hit* de sucesso.

No Brasil, um fato interessante também sobre o desenvolvimento dos relacionamentos amorosos por ocasião dessa época é o fenômeno dos *bailinhos de garagem*. Bailinhos de garagem eram assim chamadas as festas privadas que reuniam adolescentes, homens e mulheres, por volta dos 13 anos de idade e que aconteciam na garagem, quintal ou terraço de alguma casa. Para fazer um bailinho não precisava muito: bastava apenas deixar espaço suficiente para dançar, reorganizando o mobiliário do local, determinar quem

levava o quê (geralmente as meninas levavam as comidas e os meninos os refrigerantes), convidar o mesmo número de meninas e de meninos para que todos tivessem um par e ninguém ficasse sozinho, colocar a vitrola portátil num lugar estratégico e, o mais importante, selecionar as músicas. Esses encontros sociais eram caracterizados por músicas ao estilo *Love Songs*.



Figura 35. Foto de um bailinho de garagem. (Fonte: <http://cristinesp.blogspot.com.br/2012/11/saudades-de-coisas-do-passado.html>)

Com toda essa liberação sexual da década de 60 e suas consequentes insatisfações, a década seguinte sofre consequências. Por exemplo, a questão do controle de natalidade. No Brasil, a pílula chegaria um pouco mais tarde, em 1962, fazendo parte do plano de controle de natalidade do governo dirigido às camadas mais pobres da população, mas que também atingiu as outras classes sociais.

No início dos anos 70, os jovens estavam norteados pelo lema “*sexo, drogas e rock n roll*”. A busca por situações de êxtase por métodos físicos e, principalmente, químicos é incansável. Janis Joplin, Jim Morrison, vocalista do grupo *The Doors* e Jimmy Hendrix tornam-se mitos, grandes expoentes e modelos da época. Os três tiveram uma morte prematura por causa do excesso de drogas e viraram ícones do movimento hippie.



Figura 36. Janis Joplin foi uma cantora e compositora norte-americana. Considerada a "Rainha do Rock and Roll". Foi considerada a maior cantora de rock dos anos 1960 e a maior cantora de blues e soul da sua geração. (Fonte: <https://espalhafactos.com/tag/janis-joplin/>)

Na década de 1970, surgiram também, os antibióticos e a pílula anticoncepcional, que contribuirão positivamente para a revolução sexual nas décadas de 1960 e 1970 no Ocidente. O primeiro eliminou os riscos da promiscuidade, uma vez que tornou as doenças venéreas facilmente curáveis (Hobsbawm, 2003).

Nos anos 70 os jovens estavam buscando sua “liberdade”, era a época dos hips, época de *paz e amor*. Este lema findou-se com o início da Guerra do Vietnã. No final dos anos 60 e início dos anos 70 do século XX ocorre a chamada *revolução sexual*, com avanços até então nunca vistos na área devido à descoberta da pílula anticoncepcional, que desvinculou a mulher do sexo ligado à procriação, possibilitando uniões fortuitas. As relações sexuais passaram a ser vivenciadas sem o temor da gravidez indesejada (Rocha-Coutinho, 1994). Com a dissociação do sexo da gravidez, as mulheres passaram a questionar seus papéis e lugares na sociedade. Assim, de acordo com Duarte (2012): *A tecnologia anticoncepcional torna-se a grande aliada do feminismo, ao permitir à mulher igualar-se ao homem no que toca à desvinculação entre sexo e maternidade, sexo e amor, amor e compromisso* (p. 165).

O movimento feminista também questionava a sexualidade feminina. Quando a mulher fez uso de anticoncepcionais, ela adquiriu controle do seu corpo, da sua sexualidade, da possibilidade de ser (ou não) mãe. Logo, a pílula trouxe muitos benefícios em relação à liberdade das mulheres, uma das quais era experimentar os prazeres do sexo desvinculados da procriação. O sexo passou a ser visto com menos pecaminoso e a gravidez tornou-se mais facilmente controlada; houve assim um aumento do sexo pré-matrimonial. Todavia, ao mesmo tempo, não foi tão simples deixar algumas ideias preconcebidas para trás. De acordo com Kehl (2006):

Beneficiou-nos, mas não deixou de cobrar seu preço. Foi muito bom para as moças da minha geração perder a virgindade sem culpa, fora do casamento. Foi bom poder diversificar a experiência sexual, ter parceiros diferentes, aprender, perder preconceitos, perder o medo e, para as mulheres, saber que o primeiro homem não tem de ser necessariamente o definitivo. Mas tentamos abolir a posse e o ciúme das relações amorosas e com certeza não conseguimos... (p. 36).

Entretanto, a Igreja ainda exercia forte coerção contra essas manifestações. Mesmo com todas as mudanças que aconteceram a partir das décadas de 60 e 70, com as mudanças de comportamento e valores morais e sociais e as pessoas tenham deixado de ver o sexo e o prazer sexual como algo extremamente pecaminoso, aconteceu *uma diminuição da religiosidade* e a religião de fato perdeu um pouco da influência que tinha sobre as pessoas nas décadas passadas (Ramalho, 2005), mas ainda exercia grande influência sobre a sociedade. De acordo com Lins (2012):

A partir dos anos 1960, grandes transformações — ligadas principalmente ao advento da pílula anticoncepcional e ao movimento feminista, que contribuiu para o aumento do nível de instrução feminina e para o crescimento da participação das mulheres no mercado de trabalho — afetaram a situação das

mulheres na sociedade e na família: sua autonomia pessoal e financeira foi consideravelmente ampliada em relação aos homens. (p. 250).

Com a eclosão dos movimentos feministas, as mulheres passaram a lutar por uma igualdade maior entre os sexos e a questionar a limitação de seus papéis como esposa, como dona de casa, como educadora e como mãe. Elas procuravam desenvolver atividades laborais que não estivessem atreladas ao serviço doméstico que, até então, eram funções de uma mulher casada. Levando-se em consideração esses e outros acontecimentos, houve muitas mudanças. Até os anos 1970, as mulheres que se separavam do marido eram bastante hostilizadas. Como o casamento era a sua principal fonte de segurança financeira, sem um parceiro-provedor, elas poderiam ver-se em dificuldades para manter-se economicamente. Além disso, ela e os filhos eram discriminados, em caso de tornarem-se mães solteiras.

Conforme aponta Hobsbawm (2003), a partir da década de 1970 e, principalmente na década de 1980, tornou-se muito comum que as mulheres (tradicionalmente fiéis nos países católicos romanos) lutassem por direitos abominados pelas doutrinas da Igreja, tais como a liberação do divórcio e uma flexibilização das leis do aborto. Nesse período houve, também, um considerável aumento da porcentagem de mulheres que ingressavam nas universidades, preparando-se para a entrada no mercado laboral até mesmo em áreas que, até então, eram exclusivas dos homens. Durante esse período, as mulheres começaram a exigir também seus direitos enquanto cidadãs. Começaram a se engajar em questões políticas e sociais, o que era, até então, privilégio dos homens.

No entanto, apesar de as mulheres terem conseguido aos poucos ingressar no mercado de trabalho, não raramente seus salários eram muito inferiores aos salários dos homens. Ademais, a entrada da mulher no mercado laboral não garantiu o abandono de suas responsabilidades domésticas. Consequentemente, as

mulheres acabaram acumulando seus velhos e novos papéis, caracterizando o que é conhecido atualmente como dupla jornada de trabalho feminina.

Na década de 1970, a AIDS e outras doenças sexualmente transmissíveis inserem-se no cenário dos jovens brasileiros e, então, a camisinha torna-se um item obrigatório para quem pretendia levar uma vida sexualmente ativa. Os jovens ainda impedidos de ter suas relações sexuais em casa recorriam a motéis, ou mesmo, lugares com pouco movimento.

A década de 1980 também pode ser lembrada por um maior controle da taxa de natalidade, em relação à década anterior, e a busca da independência dos valores passados pelos pais. Nos anos 80 também tivemos a eclosão da chamada *Geração Coca-Cola*, pois vivia às margens do imperialismo americano, consumindo seus produtos, dentro os quais o maior símbolo era o refrigerante *Coca-Cola*.

Por volta dessa época, uma segunda e uma terceira onda de bailinhos de garagem ressurgiram. Com DJs contratados ou com pessoas que se aventuravam como Djs e ao som de Bee Gees, Donna Summer, Elton John, e seguindo os passos de Jonh Travolta, em *Os embalos de sábado à noite*, os adolescentes que delas participavam dançavam sozinhos ou conjuntamente uns com os outros de rostinho colado. Nessas festas, havia pouca bebida, nenhuma droga. As roupas e o visual eram copiados de filmes e de seriados que faziam sucesso, como *As Panteras*, e da última novela das oito. Havia muitos estampados e muita maquiagem. Eram festas de família, em algum lugar da casa com a família presente. Um beijo na boca, por ocasião dessas reuniões entre jovens era sinal de namoro iniciado. Essas situações promoviam encontros entre pessoas desconhecidas e entre os jovens que se paqueravam há tempos e que não tinham outra oportunidade para se aproximar e se declararem. Na mesma época dos bailinhos de garagem aconteciam nos clubes da cidade as chamadas *Domingueiras*.

Nestas, podia-se dançar, ouvir e ver, ao vivo e a cores, as bandas que estavam na moda e que faziam sucesso.



Figura 37. John Travolta em cena do filme *Os embalos de sábado à noite*. (Fonte: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/noticia/2017/08/dancar-pode-prevenir-envelhecimento-do-cerebro-e-alzheimer-diz-pesquisa.html>)

E, em torno do novo ideal de romance e de conjugalidade instaurados, criaram-se muitas expectativas e idealizações, entre elas a ideia de que o casamento deveria ser um lugar de felicidade no qual o amor e a sexualidade são fundamentais (Araújo, 2002). Ainda, de acordo com a autora:

O amor e o casamento, tal como o conhecemos hoje, surgiu com a ordem burguesa, mas só ganhou feição a partir do século XVIII, quando a sexualidade passou a ocupar um lugar importante dentro do casamento. O amor, no sentido moderno de consensualidade, escolha e paixão amorosa, não existia no casamento, sendo, em geral, vivenciado nas relações de adultério, e a sexualidade não era vivida como lugar de prazer; sua função específica era a reprodução. Da Antiguidade à Idade Média, eram os pais que cuidavam do casamento dos filhos. O casamento não consagrava um relacionamento amoroso. Era um negócio de família, um contrato que dois indivíduos faziam não para o prazer, mas a conselho de suas famílias e para o bem delas. O principal papel do

casamento era servir de base a alianças cuja importância se sobrepunha ao amor e à sexualidade. Escolha e paixão não pesavam nessas decisões, e a sexualidade para a reprodução era parte da aliança firmada. (p. 70).

A partir do século XVIII, quando o amor romântico se torna o ideal de casamento, o erotismo expulsa a reserva tradicional, mas introduz outro aspecto importante: coloca à prova a duração do casamento. Como o amor-paixão em geral não dura, o amor conjugal ligado a ele também não dura. O divórcio, então, coloca-se como uma possibilidade, não como forma de reparar o erro, mas como a sanção normal de um sentimento que não pode nem deve durar, e que deve dar lugar ao seguinte. Essa é uma das principais características do casamento contemporâneo, segundo Ariès (1987).

Outros fatores como o movimento literário romântico, a era vitoriana, a gênese da psicologia como ciência, sobretudo a freudiana com seus questionamentos a respeito da sexualidade, a propagação do amor romântico pelo cinema (sobretudo os produzidos em Hollywood) contribuíram para a configuração do estado da arte de como se entende o conceito de amor atualmente (Lystra, 1989). De acordo com Araújo (2002), no século XX, o pluralismo sexual, ao se desviar do paradigma cartesiano (mentalidade mecanicista, categorização normal/anormal), reinventa o corpo como uma forma de organismo social que abre caminho para a aceitação da diversidade como norma viável da cultura. Complementarmente, Highwater (1992) afirma que: *Se a natureza humana é histórica, cada indivíduo tem uma história diferente e, portanto, necessidades diferentes* (p. 155).

Com esse conjunto de mudanças, o que se convencionou denominar revolução sexual e a emancipação feminina tiveram um papel fundamental para uma maior transformação do pensamento da época. Esse tema é um assunto abordado pelo sociólogo britânico Anthony Giddens em sua obra *A Transformação da Intimidade*. Segundo a análise desse autor, as novas configurações de relacionamento que derivaram dessas influências sociais,

econômicas e políticas têm como base a igualdade e os princípios democráticos. Então, a fim de esclarecer essa nova realidade, Giddens (1993) serviu-se de três categorias, as quais discorrerá em seu livro. São elas: o amor confluyente, sexualidade plástica e o relacionamento puro. Segundo este mesmo autor, o *amor confluyente* é mais realista do que o amor romântico, porque não se pauta pelas identificações projetivas, tampouco, nas idealizações românticas, projeções acerca de como uma parceria em potencial deveria interagir ou em fantasias de completude. De acordo com Araújo (2002), o amor confluyente, então, presume equanimidade nas interações afetivas e no envolvimento emocional. Em outras palavras, o amor confluyente introduz a *ars erotica* no cerne do relacionamento conjugal e elege a satisfação do prazer sexual recíproco como um elemento-chave na manutenção ou para a dissolução do relacionamento. Desenvolve-se como um ideal em uma sociedade onde quase todos têm a oportunidade de se tornarem sexualmente realizados. Ainda, segundo Araújo (2002), ao contrário do amor romântico, o amor confluyente não é necessariamente monogâmico nem heterossexual.



Figura 38. Anthony Giddens, autor da obra *A Transformação da Intimidade* (Fonte: <http://www.ihu.unisinos.br/43178-o-desenvolvimento-sustentavel-e-a-chave-para-o-futuro>)

Para Giddens (1993) a *sexualidade plástica* é uma sexualidade descentralizada, emancipada dos encargos das necessidades reprodutivas. Tem sua origem na tendência à redução da família, iniciada no final do século XVIII, e desenvolve-se mais tarde com a difusão da contracepção moderna e das novas tecnologias reprodutivas. Assim, a eclosão da sexualidade plástica é fundamental tanto para a autonomia implícita no *relacionamento puro*, quanto para a reivindicação da mulher ao prazer sexual (Araújo, 2002).

O *relacionamento puro* é um relacionamento focado no compromisso, na confiança e na intimidade (Giddens, 1993). Nas palavras de Araújo (2002):

Implica em desenvolver uma história compartilhada em que cada um deve proporcionar ao outro, por palavras e atos, algum tipo de garantia de que o relacionamento deve ser mantido por um período indefinido. É um relacionamento diferente da idéia de casamento como uma condição natural, cuja durabilidade pode ser assumida como certa, exceto em algumas circunstâncias extremas. Uma característica do relacionamento puro é que ele pode ser terminado, mais ou menos à vontade, em qualquer época e por qualquer um dos parceiros. O compromisso é necessário para que um relacionamento tenha a probabilidade de durar, mas não evita que qualquer um que se comprometa sem reservas corra o risco de sofrer muito no futuro, no caso de o relacionamento vir a dissolver-se. Nesse tipo de relacionamento, o que conta é a própria relação, e a sua continuidade depende do nível de satisfação que cada uma das partes pode extrair da mesma. (p. 75).

De acordo com Giddens (1990) a gênese do que ele entende como *relacionamento puro*, pode ser identificada na ascensão do amor romântico, que engendrou a possibilidade de estabelecer um vínculo emocional que se traduziria em termos de qualidade da união e em durabilidade da parceria. Complementarmente, acerca da questão do idealismo romântico, Araújo (2002) aponta que:

A diferença é que, embora o amor romântico suponha uma igualdade de envolvimento emocional entre duas pessoas, durante muito tempo as mulheres foram mais afetadas pelos seus ideais. Os sonhos do amor romântico conduziram muitas mulheres a uma severa sujeição doméstica. O ethos do amor romântico teve um impacto duplo sobre a situação das mulheres: além de ajudar a colocar as mulheres “em seu lugar” - o lar -, reforçou o compromisso com o “machismo” ativo e radical da sociedade moderna. Os ideais do amor romântico começaram a se fragmentar com a emancipação sexual e a autonomia femininas. O declínio do controle sexual dos homens sobre as mulheres colocou possibilidades reais de transformação da intimidade. Embora a intimidade possa ser opressiva se for encarada como uma exigência de relação emocional, ela pode, no entanto, surgir sob uma luz completamente diferente se considerada como uma negociação transacional de vínculos pessoais, estabelecida por iguais. (p. 76)

E aqui se observa um anacronismo, tal como se pode depreender da fala de Bittencourt (2012):

As histórias clássicas de amor demonstram sua superficialidade ao transmitirem a ideia do “viveram felizes para sempre”, como se a efetivação matrimonial da relação amorosa culminasse na supressão de todas as adversidades existenciais; talvez seja justamente a partir desse momento que todos os percalços surjam, pois, a convivência cotidiana com o outro é a prova maior de sua suportabilidade e a condição indispensável para que possamos desenvolver uma genuína experiência ética com o mesmo. A noção cristã do casamento como uma instituição para a vida toda se revela leviana para com a própria afetividade humana e suas inerentes falhas. A chama do amor pode se apagar e nada mais plausível do que se vislumbrar uma nova oportunidade de se realizar amorosamente com outra pessoa. Contudo, as mudanças nos costumes tornaram o casamento moderno uma experiência cuja expectativa se pauta na pequena durabilidade, decorrendo daí uma gama de frustrações pela incapacidade humana de conquistar índices plausíveis de felicidade e companheirismo. (p. 12 e 13)

1.2.5.5 As contribuições das neurociências

Outro fator que levou a uma melhor compreensão da complexidade das relações amorosas foi o advento das neurociências, nas décadas finais do século passado, que ampliou os estudos das bases neurológicas do comportamento. O termo neurociências surgiu recentemente, em 1970, mas os estudos do cérebro humano datam de muitos anos atrás, desde a filosofia grega, antes de Cristo, até os dias de hoje. O papel das neurociências tem sido fundamental no estudo científico das emoções, do amor e dos processos a ele relacionados. Em resumo, neurociência (termo amplo que congrega uma gama de disciplinas) é a ciência que estuda o cérebro humano e visa desvendar o funcionamento cerebral e suas de funções. Os neurocientistas são profissionais de diversos segmentos, como médicos, psicólogos, engenheiros, biomédicos, físicos etc. Eles estudam desde os temas mais simples, como por exemplo, nossos sentidos - visão, olfato, tato, paladar e audição - até os mais complexos, tentando descobrir os milhares de funcionalidades do nosso cérebro. Como visto, filósofos como Espinosa tentaram encontrar uma resposta convincente para o que seriam as emoções e até hoje cientistas também buscam em suas pesquisas uma resposta para tal questionamento, sem chegarem a um consenso geral. Alguns aspectos que podem justificar esta dificuldade conceitual são: as formas de expressão das emoções modificam-se no decorrer da vida, ou seja, determinados estados emocionais tornam-se mais sofisticados à medida que o indivíduo avança no seu processo de desenvolvimento; a existência de diferentes contextos socioculturais e do momento histórico no qual o sujeito está inserido (Roazzi, Federicci & Wilson, 2001).

Por meio de recursos fornecido pelas técnicas de imageamento cerebral, como a tomografia computadorizada, a ressonância magnética e, mais contemporaneamente, a ressonância magnética funcional (RMf), a tomografia por emissão de pósitrons (PET), a tomografia computadorizada por emissão de fóton único

(SPECT) e, alguns psicofármacos, permitiu-se a visualização do fluxo sanguíneo cerebral através de medição das variações do consumo de oxigênio e da utilização de glicose, por exemplo. Dessa forma, no século XXI tornou-se possível mapear a geografia do cérebro que sente e pensa. Para Damásio (2003), uma emoção propriamente dita seria um conjunto de respostas químicas e neurais que formam um padrão distinto e têm um papel regulador em relação à vida. O resultado imediato dessas respostas é uma alteração temporária do estado do corpo e das estruturas cerebrais que mapeiam o corpo e dão suporte ao pensamento. O resultado final desse processo é colocar o indivíduo em circunstâncias que, direta ou indiretamente, levam à sobrevivência e ao bem-estar do mesmo.

As neurociências, por meio dos estudos conduzidos sobre as bases biológicas do comportamento humano, têm sido fundamentais para entendermos melhor como se processam os relacionamentos amorosos e os fenômenos a ele relacionados como o amor e a paixão, desvelando-se assim uma aparente mística e desmistificando noções do senso comum que frequentemente cercam esses assuntos (Fischer, Aron & Brown, 2005; Marazziti & Canale, 2004).

Há muito pouco tempo, os cientistas associaram a feniletilamina (um dos mais simples neurotransmissores conhecidos) com a paixão, pois a mesma já havia sido identificada há aproximadamente um século (Klein & Lebowitz, 1983). Esta é uma molécula natural semelhante à anfetamina e suspeita-se que sua produção no cérebro possa ser desencadeada por eventos tão simples nas situações de flerte (trocas de olhares, por exemplo) e nos momentos de toque e carícias com outro ser humano. Normalmente o cérebro de uma pessoa apaixonada contém grandes quantidades de feniletilamina e esta substância pode responder, em grande parte, pelas sensações e modificações fisiológicas que experimentamos quando estamos apaixonados em uma contínua estimulação (Klein & Lebowitz, 1983).

No início do relacionamento, no que se refere à fase da eclosão da paixão, a sensação que emerge é a de um perfeito bem-estar. O casal sente necessidade de permanecer juntos a maior parte do tempo, afinal, precisam estar juntos para se conhecerem melhor. Nesse período, pouco importa a personalidade de cada um, caem as defesas, o raciocínio é temporariamente suprimido nas muitas análises referentes ao outro, torna-se oblíquo e viesado, hiperdimensionando as qualidades do ser amado e subestimando seus defeitos e/ou limitações. A sensação pode ser de amor à primeira vista. As associações primevas entre a feniletilamina com a paixão tiveram início com uma teoria proposta pelos médicos Donald F. Klein e Michael Lebowitz, do Instituto Psiquiátrico Estadual de Nova Iorque. Outros neurotransmissores parecem estar envolvidos nos estados relacionados à paixão e seus efeitos. A Dra. Donatella Marazziti, psiquiatra da Universidade de Pisa e seus colaboradores, sugerem que pessoas apaixonadas exibem, quando apaixonadas, um quadro semelhante a um Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC) (Marazziti, Akiskal, Ross & Cassano, 1999).

O que significa isso? Provavelmente, a ação neuroquímica da serotonina está relacionada tanto aos pensamentos obsessivos que ocorrem no TOC, quanto no amor. Inegavelmente, a paixão e o Transtorno Obsessivo-Compulsivo compartilham diversos aspectos comuns. Enquanto a paixão está intimamente relacionada ao sistema dopaminérgico, ou seja, às produções de dopamina e de noradrenalina, no amor há o predomínio da ocitocina (associada ao aumento do apego e bem-estar geral) e da vasopressina (ADH), associada à regulação cardiovascular, atuando no controle da pressão sanguínea. A evolução da espécie também propiciou alterações fisiológicas e hormonais que contribuíram para o fortalecimento dos vínculos entre os indivíduos. Segundo Odent (2000), a ocitocina, hormônio secretado pelo o hipotálamo, também chamado por médicos de hormônio do amor, pois está envolvido em todos os seus tipos de manifestações, é liberado durante a excitação sexual, no orgasmo, na amamentação e no parto. Ele é o

responsável pela promoção da agradável sensação de prazer e realização nesses momentos de vinculação e promove vínculos entre os parceiros.

1.2.5.6 O advento da internet, das redes sociais e dos aplicativos e seu papel facilitador nos relacionamentos

Também muito característico do nosso tempo é a participação da rede *internet* no cotidiano, sobretudo no que diz respeito aos relacionamentos amorosos. Mais do que um fenômeno circunscrito a adolescentes ou a adultos solitários, os relacionamentos românticos via *internet* tendem a se expandir em um futuro próximo e devem, como consequência, provocar um relaxamento das normas sociais e morais tais como as entendemos hoje. Entretanto, assim como o consumo de drogas, o *cybering* também poderá provocar dependência no usuário, pois, ao *requerer mais e mais doses de imaginação*, ele conduz ao aumento da distância entre a realidade "verdadeira" e o ciberespaço. O resultado disso pode ser a alienação do indivíduo.

A rede social que antes dependia da presença e proximidade física para se manter, hoje surge mediada por ferramentas que potencializam o poder de conexão entre as pessoas. Facebook, Twitter e Instagram, somente para citarmos alguns, são termos frequentemente presentes quando se estudam as dinâmicas da comunicação na contemporaneidade. Em nossa era contemporâneo-tecnológica, as formas de firmar novos laços afetivo-sexuais não raramente são mediadas pela *internet* e, consequentemente, pelas redes sociais. Nessa toada, observam-se alguns impactos da evolução tecnológica sobre os relacionamentos amorosos. A *internet* tornou-se uma variável que atinge diretamente a complexidade afetivo-sexual e, possivelmente, as influências desse processo tendem a se tornar inevitavelmente mais e mais abrangentes futuramente e se estenderem e/ou se relacionarem a situações como o casamento, a coabitação, as práticas românticas correntes relacionadas à sedução, ao sexo

casual, aos namoros e à noção de exclusividade romântica. O que se evidencia na contemporaneidade é que o romantismo, considerado por tanto tempo, como basilar a qualquer relação amorosa, esteja circunscrito a abordagens *on-line* e entremeadas com símbolos digitais. Essa forma de comunicação nem de longe capta a intensidade das emoções experienciadas entre os pares, além de, talvez, se constituir em um elemento reducionista da capacidade de expressão humana e, também, por não conseguir aferir o grau de aceitação e de empatia do outro a nosso respeito.

Diferentemente de outras épocas, hoje convivemos com tendências correntes de terceirizarmos a escolha de parceiros para *softwares* habilitados com algoritmos visando sugerir e aproximar parceiros em potencial. Vários aplicativos para celular e tablets dão suporte às redes sociais como Tinder, Grindr, dentre outros.

Em 2012, um grupo de amigos norte-americanos, liderados por Justin Mateen, criou um aplicativo que mudou a forma das pessoas se relacionarem. *Tinder* é o nome que se deu a esse aplicativo de relacionamento virtual que, ao selecionar fotos e alguns dados extraídos de conta no Facebook, permite que o usuário fique disponível a um eventual relacionamento, seja amoroso ou de amizade, a ser avaliado por parte das pessoas interessadas em conversar virtualmente.



Figura 39. Justin Mateen (à esquerda) e Sean Rad (à direita), criadores do aplicativo Tinder. (Fonte: <https://www.vanityfair.com/news/2016/03/tinder-gets-serious-with-major-management-shakeup>)

Por meio da ativação e da utilização dos dados, via satélite, da posição dos utilizadores permite localizar parcerias em potencial (homens e mulheres heterossexuais, homossexuais e bissexuais) que estejam geograficamente próximos. O usuário desse aplicativo ainda pode usufruir do conforto de fazer seu processo de escolha e seleção em sua casa ou na privacidade de seu ambiente, o que lhe transmite, obviamente, uma maior sensação de controle. Em suma, os usuários desse serviço sequer precisam dos ambientes físicos, caso desejem conhecer alguém. Basta se conectarem ao aplicativo e começarem sua seleção de amigos e/ou parceiros em potencial. Quase como um jogo, entra em contato com diversos perfis de pessoas e, aquelas que forem de seu agrado, serão contactadas. No caso de existir uma correspondência de interesse da outra parte, a conversa pode se iniciar. Embora o aplicativo Tinder tenha sido lançado em janeiro de 2013, rapidamente atingiu a marca de um milhão de usuários; em dezembro de 2013, já contabilizava 500 milhões de perfis, crescendo na ordem de 15% a cada semana. Segundo a companhia Tinder, o aplicativo tem 100 milhões de usuários no mundo todo. Os cinco países com maior número de usuários no Tinder são Estados Unidos, Reino Unido, Brasil, Canadá e Austrália. No Brasil, cerca de 10 milhões de pessoas o utilizam. De acordo com a *Comscore*, empresa americana de análise da internet, 2,7 milhões de celulares no mundo tem o aplicativo instalado. Esse número cresce diariamente. No Brasil, por exemplo, a base de usuários aumenta de 5% a 10% por dia no país. O tempo de uso também surpreende. Em média, os usuários brasileiros fazem login 11 vezes, totalizando 7 minutos de navegação por dia.

Grindr é outro aplicativo. Pode ser usado no Android, iPhone, iPod touch, iPad, Blackberry OS e funciona como rede social reunindo homossexuais, bissexuais e possíveis interessados em encontros afetivo-sexuais, de várias partes do mundo. *Grindr* foi criado por Joel Simkhai com o intuito de localizar e identificar parceiros homossexuais para estabelecer relacionamento e, tal como o Tinder, serve-se da localização via GPS dos aparelhos que tem o aplicativo instalado. O primeiro passo é criar um perfil com

foto e algumas informações básicas como idade, altura, etnia e uma pequena descrição. A partir de sua localização, o usuário poderá visualizar o perfil de até 100 pessoas que estiverem à sua volta, fazendo contato com quem lhe interessar. Além da versão gratuita, há a opção de pagar determinados valores para se adquirir o upgrade Grindr Xtra, que possibilita mais recursos e exibe mais perfis. De acordo com os números do próprio criador desse aplicativo, em 2012, o Grindr¹ atingiu a marca de 4 milhões de usuários e atualmente são criados 10 mil novos perfis todos os dias.



Figura 40. Joel Simkhai, fundador e CEO do aplicativo Grindr. (Fonte: <https://revistamarieclaire.globo.com/Web/noticia/2015/02/fundador-do-app-de-encontros-gay-grindr-esta-solteiro-adoro-namorar-serio-mas-acho-que-sou-minoria.html>)

Em suma, os entendimentos para o fenômeno amoroso que compartilhamos da idade contemporânea foi o resultado de influências como essas descritas anteriormente.

1.3 Mudanças histórico-sociais nos relacionamentos amorosos ao longo dos séculos: uma proposta de síntese

Como visto nesta breve historiografia, os relacionamentos amorosos passaram por grandes e substanciais mudanças ao longo

¹ (<http://igay.ig.com.br/2013-03-05/joel-simkhai-criador-do-grindr-sei-que-e-complicado-conhecer-outros-homens.html>).

dos séculos na civilização ocidental. À guisa de síntese, os autores desse trabalho sugerem o agrupamento de tais mudanças em cinco categorias, com o objetivo de dar ao leitor uma visão sintética e panorâmica do conteúdo anteriormente considerado. É importante ressaltar, todavia, que esta classificação ou agrupamento reflete nossa maneira idiossincrática de considerar tais mudanças. Fossem outros os autores, certamente outros tipos de categorização, mais ou menos, próximos do sugerido neste trabalho, seriam perfeitamente possíveis. Dito isto e esperando que o leitor leve em conta a restrição acima enunciada, os autores deste trabalho sugerem cinco categorias para agrupar as mudanças referentes ao amor e/ou ao relacionamento amoroso ocorridas ao longo dos séculos. Elas serão, a seguir, consideradas.

1.3.1 Da irrelevância à importância crucial do amor nos relacionamentos interpessoais

Se em algumas sociedades, como no Egito Antigo, os arroubos amorosos e os rompantes da paixão eram malvistas e, na Idade Média, os casamentos aconteciam sem que os noivos sequer se conhecessem previamente, em nossos dias e em nossa sociedade ocidental, o amor e a paixão constituem fatores *sine quibus non* para o engajamento e a manutenção dos relacionamentos afetivo-sexuais.

Embora atualmente continuem a pairar muitas dúvidas a respeito do que seja o amor, nunca se falou tanto dele. Tido como algo essencial ao ser humano, em nossos tempos aspira-se ao amor a tal ponto que ele se tornou praticamente um elemento obrigatório no cotidiano das pessoas (Almeida & Mayor, 2006). Fromm (1956/2002) reconhecia o amor como a resposta amadurecida para o problema da existência e considerava a união entre dois seres humanos a vivência do amor amadurecido, capaz de preservar a própria individualidade. De acordo com Braz (2006), o amor é a condição fundamental para o nascimento ontogenético da pessoa.

Ele participou e participa ativamente da evolução e estruturação da personalidade, dado que é capaz de aproximar a pessoa de sua essência e propiciar o desenvolvimento de relações sociais, dentre outras possibilidades.

Em geral, pode-se dizer que as pessoas buscam o amor como sustentáculo para um relacionamento mais duradouro. O amor ainda é considerado um dos principais requisitos para o casamento nos países ocidentais (Silva et al., 2005). Uma pesquisa realizada por Levine (1988), em onze países (inclusive no Brasil), apresentou evidências a respeito da importância do amor como requisito para a escolha de um cônjuge. Esse autor solicitou para pessoas desses países que respondessem à seguinte questão: *Se um homem/mulher tivesse todas as qualidades que você deseja, você se casaria com ele (a) mesmo se não o (a) amasse?* Havia três opções de resposta: sim, não e indeciso. Homens e mulheres responderam a essa questão de uma forma semelhante. De acordo com os resultados dessa pesquisa, os países participantes podiam ser classificados em dois grupos: aqueles onde a resposta “sim” foi a mais frequente (na Índia e no Paquistão), e aqueles onde a resposta “não” foi a mais frequente (em todos os outros países pesquisados). Em nenhum dos países, a resposta “indeciso” foi a mais frequente. Os EUA e o Brasil foram os países que mais rejeitaram o casamento sem amor. No Brasil, apenas 4,3 % das pessoas disseram que se casariam sem amor, 10% ficaram indecisas e 85,7% disseram que não se casariam sem amor. Os países coletivistas e/ou mais atrasados economicamente são aqueles nos quais as percentagens de indecisos foram muito grandes. Uma grande percentagem de indecisão parece indicar que esses países estão em uma fase de transição quanto ao papel que esse sentimento deve desempenhar na escolha do cônjuge: o casamento arranjado está sendo substituído pelo casamento no qual os parceiros é que se escolhem e, nesse caso, o amor é um dos principais critérios de escolha. Paulatinamente, o amor está se tornando cada vez mais uma condição *sine qua non* para uma vida satisfatória e plenamente realizada, ao menos na concepção dos que o buscam. Nas palavras de

Batten: *O casamento por amor é um fenômeno relativamente recente e que também ocorre predominantemente no Ocidente* (Batten, 1995, p. 208). O que implica dizer, segundo a autora, que a maioria dos casamentos em todo o mundo foi e continua a ser arranjada pelos pais por razões exclusivamente econômicas e sociais.

Na verdade, na sociedade atual a área dos relacionamentos amorosos tem sido uma das mais importantes (e geralmente problemáticas) da vida das pessoas, uma vez que as interações, os afetos e os compromissos que resultam deles dão sentido as nossas vidas. Infelizmente, tal importância é mais bem percebida quando as relações não estão satisfatórias ou são ameaçadas, por exemplo, pela possibilidade de um rompimento. De maneira poética, Chapman (1997) resume a importância do amor: *Sem amor, montanhas tornam-se insuperáveis, mares intransponíveis, desertos insuportáveis e as dificuldades avolumam-se pela vida afora* (p. 9). Pelo visto, paulatinamente o amor tornou-se preponderantemente presente em nossas vidas e veio a constituir o tema central de diversas manifestações artístico-culturais, tais como músicas, filmes, poemas e romances, dentre outros.

1.3.2 *Da repressão à liberação dos impulsos afetivo-sexuais*

De acordo com Almeida e Oliveira (2007), um fato histórico fundamental para a mudança do que se concebe acerca do amor foi a emancipação feminina, pós-Revolução Sexual, e a consequente entrada da mulher no mercado de trabalho. O fenômeno da Revolução Sexual foi um movimento ocorrido em todo o mundo ocidental dos anos 1960 até os anos 1970. Muitas das mudanças ocorridas a partir desse movimento implicaram no desenvolvimento de novos códigos de comportamento que, em muito, favoreceram as mulheres, tais como uma maior aceitação da liberdade sexual, a conquista de um maior grau de independência em relação aos valores familiares (por exemplo, se antes uma mulher desquitada ou na condição de mãe solteira, poderia ser uma pecha com a qual deveria conviver, a partir desse

movimento, houve uma maior relativização e emancipação do peso do olhar da sociedade sobre ela), maior autonomia econômica, maior empoderamento sobre o seu corpo e conquista de poder político para decidir seus rumos de vida. Com o reconhecimento dos direitos e dos deveres das mulheres, estas passaram a estudar e a ter um acesso a um conhecimento mais amplo. Com o passar do tempo, tornam-se economicamente independentes do homem, criando um novo paradigma de paridade com o homem no que se referem aos seus desejos, necessidades, maneiras próprias de pensar, sentir e agir (Almeida & Oliveira, 2007). Concomitantemente, ambos os sexos passam a se relacionar de forma diferente, levando-se em consideração que homens e mulheres não teriam mais de ser o que a educação anteriormente prescrevia para suas vidas.

Dessa forma, por não atender mais às necessidades de cada um, o antigo modelo de casamento entrou em um processo de aparente decadência. As pessoas passam a casar-se por amor e não mais submeter-se ou amoldar-se ao desejo do outro. E as que não se encontravam nesse modelo de interação afetiva matrimonial partiram para testarem novas formas de relacionamento como os chamados *relacionamentos abertos*. Todavia, ao que parece as pessoas ainda não estavam preparadas para enfrentar tais mudanças. Então, surgiram dinâmicas amorosas plurais com as quais convivemos atualmente. A título de ilustração será considerada uma delas: o poliamor.

Etimologicamente, a palavra poliamor resulta da aglutinação do termo grego *poli*, com o termo amor, e tem o sentido de múltiplas relações, muitos amores, simultaneamente vividos em relação a um relacionamento já estabelecido. Segundo Weitzman, Davidson e Phillips (2010), o poliamor é um modo alternativo de relação na qual os indivíduos têm o direito de ter mais do que um relacionamento amoroso com o consentimento de ambas as partes. Então, essa modalidade de relacionamento abre campo para que homens e mulheres passem a vivenciar uma maior liberdade no que diz respeito à monogamia tão pregada em nossa cultura ocidental contemporânea (Lima & Almeida, 2013). Pilão &

Goldenberg (2012) esclarecem que essa prática seria uma recusa à monogamia como princípio fundamental e a necessidade de formar parcerias simultâneas, o que possibilita aos seus adeptos diferentes experiências e vários amores de forma profunda e duradoura.

Para Almeida e Vanni (2013), o poliamor tem sua origem na nossa capacidade de sentirmos afeto, atração sexual e atração romântica por várias pessoas. Aqueles que permitem que esta capacidade seja expressa por meio dos seus comportamentos acabam desenvolvendo vários tipos de relacionamentos, com vários parceiros. Outros termos já foram usados para descrever este tipo de relacionamento: *relacionamento aberto*, *amizade colorida*, *amizade com benefícios*, *amizade com privilégios*. Estes autores ainda apontam que para o poliamorista:

- *Não existe idealização do parceiro*: um poliamorista não aceita a ideia de que o parceiro possa completá-lo de todas as maneiras e nem mesmo a ilusão de que os dois vão se transformar numa só pessoa. Por isso, não exige exclusividade nas relações;
- *O poliamor pressupõe honestidade*: os poliamoristas argumentam que não se trata de procurar obsessivamente novas relações pelo fato de ter essa possibilidade sempre em aberto, mas de viver naturalmente tendo essa liberdade em mente. Para quem é poliamorista, esta prática pressupõe uma total honestidade dentro da relação. Não se trata de enganar nem magoar ninguém. O poliamor tem como princípio que todas as pessoas envolvidas estão a par da situação e se sentem confortáveis com ela;
- *O poliamor vai muito além da relação sexual*: a ideia principal do poliamor é admitir uma variedade de sentimentos que se desenvolvem em relação a várias pessoas e que vão além da mera relação sexual. Para os poliamoristas o sexo é visto apenas como complemento secundário e o relacionamento amoroso como o fator primordial para que a pessoa se sinta muito mais feliz e completa;

- *O poliamor é diferente de poligamia:* poligamia é o casamento de uma pessoa com várias outras simultaneamente. Poliamor é você amar e ser amado por mais de uma pessoa ao mesmo tempo;
- *O poliamor requer controle do ciúme:* para os poliamoristas, o amor não precisa ser monopolizado na monogamia. É um exercício diário para aprender a lidar com o ciúme e saber dividir o relacionamento com várias pessoas ao mesmo tempo. Realmente não existe o fenômeno da infidelidade quando ambas as partes estão de acordo com os rumos de seus engajamentos afetivo sexuais;
- *Os poliamoristas prezam a lealdade da relação.* É uma questão de transparência, sinceridade e de expor a situação. Não tem relação com fidelidade. Ser leal e ser fiel são comportamentos bem diferentes;
- *No poliamor não existe o conceito de traição:* traição, na opinião dos praticantes do poliamor, é sinônimo de posse, e amor verdadeiro não requer possessividade, mas liberdade. O fato de o parceiro vir a se sentir atraído ou até mesmo amar outra pessoa não significa que esteja deixando de amar seu primeiro companheiro, mas que encontrou em outra pessoa uma característica que lhe agrada e que o complementa.

Dentro do universo poliamoroso podem existir práticas como o *casamento em grupo* e o *relacionamento em grupo* em que é normal a troca de parceiros amorosos, em que todos se relacionam com todos. Poder-se-ia pensar que uma pessoa poliamorista, por manter relacionamentos simultâneos, estaria agindo de má fé, já que a exclusividade amorosa do (a) parceiro (a) com a qual se relaciona não estaria sendo respeitada. Engana-se quem pensa assim, pois o poliamor acontece de forma consentida e o diálogo aberto é uma das chaves da vivência dessa dinâmica.

Outro aspecto interessante, acerca desse tema é que atualmente também o amor não implica apenas o relacionamento entre um homem e uma mulher, ainda que em algumas épocas

pregressas, essa ligação heterossexual tenha sido relativizada como na Grécia ou na Roma Antiga. Em outras palavras, a expressão do amor homossexual tem conquistado uma aceitação cada vez maior, relativizando o modelo heteronormativo ocidental contemporâneo que ainda alicerça majoritariamente as práticas amorosas nos relacionamentos interpessoais, ao ponto de hoje podermos assistir cada vez mais a celebração de casamentos entre pessoas homossexuais. Ainda que o casamento formal, heterossexual com fins de constituição da família, continue sendo uma referência e um valor importante, ele convive atualmente com outras formas de relacionamento conjugal, como as uniões consensuais, os casamentos sem filhos e/ou sem coabitação e as uniões homossexuais. Nesse processo de transformação da intimidade, dos valores e das mentalidades, a tendência da sociedade é tornar-se mais flexível, ainda que a passos pequenos, para acolher essas formas de se relacionar amorosamente.

Observa-se, também, uma mudança no comportamento sexual e no componente erótico-genital do amor. Se antes o amor sexual entre dois parceiros era abafado e não estimulado pela concepção religiosa cristã, hoje observamos uma busca pelo hedonismo. Paulatinamente, com o passar do tempo, as pessoas foram se libertando cada vez mais de liames sociais e psicológicos que restringiam as manifestações no que concerne o encontro afetivo-sexual. Atualmente, convivemos com uma pluralidade de manifestações sexuais, refletindo um enfraquecimento considerável da pudicícia medieval ocidental.

Há de se evidenciar também que antes inexistiam os mecanismos da tecnologia da informação e a adesão às redes sociais virtuais (Facebook, Twitter, aplicativos para celular e tablets) tal como hodiernamente temos contato. Esses recursos têm o propósito de deixar nossa vida mais conectada e, em vários níveis, muito mais facilitada. Mas os efeitos colaterais disso são refletidos em um departamento um tanto sensível de nossas vidas: os relacionamentos amorosos. De fato, as redes sociais, em diferentes graus, estão

causando uma série de transformações nos relacionamentos amorosos. A maior parte das pessoas, ou pelo menos um membro do casal, possui um ou mais perfis em alguma rede social. Com isso, a preocupação com o que acontece nos dois mundos (real e virtual) torna-se cada vez maior, ou seja, com quem o parceiro conversa, quem curte ou comenta suas postagens, e assim por diante. A rapidez e a precisão com que as informações são postadas, atualizadas e visualizadas é enorme e, muitas vezes, fogem do controle do que antigamente demorava uma semana para virar notícia.

Como os relacionamentos on-line irão modificar o sentido da "traição" nas relações off-line? Por exemplo, o "ciberadulterio" e a "ciberinfidelidade" são mais fáceis de realizar e colocam o internauta em uma posição menos vulnerável, já que as chances de ser atraído por uma parceria em potencial ou mesmo de sair ferido são consideravelmente reduzidas. Eles também abarcam um grau menor de traição, na medida em que envolvem mais elementos imaginativos; o grau de negligência em relação aos interesses do parceiro também pode ser menor. A prevalência de tais relacionamentos virtuais provavelmente tornará as relações extraconjugais mais comuns e, por causa disso, mais aceitáveis. O relaxamento das normas morais será particularmente evidente em questões que dizem respeito à exclusividade romântica. Será difícil evitar inteiramente a vasta quantidade de alternativas atraentes disponíveis. A noção forte e muito negativa de "traição" se tornará menos comum em conexão com os assuntos românticos; entretanto outras noções, como *pular a cerca*, serão mais comuns.

1.3.3 *Da profundidade à superficialidade nos relacionamentos afetivo-sexuais.*

Dada esta grande fragilidade que paira sobre os relacionamentos contemporâneos, a pluralidade das formas de se engajar em relacionamentos amorosos e a grande autonomia, sobretudo a feminina conquistada ao longo do tempo, os

pretendentes a uma união amorosa estão cada vez mais reticentes em se engajar e estabelecer relacionamentos afetivo-sexuais mais profundos, bem como em permanecer em relacionamentos caracterizados por uma maior duração e que exigem maiores investimentos. Não raramente, os relacionamentos amorosos atuais são caracterizados pela falta de fidelidade/exclusividade e se fundamentam em crenças de custo-benefício, ou seja, os relacionamentos só se mantêm enquanto os parceiros forem mais fatores de satisfação um para o outro do que de insatisfação. Por exemplo, até poucas décadas atrás, divórcio e separação entre os pares era um acontecimento raro. Hoje, observa-se quase uma banalização das uniões amorosas fundamentada na premissa: *Se não der certo, a gente se separa*.

Nem sempre (ou, talvez, muito raramente) fica claro para os parceiros que os relacionamentos amorosos são construídos cotidianamente por meio de renúncias e de algum distanciamento do individualismo e do ensimesmamento, de expectativas frustradas, de respeito à singularidade do outro, de conflitos de interesses conhecidos popularmente como *discutir a relação* e uma grande dose de paciência e de tolerância à frustração. Amor também implica envolvimento e compromisso com o (a) parceiro (a) que gera um conjunto de ações em prol do bem do outro. Quando se ama alguém, costuma-se ter em mente que os parceiros são responsáveis pelo bem-estar de cada um, pela realização pessoal do outro. Segundo Fromm (1956/2002), amar é preocupar-se ativamente com a vida e o crescimento de quem amamos. É atender às demandas do ser amado. Consequentemente, a procura de um parceiro para construir uma relação de amor, harmonia e boa convivência nunca é fácil e pode se transformar numa fonte de decepções.

Em nossos dias, surge, uma forma de relacionamento até então inexistente e bastante típica de nosso tempo: *o ficar* ou o estar junto. Sobre essa forma de relacionamento amoroso, Chaves (1994) comenta:

O estabelecimento de relações sociais mais temporárias, de comunidades abertas e mais frouxamente ligadas pode fazer com que o indivíduo se sinta mais só e desamparado, e se veja obrigado a uma constante negociação com o outro e com ele mesmo visando à continuidade ou quebra do vínculo forjado. Entretanto, a fluidez dessas relações possibilita a constituição de redes, a vivência de novas e diversas formas relacionais que pode, paradoxalmente, minimizar essa solidão e lhe dar segurança e apoio. Isto acontece, por exemplo, no estar-junto; ao mesmo tempo em que ele é marcado por uma certa superficialidade e fugacidade, também propicia o compartilhamento espontâneo de experiências vividas, sentimentos, desejos e interesses. Além disso, por se caracterizar como um ajuntamento efêmero, no qual os indivíduos não cobram, por exemplo, fidelidade, profundidade de sentimento ou investimento afetivo, o estar-junto facilita o trânsito e o vínculo com outras pessoas e grupos. (p. 87-88).

O *ficar*, inicialmente tido como um código de relacionamento afetivo-sexual entre os adolescentes, estendeu-se para outros segmentos etários. O fenômeno *ficar com*, é destacado no estudo pioneiro de Chaves (1994), que considera os princípios que compõem o termo: falta de compromisso entre os membros do casal estabelecido, busca do prazer, distanciamento, que tem como objetivo a busca do prazer, a partir do exercício da sedução. Assim, o termo implica trocas de carinhos (que compreendem beijos, abraços, carícias e toques físicos) por períodos curtos, ou seja, não apresentam um compromisso real como se espera do namoro. O grau de desenvolvimento deste fenômeno pode ir de uma simples troca de beijos e abraços até uma relação sexual completa com intercurso e gozo. Em outras palavras, no ficar não há intenção *a priori* de se preocupar com o que se estabelecerá posteriormente, ou seja, o “ficar com” é um código de relacionamento marcado pela falta de compromisso e pela pluralidade de desejos, regras e usos. O objetivo principal é a busca de prazer, “ficar com” é a maneira mais fácil de chegar perto de outro sem se comprometer. É um exercício da sedução (Chaves, 1994). Considerado como um

fenômeno novo, contemporâneo, o “ficar com” reflete a influência do utilitarismo decorrente da influência da atual sociedade de consumo nas relações socioafetivas, caracterizada pelo momentâneo, pelo não compromisso, pelo descartável e pelo utilitarismo.

1.3.4 Das concepções intuitivas, não empíricas e especulativas acerca do amor, para um entendimento empiricamente fundamentado

Como também vimos, ainda que, por muito tempo, se buscasse compreender a estrutura do amor com definições do tipo *amar é...*, a própria ciência da psicologia, muitas vezes, mostrou-se refratária em aceitar o amor como objeto de suas pesquisas, talvez por entender o amor como algo extremamente subjetivo e abstrato, domínio de poetas e romancistas. É interessante observar que, antes da psicologia considerar o amor como objeto de estudo, outras áreas do conhecimento, tais como a biologia, contribuíram para um melhor entendimento do amor e dos vínculos, ainda que os primeiros estudos fossem realizados com modelos não humanos. De fato, o amor ou, pelo menos a capacidade de se apegar ao outro está profundamente enraizada na arquitetura e na química cerebral humana. Biologicamente, o vínculo afetivo é vital para os mamíferos, conforme vários experimentos têm demonstrado. Entre os mais conhecidos, está o estudo de Harlow e Harlow (1965) com chimpanzés. Esses pesquisadores e seus colaboradores separaram os filhotes de suas mães após o nascimento. Em seu experimento, cada filhote teve acesso a duas mães artificiais, uma delas sendo uma armação de arame com rosto de madeira e uma mamadeira à altura do peito, e a outra semelhante, mas revestida de um tecido felpudo. No início, os filhotes ficavam com ambas as mães, mas, à medida que cresciam, mostravam uma forte ligação com a mãe de pano. Quando deparavam com um intruso (por exemplo, um urso mecânico de pelúcia), fugiam para junto da mãe de pano, agarravam-se a ela e,

então, confortados e sem medo, examinavam o urso. De forma similar, quando colocados numa sala estranha, procuravam imediatamente a mãe de pano e se agarravam a ela em busca de consolo, antes de iniciarem a exploração. Segundo os estudiosos que correlacionam esses tipos de achados animais com humanos em termos de estruturas cerebrais, comportamento social e resposta ao estresse, esse vínculo teria garantido a evolução do *Homo Sapiens* e a preservação da espécie.

Com o advento das neurociências e com o avanço da síntese e da administração de psicofármacos, pode-se identificar e, até mesmo mensurar, o que ocorre no interior das pessoas apaixonadas ou que se comportam amorosamente, tais como aumentos da frequência cardíaca, da pressão arterial sistólica, da capacidade muscular, da produção de glóbulos vermelhos para melhorar o transporte de oxigênio (Valiente, Varona, & Orozco, 2011), alterações essas que antes podiam ser até conhecidas, mas não descritas ou relacionadas como consequências psicobiológicas das relações afetivo-sexuais.

Sobretudo, com o advento das neurociências, é desvelado mais e mais os meandros do fenômeno amoroso e a sua funcionalidade para o gênero humano. Em um estudo, Fisher (2006) utiliza a tecnologia de escâner cerebral da imagem por ressonância magnética funcional (fMRI), com a finalidade de registrar a atividade cerebral de homens e mulheres que acabavam de se enamorar. Para isso, a pesquisadora contou com numerosa equipe multiprofissional de colaboradores que trabalharam durante seis anos, escaneando cérebros de mais de quarenta homens e mulheres manifestadamente enamorados, recolhendo aproximadamente cento e quarenta e quatro imagens da atividade cerebral de cada um. A metade dos participantes era composta de homens e de mulheres cujo amor era correspondido; a outra metade havia sido rechaçada pela outra pessoa do par romântico. Para assegurar-se de que a correspondência no amor é uma característica da paixão romântica universal, a autora utilizou um

questionário com 54 questões específicas sobre o amor romântico. Com a colaboração de outros pesquisadores, distribuiu esses questionários entre homens e mulheres da Universidade de Nova Jersey e da Universidade de Tóquio.

Os resultados foram surpreendentes. Foram encontradas diferenças de gênero que poderiam explicar por que os homens respondem tão apaixonadamente aos estímulos visuais e por que as mulheres podem recordar os detalhes de uma relação. Outros resultados puderam demonstrar que a paixão é um impulso humano fundamental. Assim como necessitamos de alimento e água, apaixonar-se é inerente à natureza humana, trata-se de uma necessidade fisiológica, um impulso profundo, um instinto que insiste em cortejar e conseguir um determinado companheiro para acasalar-se. Esse impulso inspirou inúmeras obras de teatro, novelas, óperas, músicas, poemas, esculturas, quadros, mitos e lendas nas mais diversas culturas e épocas. As adversidades, com frequência, alimentam a chama da paixão: barreiras sociais e políticas (ex: efeito Romeu e Julieta) ou físicas (os amantes vivendo em lugares diferentes) são capazes de estimular ainda mais os mecanismos do enamoramento. Esse foi certamente o aspecto mais surpreendente da pesquisa da autora referenciada: a adversidade como mola propulsora do relacionamento!

1.3.5 De concepções mais etnocêntricas e/ou ahistóricas a posições mais culturalmente relativizadas acerca da diversidade das expressões amorosas.

É fato que aquilo que se concebe por amor certamente evoluiu e continua a evoluir no sentido positivo, acompanhando o pensamento das pessoas da época no qual está inserido. No entanto, o fenômeno do etnocentrismo pode minar a boa convivência das pessoas. No dicionário, a palavra etnocentrismo é definida como *a tendência do pensamento a considerar as categorias, normas e valores da própria sociedade ou cultura como parâmetro*

aplicável a todas as demais (Ferreira, 1999, p. 849), ou ainda como disposição *habitual de julgar povos ou grupos estrangeiros pelos padrões e práticas de sua própria cultura ou grupo étnico* (DIC Prático Michaelis, 1998). Dion e Dion (1988) o definem como *a tendência para usar o próprio grupo e seus valores como o padrão de comparação e avaliação para si mesmo e para os outros* (Dion & Dion, 1988, p. 281). Portanto, o etnocentrismo consiste em privilegiar um universo de representações propondo-o como modelo único e reduzindo à insignificância os demais universos e culturas "diferentes". Em outras palavras, corresponde a uma percepção da vida e da sociedade do ponto de vista do observador, que faz de sua cultura a norma ou a referência na análise de outras realidades sociais que engendra. Ou ainda, implica numa visão de mundo que considera o próprio grupo étnico, nação ou nacionalidade mais importante do que as demais e, dessa forma, os outros são pensados e sentidos por meio desses valores adotados, dos modelos que se pensam hegemônicos, das definições idiossincráticas do que se pensa ser a existência (Cabecinhas, 2002; Carvalho, 1997; Rocha, 1994). No plano intelectual, pode ser visto como a dificuldade de pensarmos a diferença; no plano afetivo, como sentimentos de estranheza, de medo, de hostilidade, dentre outras possibilidades. Daí a expectativa de normalizar a todos segundo os nossos próprios referenciais. Daí o sonho de eliminar as diferenças. Por conseguinte, arbitrariamente declaram-se como "outras" as culturas diferentes com orientações incompatíveis com o referencial escolhido; procura-se reduzi-las nas suas especificidades e diferenças tornando-as mais diferentes do que são e, a seguir, são exorcizadas, por meio de várias estratégias, sendo a educação e as organizações educativas os principais instrumentos culturais desse colonialismo cognitivo. Nas palavras de Meneses (2000):

Mas a rejeição do Outro, combinada com a dominação, assume também outra forma: não tirar a vida do Outro, mas apenas a diferença, ou seja, extirpar-lhe a alteridade que o constitui como Outro, assimilando-o e reduzindo-o à imagem e semelhança do

mesmo. E ainda há uma forma mais sutil e oportunista de lidar com a Outro: conservar-lhe a alteridade, mas então, fazendo dela pretexto para oprimi-lo. A diferença torna-se título que legitima a dominação e a exploração, já que demonstra uma degradação da condição humana; e por isso, merece um estatuto de inferioridade e de discriminação. Por exemplo, maior esforço na produção, menor fatia na distribuição, privação do poder decisório; não ter a plenitude dos direitos do cidadão; ser considerado como objeto e não como sujeito da história. (p. 246).

Esse esquema é a matriz básica das diversas formas de opressão ou dominação entre gênero, etnias, nações e segmentos de determinada sociedade. O preconceito etnocêntrico, chegado a tal ponto, produz ideologias que justificam essa "negação do Outro". No entanto, o fenômeno do etnocentrismo não é exclusivo de uma determinada época nem de uma única sociedade. Avaliar um fenômeno exclusivamente por um prisma limita possíveis explicações na tentativa de desvendá-lo e mitiga o acúmulo de conhecimentos sobre tal temática por se ignorar, provavelmente, um *corpus* teórico subjacente. Quando isto acontece, pode-se incorrer num equívoco, que engendra e/ou mantém uma visão de mundo característica que considera o próprio grupo étnico, nação ou nacionalidade socialmente mais importante do que os demais. Nesse sentido, talvez o etnocentrismo seja, dentre os fatos humanos, um daqueles de maior unanimidade (Rocha, 1994). Consequentemente isto provoca uma indevida sensação de segurança e de conforto, o que dissemina a tendência a tomar por natural o que, como aponta MacFarlane (1989), é cultural. Tal tendência faz olhar para a história do lado errado do telescópio, como na metáfora proposta por Casey (1992). Lázaro (1996) discorre a respeito desta falsa zona de conforto, especificamente a amorosa:

A ideia de que o amor como o conhecemos é uma experiência universal e atemporal decorre, fundamentalmente, de nossa certeza de, no amor, encontrar a expressão mais completa de nossa possibilidade de entrega, doação e, na mesma medida, nossa maior

capacidade de receber, compreender, aceitar e desejar outra pessoa escolhida por nós e que, por sua vez nos escolheu (Lázaro, 1996, p. 199).

Norbert Elias, citado por Casey (1992), complementa essa discussão acerca do etnocentrismo:

Quando se julgam pessoas de outros períodos ou sociedades, há a tendência para começar com os valores que são importantes no tempo de quem julga, selecionando-se fatos relevantes à luz desses valores. Esta abordagem impede o acesso ao contexto especial das pessoas que se procura compreender. Elas são separadas das estruturas que formam com outras pessoas, e dispostas de forma heteronômica em contextos determinados por valores contemporâneos, aos quais não pertencem (Elias, citado por Casey, 1992, p. 13).

Então, como uma espécie de pano de fundo da questão etnocêntrica temos a experiência de um choque cultural. Por um lado, conhecemos um grupo ao qual pertencemos, que come igual, veste igual, tem gostos parecidos, conhece problemas do mesmo tipo, acredita nos mesmos deuses, se engaja em relacionamentos afetivos sexuais de forma semelhante, casa igual, mora no mesmo estilo que o nosso, distribui o poder da mesma forma, empresta à vida significados em comum e procede, por muitas maneiras, semelhantemente. E, de repente, por outro lado, constatamos as diferenças ao nos depararmos com outro grupo "diferente" que, às vezes, nem sequer realiza atividades como as nossas ou quando as faz é de forma tal que não reconhecemos como possíveis. E, mais grave ainda, este "outro" também sobrevive à sua maneira, gosta dela, também está no mundo e, ainda que diferente, também existe. Consequentemente, a diferença encontrada é de tal forma ameaçadora que pode ferir a nossa própria identidade cultural no que concerne aos mais diversos assuntos a ela relacionados.

Neste ponto, levanta-se um problema para muitos teóricos que se enveredam pelas sendas do estudo do amor, pois como pode haver

uma afirmação veemente de validade universal no que diz respeito ao amor romântico levando-se em consideração a pluralidade de idiossincrasias, muitas destas, provavelmente contaminadas pelo etnocentrismo que tentam estabelecer uma soberania na definição do que virá ou não a ser concebido como amor.

A questão é tão insidiosa que deixa as pessoas alheias ao (s) princípio (s) orientador (es) que subjazem às suas concepções amorosas, em objeção a quaisquer princípios relativistas, de tal forma que o etnocentrismo, sobretudo no que diz respeito à análise das dinâmicas amorosas, está arraigado e é confundido como parte inerente da evolução sócio histórica. Consequentemente, o que se produz é um conjunto de conceitos fragilizados que, quer por estar deformado, quer por estar mutilado em sua essência, tornam-se amostras não representativas da realidade, porque optaram preferencialmente por salvaguardar a medida prévia, ou seja, um padrão pré-concebido de comportamentos ao invés de serem flexíveis e receptivos às diferenças encontradas.

Desta maneira, ao se utilizar os próprios referenciais para entender as diversas culturas e as outras épocas, perde-se a visão histórica dos fenômenos, prejudicando a compreensão dos mesmos, ao não reconhecer como possíveis algumas situações. E o amor é um destes exemplos que deve ser entendido em cada contexto que estiver inserido, ou seja, no seu modelo próprio, ou ainda, no estilo em que se manifestar.

De acordo com Lee (1988), o etnocentrismo é um problema fundamental na pesquisa sobre as experiências amorosas e que deve ser evitado a todo custo. Como qualquer estudo científico, o estudo do amor deve habilitar cada respondente a reportar relações que não sejam previamente definidas como uma espécie de 'amor verdadeiro', isto é, uma forma mais correta de se amar em contraposição às demais. O próprio fato de preliminarmente se ter ideologias sobre o que seria um modelo considerado adequado para o amor romântico pode sujeitar as pessoas a respostas e interpretações ambíguas e tendenciosas. Ainda de acordo com Lee

(1988), um método válido para se estudar o amor deve ser neutro, à medida que encoraje os respondentes a ignorarem as modas etnocêntricas e descreverem quaisquer que sejam as suas crenças e experiências amorosas vivenciadas.

Ilustrar como o etnocentrismo pode comprometer a análise do amor em uma civilização é, por exemplo, por meio dos referenciais amorosos contemporâneos afirmar/aceitar que o casamento romano era indevido ou mesmo imoral, por ser considerado um dever cívico, e concomitantemente, uma vantagem patrimonial, como nos apontam Duby e Ariès (1990), sendo que tudo o que se exigia do mesmo era uma tarefa definida: ter filhos e cuidar da casa. E uma vez adotada tal concepção, passa-se a marginalizar tal dinâmica afetiva.

Desta forma, o amor de cada época não deve ser julgado valorativamente, tendo-se em vista que os desdobramentos amorosos como tal não são atinentes à égide de uma única moral reducionista. De tal sorte, tem o mesmo valor o medieval amor cortês, os romances palacianos ingleses do renascimento e os amores orientais contemporâneos, muito embora variem suas estruturas sociais e contextos históricos.

Sem a diretriz de tal observação, fica difícil tentar compreender, por exemplo, porque os amores entre os pares masculinos eram tolerados pela moral romana, desde que o erastes encaminhasse tal sentimento ao seu erastos, pois *sobre a união dos corpos em si não recaia qualquer maldição* (Grimal, 1988/1991, p. 6).

Outro problema que amiúde se torna um viés ao se fazer pesquisas que tematizam o amor e os seus desdobramentos é a questão do a-historicismo. A-historicismo é definido como sinônimo de “1. Não histórico; alheio à história; aistórico. 2. Contrário à história; anti-histórico” (Ferreira, 1999, p. 144). Lee (1988) adverte que algumas pesquisas sobre amor estão tão destituídas de consciência histórica que um leitor ingênuo (ou mesmo um pesquisador iniciante) poderia concluir que o amor romântico é uma mera invenção americana pelo fato de muitas vezes ser

analisado descontextualizadamente. É importante observar que uma versão original de uma ideologia em particular não precisa ser aceita como válida a fim de que as pessoas nela acreditem. Um exemplo disso é quando Galileu se contrapõe a corrente de sua época que acreditava que o Sol girava entorno da Terra e não o contrário. Com isso, quer se dizer que unanimidade de respostas e pensamentos não significa necessariamente a *verdade contida nos mesmos*. Diz ainda Lee: *O próprio Jesus poderia não reconhecer muitas versões do Cristianismo moderno, e se Karl Marx retornasse, poderia olhar para o tão chamado regime marxista e exclama: “Eu não sou um Marxista!”* (Lee, 1988, p. 58). Uma situação semelhante ocorre ao se tratar do amor, e mesmo alguns especialistas da área podem desconsiderar aspectos da historiografia amorosa e fragilizar suas pesquisas. E o mais agravante é que o aistoricismo pode desembocar no etnocentrismo. Então, uma estratégia útil para se desvencilhar do aistoricismo é o resgate dos pensamentos e contextos que fundamentam nossos conceitos. No tocante à temática amorosa isto significaria rastrear a evolução do que se concebia por amor e de seus desdobramentos com o passar do tempo. Cada ideologia sobre o amor é um conjunto de ideias usadas para justificar arranjos sociais e instituições. Um exemplo disto é como o estilo agápico amoroso tornou-se o estilo amoroso oficial adotado pela igreja católica. Consoante Costa (1999), o amor-agápico dominará a mentalidade amorosa da Alta Idade Média e toda a mentalidade ocidental até a Revolução Cultural ocorrida entre 1500-1700.

Em suma, um tipo de amor não deve ser visto como superior, ou mais verdadeiro do que outro, prevalecendo sobre os demais (Lee, 1988), sejam estes amores orientais, contemporâneos, de natureza homossexual e vários outros. Em outras palavras, há formas e formas de amor e deve-se reconhecer a legitimidade de cada uma delas.

Felizmente, existem ideias que se contrapõem ao etnocentrismo e ao aistoricismo. Uma das mais importantes,

proposta por Rocha (1994), é a relativização. Enquanto o etnocentrismo é um preconceito, e suas derivações doutrinárias (racismo, evolucionismo cultural, etc.) são ideologias (consciência falsa e falsa ciência), o relativismo cultural pertence à esfera da ciência (Meneses, 2000). Quando se apercebe que as verdades da vida são menos uma questão de essência das coisas e mais uma questão de posição está-se relativizando algo. Quando o significado de um ato é visto não na sua dimensão absoluta, mas no contexto em que acontece, está-se considerando, portanto, como de importância ou valor relativo. Isto também ocorre quando há o esforço na tentativa de compreender o "outro" nos seus próprios valores e não apenas nos que são referenciais para a análise. E a partir desse momento, surge a passagem do etnocentrismo e do aistoricismo para a relativização.

Uma das formas mais eficientes de fugir dessas armadilhas armadas pelo etnocentrismo e por outros obstáculos epistemológicos é estar alerta e ciente dos perigos das posições absolutas e dogmáticas. E, na história da civilização, uma das formas (senão a forma) de enfrentar questões como apontadas no texto é buscar respostas às nossas questões por meio de estudos empíricos, quer observacionais, quer experimentais. Neste sentido, ainda que tardiamente, a psicologia rendeu-se ao encanto do tema e começou a se interessar pelo estudo empírico do fenômeno amor. É um pouco desta história que será contado no capítulo seguinte.

CAPÍTULO 2

O AMOR COMO OBJETO DE ESTUDO DA PSICOLOGIA: TEORIAS E PESQUISAS

O psicólogo Morton M. Hunt, em seu livro *The Natural History of Love* retratou o século passado como a *Idade do Amor*. Este autor justificou sua caracterização ao afirmar que nunca, em nenhuma outra fase da História da Civilização, houve uma proporção tão vasta da humanidade que tenha dedicado tanta consideração ao amor nas suas mais diversas formas (Hunt, 1959).



Figura 41. Morton M. Hunt, psicólogo americano. (Fonte: https://www.goodreads.com/author/show/2898370.Morton_Hunt)

E, ao que parece, esta é uma tendência que tende a permanecer, a perdurar e não se restringir a uma fase ou a alguns poucos anos como um dos muitos modismos que, de tempos em tempos, vicejam na sociedade contemporânea. Assim sendo, parece ter chegado o momento de encarar seriamente as manifestações de

amor e afeto, ou seja, de estudar o fenômeno amoroso empiricamente de uma perspectiva científica. E que disciplina científica estaria mais apta a estudar o amor do que a psicologia?

2.1 O advento do interesse pelo amor na psicologia

Embora alguns esforços para entender as atitudes românticas das pessoas, como os do sociólogo Llewellyn Gross que, em 1944, construiu a primeira escala para identificar atitudes românticas tenham sido empreendidos, só mais recentemente as emoções e os sentimentos positivos deixaram de ser considerados uma área marginal da pesquisa científica em psicologia. A ciência da psicologia relutou, por muito tempo, em estudar o amor por entendê-lo como algo tão abstrato e subjetivo que desafiava qualquer tentativa de mensurá-lo. Na verdade, há dezenas de anos a psicologia tem se preocupado sobremaneira com os aspectos psicopatológicos do ser humano, muito mais sobre os transtornos mentais do que sobre o entendimento ou o desenvolvimento da saúde mental positiva. De acordo com Seligman (2002, 2009): *Durante a segunda metade do século XX, a psicologia foi consumida com um único tópico – doença mental – e tudo caminhou razoavelmente bem. Atualmente, os psicólogos conseguem medir conceitos antes confusos como depressão, esquizofrenia e alcoolismo, com precisão considerável* (p. 11).

Seligman (1998) considera o contexto histórico que levou a psicologia a se ater apenas ao estudo das patologias e comenta sobre as missões que a psicologia deixou de cumprir. Segundo ele a psicologia se propôs três missões: (1) curar doenças mentais; (2) tornar a vida das pessoas mais produtiva e feliz; e (3) identificar e criar talentos. Entretanto, com a Segunda Guerra Mundial, o foco dos cientistas concentrou-se sobremaneira no tratamento e desenvolvimento de terapias a fim de cuidar dos ex combatentes, negligenciando as outras duas missões, principalmente a terceira.

A dinâmica da relação interpessoal entre um homem e uma mulher só começou a ser estudada de um modo mais sistemático

há menos de seis décadas. Após um conjunto de investigações em sexologia, posterior à Segunda Guerra Mundial, começou-se a investir no estudo científico dos fenômenos relacionados ao amor romântico, em seu sentido mais estrito.



Figura 42. Da esquerda para a direita Kinsey, sentado ao lado de seus assistentes Clyde Martin e Wardell Pomeroy (Fonte: <http://www.idsnews.com/article/2017/03/the-life-of-alfred-c-kinsey>)

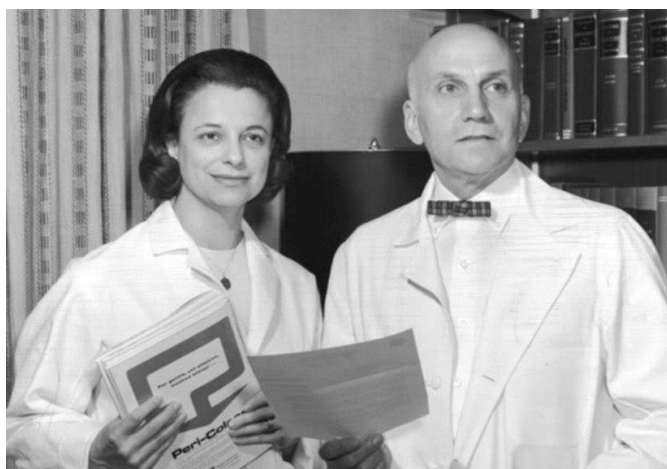


Figura 43. Virginia Johnson e William Masters. (Fonte: <https://www.thedailybeast.com/virgina-johnson-half-of-famed-sex-duo-masters-and-johnson-dies-at-88>)

Dentre os trabalhos que precederam tais estudos contam-se as pesquisas de A. C. Kinsey, W. B. Pomeroy e C. E. Martin, que resultaram no famoso Relatório Kinsey a respeito da sexualidade masculina (*Sexual behavior in the human male*, 1948) e feminina (*Sexual behavior in the human female*, 1953); os trabalhos de William H. Masters e Virgínia E. Johnson (*Human sexual response*, 1966, e *Human sexual inadequacy*, 1970); e o Relatório Hite (*The Hite report: a nation wide study of female sexuality*) de Shere Hite (anos 1980 e 1990).

As publicações científicas em psicologia, até a década de 1950, eram incipientes, poucas e, muitas vezes, relacionadas com o amor entre mãe e filhos. O que até então se divulgava eram publicações mais voltadas para a autoajuda. Não obstante as dificuldades conceituais para o entendimento do fenômeno amoroso, alguns estudiosos propuseram-se a trabalhar nesta área e a conceituar o amor por meio da ciência psicológica. Alguns exemplos de autores que consideraram o amor em suas obras e teorias podem ser lembrados: Erich Fromm (1900 – 1980), Carl Rogers (1902- 1987), Abraham Maslow (1908 – 1970), Erik Erikson (1902-1994) e, mais recentemente, Martin Seligman, professor de psicologia da Universidade da Pensilvânia, Estados Unidos, criador da chamada Psicologia Positiva.



Figura 44. Carl Rogers desenvolvedor da Abordagem Centrada na Pessoa. (Fonte: <http://betterblokes.org.nz/2017/02/recommended-documentary-three-approaches-to-psychotherapy-carl-rogers-fritz-perls-albert-ellis/>)

Rogers, psicólogo norte-americano, é considerado um precursor da psicologia humanista e criador da linha teórica conhecida como Abordagem Centrada na Pessoa (Rogers, 1951). De acordo com o autor, a existência de um contexto de relações interpessoais na qual a criança se sinta aceita e amada de forma incondicional, é o fator crucial na evolução de uma personalidade que possibilite a máxima expressão da tendência natural do que ele chamou de *tendência atualizante*.

Fromm (1956/2002) retoma o pensamento agostiniano que indicava ser o amor a força que libertaria o ser humano de suas amarras e limitações, e o aponta como a única resposta e saída satisfatórias para o problema da existência humana. Segundo Fromm, existem seis tipos de amor, a saber: (1) Amor filial: é o vínculo que unifica o núcleo familiar mediante relações frutíferas entre pais e filhos; (2) Amor materno: é o vínculo de aceitação incondicional na qual a mãe ama o seu filho sem depender de nenhum mérito nem qualidade que influa na sua determinação em acolher e cuidar de seus filhos; (3) Amor paterno: fundamenta-se na condição, dentro da qual, o filho cumpre ou obedece às normas de comportamento estabelecidas pela autoridade do pai, que o protege e o motiva a pôr em prática sua capacidade de lealdade, respeito e responsabilidade necessários na vida adulta; (4) Amor a si mesmo: consiste numa adequada valoração da própria pessoa sem a qual é impossível estabelecer qualquer tipo de apreço pelas pessoas do nosso entorno; (5) Amor romântico: é a atração física e mental que produz uma compatibilidade de sentimentos entre duas pessoas do sexo oposto, o que gera uma relação de reciprocidade entre o casal que os liga num compromisso que, mais tarde, poderá derivar numa vida compartilhada; (6) Amor neurótico: é a obsessão por uma pessoa em particular, em uma espécie de idolatria que reduz nosso suposto amor a uma simples dependência psicológica, o que gera uma profunda frustração e desilusão.

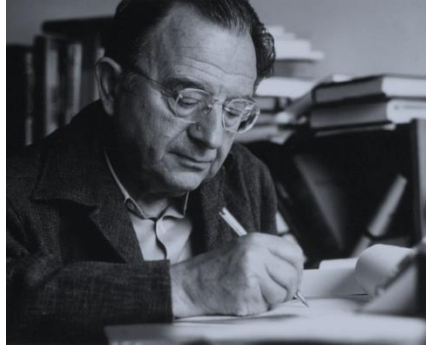


Figura 45. Erich Fromm foi um psicanalista alemão, filósofo e sociólogo. (Fonte: <https://extratodomiolo.com/erich-fromm/>)

Maslow (1954), em sua Teoria Motivacional, arrola um conjunto de cinco necessidades vitais, dentre as quais salientava o amor como uma das necessidades sociais mais importantes e da qual o ser humano não poderia estar privado ao longo de sua vida a fim de realizar as suas potencialidades. Embora este autor ressalte a dificuldade de, para uma pessoa faminta, pensar e/ou levar em conta coisas como liberdade, amor, justiça, respeito e etc., pois tais coisas *não enchem o estômago* (Maslow, 1975, p. 343), se nossas necessidades de amor, de afeto e de pertencimento não forem atendidas, nos sentiremos solitários e inúteis.

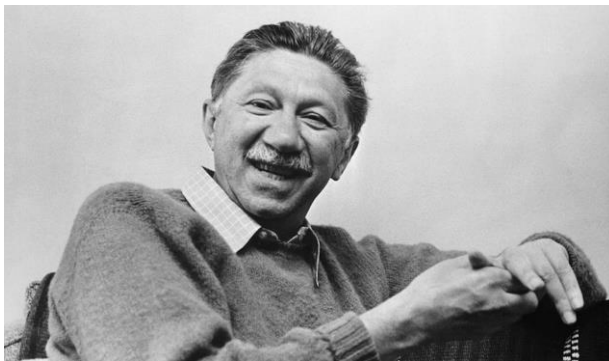


Figura 46. Abraham Harold Maslow foi um psicólogo americano conhecido pela proposta de uma hierarquia de necessidades. (Fonte: <https://balancedachievement.com/psychology/abraham-maslow/>)

Em sua teoria, Maslow acreditava que o ser humano deveria estudar e cultivar as experiências que ele chamou de *experiências culminantes da consciência* (por exemplo, o amor), como um caminho para alcançar o crescimento pessoal, a integração e a realização. Segundo Maslow (1999), as experiências culminantes são unificadoras e ego-transcendentes e se assemelham à experiência da criação bíblica, que o autor descreve como um perder-se de si mesmo ou um transcender-se a si mesmo em função de uma fusão com a realidade observada e como uma espécie de integração de si mesmo com o outro, quer dizer, uma experiência não dual. Exemplos de experiências culminantes são a fascinação por uma ocupação, o perder-se de amores, o desvincular-se do momento ou do lugar, quando as pessoas estão apaixonadas. Maslow (1976) deixa muito claro que as experiências culminantes ocorrem sempre que alguma coisa seja suficientemente interessante para manter-nos fascinados, que capte por completo nossa atenção. Maslow descobriu que as pessoas que se auto atualizavam percebiam a realidade com precisão. Essas pessoas eram extremamente independentes e criativas, agiam de forma espontânea e natural com as demais, viam seu trabalho mais como uma carreira ou vocação do que como um emprego, possuíam um elevado código moral e, ocasionalmente, vivenciavam momentos de satisfação ou fruição intensas, aos quais denominou *experiências culminantes*. Indivíduos mais susceptíveis de ter experiências culminantes, como as amorosas, são autorrealizados, amadurecidos e saudáveis. Todos os indivíduos são susceptíveis de experiências de culminantes, constatação essa apontada tanto por Maslow (1976, 1999) como por James (1991).

Erik Homburger Erikson nasceu na Alemanha em 1902, mudou-se para os Estados Unidos em 1933 por causa da ameaça do Nazismo e veio a falecer em 1994. Filho de pais dinamarqueses, mas abandonado desde seu nascimento pelo pai, foi educado por Theodor Homburger, um pediatra judaico-alemão, que ele pensava ser o seu verdadeiro pai. Seu interesse pelo desenvolvimento

humano começou a partir de suas experiências infantis, ao sofrer na escola por ser diferente dos colegas (Erikson era alto e de olhos azuis pela ascendência nórdica) e por ser judeu. Na opinião de Erikson, a personalidade forma-se à medida que as pessoas passam por oito fases psicossociais. Em cada fase há um conflito a enfrentar e resolver, de uma forma positiva ou negativa. A solução positiva resulta em saúde mental; a negativa leva ao desajustamento. Os conflitos estão presentes desde o nascimento, mas predominam em épocas específicas. Erikson identifica oito estádios do desenvolvimento da personalidade, denominados estádios psicossociais. Estes oito estádios serão apenas citados, à exceção do estádio relacionado ao amor, foco deste trabalho.



Figura 47. Erik Erikson, psicanalista alemão responsável pelo desenvolvimento da Teoria do Desenvolvimento Psicossocial (Fonte: <https://psicologiasolta.webnode.com.pt/marcos-historicos/erikson/>)

Os estádios psicosexuais segundo Erikson são: confiança versus desconfiança; autonomia versus dúvida e vergonha; iniciativa versus culpa; esforço versus inferioridade; clarificação de identidade versus confusão de papéis; intimidade versus isolamento; produtividade adulta versus estagnação; integridade versus desespero.

Na teoria eriksoniana as necessidades romântico-afiliativas estão relacionadas ao sexto estádio, que corresponde à fase jovem-

adulta e que ocorreria entre os dezoito e os trinta anos. O objetivo dessa etapa é atingir a intimidade, em contraposição ao isolamento. Essa meta se refere ao indivíduo que, tendo ultrapassado as questões básicas do seu problema de identidade (estádio anterior do desenvolvimento eriksoniano), pode mover-se em direção a questões de relacionamento com os outros, como relacionamentos íntimos, de amizade, amor, intimidade sexual e, até mesmo intimidade consigo próprio. De acordo com Erikson, intimidade é realmente a capacidade de fundir a sua identidade com a do outro, sem temor de estar perdendo alguma coisa de si mesmo. A virtude desenvolvida nessa fase é o amor. Amor, para este contexto teórico, é estar apto a deixar os antagonismos de lado, em nome de uma boa convivência. Não se restringiria somente à manifestação do amor como aquele encontrado em situações de parcerias românticas, mas também englobaria o amor pelos amigos, ou pelo vizinho, ou pelo colega de trabalho, entre outros.

A tarefa essencial deste estágio é o estabelecimento de relações íntimas (amorosas, e de amizade) duráveis com outras pessoas. A vertente negativa é o isolamento para aqueles que não conseguem estabelecer compromissos nem troca de afetos com intimidade. No estabelecimento de uma identidade definida, a pessoa estará preparada para se unir à identidade de outrem. Essa fase é caracterizada por esse momento da união, o que sugere a associação de um ego a outro ego. Para que haja uma associação positiva é necessário que o indivíduo tenha construído um ego forte e autônomo, para assim aceitar o convívio com o outro ego numa perspectiva mais íntima. Quando isso não acontece, isto é, o sujeito não construiu um ego seguro, a pessoa irá preferir o isolamento, numa tentativa de preservar esse ego.

No tocante a Martin Seligman, sua grande contribuição ao estudo do amor foi a criação da Psicologia Positiva, é um movimento científico e aplicado que visa identificar as qualidades das pessoas e promover o seu funcionamento (Snyder & Lopez, 2009), contribuindo para o florescimento e o funcionamento

saudável de pessoas, grupos e organizações por meio do fortalecimento das competências, ao invés da correção de deficiências (Paludo & Koller, 2005). Seligman (2002; 2009) conceitua-a como o estudo científico do funcionamento humano ideal que visa descobrir e promover os fatores que permitem que indivíduos e comunidades prosperem. Seu surgimento ocorreu no final do último milênio, quando Martin Seligman publicou uma série de artigos sobre a necessidade de mudar o foco da psicologia para o estudo dos aspectos saudáveis do ser humano e não apenas dos patológicos (Paludo & Koller, 2007). De acordo com Seligman (2009), embora as descobertas acerca dos aspectos genéticos, da bioquímica, da dinâmica psicológica e das causas das psicopatologias, tenham levado a um considerável alívio para as pessoas por elas afetadas, isto ocorreu em detrimento da preocupação com situações adaptativas e sentimentos positivos, tais como o amor.



Figura 48. Martin Seligman, criador da chamada Psicologia Positiva. (Fonte: <http://psicovidasalud.com/martin-seligman-biografia-del-pionero-de-la-psicologia-positiva/>)

Seligman e Csikszentmihalyi (2000) enfatizam que a psicologia não é só o estudo da patologia e da fraqueza, mas também o da força e da virtude. De acordo com Cloninger (2006), aspectos como morbidade e mortalidade estão mais fortemente relacionadas à ausência de emoções positivas do que à presença de

emoções negativas. Dessa forma, observa-se que alguns aspectos que, provavelmente, estariam relacionados a um melhor tratamento e/ou à cura de alguns sintomas patológicos foram majoritariamente negligenciados.

Yunes (2003) defende que postular uma ciência que focalize as potencialidades e qualidades humanas exige tanta seriedade conceitual, teórica e metodológica quanto a presente nos estudos das desordens humanas. Paludo e Koller (2007) comentam sobre a importância do estudo dos aspectos positivos sem que se atribua relevância ora aos aspectos positivos ora aos negativos, pois cabe à ciência o estudo de ambos, sem a predominância de um sobre o outro.

Por fim, cabe lembrar que a psicologia positiva não pretende promover uma cisão no corpo teórico da psicologia. Pelo contrário, este movimento não nega a existência do sofrimento humano e da qualidade e efetividade dos tratamentos para os problemas psíquicos, mas visa estabelecer um equilíbrio entre a compreensão dos problemas e das potencialidades humanas por meio de estudos científicos que investiguem os aspectos positivos do desenvolvimento humano (Graziano, 2005; Paludo & Koller, 2007).

É possível pensar que o interesse de importantes psicólogos pelo fenômeno amoroso, alguns dos quais anteriormente considerados, tenha dado condições para que estudos mais objetivos sobre esta emoção pudessem florescer. Vejamos alguns deles.

A partir da década de 60 do século passado, psicólogos como Byrne, London e Reeves (1968) propuseram-se a estudar o fenômeno da atração interpessoal. Este estudo englobou uma variedade de experiências sociais como a admiração, o amor, a amizade, a intimidade, a luxúria e o prazer. Foram identificados três fatores principais que interagiriam no âmbito das relações interpessoais, a saber: atração física, proximidade e semelhança (Huffman, Vernoy & Vernoy, 2003). E, dessa forma, a dinâmica da relação interpessoal entre um homem e uma mulher começou a ser estudada de um modo mais sistemático há menos de cinco décadas.

Apesar de as técnicas de amostragem probabilística terem sido desenvolvidas e incorporadas aos inquéritos populacionais desde as décadas de 30 e 40 do século XX, até a década de 60 acreditava-se ser impossível adotá-las em pesquisas cujo enfoque fosse a sexualidade ou, mesmo, a investigação de fenômenos tais como os sentimentos e as emoções, dadas sua subjetividade e ao caráter íntimo e privado das respostas, o que poderia ocasionar um alto percentual de recusas e/ou falsas respostas. No entanto, Cronbach (1996) já alertava: *Se uma coisa existe, ela existe em certa quantidade. Se uma coisa existe em certa quantidade, ela pode ser medida.* (p. 53).

Em 1973, Miller Kirsten (citado por Berks, 2009) levantou um dado muito significativo sobre o estado da arte: o tópico amor não havia sido resenhado em qualquer um dos 23 volumes da *Annual Review of Psychology*. Este periódico, publicado desde 1950, cobre os desenvolvimentos recentes no campo da psicologia, incluindo: bases biológicas do comportamento, sensação e percepção, processos cognitivos, aprendizagem, comportamento animal, desenvolvimento humano, psicopatologia, psicologia clínica e aconselhamento, psicologia social, personalidade, psicologia ambiental, psicologia da comunidade, dentre outros.

Na década de 70 do século passado, houve um debate acalorado nos Estados Unidos, tendo como pauta principal o financiamento de pesquisas sobre o amor, o que provavelmente aumentou o interesse pelo o tema. Se fizemos uma busca computadorizada do termo *love*, utilizando a base de dados PsycINFO, entre 1950 a 1973, esta resultará em 149 artigos. Mas, se realizarmos a mesma busca no intervalo de tempo de 1974 a 1996, ou seja, 23 anos depois, a busca resultará em 1459 artigos. Em outras palavras, quase 10 vezes a mais de referências.

Zick Rubin, em 1970, cria uma escala para mensurar psicometricamente o fenômeno amoroso. Por meio de suas pesquisas, Rubin (1970) demonstra que conceitos tão intimamente atrelados como *gostar* e *amar* são independentes, diferindo na essência e intensidade do afeto e, assim, não devem ser vistos como

partes de um único contínuo como anteriormente entendido. De acordo com este autor, *amar* refere-se à atração física, à predisposição para ajudar, ao desejo de compartilhar emoções e experiências e ao sentimento de exclusividade e absorção. O *gostar* diz respeito às relações interpessoais e inclui sentimentos como o respeito, a confiança e a percepção de que a pessoa de quem se gosta tem objetivos semelhantes aos seus próprios. Como consequência, este autor desenvolveu uma escala de *amar* e outra de *gostar* que aplicou em 158 casais da Universidade de Michigan. Ambas as escalas mostraram ter consistência interna satisfatória ($\alpha = 0,84$ para homens e $\alpha = 0,82$ para mulheres na escala de amor e $\alpha = 0,83$ para homens e $\alpha = 0,81$ para mulheres na escala de gostar). Os sentimentos de gostar e amar apresentaram uma correlação mais alta na amostra masculina ($r = 0,60$) do que na feminina ($r = 0,39$), sendo tais diferenças significantes ($p < 0,05$), o que sugere que as mulheres possuem uma capacidade mais acurada de diferenciar entre estes dois sentimentos (Rubin 1970; 1973).



Figura 49. Zick Rubin, psicólogo americano. (Fonte: http://www.azquotes.com/author/76828-Zick_Rubin)

A partir dos anos 80, vários estudos foram realizados com amostras probabilísticas e instrumentos psicométricos, comprovando a viabilidade de pesquisas que tematizam o amor e seus desdobramentos. O que levou a psicologia, cada vez mais, a

estudar aspectos positivos da natureza humana e a estudar fatores de personalidade humana que não enfatizavam tanto a redução da ansiedade ao longo da vida, tal como proposto na teoria matriz freudiana. Essas ideias e as de outros autores sobre o amor originaram publicações como o livro *The Psychology of Love*, lançado em 1988, pelos editores Robert Sternberg e Michael L. Barnes, o que suscitou novas pesquisas na área.



Figura 50. Robert Sternberg, psicólogo e psicometrista estadunidense, um dos autores do livro: *A Psicologia do Amor*, lançado em 1988. (Fonte: <http://www.robertjsternberg.com/>)

Este livro apresenta estudos contemporâneos de pesquisadores cuja área de atuação é o estudo do amor e dos relacionamentos íntimos. Publicações como estas representaram uma notável mudança de paradigma, levando-se em consideração que, ao longo de praticamente todo o século XX, o foco dos estudos manteve-se nos estados afetivos patológicos. Vejamos, então, algumas teorias formuladas para explicar o fenômeno amoroso.

2.2 Teorias do amor

Como anteriormente considerado, nas últimas décadas houve uma mudança de interesse e começaram a ser realizadas pesquisas e elaboradas propostas teóricas que contemplam emoções positivas

como o amor e o estudo dos relacionamentos amorosos de uma forma mais consistente. Pesquisadores como Robert Sternberg, John Money, John Bowlby e John Alan Lee, entre outros, engajaram-se intensamente no estudo desses temas, buscando padrões que explicassem a dinâmica da atração, dedicando-se a entender o fenômeno do apaixonar-se, questionando se o amor é uma entidade única ou composta de partes diferentes, pesquisando o estabelecimento e a manutenção dos relacionamentos amorosos e procurando compreender cientificamente o papel do amor na satisfação conjugal. Há de se evidenciar que a tentativa de identificar e de analisar cientificamente o significado do amor suscitou, e ainda suscita, uma série de controvérsias.

Considerando ser grande o número de teorias que tomam o amor como tema de suas pesquisas, como as apresentadas no livro *The Psychology of Love*, apenas a título de ilustração, vamos apresentar sucintamente quatro teorias que são costumeiramente citadas em pesquisas que discorrem acerca dos relacionamentos amorosos. O leitor que desejar aprofundar-se no tema ou em uma teoria em particular, poderá consultar o texto de Sternberg e Barnes (1988).

2.2.1 John Alan Lee e a teoria estilos de amor.

O antropólogo canadense John Alan Lee dedicou-se analisar a capacidade de amar do ser humano, em sua obra *Love Styles*. Primeiramente, este autor realizou um levantamento sobre como o amor era retratado em fontes como romances, filmes e livros de filosofia e de psicologia. Posteriormente, em 1977, o autor categorizou os dados levantados, usando a análise fatorial de 1500 itens relacionados ao amor.

A partir desta análise o autor concluiu que o fenômeno amoroso poderia ser agrupado ou categorizado em três estilos. Para verificar a confiabilidade desses estilos, foram conduzidas entrevistas com pessoas hetero e homossexuais, as quais confirmaram os tipos propostos em sua teoria (Lee, 1988). Assim,

de acordo com Lee (1977; 1988), existem três estilos primários de amor: *Eros*, *Ludos* e *Estorge*.



Figura 51. John Alan Lee, sociólogo canadense (Fonte: <http://www.legacy.com/obituaries/thestar/obituary.aspx?n=john-alan-lee&pid=168526398>)

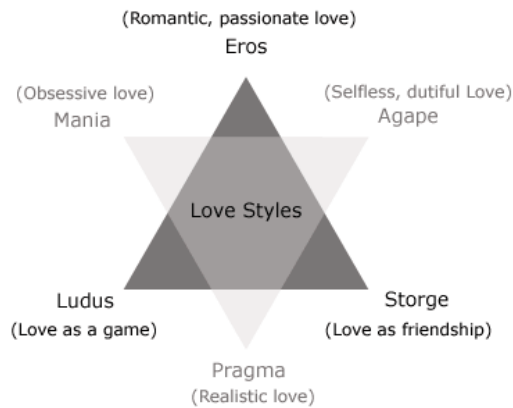


Figura 52. Diagrama dos estilos de amor de acordo com a teoria de Lee (1988) (<http://whatisyourlovestyle.blogspot.com.br/2014/05/an-introduction-to-lees-love-styles.html>)

De acordo com o criador dessa tipologia, as pessoas que apresentam o estilo de amor *Eros* seriam aquelas que possuem expectativas/exigências muito específicas a respeito da aparência que o parceiro deve ter e manifestam forte atração física vivenciando uma repentina sensação de reconhecimento do parceiro. Acreditam

no chamado *amor à primeira vista*. Os representantes do estilo *Ludos* seriam aqueles pluralistas nos relacionamentos amorosos. Possuem parceiros simultâneos e estão sempre em busca do prazer. O estilo *Estorge* é característico de pessoas que acreditam que o amor surge da familiaridade e das semelhanças como resultado do conhecimento prévio do parceiro. A partir da combinação dos estilos primários, seriam formados três estilos secundários de amor: Mania: (composto de Eros e Ludos), Pragma (composto de Ludos e Estorge) e Ágape (composto de Estorge e Eros).

As principais características dos parceiros em que a forma predominante de amar é *Mania* são a insegurança, a possessividade e o ciúme. A emoção gerada é quase obsessiva a ponto de a pessoa querer ficar o tempo todo com o outro e estar sempre exigindo uma prova de amor. Está sempre tentando atrair a atenção do outro em busca de afirmação. No amor caracterizado como *Pragma*, o planejamento e a avaliação são características que se evidenciam. Antes de começar o relacionamento, leva-se em conta na escolha aspectos como compatibilidade e satisfação mútua das necessidades. As pessoas caracterizadas por este estilo examinam os pretendentes para ver se atendem a uma série de expectativas antes de se envolver com eles. Por último, as principais características dos amantes do estilo de amor *Ágape* são: ausência de egoísmo, cuidado e preocupação em primeira instância com o outro. O impulso natural de quem sente esse tipo de amor, é priorizar o parceiro ao invés de a si mesmo e as suas próprias necessidades.

2.2.2. John Bowlby: a teoria do apego

Outra contribuição adicional para o estudo do amor foi a do psiquiatra e psicanalista britânico John Bowlby (1907-1990) que, a partir de extensa pesquisa, propôs a Teoria do Apego. Esta teoria foi desenvolvida a partir da tradição psicanalítica das relações objetais. Porém, ele fundamentou-se também em conceitos da teoria evolutiva e da etologia. Segundo a Teoria do Apego, as características do comportamento amoroso humano começam a ser

construídas na primeira infância, ocorrendo uma evolução dessas características até a idade adulta, vinculado à maneira pela qual são experienciadas as primeiras interações com seu (sua) cuidador (a), geralmente a mãe. Em outras palavras, Bowlby não estudou somente as experiências de gratificação e de frustração, mas foi fundo na análise dos pormenores do processo de vinculação entre os cuidadores e as pessoas por eles cuidadas por meio do olhar, da voz, do toque, entre outros. Bowlby (1979) acreditava que os padrões de apego humano observados na interação entre o bebê e o seu cuidador desempenhariam um papel fundamental no desenvolvimento humano *desde o berço até o túmulo* (p. 129). Em sua obra *The making and breaking of affectional bonds* (A construção e a quebra de laços afetivos) discute se as diferenças individuais no funcionamento do sistema de apego estariam relacionadas às idiossincrasias no contexto dos relacionamentos românticos e conjugais. Shaver, Hazan e Bradshaw (1988) foram adiante e propuseram empiricamente que os vínculos de apego romântico na fase adulta teriam uma forte associação com os primeiros vínculos entre a díade bebê-cuidador.



Figura 53. John Bowlby, psicólogo, psiquiatra e psicanalista britânico, autor da Teoria do Apego. (Fonte: <http://thephilosophersmail.com/virtues/the-great-psychoanalysts-john-bowlby/>)

A Teoria do Apego descreve como, a partir do relacionamento com figuras significativas ao longo do desenvolvimento, é construído um modelo de apego no qual Bowlby (1989) salienta:

- (a) o status primário e a função biológica dos laços emocionais íntimos entre indivíduos, cuja formação e manutenção são postulados como controlados por um sistema cibernético, situado no sistema nervoso central, que utiliza modelos funcionais do si-mesmo e da figura de apego, um em relação ao outro.
- (b) a poderosa influência, no desenvolvimento de uma criança, da maneira como é tratada por seus pais, especialmente pela figura materna,
- (c) que o conhecimento atual do desenvolvimento de uma criança requer uma teoria do desenvolvimento que possa tomar o lugar de teorias que invocam fases específicas de desenvolvimento, nas quais – sustenta-se – uma pessoa pode tornar-se fixada e/ou pode retornar. (p. 118)

Bowlby (1989) descreve três padrões básicos dos modelos de apego, a saber. Primeiro, o *modelo de apego de base segura*, que se caracteriza por um sentimento de extrema confiança do bebê na disponibilidade do cuidador em suprir suas necessidades, ao receber respostas amáveis, protetoras e encorajadoras frente às suas solicitações. Este contexto de intimidade com o cuidador acaba por desenvolver na criança segurança para explorar o mundo ao seu redor e está relacionado com a elaboração de respostas mais confiantes e favoráveis perante o outro.

O segundo padrão descrito por Bowlby (1989) é o do *apego ansioso-ambivalente*, caracterizado por insegurança e dificuldade em relação à disponibilidade do cuidador em estabelecer vínculos seguros. Esta forma de apego, portanto, é caracterizada por sentimentos de ansiedade em relação ao vínculo com figuras de apego e comportamento ambivalente, frequentemente marcado por raiva e culpa. Esta incerteza tenderia a desencadear na criança frequentes sensações de abandono, que desenvolveria uma forte

ansiedade frente à ambiguidade do afeto manifestado pelo cuidador.

O terceiro modelo de apego é o *evitativo*. Neste estilo, a criança apresentaria uma total falta de confiança em relação à presença e à proteção familiar do cuidador e, por ser frequentemente rejeitada por este, desenvolveria padrões evitativos extremos nas relações de apego, que são vividas paradoxalmente como extremamente aversivas, mas, ao mesmo tempo, desejáveis. Este estilo tenderia a contribuir para o desenvolvimento de crianças socialmente isoladas, que se sentem frequentemente inadequadas em relação ao seu meio familiar e social.

Em suma, a Teoria do Apego considera a propensão para estabelecer laços emocionais íntimos com indivíduos especiais como um componente básico da natureza humana, presente no neonato em forma germinal e que continua na vida adulta e na velhice. O modelo de apego não é visto como pronto e acabado, mas em constante processo de elaboração, tanto para melhor quanto para pior, dependendo dos padrões de relação experimentados.

2.2.3 John Money: o mapa amoroso

Outra teoria do amor bastante interessante é a do psicólogo e sexólogo neozelandês John Money. Money (1986) postulou que as pessoas desenvolvem o que ele chamou de mapa amoroso. Ele denomina mapa amoroso o mecanismo pelo qual as pessoas são atraídas por alguém em particular. Ele acredita que as crianças desenvolvem esses mapas amorosos entre os cinco e oito anos de idade (às vezes, antes) e, mais tarde, eles vão determinar o que desperta nosso interesse afetivo sexual e por que nos apaixonamos por uma pessoa e não por outra.



Figura 54. John Money, psicólogo de origem neozelandesa, desenvolveu a Teoria dos Mapas Amorosos. (Fonte: <https://ipco.org.br/ideologia-genero-revolucao-semantica-experiencia-estilo-auschwitz-john-money/>)

Este mapa amoroso representaria a imagem idealizada acerca de como deveria ser o (a) parceiro (a), imagem essa construída na infância (mais precisamente dos 5 aos 8 anos) a partir de associações feitas com parentes, vizinhos e com os demais elementos do entorno infantil. Trata-se de um roteiro amoroso que descreve o que gostamos e o que não gostamos; nossas preferências em termos de raça, cor de cabelo e de olhos, tom de voz, cheiro e tipo de corpo. Ele também codifica o tipo de personalidade que nos agrada e é bastante específico quanto aos detalhes da fisionomia (avaliação da personalidade ou caráter de uma pessoa a partir de sua aparência exterior, especialmente o rosto), bem como o temperamento ideal, o jeito e trejeitos, e outros traços físicos e de personalidade.

Ainda, de acordo com o criador dessa teoria, nos apaixonamos por pessoas que mais se encaixem em nosso mapa de amor, que seria consultado milhares de vezes durante a vida, ao longo dos futuros relacionamentos amorosos e projetaria no (a) parceiro (a) aquilo que esta pessoa considera como ideal. Consequentemente, quando crescemos, esses mapas influenciam nossas escolhas amorosas porque temos prontos alguns elementos básicos do que desejamos num parceiro. Assim, quando conhecemos uma pessoa, sua voz, sua maneira de falar, seu senso

de humor, seus interesses, suas aspirações, atualizariam nas pessoas essas imagens prototípicas primordiais e tornariam essa pessoa mais atraente do que outras. Para Fisher (1995): *Quando realmente encontramos alguém que se encaixe dentro desses parâmetros, nós nos apaixonamos por ele, e nele projetamos nosso mapa amoroso* (p. 48). Logo, a busca por essa imagem idealizada pode justificar uma série de escolhas amorosas, favorecendo uma melhor compreensão dos mecanismos da atração e do apaixonar-se.

Este mapa inconsciente vai gradualmente se revelando de acordo com o desenvolvimento humano, e será ativado pelas diferentes pessoas com as quais o ser humano irá interagir. Em geral, as experiências sexuais adultas não vão fazer outra coisa senão reforçá-lo. Este modelo fornece uma singular imagem do amor e com suas particularidades específicas tais mapas são tão únicos quanto nossas impressões digitais.

2.2.4 Robert Sternberg: a teoria triangular do amor

Em 1986, Robert J. Sternberg, em uma abordagem fundamentada na psicologia cognitiva, propôs que diferentes formas de amor envolvem a combinação de três componentes: intimidade, paixão e compromisso. A esta teoria denominou Teoria Triangular do Amor (Sternberg, 1986), sugerindo que esses três componentes formam os vértices de um triângulo. Sternberg define *intimidade* como a presença de felicidade, respeito, entendimento mútuo, capacidade de se entregar, de dar e receber apoio emocional, de comunicação e de valorização. Interações baseadas isoladamente nesse componente caracterizam relações semelhantes à amizade. A *paixão* diz respeito à atração física e sexual, à vontade de estar junto e ao romance, indicando uma união com grande excitação emocional. *Decisão/compromisso*, por sua vez, está relacionado à decisão de amar e à vontade de que a relação se mantenha em longo prazo. Quando isolado, revela um relacionamento que tende a durar, mas principalmente pela influência de fatores externos, pois a paixão e a intimidade não

estão presentes. Esse tipo de união também é chamado de *amor vazio* (Sternberg, 1986, 1997).

A presença dos três componentes estabeleceria o amor pleno ou consumado, enquanto a junção de dois deles indicaria outras formas de amar. A combinação entre intimidade e paixão, chamado de *amor romântico*, significa que, mesmo próximo e desejando estar junto, o casal não tem a certeza de que isso será possível. Intimidade e decisão/compromisso - *Companheirismo* - fazem com que os parceiros permaneçam unidos mesmo após o término do desejo sexual. Por fim, a paixão com decisão/compromisso - *amor factual* - é como o amor à primeira vista, no qual existe a atração física e a vontade de permanecer juntos, mas o casal ainda não desenvolveu intimidade (Sternberg, 1986, 1997).

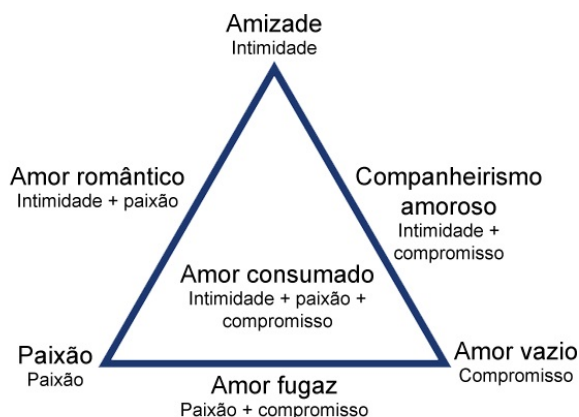


Figura 55. Diagrama da Teoria Triangular do Amor (Sternberg, 1986).
(Fonte: <http://www.psiconline.com/2016/11/teoria-triangular-do-amor-de-sternberg.html>)

2.3 O estudo do amor e temas correlatos no Brasil

O amor, apesar de usufruir contemporaneamente de tanta promoção, somente passou a ser estudado cientificamente há pouco tempo. No território nacional e em ambiente acadêmico o estudo do amor e das relações amorosas começou por volta do ano

2000, com o oferecimento por parte do Prof. Dr. Ailton Amélio da Silva, em nível de Pós-graduação, das disciplinas: *Ligações amorosas: relacionamento, sexo e amor* e *Seleção de parceiros, flerte, namoro e casamento: uma abordagem observacional/experimental* e, em nível de graduação, da disciplina: *Relacionamento amoroso: teoria e pesquisa*, todas essas vinculadas ao Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da USP de São Paulo. O professor Ailton graduou-se em psicologia durante os anos de 1969 – 1974 e, em 1976, ingressou no Departamento de Psicologia Experimental do Instituto de Psicologia da USP de São Paulo. Orientado pelo Prof. Dr. Arno Engelmann obteve o título de Mestre, em 1982, com a dissertação intitulada: *Julgamento de pessoas desconhecidas*. Posteriormente, neste mesmo ano, no mesmo departamento e com o mesmo orientador, prosseguiu seus estudos, agora em nível de doutorado e obteve o título de Doutor, em 1987, com a tese intitulada: *Julgamento de expressões faciais de emoções*.

Com graduação, mestrado e completando seu doutorado em Psicologia pela USP, Ailton Amélio começou a ministrar aulas na universidade em 1985. No entanto, somente depois de quase duas décadas, o Prof. Ailton se interessou pelo estudo do comportamento amoroso e passou a publicar artigos *Timidez para iniciar um relacionamento amoroso*, em 1998, *Therapie cognitive de l'inhibition amoureuse*, em 1998, *Estilos de amor X estilos de apego: uma relação possível*, em 2003; *Determinação das histórias de amor mais adequadas para descrever relacionamentos amorosos e identificação das histórias de amor que produzem mais identificação, menos identificação e o que as pessoas mais gostariam de viver*, em 2005; *O conteúdo da vida amorosa de estudantes universitários*, em 2006; *O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais contemporâneos*, em 2008; e livros como *O mapa do amor*, em 2001; *Para Viver um Grande Amor*, em 2005 e *Relacionamento amoroso*, em 2009, além de capítulos de livros e participações em congressos que tematizavam o amor como *Pequenos motivos, grandes romances*, em 2002, e *Simulação de flerte e amizade: uma análise perceptivo-auditiva de emissões vocais*, em

2009, capítulos integrantes dos livros *Da sedução ao casamento* e *Laringologia e voz hoje*, respectivamente. Até então, seu principal objeto de estudo era a comunicação não verbal, pesquisa que ampliou para a análise do flerte e, depois, para o amor. De acordo com as próprias palavras do Professor Ailton²:

No início, eu me interessei por comunicação não verbal e, enquanto dava aula de mestrado e doutorado nessa área, percebi que havia pesquisas sobre o estudo do flerte. Resolvi, então, estudar o flerte em novelas e gravações ao vivo. Nessas aulas, os alunos demonstravam muito interesse e eu acabei ampliando o assunto. De duas, fomos para três aulas e, de repente, já estava abordando e pesquisando toda a área de relacionamento amoroso.

Com a aposentadoria do Prof. Ailton Amélio, a Profa. Dra. Jaroslava Varella Valentova, recentemente contratada, em 2015, assume as disciplinas que focam o tema amor e, passou a ministrar em âmbito de graduação, a disciplina *Relacionamento Amoroso: Evolução e Cultura e Atratividade e Sexualidade Humana na Perspectiva Evolucionista*, em âmbito de Pós-graduação, ambas as disciplinas com foco na abordagem evolutiva, integrando perspectivas das ciências humanas e biologia. A Profa. Jaroslava se formou em Artes Liberais e Humanidades, pela Universidade Charles, em Praga (2000-2004) e, desde então, tem se especializado em Etologia Humana. Seu trabalho de conclusão de curso teve como título: *Homossexualidade masculina na perspectiva biológica*. A partir de então, ela continuou a cursar seu mestrado na mesma faculdade no Departamento de Antropologia (2004-2006), no qual defendeu sua dissertação de mestrado intitulada: *O relacionamento entre características de personalidade e aparência em homens homossexuais*. Finalmente, a Profa. Jaroslava realizou seu doutorado no Programa

2

(<http://redeglobo.globo.com/globouniversidade/noticia/2011/10/entrevista-amor-e-o-tema-de-pesquisa-de-ailton-amelio-da-silva.html>)

de Pós-Graduação na mesma faculdade onde realizou o seu mestrado e defendeu a tese intitulada: *Percepção da homossexualidade masculina*. Desde 2015, a Profa. Jaroslava trabalha como Professora Doutora no Departamento de Psicologia Experimental, do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), Brasil onde tem realizado pesquisas e publicado artigos em revistas nacionais e internacionais.

Muito possivelmente em face da recenticidade do estudo científico do amor, a produção acadêmica de textos que tem o amor como tema é escassa comparativamente ao que se publica, por exemplo, nos EUA. Numa busca computadorizada da literatura que trata do amor romântico, realizada pelo primeiro autor deste trabalho, nas bases de dados PSICODOC, PEP- Psychoanalytic Electronic Publishing, Web of Science, Scopus, PePSIC, Scielo, Redalyc, DOAJ, Medline (PubMed), Lilacs e PsycINFO, sem limite de tempo, com os termos *love e romantic love*, com o filtro Brasil, para restringir a pesquisa, verificou-se que o primeiro estudo publicado em periódicos científicos e, que tinha o amor (romântico) como foco, foi *Os componentes do amor e a satisfação* no periódico Psicologia: Ciência e Profissão, em 2003, de autoria do Prof. Dr. José Augusto Evangelho Hernandez em coautoria com a psicóloga Ilka Maria Biasetto de Oliveira. Neste artigo, os autores investigar, por meio de uma amostra de 146 casais heterossexuais as relações entre os componentes do amor, de acordo com o modelo gerado por Critelli, Myers e Loos (1986), a saber: dependência romântica, intimidade comunicativa, excitação física, respeito e compatibilidade romântica e a satisfação. Em suma, os resultados deste estudo permitiram concluir que, nos dados da respectiva amostra, o componente do amor que maior satisfação proporciona em membros de casais consiste na intimidade comunicativa, seguida da excitação física, confirmando a hipótese que os autores testaram de que quando a medida da intimidade comunicativa for elevada para homens e mulheres, haverá um aumento de satisfação para ambos, cuja participação revelou-se bem mais discreta. Até

então, o que se tinha aqui no Brasil eram os esforços de alguns profissionais (e.g. Flávio Gikovate, Maria Helena Matarazzo, Roberto Shinyashiki), geralmente relacionados com a área de autoajuda, que escreveram sobre ciúme, timidez, infidelidade.

Mais recentemente outros pesquisadores, vinculados a diversas instituições, se interessaram por estudar o amor romântico. Um dos pioneiros na área a se doutorar tendo o amor como tema foi o Prof. Vicente Cassepp-Borges com a tese intitulada: *Amor e construtos relacionados: evidências da validade de instrumentos de medida no Brasil*, sob a orientação do psicometrista Prof. Dr Luiz Pasquale, da Universidade de Brasília (UNB), em 2010. Posteriormente, o Prof. Dr. Vicente Cassepp-Borges publicou, na área dos relacionamentos amorosos, outros trabalhos como autor e coautor, *Características psicométricas da relationship assessment scale Sternberg's triangular love scales national study of psychometric attributes* (e, em sua versão nacional *Estudo nacional dos atributos psicométricos da Escala triangular do amor de Sternberg*), em 2012; *Evidências de validade da Escala Triangular do Amor de Sternberg - Reduzida (ETAS-R)*, em 2013, *A redução de itens como uma alternativa para a Escala Triangular do Amor*, em 2014; além de sua participação com trabalhos em congressos científicos e com capítulos de livros publicados que discorrem a respeito do amor como *Amor: múltiplas perspectivas* e *Considerações teóricas e práticas sobre a qualidade em relacionamentos amorosos*, capítulos integrante do livro *Atualização em avaliação e tratamento das emoções*, publicado em 2013. Há de se evidenciar que, anteriormente, o Prof. Vicente Cassepp-Borges já havia começado a se interessar pelo o estudo do comportamento amoroso e, em 2006, defendeu, pela a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), a sua monografia de conclusão de curso intitulada: *Escala triangular do amor de Sternberg no Brasil: tradução, validação de conteúdo e propriedades psicométricas*.

Também nessa época, o Prof. Alexsandro Luiz de Andrade, sob a orientação do Prof. Dr. Agnaldo Garcia, em 2011, concluiu o seu doutorado com a tese, defendida em 2011: *Relacionamentos*

românticos: modelos de qualidade e satisfação em relacionamentos de casal. Posteriormente a essa obra acadêmica, teve a oportunidade de publicar, na área dos relacionamentos amorosos, outros trabalhos como *The association of structural configurations of romantic relationships with beliefs about couple relationships: a social representations study*, em 2011; *Desenvolvimento de uma medida multidimensional para avaliação da qualidade em relacionamentos românticos - Aquarela-R*, em 2012; *Uma breve história das tentativas para medir atributos dos relacionamentos amorosos em língua portuguesa*, em 2013; *Evidências de validade da Escala Triangular do Amor de Sternberg - Reduzida (ETAS-R)*, em 2013; *Configuration and affective consequences of investing in romantic relationships*, em 2013; *Escala de Crenças sobre Amor Romântico: indicadores de validade e precisão*, em 2014 e, no ano de 2012, publicou o livro *Avaliação e medidas psicológicas no contexto dos relacionamentos amorosos*. Têm participado com apresentação de trabalhos em congressos científicos e escrito capítulos de livros que discorrem a respeito do amor como, por exemplo, o capítulo intitulado *Interconexões entre amor, satisfação e qualidade nas relações românticas* que faz parte da obra *Relacionamento interpessoal: temas contemporâneos*, publicado em 2013. A partir desse levantamento é possível verificar que estudos cujo tema principal é o amor vem crescendo gradualmente em nosso país. Embora esta visão do panorama nacional no que se refere ao estudo do amor no Brasil seja sucinta, os autores deste trabalho acreditam que ela corresponda à realidade do que se publica e investiga no país a respeito do amor e de temas correlatos.

CAPÍTULO 3

O CONCEITO DE CONCEITO

De acordo com Ausubel (1963): *O homem vive num mundo de conceitos, não num mundo de objetos, eventos e situações* (p. 1). O que se pode depreender da afirmação em tela é que o ser humano está imerso em um universo de conceitos, não de coisas. No entanto, se perguntarmos para diferentes pessoas, desde o leigo até o acadêmico de nível superior, o que elas entendem por conceito, provavelmente encontraremos respostas tanto díspares, quanto contraditórias (Lomônaco, 2002). Todavia, considerando-se que este estudo tem como objeto investigar o conceito de amor, é fundamental esclarecer o que se entende por conceito e como ele será definido neste trabalho. Afinal, se não compreendermos o que é o conceito, não saberemos como ele se desenvolve, quais as condições mais adequadas para que se possa ensiná-lo e como ele poderá ser compartilhado pelas pessoas de certo agrupamento ou de uma determinada cultura. A definição de conceito no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (Houaiss e Villar, 2009) apresenta onze verbetes, o que, por si só, indica a dificuldade em se definir *conceito*. Vamos, todavia, considerar somente as duas acepções mais próximas ao seu significado psicológico. Quais sejam:

/.../ 9 FIL. representação mental de um objeto abstrato ou concreto, que se mostra como um instrumento fundamental do pensamento em sua tarefa de identificar, descrever e classificar os diferentes elementos e aspectos da realidade 10 LING. noção abstrata contida nas palavras de uma língua para designar as propriedades e características de uma classe de seres, objetos ou entidades abstratas. (p. 510)

Importante observar que essas duas acepções implicam simultaneamente as ideias de generalização, de busca do que é comum a diferentes elementos, de modo a permitir identificações e agrupamentos sob o mesmo nome ou rótulo e, também, a ideia de discriminação, ou seja, do processo de distinguir, separar, colocar à parte certas representações de outras.

Spitzer (1975) em um artigo denominado *Whats is concept?* (O que é um conceito), salienta que:

Parece haver concordância geral entre psicólogos e educadores de que a formação de conceitos é o meio pelo o qual o homem ordena sua experiência; que ele representa algum tipo de agrupamento cognitivo e que ele é extremamente importante na aprendizagem humana. Todavia, afora essas concordâncias, há pouco empenho na literatura em buscar uma definição comum de conceito (p. 1).

Complementarmente aos dizeres deste autor, também Medin (1989) conclui que, em termos de representação de conceitos, não existe consenso entre os estudiosos. Em outras palavras, não dispomos de uma definição de conceito universalmente aceita pelos estudiosos da área.

Independentemente dessa dificuldade, pode-se afirmar, com segurança, que a formação e o desenvolvimento de conceitos ocorrem desde o nascimento e prosseguem durante toda a vida. Provavelmente, em função do seu valor adaptativo para a espécie, o ser humano desenvolveu, desde muito cedo, a capacidade de formar conceitos e de categorizar. É por meio de suas experiências pessoais, do que vê e sente, ou seja, é por meio da aprendizagem que o ser humano forma e modifica os seus conceitos (Flavell, 1976). Assim, cada ser humano vem a pensar de forma singular, vê o mundo à sua volta de forma idiossincraticamente diferente de todos os outros, tem experiências variadas e únicas e, assim, desenvolve-se singularmente durante toda a sua vida. Os seres humanos buscam incessantemente formar conceitos para incluir os objetos, fatos, eventos e pessoas com os quais lidam e, caso não

tenham algum conceito apropriado em seu universo de possibilidades, isto poderá ser causa de ansiedade, pois o indivíduo se defrontará com entidades que é incapaz de identificar.

Não obstante as muitas divergências entre os vários estudiosos do processo de formação de conceitos há um aspecto em que todos (ou quase todos) concordam. Qual seja, conceito é uma forma ou tipo de representação mental. Há uma grande concordância entre os estudiosos em admitir que um conceito é formado quando o indivíduo, a partir de suas experiências/vivências, elabora uma representação mental capaz de abranger todos os exemplos de uma categoria (Lomônaco, 1997).

Importante salientar, antes de prosseguirmos em nossa análise, a importância de distinguir entre os termos *conceito* e *categoria* ou classe, frequente e erroneamente empregados como sinônimos. Consoante um entendimento que vem se formando entre os estudiosos da área entende-se por conceito um tipo específico de representação mental que possibilita ao organismo reduzir a complexidade do ambiente no qual está inserido (sendo esta, talvez, a sua função mais importante), enquanto o termo categoria refere-se ao conjunto de membros representados ou abrangidos pelo conceito. Nas palavras de Goldstone (2003): *O conceito cão refere-se a qualquer entidade psicológica que exprima pensamentos sobre cães. A categoria cão consiste em todas as entidades do mundo real que são apropriadamente classificadas como cães. Ou, como exemplificado por Lomônaco et al. (2000): quando empregamos o rótulo gato, estamos nos referindo a uma representação mental de uma espécie de animal; quando falamos da categoria gato, estamos nos referindo ao conjunto de todos os gatos abrangidos por este conceito. A implicação direta desta distinção é a de que pensamos com conceitos, não com categorias.*

De acordo com Cazeiro (2013): *O processo de categorização ocorre por meio da comparação de um objeto, evento ou pessoa com uma representação mental armazenada na memória, ou seja, com um conceito previamente formado* (p. 48). Lakoff (1987) salienta que não existe nada mais basilar do que a dinâmica da categorização para o nosso

pensamento, para a nossa percepção, para a nossa ação e para a nossa fala. Consequentemente, pode-se observar que o processo de categorização ocorre a todo o momento, na medida em que as pessoas são diárias e frequentemente expostas a diferentes tipos de estímulos em seu cotidiano e devem decidir quais elementos podem ser incluídos ou devem ser excluídos como componentes de uma categoria uma vez formada (Lin e Murphy, 1997). Markman (1989) esclarece que a formação de categorias é um processo simplificador primordial para a interação do indivíduo com o ambiente: não apenas por facilitar o armazenamento e a recuperação da informação, mas, também, por reduzir a demanda da memória humana. Para (Medin e Ross, 1996), as funções da categorização, de acordo com a perspectiva cognitiva são: (a) classificar, que é a função que possibilita que a mente realize sua interação com o entorno; (b) dar suporte a explicações e garantir um grau de previsibilidade em relação ao futuro, o que pode ser utilizado para selecionar estratégias e comportamentos; e, (c) apoiar, do ponto de vista cognitivo, a mente, pois se torna desnecessário reter e estocar todos os fatos e suas possibilidades, se as inferências podem ser derivadas de informações previamente armazenadas. Consequentemente, a partir da estruturação conceitual cognitiva, organizam-se os pensamentos, os sentimentos e o comportamento humano. Adicionalmente, a formação de conceitos possibilita o conhecimento e a exploração do mundo sensível, pois emancipa os seres humanos do contexto perceptual imediato, tornando possível que se vá além das impressões sensoriais e concretas para refletir a realidade de forma racional e abstrata (Cavalcanti, 2005).

Uma maneira efetiva de dar-se conta da enorme importância dos conceitos para o desenvolvimento cognitivo do ser humano é considerar algumas das funções que ele desempenha em nossa vida mental. Autores como Bruner, Goodnow e Austin (1956) e Klausmeier (1992) dentre muitos outros, arrolam as seguintes funções (que, não obstante, não esgotam a totalidade de funções desempenhadas pelos conceitos):

(1) Redução da complexidade ambiental

Quando um indivíduo forma um conceito de algo, ele passa a tratar coisas diferentes como se fossem equivalentes, concentrando-se sobre aspectos ou atributos que possibilitam incluir exemplos dentro de uma categoria e excluir não exemplos da mesma. Ou seja, o indivíduo passa a considerar coisas diferentes como se fossem equivalentes, sem se perder em pormenores e/ou em suas particularidades idiossincráticas.

Autores como Smith e Medin (1981) destacam que a vida psíquica seria caótica sem os conceitos, pois seria necessário lidar com os diferentes elementos com os quais o ser humano entra em contato de forma individual e exclusiva, o que sobrecarregaria demasiadamente o sistema cognitivo do ser humano, tornando-o um sistema muito pouco econômico, pois, seria necessário que cada objeto fosse considerado singularmente, multiplicando enormemente o número de vocábulos ou termos da linguagem e, conseqüentemente, dificultando ou, até mesmo, inviabilizando a comunicação.

Um exemplo extremamente ilustrativo desta função dos conceitos nos é dado no livro *A Study of Thinking* (Um estudo do pensamento), publicado originalmente em 1956, de autoria de Jerome Bruner, Jaqueline Goodnow e George Austin. Neste texto, os autores afirmam que o ser humano tem a capacidade de discriminar perceptualmente mais de seis milhões de cores e, no curso de uma ou duas semanas, entra em contato com uma razoável quantidade delas. Se as pessoas não tivessem a capacidade de agrupar ou categorizar essa enorme complexidade e diversidade de estímulos em apenas uma dezena de rotulações de cores, e precisassem responder singularmente a cada uma dessas tonalidades, talvez uma vida inteira não fosse suficiente para que elas aprendessem apenas o léxico que designa todas essas gradações de cores.

Da mesma forma, toda a grande variedade de sabores é comumente reduzida a apenas quatro categorias: salgado, doce, ácido e amargo. Similarmente, as pessoas conseguem sentir

milhares de odores diferentes, mas essa complexidade pode ser agrupada em um pequeno número de rótulos. Nas palavras de Bruner, Goodnow & Austin (1967), esta redução da complexidade ambiental é possibilitada pela capacidade do ser humano de categorizar, que ele define como a capacidade de ... *tornar equivalente coisas discriminavelmente diferentes, agrupar objetos e eventos que nos rodeiam em classes, e responder a eles em função de sua inclusão como membros de uma classe e não como entidades particulares* (p. 9). Em suma, é o processo de formação de conceitos que permite ao ser humano não se tornar escravo do particular e interagir com o meio ambiente desconsiderando a enorme complexidade e diversidade que lhe são inerentes.

(2) Identificação de objetos, eventos e pessoas que nos circundam

Uma vez que o indivíduo tenha formado seus conceitos e suas correspondentes categorias, ele poderá identificar rapidamente um novo objeto, evento ou pessoa com que se deparar. Por exemplo, alguém que tenha um conceito bem formado sobre *arte moderna* não deverá ter dificuldade em categorizar uma pintura com a qual é apresentado como pertencente ou não à categoria em apreço. Interessante observar que esta função é tão significativa em nossa vida cotidiana que, numa situação em que uma pessoa se depara com algo que não pode identificar, na qual não possua um termo em seu vocabulário para rotulá-la, poderá reagir com sentimentos de medo ou apreensão e/ou criar uma categoria pobremente delimitada, ou seja, pouco discriminativa. Para o ser humano parece preferível ter uma categoria “frouxa”, mal definida a nenhuma categoria. Um exemplo típico deste tipo é a categoria OVNI's para designar objetos voadores não identificados. A que ela se refere? Quais as características dos objetos por ela abrangidos? Ainda que não possamos identificar suas características ou atributos definidores, parece mais “confortável” e menos aterrorizador para o ser humano dispor de uma categoria que possa agrupar exemplos tão díspares.

(3) Redução da necessidade de aprendizagem constante

Uma vez formado o conceito de algo, não é preciso reaprendê-lo a cada vez que entrarmos em contato com um novo exemplar deste algo. Se uma pessoa for capaz de discriminar entre classes de diferentes elementos e de generalizar dentro de uma mesma classe de coisas, ele terá aprendido o conceito. Se um especialista tiver dominado as especificidades ou diferenças entre *cobras venenosas* e *cobras não venenosas*, isto é, se tiver formado os conceitos correspondentes, não precisará reaprender as características diferenciadoras cada vez que se deparar com uma serpente. Bastará evocar seus conceitos para tomar uma decisão. Daí a enorme importância do processo de ensino e aprendizagem na formação de nossos conceitos, papel tradicionalmente exercido nas sociedades modernas pelo ensino formal. Parte substancial das críticas aos sistemas escolares decorre do fracasso do aluno em aprender e/ou do professor em ensinar conceitos de maneira adequada. Conceitos não formados ou inadequadamente formados inibem e/ou prejudicam sensivelmente a aprendizagem de novos conceitos dos quais eles são requisitos.

(4) Orientação da atividade instrumental

Outra importantíssima função dos conceitos é que ele dirige ou orienta nossa atividade instrumental. A decisão sobre como agir diante de um objeto ou situação está relacionada ao conceito que se tem deste objeto ou situação. Por exemplo: se uma pessoa recebe a informação de que determinado tipo de cobra é peçonhenta e conhece o conceito de peçonha ou veneno, ela poderá evitar a aproximação desse tipo de ofídio sem ter de passar pela experiência de ser picado para descobrir que ele é venenoso. Outro exemplo ilustrativo: se soubermos que uma determinada pessoa é *desonesta*, nosso comportamento em relação a ela será sensivelmente diferente do que apresentariamos diante de outra pessoa que categorizamos como *honesta*. A uma pessoa honesta poderemos emprestar dinheiro (se tivermos ou quisermos); a uma

desonesta é bastante provável que recusemos seu pedido de empréstimo.

Pode-se dizer com razoável segurança que existe consenso entre os estudiosos da área no tocante às funções desempenhadas pelos conceitos em nossa vida mental. Como visto anteriormente, outro aspecto em que parece haver total concordância entre os especialistas é o de considerar o conceito como uma representação mental. A partir daí começam as divergências. Talvez o ponto de discordância mais significativo entre os autores seja explicitar a forma que assume esta hipotética representação mental. Seria ela similar a uma definição, a um protótipo, a um exemplar ou a uma rede? Na tentativa de responder a esta questão surgiram as diferentes teorias sobre conceitos, a seguir consideradas.

3.1 Teorias sobre a formação de conceitos

Uma vez que os conceitos são aceitos como uma representação mental, a forma de conceber esta representação é o que vai diferenciar cada uma das teorias propostas para descrever e explicar o processo de formação de conceitos. Um apanhado de ideias sobre a noção de conceito foi realizado por Lomônaco (1997), em sua tese de Livre Docência intitulada: *A natureza dos conceitos: visões psicológicas*. Nesse trabalho, o autor analisa quatro teorias ou visões (como são comumente designadas) acerca dos conceitos como as mais representativas das tentativas de explicar o processo de formação de conceitos: a visão clássica, a visão prototípica ou probabilística, a visão dos exemplares e a visão teórica, sendo esta última, a mais recente. Dentre essas, a visão teórica é a abordagem que embasa este trabalho. Em virtude disso, as três primeiras teorias serão apresentadas de forma mais sucinta e a visão teórica de forma mais detalhada.

3.1.1 *A visão clássica*

A primeira das teorias relacionadas ao processo de formação de conceitos, que veio a ser posteriormente denominada visão clássica, predominou por mais de dois mil anos na Filosofia e cerca de meio século na Psicologia e tem como fundamento teórico a lógica aristotélica. Resumidamente, a principal característica da visão clássica é a pressuposição da existência de atributos definidores necessariamente comuns a todos os elementos de uma categoria, sejam eles coisas, pessoas, estados ou eventos (Lomônaco, Paula, Mello, & Almeida, 2001). Segundo Lomônaco, Cazeiro e Ferreira (2006):

Por meio do isolamento dos atributos comuns o sujeito forma uma representação, que é o próprio conceito. Ao conjunto de coisas abrangidas pelo conceito dá-se o nome de categoria. Por exemplo, pelo fato de entrarmos em contato com uma grande diversidade e variedade de seres vivos, vamos gradualmente percebendo similaridades e diferenças entre eles. Em função de tais similaridades ou atributos comuns, criam-se representações mentais que irão se constituírem em conceitos tais como animais, vegetais, cães, gatos, papagaios, árvores, flores, bactérias etc. (p. 86).

Ou seja, os membros que fazem parte de uma categoria são unicamente aqueles que apresentam as características necessárias e suficientes para defini-la; os que não as exibem são considerados como não membros. Este modelo teórico explicita claramente as características que devem necessariamente fazer parte da representação do conceito. Consequentemente, as fronteiras entre os conceitos estão claramente definidas. Não existem casos limites ou duvidosos; não há nenhum exemplo ou representante mais ou menos representativo da categoria, uma vez que todos os membros partilham exatamente dos mesmos atributos.

O primeiro estudo experimental sobre a formação de conceitos foi publicado por Clark Hull, em 1920, dentro do referencial da teoria psicológica behaviorista e pretendeu

demonstrar que um conceito consiste de características comuns a um grupo de estímulos. Diversos cartões impressos com 144 pseudoideogramas chineses eram apresentados a universitários norte-americanos, não familiarizados com esse tipo de estímulo/material, que deveriam aprender o nome de todos eles. Apesar de diferentes, os ideogramas eram reunidos em doze grupos; em cada grupo havia 12 cartas contendo ideogramas com um nome e um radical comum, que possibilitavam a sua identificação. Primeiramente, o sujeito via um caractere chinês e tentava adivinhar o seu nome, por exemplo, “yer”. Em seguida, o experimentador fornecia o nome correto e, assim, sucessivamente. Os caracteres que continham o mesmo radical sempre recebiam o mesmo nome, de maneira que, depois de vários pacotes de caracteres, os participantes desse estudo melhoravam seu desempenho na tarefa de reconhecimento dos ideogramas até, finalmente, nomear adequadamente caracteres novos, não vistos antes. Os resultados mostraram que, embora nem todos os sujeitos fossem capazes de identificar o radical comum e nomear corretamente a categoria, todos eles conseguiam agrupar corretamente grande parte dos cartões (Hull,1920).



Figura 56. Clark Leonard Hull, psicólogo americano, autor do primeiro estudo experimental sobre a formação de conceitos. (Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Clark_L._Hull)

Nome	Conceito	Pacote I	Pacote II	Pacote III	Pacote IV	Pacote V	Pacote VI
oo	✓	律	沛	泳	沱	洑	湊
yer	古	殂	殒	殄	殆	殒	殒
li	力	勛	勳	勳	勳	勳	勢
ta	弓	弧	弧	中	弗	瓏	鈔
deg	石	砗	砑	砑	砑	砑	砑
ling	穴	宀	宀	宀	宀	晃	窖

Figura 57. Caracteres utilizados por Hull (1920) em seu estudo pioneiro sobre a formação de conceitos. (Fonte: [https://books.google.com.br/books?id=sM4ZMClj6O4C&pg=PA383&lpg=PA383&dq=%22Hull+\(1920\)%22ling&source=bl&ots=IuN7dn9YMS&sig=O2a5811lrkxFQcbRAEbVIZ5vRr0&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwisv8PFyK7aAhUMH5AKHTc kB4wQ6AEIOjAH#v=onepage&q=%22Hull%20\(1920\)%22ling&f=false](https://books.google.com.br/books?id=sM4ZMClj6O4C&pg=PA383&lpg=PA383&dq=%22Hull+(1920)%22ling&source=bl&ots=IuN7dn9YMS&sig=O2a5811lrkxFQcbRAEbVIZ5vRr0&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwisv8PFyK7aAhUMH5AKHTc kB4wQ6AEIOjAH#v=onepage&q=%22Hull%20(1920)%22ling&f=false))

A partir desse tipo de estudo, desenvolveu-se uma tradição de teoria e pesquisa que veio, posteriormente, a ser denominada *visão clássica*. É importante salientar que o rótulo “visão (ou concepção) clássica” só recebeu esta denominação depois que outra concepção de conceitos foi elaborada (a visão prototípica), uma vez que, até então, a visão clássica era a única teoria existente e seus pressupostos eram entendidos como óbvios, evidentes e não questionados.

Um bom resumo das características definidoras da visão clássica é elencado por Smith e Medin (1981) no livro *Categories and Concepts*. São elas:

- (1) as categorias são arbitrárias. Os elementos que a constituem podem ser agrupados em um grande número de maneiras e as pessoas podem aprender a identificar ou formar essas categorias definidas pela sua cultura, pois nada no mundo ou em nosso sistema nervoso determina como devemos distribuir em grupos essas observações;
- (2) as categorias têm atributos definidores ou críticos. Todos os membros de uma categoria compartilham destes atributos definidores, nenhum não membro compartilha deles, e não há sobreposição entre membros e não membros;
- (3) a intensão (ou conjunto de atributos) determina a extensão de uma categoria (quais itens são membros). De forma que não faz sentido falar que uma categoria tem uma estrutura interna, com alguns itens se destacando como membros melhores do que outros itens.

A partir de tais características, Smith e Medin (1981) derivam três implicações das mesmas. *São elas:*

- (1) a representação dos conceitos consiste numa descrição sumária de toda uma classe ou categoria. Como tal, aplica-se ou refere-se a todos os membros de uma categoria, mas não é uma representação de nenhum deles em particular. Por exemplo, o conceito ou representação de *gato* aplica-se a todos os gatos que existiram, existem ou virão a existir, mas não a nenhum gato específico (por exemplo, meu gatinho branco, da raça himalaio, cujo nome é Bimbo);
- (2) os atributos definidores de um conceito são individualmente necessários e conjuntamente suficientes para defini-lo. Por exemplo, qualquer figura fechada que possua três lados e três ângulos é necessariamente um *triângulo*. Observe no exemplo citado que a presença conjunta de três lados e três ângulos, aliada ao fato de ser uma figura fechada, implica necessariamente em categorizá-la como triângulo. Ou seja, não existe possibilidade de que ela possa ser classificada de outra maneira;

- (3) quando os conceitos são agrupados numa taxionomia dos mais gerais (supra ordenados) para os mais específicos (subordinados), os conceitos menos gerais partilham de todos os atributos definidores dos conceitos supra ordenados ao lado dos atributos que os especificam. Por exemplo, uma orquídea (subconjunto do conceito *flores*) partilha de todos os atributos definidores do conjunto mais geral *flores*, assim como de outros conjuntos ainda mais gerais tais como *plantas* e *seres vivos*.

Apesar de a visão clássica ter tido uma grande importância na área de estudos de conceitos, dentro e fora da Psicologia, seus pressupostos sofreram várias críticas ao longo dos anos. Como anteriormente considerado, a visão clássica perdurou por mais de meio século na Psicologia. Não obstante esta hegemonia temporal, ela apresenta limitações teóricas que foram sendo gradualmente identificadas e explicitadas na medida em que novos estudos eram realizados nesta área de conhecimentos. Lomônaco, Caon, Heuri, Santos e Franco (1996), baseado em Smith e Medin (1981), arrolam três limitações importantes da visão clássica, quais sejam:

- *Dificuldades em especificar os atributos definidores da maioria dos conceitos naturais.* Apesar da possibilidade da teoria clássica poder definir precisamente diversos conceitos, notadamente os de carácter científico, logo se verificou que a maioria dos conceitos cotidianos não obedece aos princípios norteadores desse modelo. A dificuldade em especificar os atributos definidores de um conceito evidencia que existem outros fatores ligados à formação de conceitos, que não apenas a identificação de características comuns. Não é difícil dar-se conta de que a falta de um ou mais dos postulados atributos definidores de determinado conceito não impede que deixemos de identificar um exemplo como pertencente à categoria. Consideremos, por exemplo, “cão” e alguns dos seus supostos atributos definidores: “latir”, “ter o corpo coberto de pelos” e “ter quatro patas”, dentre outros. Pois

bem, mas se um cão por acaso não latir (isto pode ser uma característica de sua raça), não tiver o seu corpo coberto de pelos (em face de algum problema dermatológico) ou ainda, não tiver uma das quatro patas (devido a um acidente), ele não deixará de ser um cão. Em outras palavras, nenhum desses supostos atributos definidores, isolada ou conjuntamente, impede que venhamos a categorizar este pobre animal como “cão”. Basta este singelo exemplo para questionar fortemente um dos pilares da visão clássica: a necessidade de atributos definidores na representação e definição de conceitos.

- *A existência de exemplos cuja inclusão na categoria é incerta ou duvidosa.* Alguns objetos e eventos dificilmente podem ser incluídos em uma só categoria por não apresentarem limites bem definidos. Por exemplo: “Xadrez” é um jogo ou um esporte? “Bicicleta” e “patins” são meios de locomoção ou são brinquedos? “Gravata” é uma vestimenta ou um acessório? “Faca” é um objeto culinário ou uma arma? “Tomate” é um fruto ou uma verdura? Estes poucos exemplos servem para ilustrar o fato de que existem categorias cujo limite entre o que deve ser nela incluído ou dela excluído é vago ou duvidoso, o que contraria a suposição da visão clássica de limites bem definidos entre as categorias.
- *A diferente representatividade dos membros de uma categoria.* Afirmar simplesmente que quaisquer exemplos de uma categoria a representam igualmente bem, não parece adequar-se à nossa percepção imediata, tampouco à realidade, posto que determinados exemplos de um conceito parecem ser realmente mais representativos do que outros. Por exemplo, “maçã”, “pera”, “banana”, “pêssego”, “laranja” e “uva” intuitivamente nos parecem mais representativas do conceito de fruta do que “pitaia”, “jaca”, “atemoia”, “abil”, “tamarindo”, “rambutão” ou mesmo “lichia”. Ou seja,

intuitivamente pode-se perceber que alguns membros das categorias a representam melhor do que outros, ou são melhores exemplos do conceito, o que, mais uma vez, contraria frontalmente os pressupostos da visão clássica.

Em suma, o que se pode depreender dessas críticas é que a visão clássica parece se prestar adequadamente para explicar a formação de conceitos claramente definidos, como os conceitos matemáticos e científicos, em que os atributos comuns necessários e suficientes podem ser facilmente identificados ou são claramente explicitados. Contudo, no que se refere a conceitos naturais, ou seja, aqueles com os quais as pessoas lidam na vida cotidiana e são aprendidos naturalmente, sem instrução formal, a visão clássica apresenta várias limitações ao tentar analisar seu processo de formação. Ou seja, pode-se afirmar que o modelo clássico não explica adequadamente a formação de todos os tipos de conceito. Pode muito bem ser que alguns conceitos pareçam não ter atributos definidores.

Outra limitação da visão clássica, citada por Klausmeier (1992), é que ela considera somente os atributos intrínsecos para a definição de um conceito. Os atributos intrínsecos são as propriedades invariantes de algo observável ou que pode ser tipicamente evidenciado. Segundo este autor, nem todos os conceitos podem ser caracterizados precisamente em termos de atributos intrínsecos, pois, concomitantemente existem atributos funcionais e relacionais importantes para dada definição ocorrer. Um atributo funcional refere-se ao modo como algo funciona e para o que é utilizado, enquanto um atributo relacional diz respeito às relações entre dois ou mais itens.

Em face destas e de outras críticas às limitações da visão clássica, feitas por diferentes autores, ela passou a ser seriamente questionada. Mas, foi somente a partir do trabalho de Eleanor Rosch, a partir da década de 60 do século passado, que os conceitos passaram a ser vistos de outra forma, o que gerou um novo corpus teórico que veio a ser conhecido como visão prototípica.

3.1.2 A visão prototípica, probabilística ou natural

A visão prototípica, também denominada de probabilística ou natural (por razões que se espera fiquem claras na exposição subsequente), foi uma reação aos problemas gerados pela visão clássica, mormente a suposição da existência de atributos definidores necessários e suficientes na representação mental dos conceitos. Tal questionamento foi possibilitado principalmente, ainda que não exclusivamente, pelos trabalhos de Eleanor Rosch e colaboradores, realizados nas décadas de 60 e 70 do século passado.



Figura 58. Eleanor Rosch, psicóloga americana. Uma das principais criadoras da Teoria Prototípica dos conceitos (Fonte: <https://psychology.berkeley.edu/people/eleanor-h-rosch>)

Os princípios norteadores da visão prototípica são bem sintetizados por Eysenck e Keane (1990) e são abaixo apresentados.

- (1) Os conceitos têm uma estrutura de protótipo; o protótipo ou é uma coleção de atributos característicos ou o melhor exemplo (ou exemplos) do conceito;
- (2) Não há um conjunto de atributos necessários e suficientes para determinar a pertinência a uma categoria; na realidade, pertencer a uma categoria depende geralmente de o objeto possuir algum conjunto de atributos não essenciais e

- característicos que são considerados mais típicos ou representativos de uma categoria do que outros;
- (3) Os limites das categorias são vagos ou incertos a ponto de alguns itens poderem pertencer a outras categorias (por exemplo, tomate como “fruta” ou como “vegetal”);
 - (4) Os exemplos de um conceito são ordenados em função do seu grau de tipicidade ou representatividade, ou seja, existe um gradiente de tipicidade ou representatividade entre os exemplos que fazem parte de uma categoria.
 - (5) A pertinência (“pertencimento”) à categoria é determinada pela semelhança dos atributos de um objeto ao protótipo da categoria, seja o protótipo representado por atributos característicos ou por um exemplar da categoria. (p. 235)

Como salienta a caracterização acima, a concepção prototípica, diferentemente da clássica, atribui aos conceitos uma natureza contínua, gradual, de tal forma que, para cada conceito, existem representantes mais ou menos típicos, e não é nítida a linha que separa os exemplares dos não exemplares de um conceito, pois sempre podem existir casos limítrofes. Nas palavras de Rosch (1973): *As categorias são compostas de um “significado nuclear” que consiste dos “casos mais claros” (melhores exemplos) da categoria, “circundados” por outros membros de similaridade decrescente em relação ao significado nuclear* (p. 112). Como a concepção clássica, a prototípica identifica conceitos com conjuntos de propriedades; entretanto, nesta, as propriedades que constituem os conceitos não são nem necessárias e nem suficientes.

Em resumo, a visão prototípica pressupõe que o conceito é formado pela abstração dos atributos que ocorrem com maior frequência entre os membros de uma categoria e não mais pelos elementos comuns como pensa a visão clássica. Ao interagirmos com vários exemplos de uma categoria, abstraímos os atributos que observamos com mais frequência e, com eles, formamos uma representação mental que constitui o protótipo da categoria. Outra

forma de entender o protótipo é considera-lo como uma representação sumária das características mais comuns à categoria (Cabral, 2011). É por meio do protótipo que o indivíduo inclui ou não um item à categoria, de acordo com a proximidade ou similaridade em relação ao protótipo. Em outras palavras, quanto mais similar ao protótipo, mais representativo será o exemplo e maior a sua probabilidade de ser considerado como pertencente à categoria representada pelo protótipo. Por outro lado, quanto menos similar ao protótipo em questão, menor a probabilidade de integrar a categoria. Como se pode depreender, os integrantes de uma categoria estariam dispostos em um *continuum* em função do seu grau de representatividade: quanto mais similar ao protótipo, mais representativo será um membro da categoria.

Importante ressaltar que o conceito, na visão prototípica, é dinâmico e mutável no decorrer da vida de um indivíduo. Uma vez que o protótipo é formado a partir das experiências das pessoas com exemplos da categoria, o protótipo pode se alterar à medida em que novos exemplares forem encontrados (Klausmeier, 1992). Da mesma forma, é fácil intuir que os protótipos formados são diferentes nas diferentes culturas. Em nosso meio, é razoável supor, por exemplo, que os exemplo mais típicos ou representativos de frutas sejam diferentes nas regiões sul/sudeste, nordeste, norte e centro-oeste, em face da grande diversidade e frequência de árvores frutíferas típicas de cada região.

Cabe perguntar, enfim, qual o elemento aglutinador que leva à formação de protótipos. Rosch (1978) salienta que é a circunstância de que, no mundo real os atributos não se distribuem ao acaso, mas se apresentam naturalmente correlacionados. Conforme explicita Lomônaco et al. (2002):

(...) A suposição central da visão prototípica é a de que os atributos ou características não se distribuem de forma aleatória no mundo real, mas se apresentam correlacionados. Assim, por exemplo, a presença de bicos e penas em aves é mais comum do que a de pelos e

bocas. Consequentemente, na formação do protótipo de ave, os dois primeiros atributos terão precedência sobre os dois últimos. (p. 86).

Não obstante a visão prototípica tenha conseguido dar conta de várias das limitações atribuídas à visão clássica, logo ficou claro que também ela apresenta limitações, as quais não passaram despercebidas e foram questionadas por vários estudiosos da área, principalmente a partir da década de 80 do século passado. Lomônaco (1997) apresenta algumas delas:

- (1) *A visão prototípica desconsidera demasiadas informações presentes nos conceitos.* A visão prototípica supõe que o conceito representa apenas as informações referentes às tendências centrais (médias e/ou modas). Todavia, é intuitivamente óbvio que as pessoas também são sensíveis às correlações entre os atributos de um conceito. Smith e Medin (1981) dão o seguinte exemplo para ilustrar este aspecto: consideremos dois possíveis atributos na representação do conceito de “ave” - “cantar” e “pequeno”. Na vida real estes dois aspectos são correlacionados uma vez que é mais provável que aves pequenas cantem do que aves grandes. No entanto, a visão prototípica não representa esta relação entre os atributos. E podemos muito bem supor que as pessoas usem esta informação sobre a correlação na sua representação conceitual. E este é apenas um exemplo de como informações presentes nos conceitos não são devidamente consideradas. Outros tipos de informações, tais como os referentes à variabilidade dos atributos também poderiam ser mencionadas, mas, para nosso propósito é suficiente este exemplo.
- (2) *A visão prototípica não explica adequadamente a formação de conceitos complexos a partir dos mais simples.* Na visão clássica, os conceitos complexos são explicados pela junção dos atributos comuns necessários e suficientes de cada um dos conceitos simples. Uma vez que a visão prototípica não admite esse tipo de atributo, como explicar a formação de

conceitos complexos tais como *galo de briga*, *floresta tropical*, *homem rico* etc.? Se os conceitos complexos não se originam dos simples, como eles se formam? Uma possível explicação é a de que eles constituiriam outros protótipos, o que estaria perfeitamente de acordo com a visão dos protótipos. Porém, tal explicação parece pouco viável à luz do que se conhece sobre o funcionamento do nosso sistema cognitivo, que se pauta pela economia, pela preocupação em não sobrecarregar o sistema com excesso de informações. No exemplo, em tela, teríamos de admitir que o conceito de *homem* implicasse um protótipo; o de *homem rico*, outro protótipo; o de *homem rico e inteligente* ainda outro protótipo, o de *homem rico, inteligente e sedutor* também outro protótipo e, assim sucessivamente, aumentando em muito o número de protótipos e sobrecarregando o nosso sistema cognitivo. Além disto, este tipo de suposição implica em admitir que a existência de conceitos simples em nada favorece a formação de conceitos complexos, tal como tem sido comumente e intuitivamente aceito por diferentes teorias de conceitos e, até mesmo, pelo senso comum.

- (3) *A visão prototípica não explica os efeitos de tipicidade/representatividade para as mais diversas categorias.* Lomônaco (1997), com base no estudo de Barsalou (1987) sobre categorias fundamentadas em objetivos (*goal-derived categories*), elenca outra limitação da visão prototípica. Neste tipo de categoria, pelo menos, a prototipicidade parece estar muito mais ligada a um ideal ou objetivo do que à frequência de atributos correlacionados. Por exemplo, no caso da categoria *alimentos adequados numa dieta para perda de peso*, é o baixo índice de calorias (ideal) que determina a prototipicidade e não à similaridade a uma média. Assim sendo, é possível agrupar itens tão dissimilares fisicamente quanto *alface*, *barra de cereais* e *leite desnatado* nesta categoria sem causar qualquer estranheza. De que forma a visão

prototípica pode explicar esse fato, uma vez que ela se fundamenta na similaridade para explicar a formação do protótipo? Certamente tais casos colocam grandes dificuldades interpretativas a esta explicação do processo de formação de conceitos.

- (4) *A visão prototípica não leva em conta os efeitos do contexto.* A visão prototípica trata os conceitos como independentes do contexto no qual eles estão inseridos, contrariando evidências de um grande número de estudos que demonstram inequivocamente que o significado de um item varia sistematicamente em função do contexto de que ele faz parte. Por exemplo, *sungas e biquínis* são roupas típicas no contexto de alguns ambientes, por exemplo, em praias, mas não em outros. *Cama* é considerada um mobiliário mais típico de um quarto de dormir do que sofá. Como exemplifica Medin e Goldstone (citado por Eysenck, 1991), *harmônica* é um instrumento musical típico no contexto de um conjunto de música sertaneja, mas não o é no contexto de uma orquestra sinfônica. A visão prototípica parece não ser capaz de explicar os efeitos contextuais sobre a tipicidade dos itens das categorias, a não ser que postule um protótipo específico para cada contexto, o que a tornaria inviável, uma vez que os contextos são inúmeros e os protótipos tenderiam ao infinito. Ou seja, da mesma forma que a limitação 2, anteriormente apresentada, esta “solução” sobrecarregaria em demasia nosso sistema cognitivo, tornando esta visão de conceitos muito pouco econômica.

Na verdade, algumas outras limitações têm sido apresentadas pelos estudiosos da área. As que foram apresentadas destinaram-se apenas a ilustrar algumas inadequações da visão de protótipos. O leitor interessado em aprofundar-se no assunto poderá consultar o trabalho de Lomônaco (1997), no qual outras limitações são consideradas.

Uma tentativa de levar em conta as limitações da visão prototípica resultou na postulação de outra teoria de conceitos: a visão dos exemplares.

3.1.3 A visão dos exemplares

De acordo com a visão dos exemplares, as categorias são representadas por seus exemplos individuais, ao invés de o serem de forma sumária como num protótipo, englobando a categoria como um todo. Em outras palavras, na visão dos exemplares, o indivíduo usa um ou alguns exemplos individuais como representativos das categorias. Assim, um professor que, ao longo de sua vida profissional, tenha encontrado muitos alunos estudiosos, acabará tomando um ou alguns alunos estudiosos como representante(s) da categoria *bom aluno*. E, uma vez selecionado, um ou alguns exemplos, este (s) passará (ão) a representar o conceito de "bom aluno". De maneira similar ao que ocorre na visão prototípica, novos itens serão incluídos ou excluídos da categoria em função da similaridade com exemplos da categoria previamente armazenados. Portanto, os modelos de exemplares (existe uma diversidade de modelos) têm em comum a ideia de que a categorização de um exemplo implica na comparação desse item com um ou mais exemplares selecionados como representativos(s) da categoria previamente armazenados em sua memória. Se o item for similar a um ou a alguns dos exemplos armazenados, ele será incluído na categoria; se não o for, será excluído. Alguns autores consideram como uma vantagem da visão dos exemplares em relação à concepção prototípica o fato de os exemplares serem portadores de informações sobre todo o conjunto de valores de um atributo, bem como sobre todas as correlações entre propriedades.

Embora possa ser sugerido ou sejamos tentados a considerar a visão dos exemplares como uma mera variante ou derivação da concepção prototípica, alguns autores que estudam o processo de formação de conceitos, tais como Smith e Medin (1981),

acreditam ser importante apresentá-la separadamente, uma vez que essa visão caracteriza conceitos de forma diferenciada das duas abordagens apresentadas anteriormente.



Figura 59. Edward E. Smith, um dos críticos da teoria prototípica da formação dos conceitos. (Fonte: <https://www.psychologicalscience.org/observer/remembering-edward-e-smith-2>)

De acordo com Smith e Medin (1981), podemos ressaltar as seguintes especificidades dessa visão conceitual. Quais sejam:

- (1) Os exemplares típicos ou representativos são aqueles que compartilham um número significativo de propriedades ou atributos com demais exemplos do conceito, ou seja, exemplares cujo escore de semelhança atinja ou exceda algum escore estabelecido como critério;
- (2) Todos os exemplares que representam o conceito (chamados exemplos típicos) são recuperados e permanecem disponíveis para comparação quando da decisão sobre a inclusão de um novo item na categoria;
- (3) O item será considerado como membro de um conceito se, e apenas se, puder ser suficientemente emparelhado a, pelo menos, um exemplar. A expressão suficientemente emparelhada significa que uma soma criterial de

características ponderadas deve ser atingida para que o item seja incluído na categoria.

- (4) Um item X será incluído na categoria Y se, e apenas se, X evocar um número criterial de exemplares de Y, ao invés de evocar um número criterial de exemplares de qualquer conceito contrastante. Tal evocação é uma função direta da similaridade entre X e esse exemplar. Portanto, quanto maior a similaridade do item aos exemplares armazenados do conceito e quanto maior sua diferença dos exemplares armazenados de conceitos contrastantes, mais precisa será a sua caracterização.

Em suma, como se pode claramente inferir, a visão dos exemplares fundamenta-se no fator similaridade. Ou seja, da mesma forma que as visões clássica e prototípica, ela é também uma teoria que busca na similaridade o critério para incluir ou excluir itens na categoria.

Similarmente às outras visões anteriormente apresentadas, também a visão dos exemplares apresenta limitações, sendo a principal delas a de que é uma teoria muito pouco econômica. De acordo com Nunes (2004), se os conceitos tivessem que ser representados por exemplos individuais, em lugar de se tratar de uma única representação mental geral, estaríamos, de um lado, restringindo muito a capacidade da abstração humana e, de outro, multiplicando incommensuravelmente o número de conceitos que a pessoa deve formar no seu desenvolvimento cognitivo. Se, a cada conceito devesse corresponder, pelo menos, um exemplar, então o número de exemplares em nossa mente seria absurdamente grande. Tal como exemplificado anteriormente e de maneira similar ao da visão prototípica, o conceito de “homem” seria representado por, pelo menos, um exemplar. Da mesma forma ocorreria com os conceitos de “homem rico”, “homem rico e inteligente”, “homem rico, bonito e inteligente” etc. Todavia, como também já salientado, os processos cognitivos do ser humano trabalham no *modus operandi* econômico; é pouco provável que tal

sobrecarga cognitiva, tal como sugerido pela visão dos exemplares, tivesse sido selecionada na história evolutiva do ser humano.

3.1.4 Similaridade e coesão conceitual

Como se pode depreender, nas três teorias de conceitos consideradas – a visão clássica, a visão prototípica e a visão dos exemplares – atribui-se ao fator similaridade um papel muito importante, até mesmo crucial, no processo de formação de conceitos (Lomônaco, Cazeiro & Ferreira, 2006). Na visão clássica, a similaridade diz respeito ao compartilhamento de atributos comuns pelos membros de uma categoria. De acordo com a visão prototípica, o que mantém os membros de uma categoria agrupados é o maior ou menor grau de similaridade destes relativamente ao protótipo mental da categoria. Na visão dos exemplares, é a similaridade entre um item e um ou mais exemplares armazenados na memória que determina a inclusão ou exclusão deste novo item à categoria.

Entretanto, o papel da similaridade como elemento responsável pela criação de categorias passou a ser seriamente questionado a partir da publicação, em 1985, de um importante artigo intitulado *The role of theories in conceptual coherence*, de autoria de Gregory L. Murphy e Douglas L. Medin. Neste artigo, os autores se perguntam por que um determinado conjunto de coisas forma uma categoria. Mais explicitamente, por que alguns agrupamentos são informativos, úteis e adequados, enquanto outros são vagos, inúteis e inadequados. Ou seja, o que torna uma categoria coesa ou coerente? Qual a *cola* que mantém unidos os exemplos de uma categoria? Segundo eles esta questão tem sido... *superficialmente considerada e incompletamente respondida* (p. 289).

Como visto, as teorias até aqui consideradas atribuem ao fator similaridade a razão pela qual as coisas são agrupadas ou categorizadas. Todavia, os autores em tela consideram que esta noção não é suficientemente restritiva para determinar que conceitos/categorias são coesos ou significativos. Como salienta

Medin (1989): *A similaridade é uma noção muito intuitiva. Na verdade, ela é ainda mais ilusória do que intuitiva. Um problema em utilizar a similaridade para definir categorias é o de que a similaridade é flexível demais* (p. 1473). Ou, como “desabafa” Goodman (1972, apud Murphy e Medin, 1985):

A similaridade, sempre pronta a solucionar problemas filosóficos e superar obstáculos, é uma embusteira, uma impostora, uma charlatã. Ela, na verdade, tem seu lugar e sua utilidade, mas, com maior frequência, é encontrada em lugares onde não deveria estar, professando poderes que não possui (p. 291).

Em suma, sem restrições sobre o que deve ser considerado como um atributo ou uma propriedade nas análises de similaridade, quaisquer dois objetos podem ser similares em vários aspectos.

A fim de explicitar o significado desta limitação, Murphy e Medin (1985) apresentam um exemplo ilustrativo (o leitor poderá ele mesmo encontrar dezenas de outros exemplos). É extremamente improvável encontrar em qualquer cultura conhecida uma categoria que agrupe *ameixas* e *cortadores de grama*. Não obstante, com base no fator similaridade, não é difícil elencar uma dezena (talvez até uma centena) de aspectos em que tais objetos são similares: todos são formados de matéria, têm peso, ocupam lugar no espaço, são úteis ao ser humano, podem ser comprados e vendidos, não existiam na pré-história da humanidade, podem ser decompostos em átomos, têm uma durabilidade limitada, podem ser transportados de um local para outro e assim por diante. O exemplo em apreço ilustra muito bem o significado da crítica: duas entidades podem ser semelhantes ou dessemelhantes em função do critério sobre o que deve ser considerado como atributo relevante.

Cabe, então, perguntar: *Se a similaridade não é o elemento-chave para a criação de categorias, a que fator devemos atribuir o fenômeno da coesão conceitual?*

Neste ponto deve ter ficado claro ao leitor que a coesão conceitual é aquilo que mantém os exemplos de uma categoria unidos ou coesos. Conceitos coesos são aqueles significativos, úteis, informativos dentro de um determinado contexto histórico-cultural. É a coesão conceitual que permite responder à pergunta: *Por que temos os(as) conceitos/categorias que temos e não outro(a)s?* Ou, em outras palavras: *Qual é a "cola" que mantém unidos os diferentes itens agrupados sob um mesmo conceito?* Como visto, as três teorias analisadas até este ponto procuram explicar o fenômeno da coesão conceitual atribuindo-o ao fator similaridade. Mas, como discutido no artigo analisado, o fator similaridade não se presta para explicar a formação de conceitos/categorias pelas razões anteriormente apresentadas. Em face desta limitação crucial e das tentativas de explicar o fenômeno da coesão conceitual com base não mais no fator similaridade (melhor dizendo, não mais exclusivamente na similaridade), desenvolveu-se, partir da década de 80 do século passado, um conjunto de estudos empíricos e reflexões teóricas que levou ao desenvolvimento de uma nova teoria de conceitos: a visão teórica, como será visto, a seguir.

3.1.5 A visão teórica

Diferentemente das outras abordagens, para a visão teórica o conceito não é mais visto isoladamente, mas inter-relacionado com outros conceitos que a pessoa tem do mundo. Em outras palavras, o conceito faz parte de uma rede de relações com outros conceitos, da qual deriva seu significado (Nunes & Lomônaco, 2008). Essa rede de relações é chamada teoria. De acordo com esta abordagem, nas palavras de Keil (1989): *os conceitos são construídos como tipos de coisas intrinsecamente relacionais. Eles não são entidades isoladas conectadas apenas a serviço de proposições. Nenhum conceito pode ser entendido sem alguma compreensão de como ele se relaciona com outros conceitos* (p. 1). Nesse contexto, o termo teoria não significa ou se refere exclusivamente a teorias acadêmicas/científicas, mas também (e, talvez, principalmente) às teorias ingênuas e/ou aos

conhecimentos que fazem parte do senso comum. Conforme explicam Gelman e Coley (2008), as teorias ingênuas que orientam a aquisição de conceitos não são tão formais, tampouco tão explícitas quanto aquelas utilizadas por especialistas. E, uma vez que os conceitos formam uma estrutura relacional, a mudança de um conceito ou a aprendizagem de um novo conceito altera intrinsecamente toda essa rede de relações. Dessa forma, o significado de um conceito é derivado dos conceitos que a ele estão relacionados.

Essa abordagem originou-se, dentre outras fontes, a partir dos trabalhos de Susan Carey, em 1985, e das críticas realizadas por Gregory L. Murphy e Douglas L. Medin, no artigo denominado *The role of theories in conceptual coherence*, às visões clássica e prototípica (Oliveira, 1994, 1999; Lomônaco, 1997). No entanto, foi o psicólogo norte-americano Frank C. Keil quem, em sua obra *Concepts, kinds, and cognitive development*, publicada em 1989, sistematizou a visão teórica.



Figura 60. Gregory L. Murphy (Fonte: <https://psych.nyu.edu/murphy/>), à esquerda, e Douglas L. Medin, à direita (Fonte: <https://vimeo.com/35912787>)

Keil (1989) acredita que o fator que mantém a coesão entre os nódulos das redes são as relações causais existentes entre os conceitos que a compõem. Este fenômeno pelo qual diferentes conceitos mantem-se altamente inter-relacionados e mutuamente

reforçados foi por ele denominado *homeostase causal*. Para a visão teórica, a inclusão e a manutenção de um novo elemento em uma rede são dependentes da relação que ele estabelece com os demais elementos, ou seja, os conceitos que formam uma rede devem estar fortemente relacionados entre si. Por esse entendimento, infere-se que não é possível modificar um atributo de uma rede sem afetar toda ela. Essas relações provêm das vivências das pessoas, quer formadas naturalmente na nossa vida cotidiana, quer por meio do ensino formal/escolar.

Um exemplo que pode ajudar a entender esta noção abstrata pode ser encontrado no estudo de Lomônaco et al. (2006), por meio do qual os autores tentaram identificar mudanças nas concepções de deficiência e reabilitação entre os alunos do primeiro e do último ano de um curso de graduação em Fisioterapia. A amostra desse estudo foi constituída por 67 alunos, que foram solicitados a escrever todas as características que lhes viessem à mente, num intervalo de um minuto e meio, diante das palavras-estímulo DEFICIÊNCIA e REABILITAÇÃO. As respostas foram, então, analisadas por um grupo de juízes visando identificar aspectos comuns que permitissem a criação de categorias para o agrupamento das mesmas. Foram, então, geradas nove categorias: *difficuldade/incapacidade/dependência; afastamento da normalidade; atividades funcionais e da vida diária; causas da deficiência; implicações motoras; emoções negativas; necessidade de apoio emocional; exclusão social/preconceito*. Observe-se que tais categorias são indicativas de exclusão, falta, redução, limitação e dependência de outras pessoas, ou seja, parece haver um elo comum ligando as categorias dentro de uma rede, elo este que poderíamos identificar como uma situação de desamparo acompanhada de emoções ou sentimentos negativos. Importante observar que as categorias que fazem parte desta rede se apresentam coesas, ou seja, não são contraditórias, uma não nega as outras e todas parecem partilhar de um significado comum. Assim, no entender dos autores, o exemplo acima é bastante ilustrativo do fenômeno da homeostase causal.

Para o termo/estímulo REABILITAÇÃO também foram geradas nove categorias, a saber: *recuperação/reaprendizagem; ajuda/promoção/tratamento; participantes da reabilitação; consequências funcionais da reabilitação; retorno à normalidade; melhoria da qualidade de vida; necessidades emocionais; reintegração à sociedade e outras respostas*. Uma simples comparação com as categorias anteriormente consideradas mostra claramente a formação de outro tipo de rede conceitual, desta vez caracterizada por categorias indicativas de emoções positivas, de esperanças de volta à normalidade e de reintegração à sociedade. Mais uma vez é possível notar a coesão existente entre as categorias formadas e a inexistência de categorias mutuamente exclusivas, evidenciando o fenômeno da homeostase causal.

Como se pode depreender deste exemplo, quando se faz um estudo tal como o exemplificado anteriormente, num primeiro momento são estabelecidas categorias com base nas respostas dos sujeitos. Num segundo momento, o conjunto de categorias formadas é analisado a fim de verificar se elas constituem um todo harmônico, se elas não conflitam umas com as outras, mas se o conjunto se mantém coeso e em equilíbrio. Obviamente, ao se agrupar as respostas em categorias, o resultado inevitável para cada categoria formada é um conjunto de respostas conceitualmente e semanticamente similares (por exemplo, “bem-estar” e “felicidade”), pois é isto que os juízes visam ao criar uma categoria. Não poderia ser de outra maneira, senão não seria possível a criação da categoria. Mas não é a esta coesão entre os membros de cada categoria criada que Keil denomina *homeostase causal*, pois, como visto este é o resultado obrigatório ou inevitável do processo. O fenômeno da homeostase causal deve ser buscado no conjunto das categorias criadas e não, como se vem insistindo, em cada categoria individual.

Todavia, como anteriormente mencionado, esse equilíbrio é dinâmico e pode ser reconfigurado pela aprendizagem de uma nova informação, dando origem a uma reorganização da rede

conceitual. Por exemplo, neste mesmo estudo foi possível detectar que mudanças geradas pela vivência dos alunos no decorrer do curso de graduação levaram a uma reorganização dos conceitos avaliados. Verificou-se, por exemplo, que os alunos ingressantes no curso de Fisioterapia dessa amostra apresentavam concepções mais assistencialistas e relacionadas ao senso comum acerca dos termos/estímulos que lhes foram apresentados, enquanto que os alunos do último ano dessa amostra emitiram respostas mais pertinentes ao aspecto técnico-científico da profissão de fisioterapeuta.

Outro exemplo poderá esclarecer ainda mais o procedimento. Em estudo similar, Lomônaco et al. (2012) procuraram avaliar a concepção de *responsabilidade social* de gestores e empregados de algumas empresas que participam da Política Nacional de Integração da Pessoa com Deficiência. A amostra desse estudo foi constituída por 57 sujeitos, divididos em dois grupos: gestores e empregados. O grupo de gestores foi formado por 19 profissionais de recursos humanos, e o grupo de empregados, por 38 profissionais com deficiência. Os participantes desse estudo foram solicitados a escrever as associações evocadas pelo termo RESPONSABILIDADE SOCIAL em um período de 90 segundos. A partir dos dados coletados e de acordo com os critérios estabelecidos para este estudo, as respostas dos sujeitos foram agrupadas em oito categorias: *preocupação com o ambiente, inclusão social, solidariedade, respeito, compromisso social, sentimentos e atitudes positivos, coletividade* e outras respostas. Ou seja, os resultados permitiram identificar uma rede de categorias associadas ou relacionadas ao conceito de responsabilidade social. Então, quando se consideram o conjunto das categorias formadas pelos juízes, percebe-se um todo coerente no qual as categorias não são mutuamente contraditórias ou mutuamente exclusivas.

Em suma, o que se concebe por homeostase causal, é o fato do conjunto de categorias formarem uma rede que apresenta coerência interna, de modo a uma não excluir ou contradizer as

demais, mas formarem de uma rede de relações causais. É, pois, em função das relações causais existentes entre os conceitos que a estrutura se mantém coesa e em equilíbrio.

Não obstante, os novos entendimentos e propostas que essa visão propiciou, ela não está isenta de críticas e seus próprios expoentes admitiram a existência de várias questões a serem resolvidas, a fim de que esta forma de se entender os conceitos seja amplamente aceita por vários especialistas que se debruçam sobre o tema. Algumas dessas dificuldades teóricas encontradas pelos estudiosos da área dos conceitos podem ser exemplificadas no que diz respeito à falta de restrições sobre as teorias, sem as quais, como a noção de similaridade, poderiam ser estimadas relações causais para quaisquer categorias (Lomônaco, 1997; Murphy & Medin, 1985). Lomônaco (1997) indica, também, a negligência do fator similaridade como uma limitação da visão teórica, pois, apesar das críticas dos estudiosos sobre a excessiva importância atribuída a ela, este fator muito possivelmente desempenha algum papel no processo de categorização, que precisa ser mais bem estimado. Ou seja, a similaridade não pode ser inteiramente desconsiderada no processo de categorização, tal como fazem os adeptos da visão teórica.

Não obstante, tais críticas, a visão teórica ainda parece responder melhor ao fenômeno da formação e desenvolvimento de conceitos, razão pela qual ela constituirá o marco teórico para a interpretação dos resultados do estudo que foi realizado por Almeida (2017).

3.2 Justificativa e objetivos da pesquisa de Almeida (2017)

Estudar cientificamente o amor é uma árdua tarefa em razão de dificuldades metodológicas e impropriedades conceituais intrinsecamente relacionadas a este tipo de investigação. Ao tratar de um tema como este se corre o risco de cair na banalidade do senso comum, na ambiguidade, no espiritualismo, na autoajuda e no

sentimentalismo barato. As várias definições e teorias existentes refletem a dificuldade dos autores de conceituá-lo mais precisamente e, dessa forma, possibilitar sua diferenciação de outros sentimentos/comportamentos afins.

Pelo fato de ser um conceito tão familiar, muitos supõem que os pesquisadores da área estão de acordo sobre o que constitui o amor e como se pode mensurá-lo. Mas, isto não é o que de fato ocorre. A maioria das pesquisas sobre o amor é baseada em concepções teóricas definidas *a priori*. Usualmente o pesquisador começa definindo o que ele entende por amor, e, então, desenvolve uma escala para quantificar e/ou qualificar este sentimento. E seus resultados como não poderiam deixar de ser, tendem a concordar com o que o investigador espera encontrar.

Pelo fato de serem relativamente recentes as teorias e os estudos sobre o amor e de haverem muito poucas pesquisas empíricas sobre o que se deve entender por amor no ser humano, mormente no Brasil, este é um campo propício à investigação científica. Assim sendo, parece justificado um estudo que tenha por diretriz identificar características que pessoas comuns atribuem com maior frequência ao amor, uma vez que seus resultados podem ajudar a conceituar empiricamente o fenômeno amoroso dado que, como visto, muito do que se propôs acerca dessa área de conhecimento são constructos predominantemente teóricos, produtos da reflexão de um grande número de pensadores ao longo dos séculos. Tendo em mente que: 1) o conceito que as pessoas têm de amor pode ser considerado algo que se aprende e que evolui ao longo do desenvolvimento humano e 2) que o conceito de amor predominante em cada cultura e estrato social pode diferir em função do gênero, da faixa etária e do grau de escolaridade, este presente estudo se propôs os seguintes objetivos:

a) Identificar as características mais comumente atribuídas e/ou associadas à palavra amor por sujeitos brasileiros de diferentes idades e condições sociais;

b) Verificar se havia diferenças estatisticamente significantes em função das variáveis: gênero, faixa etária e grau de escolaridade, dos participantes dessa pesquisa.

CAPÍTULO 4

A PESQUISA

No ano de 2017, o então pós-graduando Thiago de Almeida, defendeu a sua tese de doutoramento intitulada: *O conceito de amor: um estudo exploratório com uma amostra brasileira*, no Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, sob a orientação do Professor Associado Dr. José Fernando Bitencourt Lomonaco. Esta pesquisa, doravante referida como Almeida (2017), se propôs a estudar o amor de uma forma menos subjetiva e teve como objetivos: (1) identificar as características mais comumente atribuídas e/ou associadas à palavra amor por sujeitos brasileiros de diferentes idades e condições sociais e (2) verificar se há diferenças estatisticamente significantes em função das variáveis: gênero, faixa etária e grau de escolaridade.

Neste capítulo serão apresentadas as etapas da pesquisa, a amostra empregada, o procedimento de análise dos dados, os resultados principais e, por fim, a discussão e a interpretação dos dados.

Decidiu-se apresentar a pesquisa de forma sucinta e simplificada a fim de torna-la mais facilmente compreensível aos leitores menos ou não familiarizados com procedimentos de análise estatística. Não se deve esquecer, todavia, que no trabalho original tais procedimentos foram utilizados e que, na verdade, foi esta análise estatística que nos permitiu legitimar as conclusões sumarizadas no item 4.8 deste capítulo. Todavia, levando-se em conta que alguns leitores, e/ou futuros pesquisadores, poderão desejar ou terem a necessidade de um maior aprofundamento nos procedimentos de análise estatística empregados, mormente se

desejarem replicar esta pesquisa no todo ou em parte, os autores decidiram apresentar integralmente em apêndice, no final do livro, o capítulo 5 da tese de doutorado de Almeida (2017), denominado “RESULTADOS”. Neste apêndice os interessados poderão se informar sobre as análises estatísticas realizadas, as justificativas para as escolhas das mesmas assim como tomar contato com o grande número de tabelas e gráficos resultantes de tais análises. Enfim, poderão apreciar em detalhes as minúcias e complexidades do procedimento estatístico realizado.

Ainda no intuito de simplificar a apresentação da pesquisa em consideração, consideramos interessante fazê-la por meio de perguntas ou questões que serão respondidas logo após.

4.1 Quem foram os participantes desta pesquisa?

A amostra total foi constituída por 600 participantes, sendo 390 do sexo feminino (65%), 209 do sexo masculino (34,83%) e uma pessoa sem identificação de sexo (0,17%).

Inicialmente, no delineamento original do estudo de Almeida (2017) pensou-se em constituir três grupos de participantes de acordo com a faixa etária e o grau de escolaridade. Seriam eles:

Grupo 1: 100 participantes (50 homens e 50 mulheres) de, pelo menos, três cidades do interior do estado de São Paulo, alunos de instituições de ensino públicas e privadas, adolescentes de 14 a 17 anos, que corresponde à idade esperada para se cursar o Ensino Médio no sistema educacional brasileiro, no ensino regular.

Grupo 2: 100 participantes (50 homens e 50 mulheres) de, pelo menos, três cidades do interior do estado de São Paulo alunos de instituições universitárias de ensino públicas e privadas, na faixa etária de 18 a 30 anos.

Grupo 3: 100 participantes (50 homens e 50 mulheres) de, pelo menos, três cidades do interior do estado de São Paulo ouvintes/participantes de uma palestra gratuita conduzida pelo

pesquisador e proponente deste projeto, maiores de 30 anos de idade.

Todavia, em face de algumas diferenças específicas entre os grupos, as quais serão devidamente explicitadas após a descrição dos mesmos, considerou-se mais adequado dividir a amostra em sete grupos, abaixo discriminados.

- GRUPO 1 - Participantes de uma palestra ministrada na cidade de São Carlos oferecida pelo primeiro autor desse livro: compuseram este grupo 57 indivíduos, 26 mulheres (45,6%) e 31 homens (54,3%);
- GRUPO 2 - Participantes de uma palestra ministrada na cidade de São Carlos oferecida pelo primeiro autor desse livro: compuseram este grupo 171 indivíduos, 118 mulheres (69%) e 53 homens (31%);
- GRUPO 3 - Alunos do Ensino Médio de uma escola da rede privada de São Paulo: compuseram este grupo 50 indivíduos, 27 mulheres (54%) e 22 homens (44%) e uma pessoa (2%) não identificou seu gênero;
- GRUPO 4 - Alunos do Ensino Médio de uma escola da rede pública de São Paulo: compuseram este grupo 108 indivíduos, 80 mulheres (74,1%) e 27 homens (25,9%);
- GRUPO 5 - Alunos do Ensino Médio de uma escola da rede pública de São Carlos: compuseram este grupo 167 indivíduos, 101 mulheres (60,5%) e 66 homens (39,5%);
- GRUPO 6 - Alunos universitários da rede privada de São Carlos: compuseram este grupo 24 indivíduos, 17 mulheres (70,8%) e 7 homens (29,2%);
- GRUPO 7 - Alunos universitários da rede pública de São Paulo: compuseram este grupo 23 indivíduos, 22 mulheres (91,3%) e 2 homens (8,7%).

A decisão pelo aumento no número de grupos deveu-se ao fato de que, se fossem considerados apenas três grupos, como originalmente delineado, muitos dos dados coletados poderiam

não ser devidamente aproveitados. Por exemplo, quando o pesquisador idealizou o desenho do experimento a fim de coletar os dados, não se esperava encontrar tantos alunos em uma faixa etária superior ao que ele buscava ou, também, quando ocorreu aos locais para coletar os dados dos adultos participantes, não considerou uma adesão tão alta de pessoas de outras faixas etárias. Logo, para se evidenciar melhor os resultados obtidos, optou-se por redistribuir os participantes em sete grupos, como os anteriormente apontados. A média das idades dos participantes foi de 23,82 anos (valor mínimo = 14, valor máximo = 73, desvio padrão = 11,8).

As tabelas 1, 2 e 3 apresentam a distribuição dos participantes em função dos grupos, da idade e da escolaridade.

Tabela 1. Descrição geral da amostra para os sete grupos analisados.

GRUPOS	%	n
GRUPOS 1 - Participantes da palestra oferecida na cidade de São Carlos	9,5	57
GRUPOS 2 - Participantes da palestra oferecida na cidade de São Paulo	28,5	171
GRUPO 3 - Alunos do Ensino Médio de uma escola da rede privada de São Paulo	8,33	50
GRUPO 4 - Alunos do Ensino Médio de uma escola da rede pública de São Paulo	18	108
GRUPO 5 - Alunos do Ensino Médio de uma escola da rede pública de São Carlos	27,83	167
GRUPO 6 - Alunos universitários da rede privada de São Carlos	4	24
GRUPO 7 - Alunos universitários da rede pública de São Paulo	3,83	23
TOTAL	100	600

Tabela 2. Idade dos entrevistados: mínimo, máximo, média e desvios padrão de cada categoria.

GRUPOS	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
GRUPO 1	15	73	33,82	13,82
GRUPO 2	17	60	34,63	12,59
GRUPO 3	14	17	15,84	1,00
GRUPO 4	15	21	16,63	1,08
GRUPO 5	15	19	16,57	0,89
GRUPO 6	18	42	23,65	6,80
GRUPO 7	18	34	21,17	3,73
TOTAL	14	73	23,82	11,80

Conforme se pode observar anteriormente, as médias das idades para os grupos, recrutados por Almeida (2017) 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7 foram respectivamente, 33,82 (d.p.= 13,82), 34,63 (d.p.=12,59), 15,84 (d.p.= 1,00), 16,63 (d.p.= 1,08), 16,57 (d.p.= 0,89), 23,65 (d.p.= 6,80) e 21,17 (d.p.=3,73). Ou seja, na média, os grupos têm uma idade próxima da que foi pensada originalmente para este estudo.

Conforme os dados da Tabela 3, 0,17% possuíam o primeiro grau incompleto, 1% o primeiro grau completo, 55,17% o segundo grau incompleto, 4% o segundo grau completo, 10,33 o terceiro grau incompleto, 19,33 o terceiro grau completo e 8,5% possuíam Pós-Graduação (mestrado, doutorado ou pós-doc), sendo que nove entrevistados não indicaram a escolaridade, correspondendo a 1,5% da amostra.

Há de se evidenciar que não houve a participação de alunos de escolas do ensino médio particular e de alunos universitários na cidade de São Carlos, tampouco de universidades particulares em São Paulo, embora o pesquisador tivesse estabelecido contato com as respectivas diretorias e centros de coordenação de cada local, conforme procedimento e protocolos adotados nos outros locais de origem dos dados.

Tabela 3. Escolaridade dos entrevistados: frequência absoluta e porcentagem dos níveis de escolaridade.

GRUPO																
S	1		2		3		4		5		6		7		NR	
	F		F		F		F		F		F		F		F	
	A	%	A	%	A	%	A	%	A	%	A	%	A	%	A	%
GRUPO				7,0		8,7		24,5				21,0		19,		
1	0	0	4	2	5	7	14	6	11	19,3	12	5	11	3	0	0
GRUPO		0,5		1,1		0,5				29,8		33,3		23,		5,2
2	1	8	2	7	1	8	10	5,85	51	2	57	3	40	39	9	6
GRUPO																
3	0	0	0	0	50	100	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
GRUPO						10										
4	0	0	0	0	8	100	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
GRUPO						16										
5	0	0	0	0	7	100	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0
GRUPO																
6	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	24	100	0	0	0	0
GRUPO																
7	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	23	100	0	0	0	0
TOTAL	1	7	6	1	1	17	24	4	62	3	6	3	51	8,5	9	1,5

Legenda: FA= Frequência absoluta. 1 - Primeiro grau incompleto; 2 - Primeiro grau completo; 3 - Segundo grau incompleto; 4 - Segundo grau completo; 5 - Terceiro grau incompleto; 6 - Terceiro grau completo; 7 - Pós-Graduação (mestrado, Doutorado ou Pós-doc); NR= Não resposta.

4.2 Qual foi o material empregado na pesquisa?

Cada participante, na pesquisa de Almeida (2017) utilizou um bloco de papel com duas páginas (duas metades de folhas de papel sulfite, tamanho A4). Na parte superior da primeira folha, cada participante informou alguns dados pessoais (sexo e série escolar, se acaso fosse aluno, ou grau de escolaridade); na parte inferior dessa mesma página estavam impressas as seguintes instruções:

Estamos interessados em conhecer as características comumente associadas ao termo amor. Assim sendo, venho solicitar sua colaboração neste trabalho de pesquisa.

Na parte superior da página seguinte, você encontrará a palavra amor. O que lhe pedimos é muito simples: leia o termo e, a seguir, no período de um minuto e meio, escreva no espaço em branco todas as características que lhe vierem à mente diante desse estímulo. A sua primeira impressão é muito importante, portanto, você não deve se preocupar em saber se suas respostas são adequadas ou não. O que nos interessa são suas evocações ou associações diante do estímulo apresentado.

Muito obrigado por sua colaboração.

Na parte superior da segunda folha, estava impressa, em letras maiúsculas, em negrito e centralizada, a palavra AMOR. Todo o restante dessa página estava em branco. Um exemplar do instrumento pode ser visto na figura abaixo.

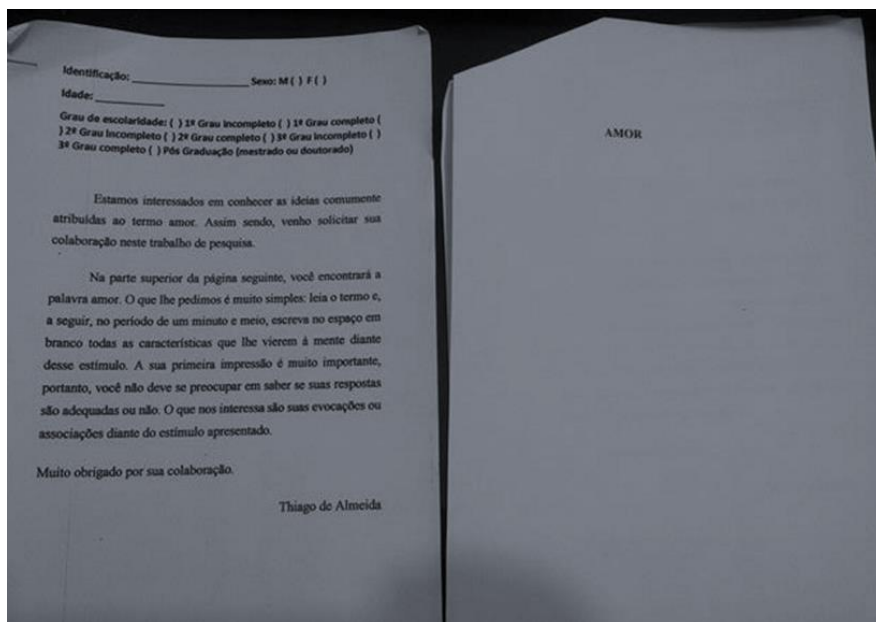


Figura 61. Instrumento de coleta de dados da pesquisa realizada por Almeida (2017).

4.3 Como foram selecionados os participantes da pesquisa?

4.3.1 Como foi o processo de seleção dos alunos participantes da rede pública e privada do Ensino Médio?

Recebido o parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa, a cujo protocolo foi atribuído a designação CAAE 40702813.8.0000.5561 pelo Comitê de Ética (CEP) do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, o pesquisador recrutou os alunos das escolas pública e privada, participantes da coleta de dados da seguinte forma:

Primeiramente foram procuradas escolas da rede estadual e privada de Ensino Médio em São Paulo e em São Carlos. Foram contatadas extraoficialmente cinco escolas públicas e cinco escolas da rede privada do Ensino Médio por meio de suas direções e coordenações de curso. Algumas declinaram de participar deste projeto de pesquisa ainda que tivesse o pesquisador enviado materiais (como o protocolo de aprovação do CEP/USP; seu projeto de pesquisa, TCLE e instrumento de coleta de dados) explicativos para que as diretorias e as coordenações escolares compreendessem o intuito deste estudo.

A partir do momento em que o pesquisador responsável por este projeto contou com a adesão das escolas que participaram dessa pesquisa, foram então, encaminhados ofícios a essas escolas, juntamente com uma carta de apresentação do pesquisador, contendo a confirmação de seu vínculo com o Programa de Pós-graduação do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (IPUSP). Os objetivos do trabalho foram apresentados a todas as instituições. A partir de então foram combinados os dias e horários da aplicação dos instrumentos com os alunos participantes.

No dia combinado entre pesquisador e direção, este foi apresentar o projeto de pesquisa para os possíveis alunos participantes nas suas salas de aula. Esse procedimento visou explicar aos alunos os objetivos gerais do estudo e informá-los

sobre o caráter voluntário da participação, bem como o sigilo de suas respostas e identidade. Neste momento, também foi entregue a cada um dos estudantes presentes no momento o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, dirigido a seus pais e responsáveis, para que todos os alunos levarem para suas casas e apresentarem para seus responsáveis, juntamente com uma carta de apresentação do pesquisador e dos objetivos deste estudo e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido, que foi entregue aos alunos que informaram ter idade superior a 18 anos.

Combinou-se de o pesquisador responsável por esta pesquisa retornar novamente a cada escola participante no dia seguinte e realizar coletivamente a aplicação do instrumento de pesquisa a todos os alunos, menores de 18 anos, que tivessem trazido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido assinado por seus respectivos responsáveis e aos alunos, maiores de 18 anos, que concordassem em participar desta pesquisa e assinassem o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Todos os alunos que tiveram satisfeitas essas duas condições foram transferidos para uma sala reservada pela direção de cada escola para a aplicação coletiva do instrumento de pesquisa. Depois de os estudantes terem entregues o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), assinado pelos mesmos, e terem sido feitas as considerações introdutórias para a realização da pesquisa, como relembrar do sigilo das respostas e o anonimato dos participantes, inclusive para o próprio corpo docente e os pais dos alunos, o instrumento foi aplicado em sala de aula coletivamente. As aplicações foram realizadas pelo pesquisador, garantindo que as instruções e as condições fossem similares para todas as turmas participantes deste estudo.

4.3.2 Como foi o processo de seleção dos alunos participantes de universidades públicas e privadas?

Um procedimento semelhante para a coleta de dados dos alunos participantes das universidades públicas e privadas foi adotado com algumas diferenças. Recebido o parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), as coordenações de vários cursos de graduação foram contatadas por meio de carta informativa sobre o projeto e, depois, pessoalmente.

Após a autorização da instituição universitária para conduzir essa pesquisa nas dependências das mesmas, o pesquisador responsável compareceu no dia e hora sugeridos pelas instituições originadoras dos dados e realizou a aplicação do instrumento de pesquisa no mesmo dia. Todos os alunos foram convidados a participar da pesquisa e aqueles que aceitaram participar efetivamente da mesma tiveram seus dados coletados. Ambos os grupos (participantes e não participantes) permaneceram na mesma sala de aula. Aos alunos participantes foram informados os objetivos da pesquisa, e lhes foi garantido o anonimato, o sigilo das respostas bem como sobre sua participação voluntária. Cada participante assinou e entregou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido declarando formalmente sua adesão voluntária à pesquisa. Após tais providências, foi realizada a coleta de dados. As aplicações foram realizadas pelo pesquisador, garantindo que as instruções e as condições fossem similares em todas as turmas participantes deste estudo.

4.3.3 Como foi o processo de seleção dos demais participantes

Em São Paulo, foi proposta a realização de duas palestras, ministradas pelo proponente desta pesquisa, sobre o tema relacionamento amoroso, o que ocorreu Instituto de Psicologia, dado o vínculo do pesquisador à instituição.

Recebido o parecer favorável do Comitê de Ética em Pesquisa, a diretoria do Instituto de Psicologia foi contatada, via ofício emitido pelo orientador do proponente dessa pesquisa, o qual foi encaminhado juntamente com a cópia do projeto de pesquisa, TCLE e instrumento de coleta de dados informando a necessidade de o proponente recrutar participantes nas dependências do Instituto de Psicologia.

Uma vez tendo recebido o aceite da direção do Instituto de Psicologia foram agendadas duas datas para a ocorrência das duas palestras; uma realizada na parte da manhã e outra realizada na parte da tarde em dias diferentes. As pessoas foram informadas da realização dessas palestras pela divulgação no website <http://www.eventos.usp.br/?events=palestra-no-ip-discute-relacionamentos-amorosos-na-contemporaneidade>.

Em São Carlos, foi proposta a realização de uma palestra, ministrada pelo proponente desta pesquisa, sobre o tema relacionamento amoroso, que ocorreu na clínica onde trabalha, dado o vínculo do pesquisador a este local e a facilidade com que esse local poderia sediar a palestra em uma de suas salas.

Uma vez tendo recebido todos os presentes nos locais destinados para a ocorrência do evento e, antes de ministrar a palestra para o qual todos os presentes tinham ocorrido, o pesquisador esclareceu que gostaria de contar com a participação voluntária de todos os presentes que pudessem contribuir para a coleta de dados de sua tese de doutoramento. Os participantes foram informados a respeito dos objetivos da pesquisa, e lhes foi garantido o anonimato e o sigilo de suas respostas. Então, cada participante assinou o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido declarando formalmente sua adesão voluntária à pesquisa.

Ambas as aplicações foram realizadas pelo pesquisador, garantindo que as instruções e as condições fossem similares para todas as turmas participantes desse estudo.

A aplicação do instrumento foi realizada de forma coletiva. O pesquisador esclareceu as dúvidas que, porventura, foram a ele

dirigidas e salientou a sua preferência pelo preenchimento da folha com palavras únicas ou com respostas curtas. Também foi informado que não havia limite no número de respostas dadas. A partir disso, os participantes tiveram 90 segundos para realizarem a tarefa. Há de se ressaltar que esta estratégia de coleta de dados foi concebida por um dos autores deste trabalho e utilizada em vários estudos (e.g. Lomônaco et al., 2012; Cazeiro & Lomônaco, 2011; Lomônaco & Campos, 2003; Lomônaco et al., 2006; Lomônaco, Nunes & Sano, 2004).

Findo o tempo proposto, o pesquisador recolheu cada folha, de forma aleatória, e as guardou dentro de um envelope, a fim de evitar a possibilidade de os respondentes serem identificados ou ainda de serem reveladas as respostas das pessoas que participaram dessa aplicação coletiva.

4.4 Como foram tabuladas as respostas desse estudo?

De posse do material coletado, todas as respostas dos participantes foram digitadas e tabuladas. Posteriormente, algumas das respostas foram desmembradas em suas partes componentes. Quando, por exemplo, um participante respondeu, mediante a sua exposição ao estímulo amor: *Amor, um sentimento importante e necessário. Amor ao próximo, amor de mãe e pai, amor como namorado e namorada. O amor precisa ter moradia em todos os corações do mundo inteiro. É o que falta no mundo. Amor vence a guerra.* Fragmentadas as respostas, teremos sete itens ou dados a considerar, a saber: (1) amor, um sentimento importante e necessário; (2) amor ao próximo; (3) amor de mãe e pai; (4) amor de namorado e namorada; (5) o amor precisa ter moradia em todos os corações do mundo inteiro; (6) é o que falta no mundo; (7) amor vence a guerra. Esse processo de fragmentação das respostas frasais dos participantes, conjuntamente com suas respostas singulares resultou num total de 3243 respostas, que foram objeto de posterior análise e categorização.

4.5 Quais categorias foram criadas?

Após a tabulação das respostas, teve início a etapa de criação das categorias. As categorias inicialmente formuladas foram discutidas entre o pesquisador e seu orientador a fim de chegar-se a um consenso sobre quais itens deveriam ou não ser incluídos em cada categoria criada, assim como quais itens não fariam parte de nenhuma das categorias existentes e deveriam ser agrupadas na categoria *Outras respostas*. Em sucessivas reuniões de orientação, chegou-se a ao consenso de 13 categorias, sendo a décima quarta, reservada para respostas idiossincráticas evocadas pelos diversos participantes. Consequentemente, foram criadas, definidas e exemplificadas as categorias, a seguir consideradas.

4.5.1 Categoria 1: o amor como uma relação entre pessoas específicas, não necessariamente romântica.

Respostas que indicam uma relação entre o respondente e uma pessoa específica, geralmente nomeada por um pronome pessoal, apelido, chamamento, abreviação ou sigla, de forma a particularizar a indicação do participante. Foram também incluídas referências a pessoas que não foram identificadas por nomes próprios, mas por alguma característica pessoal, tal como “o meu ruivo”, o “meu namorado” etc. Exemplos: “você é meu melhor presente” (resposta da participante 197); “Lucas” (resposta da participante 41); “Willian” (resposta da participante 114), “CBJR” (resposta da participante 126); “Não sei bem dizer o que é, mas essa palavra me remete a uma pessoa especial, uma garota chamada Vanessa, minha namorada e talvez minha esposa” (resposta do participante 171); “B” (resposta do participante 206); “eu amo a minha Luiza” (resposta do participante 207); “Pan” (resposta do participante 542); “Fernando P.” (resposta do participante 600).

4.5.2 Categoria 2: o amor como algo essencial/fundamental ao ser humano e/ou à humanidade.

Respostas que consideram o amor como algo necessário, algo fundamental ao homem e/ou ao mundo e, até mesmo, como um aspecto constitutivo da natureza humana. Exemplos: “É o que falta no mundo.” (resposta do participante 6); “Apenas ame, pois é o que o mundo precisa apenas” (resposta do participante 46); “É tudo em minha vida” (resposta do participante 51); “Sem o amor o mundo será um lugar repleto de monotonia e guerra.” (resposta do participante 93); “Amor é essencial” (resposta do participante 93); “Amor é tudo” (resposta do participante 266); “Sem ele, não há respeito, não há empatia, não há vida.” (resposta do participante 296); “Amor é tudo” (resposta do participante 358); “Na minha experiência, amor é o fundamento de todas as ações e movimento humano.” (resposta do participante 421); “Ninguém vive sem amor.” (resposta do participante 430).

4.5.3 Categoria 3: o amor como algo indefinível, inefável, etéreo.

Respostas que explicitam a dificuldade de definir/conceituar o amor, visto como um fenômeno abstrato, sem uma definição específica, que não pode ser explicado ou descrito por meio de palavras. Exemplos: “Uma coisa inexplicável que a gente sente um pelo outro que se leva pela vida inteira” (resposta do participante 15); “É tudo e é nada” (resposta do ao mesmo tempo participante 17); “O amor não se pode explicar deve ser sentido” (resposta do participante 31); “É abstrato” (resposta do participante 149); “Algo cientificamente inexplicável” (resposta do participante 304); “Sem definição específica” (resposta do participante 420); “Amor pra mim é sentir algo inexplicável pela pessoa.” (resposta do participante 427); “Amor é um sentimento inexplicável que há dentro de ser humano em relação algo ou alguém.” (resposta do

participante 444); “Complexidade” (resposta do participante 471); “É algo que não vemos” (resposta do participante 517).

4.5.4 Categoria 4: o amor como algo ligado a componentes sexuais.

Respostas que evidenciam uma íntima relação do fenômeno amoroso explicitando elementos/componentes sexuais/genitais. Exemplos: “transa” (resposta do participante 83); “sexo” (resposta do participante 83 e de muitos outros); “buceta” (resposta do participante 83), “fuder/comer” (resposta do participante 83); “meter” (resposta do participante 83). “tesão” (resposta do participante 428); “União entre dois seres através do ato sexual” (resposta do participante 459).

4.5.5 Categoria 5: o amor como uma relação romântica entre duas pessoas.

Respostas que indicam que o amor é o produto da união entre duas pessoas. Tais respostas geralmente salientam que o amor é um aspecto que une/vincula duas pessoas, sugerindo apego e paixão em suas descrições, o que leva a um sentimento de completude ou de complementaridade e/ou a uma sensação de união entre elas, de tal forma que elas passam a ser ver como uma só pessoa/entidade. Exemplos: “Uma forma de chamar a namorada” (resposta do participante 3); “Amor como namorado e namorada” (resposta do participante 6); “namoro” (resposta do participante 32); “relacionamento” (resposta do participante 256); “Quando minha namorada demonstra carinho a mim” (resposta do participante 306); (resposta do participante); “namorado” (resposta do participante 301); “Amor é a união de dois seres em prol da mesma causa” (resposta do participante 438); “nós dois” (resposta do participante 566); “eu e você” (resposta do participante 566).

4.5.6 Categoria 6: o amor voltado para pessoas da família.

Respostas que indicam que o objeto do amor são pessoas da família, tais como mães, pais, avós, filhos, irmãos etc. Exemplos: “tio” (resposta do participante 137); “primos” (resposta do participante 137); “neto” (resposta da participante 589); “nora” (resposta da participante 589); “genro” (resposta da participante 589); “marido” (resposta da participante 280); “família” (resposta do participante 14); “minha família” (resposta da participante 48); “amor de família perfeito” (resposta da participante 60); “parentes” (resposta da participante 515).

4.5.7 Categoria 7: o amor voltado para amigos.

Respostas que focam a importância das relações de amizade. O objeto de amor é/são amigos (as) dos (as) respondentes. Exemplos: “Amor é quando perdemos um dente e seus amigos continuam te amando do jeito que você ficou ou você é.” (resposta do participante 10); “amigos” (resposta da participante 40); “bons amigos” (resposta do participante 286); “afeto por amigos” (resposta do participante 504); “amizade” (resposta da participante 39); “estar com amigos” (resposta da participante 312); “amigos verdadeiros” (resposta do participante 322); “dos amigos” (resposta do participante 357); “meus amigos” (resposta da participante 590); “amigo companheiro” (resposta do participante 12).

4.5.8 Categoria 8: o amor voltado para entidades divinas e/ou sobrenaturais.

Nesta categoria estão incluídas respostas que indicam como objetos de amor entidades sobrenaturais, geralmente de caráter divino ou religioso, tais como Deus, Jesus, Nossa Senhora, a própria Igreja, versículos da Bíblia etc. Exemplos: “Não há amor maior do que o do Pai Celestial” (resposta do participante 192); “O

maior exemplo é Jesus, o filho de Deus que morreu lá na cruz, mestre dos mestres, o reis dos reis; em suma, se fez homem para me salvar, para me curar, me libertar, por amor a você” (resposta do participante 170); “Deus/Jesus” (resposta do participante 265); “O amor é Deus, dele vem tudo.” (resposta do participante 328); “Dádiva de Deus” (resposta do participante 373); “Amor ágape” (resposta da participante 430); “Quando penso em amor, penso em Deus” (resposta do participante 444); “Jesus é a demonstração de amor verdadeiro.” (resposta do participante 446); “O amor infelizmente está extinto no coração das pessoas, pois o verdadeiro amor só Jesus Cristo demonstrou e ensinou que sem o amor não podemos viver” (resposta do participante 573).

4.5.9 Categoria 9: o amor voltado para animais irracionais.

Esta categoria inclui um conjunto variado de respostas indicativas de que o objeto do amor são animais, de alguma espécie, ou de maneira geral (“animal/animais”) indicando que a resposta da pessoa convergiu para algum ser vivo, que não pessoas ou plantas. Exemplos: resposta dos participantes: 40,52 “cachorrinhos; 119, 144 “animais de estimação”; 150, 210, 212, 221 “amar os animais”; 225 “Amor é uma paixão por uma determinada coisa, pessoa ou animal”; 378 “animais”; 540 “papagaio”; 569 “natureza, plantas, animais”.

4.5.10 Categoria 10: o amor voltado para seres inanimados.

Esta categoria inclui um conjunto variado de respostas indicativas de que o objeto do amor do participante são seres inanimados (p. ex. flores), objetos (p. ex. dinheiro), situações (viver na natureza) ou eventos (p. ex. viagens), obras de artes e/ou literárias (p. ex. ‘Mario Quintana’). Exemplos: “desenho animado” (resposta do participante 174); “academia” (resposta do participante 277); “teatro” (resposta do participante 122); “música” (resposta do participante 12); “jogar xadrez” (resposta do

participante 323); “Brasil” (resposta do participante 211); “Netflix” (resposta do participante 250); “mundo” (resposta do participante 380); “pediatria” (resposta do participante 126); “Mário Quintana” (resposta do participante 600).

4.5.11 Categoria 11: o amor dirigido a si mesmo.

Respostas indicativas de que o objeto do amor é a própria pessoa e expressa autovalorização. Exemplos: “eu” (resposta do participante 88); “poder ser quem eu sou” (resposta do participante 320); “se gostar” (resposta do participante 62); “Ter amor à própria vida” (resposta do participante 221); “Amar também é se amar” (resposta do participante 221); “Amar a si mesmo.” (resposta do participante 252); “O amor é um sentimento que pode se expressar tanto com outras pessoas quanto a si próprio,” (resposta do participante 294); “si mesmo” (resposta do participante 405); “se bastar” (resposta do participante 487); “É importante se amar em 1º lugar” (resposta do participante 516).

4.5.12 Categoria 12: o amor como fonte de emoções, atitudes e comportamentos positivos.

Respostas indicativas de que o amor implica ou está relacionado a um conjunto variado de sentimentos, atitudes e comportamentos que visam o bem-estar e à satisfação/qualidade de vida do ser humano. Também foram incluídas nesta categoria respostas indicativas de que o amor motiva o ser humano a realizar ações adequadas e/ou adotar determinadas atitudes positivas. Exemplos: “afinidade” (resposta do participante 375), “dedicação” (resposta da participante 398), “amor”/“amar” (resposta de vários participantes como, por exemplo, da participante 269 e da participante 428, respectivamente), “abraço(s)”/“abraçar” (resposta de vários participantes como, por exemplo, da participante 525 e da participante 143, respectivamente), “empatia” (resposta da participante 250), “cumplicidade” (resposta do participante 355),

“paciência” (resposta da participante 386), “compreensão”/ “compreender” (resposta de vários participantes como, por exemplo, da participante 34 e do participante 374, respectivamente), “intimidade” (resposta do participante 569), “beijo(s)”/“beijar” (resposta de vários participantes como, por exemplo, da participante 164 e da participante 143, respectivamente), “paixão”/“apaixonar-se”/“apaixonado”/“se apaixonar” (resposta de vários participantes como, por exemplo, da participante 148, da participante 298, do participante 188 e da participante 302, respectivamente).

4.5.13 Categoria 13: o amor como fonte de emoções, atitudes e comportamentos negativos.

Respostas indicativas de que o amor implica ou está relacionado a um conjunto variado de sentimentos, atitudes e comportamentos que não estão relacionados ao bem-estar e à satisfação/qualidade de vida do ser humano, mas à falta desses elementos. Também foram incluídas nesta categoria respostas indicativas de que o amor motiva o ser humano a realizar ações inadequadas e/ou a adotar determinadas atitudes negativas. Exemplos: “choro” (resposta da participante 12), “dor” (resposta da participante 157); melancolia (resposta da participante 157), “suicídio” (resposta do participante 83), (resposta do participante 83), “me matar” (resposta do participante 83) “morte súbita” (resposta do participante 83), “overdose” (resposta do participante 83), “quero morrer” (resposta do participante 83), “ingratidão” (resposta da participante 450), “solidão” (resposta da participante 509).

4.5.14 Categoria 14: outras respostas.

Respostas idiossincráticas, com conteúdo diferente de todas as outras categorias listadas anteriormente. Exemplos: “planejamento” (resposta do participante 23), “momentos”

(resposta da participante 47), “sonhos” (resposta da participante 52), “coração bate forte” (resposta do participante 110), “saudades” (resposta da participante 123), “opiniões diferentes” (resposta da participante 248), “Onde está o meu amor?”, ou ainda, “Quem será com quem se parece?” (ambas as respostas foram emitidas pelo participante 361), “exclusividade” (resposta do participante 370).

4.6 Como as categorias foram criadas?

A partir da criação, definição e exemplificação das categorias, o rol de respostas foi, então, lido diversas vezes pelo pesquisador e por outros cinco juízes (a saber: o orientador deste trabalho, o proponente deste estudo, um matemático, uma bibliotecária e um psicólogo – esses três últimos escolhidos por conveniência), no intuito de identificar aspectos comuns que permitam a inserção das respostas de cada participante nesta ou naquela categoria para o posterior agrupamento dos dados. Adotou-se um número ímpar de juízes a fim de evitar eventuais situações de empate ou impasse. Esse trabalho de interpretação às cegas e seu consequente agrupamento às categorias formuladas ocorreu de maneira independente pelos cinco juízes. Pesquisadores e profissionais geralmente usam o termo confiabilidade entre juízes como uma expressão genérica para a consistência das respostas obtidas por diferentes avaliadores para os quais se encaminham um determinado conjunto de dados. Dessa maneira, ao contrário da confiabilidade entre juízes, a concordância entre juízes é uma medida da consistência entre o valor absoluto das classificações dos avaliadores (Graham, Milanowski, & Miller, 2012). De acordo com Matos (2014), a concordância entre os juízes mede com que frequência dois ou mais avaliadores atribuem exatamente a mesma classificação. Ainda, de acordo com este autor, a confiabilidade entre os avaliadores mede a semelhança relativa entre dois ou mais conjuntos de classificações. Para este estudo a confiabilidade das respostas entre os juízes foi de 92,5 %, indicando uma alta

consistência entre as categorias criadas para este estudo e as respostas que compuseram cada categoria.

4.7 Como os resultados foram analisados estatisticamente?

Para a análise dos resultados foi utilizado o *Software R* (R Development Core Team, 2016). Este *software* foi criado em 1996 e é um ambiente computacional específico para análise estatística e sua licença é gratuita. Está disponível para download através do site <http://cran.r-project.org>. Sendo um software livre, o R recebe atualizações dos usuários por meio de pacotes. Para a realização dos cálculos estatísticos foi utilizada a versão 3.3.1 do Software R.

Os dados deste estudo foram registrados em escala ordinal, uma vez que foi analisada a relação entre as respostas de cada um dos entrevistados, as quais foram posteriormente categorizadas. Neste sentido, optou-se pelo uso de métodos estatísticos não paramétricos, uma vez que - devido ao comportamento dos dados coletados - as suposições clássicas da estatística paramétrica não podem ser assumidas, ou seja, normalidade ou igualdade de variâncias do modelo de análise e/ou tamanhos de amostras muito pequenos. Os métodos não paramétricos utilizados foram o Teste de Kruskal-Wallis e o Coeficiente de Correlação Linear de Spearman, a fim de analisar a influência ou o efeito das variáveis grupo, sexo, idade e nível educacional.

Todavia, como anteriormente salientado, a fim de não tornar a compreensão desta pesquisa difícil ou, até mesmo, inacessível para leitores não familiarizados com as complexidades da análise estatística, os autores optaram por simplesmente explicitar ou resumir as principais conclusões desta pesquisa, lembrando mais uma vez de que o leitor interessado em aprofundar-se nesta análise poderá consultar o apêndice, no qual todos os cálculos, gráficos e tabelas do estudo original são apresentados.

No item seguinte seguem-se as principais conclusões deste trabalho de pesquisa. Gostaríamos, entretanto, mais uma vez, de

salientar ou deixar bem claro que tais conclusões decorrem diretamente das análises estatísticas realizadas. Ou seja, foram estas análises estatísticas que possibilitaram aos autores afirmar, com razoável grau de objetividade, a validade dos seus resultados.

4.8 Quais foram as principais conclusões deste trabalho de pesquisa?

4.8.1 O amor é um conceito muito geral ou abrangente.

Esta conclusão decorre diretamente do fato de o conjunto das respostas poderem ter sido categorizadas em 14 categorias, indicando claramente que o conceito de amor refere-se ou está associado a diferentes estados, situações ou pessoas. Não obstante a categoria 12 (*O amor como um sentimento positivo*) tenha abrangido o maior número de respostas (41% do total), muitas outras associações foram evocadas diante do estímulo verbal apresentado: com animais, com seres inanimados, com sexo, com divindades etc., tal como graficamente apresentado na Figura 62 e na Tabela 4. Importante lembrar que foram reunidas, em 13 categorias, somente respostas que atingiram um número razoável de citações, reservando-se a categoria 14 (*Outras respostas*) para agrupar um conjunto grande e variado de associações idiossincráticas, com um número muito pequeno de associações feitas. Ou seja, se todas as associações evocadas tivessem sido consideradas, o número delas seria sensivelmente aumentado.

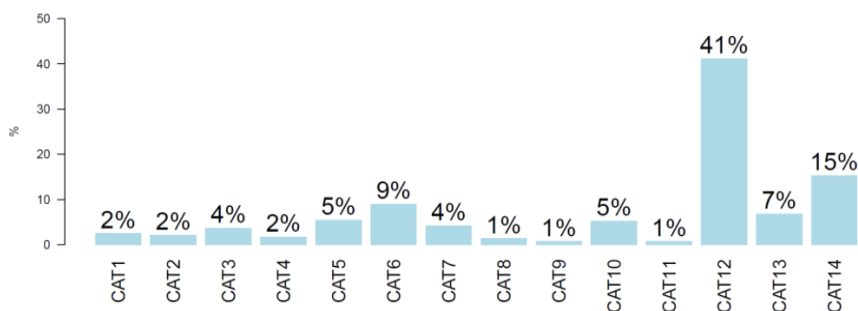


Figura 62. Porcentagem de respostas em cada uma das categorias.

A Tabela 4, a seguir, apresenta as estatísticas gerais para as categorias de amor.

Tabela 4. Número de respostas apresentadas pelos participantes da amostra para cada uma das categorias de amor (valor absoluto): mínimo, máximo, média e desvios padrão dessas respostas para cada categoria.

Variável	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
CAT1	0	4	0,14	0,40
CAT2	0	5	0,12	0,45
CAT3	0	5	0,20	0,56
CAT4	0	8	0,09	0,43
CAT5	0	4	0,30	0,58
CAT6	0	7	0,49	0,94
CAT7	0	2	0,23	0,43
CAT8	0	2	0,07	0,28
CAT9	0	2	0,04	0,20
CAT10	0	11	0,28	0,91
CAT11	0	4	0,04	0,25
CAT12	0	12	2,22	2,30
CAT13	0	8	0,37	0,93
CAT14	0	7	0,83	1,14

Pelo o que se pode observar na Tabela 4, a maior parte dos respondentes, em média, indicou termos que foram posteriormente enquadrados e considerados pertinentes à categoria 12. Em outras palavras, obteve-se 2,22 citações, em média, de termos que foram alocados e categorizados, conforme o que foi definido para a categoria 12 (O amor como fonte de emoções, atitudes e comportamentos positivos). Observa-se, também, que as menores citações correspondem para as categorias 9 (O amor voltado para animais irracionais) e 11 (O amor dirigido a si mesmo), ambas com 0,04 respostas, em média, que posteriormente foram alocadas para essas categorias.

O que se pode depreender desses resultados é que o conceito de amor é de tal forma abrangente que sempre é necessário especificar a que tipo de amor estamos nos referindo quando usamos esta palavra em nossa linguagem cotidiana. E, se isto é verdade em nosso linguajar diário, é sem dúvida essencial quando se procura estudar o fenômeno amoroso de maneira mais objetiva, como quando pesquisas científicas são realizadas sobre o tema. Ou seja, não se pode pressupor que “Todo o mundo sabe o que é amor”. Na verdade, sem uma conceituação clara e rigorosa do que se entende por amor, estudos sobre o tema poderão ser alvo de sérias críticas metodológicas. Quando, como é o caso da presente pesquisa, se procura estudar o amor de uma forma mais objetiva, afastando-se bastante de estudos do tipo autoajuda que abundam no mercado, este cuidado é indispensável. Neste sentido, os autores consideram esta conclusão do trabalho como uma recomendação importante para posteriores trabalhos empíricos sobre o tema.

4.8.2 O amor é concebido de forma diferenciada por homens e mulheres.

Em relação à variável sexo foram identificadas diferenças significantes nas categorias 4, 6, 7, 9 e 12.

Quando se analisa a Categoria 4 (O amor como algo voltado para aspectos sexuais), verifica-se que os grupos apresentam diferenças quanto a encarar o amor de uma forma mais erotizada. E, este comportamento de atribuir aspectos sexuais ao amor, ocorre com uma frequência quatro vezes maior entre o sexo masculino.

No que concerne à Categoria 6 (O amor voltado para pessoas da família), observou-se que as mulheres associam mais frequentemente que os homens atributos familiares ao conceito de amor.

Em relação à amizade (Categoria 7), nossos dados indicam os participantes do sexo feminino relacionaram o amor a este aspecto com maior frequência do que os do sexo masculino.

No que diz respeito à Categoria 9 (O amor voltado para animais irracionais) observou-se uma grande diferença entre os sexos: as mulheres associaram cinco vezes mais atributos a este aspecto do que os homens.

Finalmente, em relação à categoria 12 (O amor como fonte de emoções, atitudes e comportamentos positivos), também as mulheres tenderam a associar mais frequentemente que os homens o amor a este aspecto.

No tocante a diferenças entre os sexos os dados desta pesquisa indicam (1) que as mulheres associam mais do que os homens o amor à família, à amizade, aos animais e como uma fonte de emoções, atitudes e comportamentos positivos; (2) que os homens, mais do que as mulheres, relacionam o amor a elementos sexuais (tais como os descritos pela categoria 4).

4.8.3 O amor é diferentemente conceituado de acordo com a idade.

Nossos resultados indicam que, com o passar do tempo, as pessoas tendem a diferir quanto à atribuição de aspectos românticos ao amor (Categoria 5). O comportamento de atribuir ao amor atributos românticos ocorreu com maior frequência entre os participantes na faixa etária até 17 anos; um pouco menos entre os participantes de 18 a 30 anos e, ainda menos, para os pesquisados com idade acima de 30 anos. Em outras palavras, à medida que a pessoa fica mais velha ela vai atribuindo cada vez menos atributos românticos ao conceito de amor, embora sem abandonar totalmente tais aspectos.

No tocante ao amor voltado para a família (Categoria 6), os dados obtidos indicam que a associação de amor a aspectos familiares ocorre com maior frequência na faixa etária até os 17 anos, menos para pessoas acima de 30 anos e, por último, ainda menos na faixa etária dos 18 aos 30 anos.

A caracterização do amor em termos de amizade (Categoria 7) vai ocorrer com maior frequência na faixa etária até 17 anos;

menos entre os participantes de 18 a 30 anos e, finalmente, com frequência ainda menor, acima dos 30 anos.

O comportamento de associar o amor a entidades sobrenaturais (Categoria 8) foi mais frequente entre os participantes acima dos 30 anos; a seguir, na faixa etária até 17 anos e, por fim, na faixa etária de 18 a 30 anos que concentra o menor número de atribuições desta característica ao amor.

Finalmente, também com relação à Categoria 12 (O amor como fonte de emoções, atitudes e comportamentos positivos) ocorreram diferenças significantes entre os grupos. Tal atribuição ocorreu com maior frequência entre pessoas acima de 30 anos, decrescendo na faixa etária de 18 a 30 anos e apresentando sua menor frequência de associação no grupo até 17 anos.

4.8.4 A conceituação de amor varia de acordo com o grau de instrução dos participantes.

Diferenças significantes em função do grau de instrução foram identificadas nas categorias 5, 6, 12, 13 e 14.

Quando se analisa a categoria 5 (O amor como uma relação romântica entre duas pessoas) verifica-se que a maior frequência de respostas ocorreu entre os que tem o segundo grau incompleto; a seguir, entre os que tem o terceiro grau (completo ou incompleto), os que tem pós-graduação e, por último, entre os participantes com o primeiro grau completo.

No tocante à categoria 6 (O amor voltado para pessoas da família), os dados indicam que o maior número de atribuições ocorreu no grupo de segundo grau completo, seguido pelos participantes com segundo grau incompleto, a seguir pelos pós-graduados, pelos participantes com o terceiro grau completo e, por último, pelo grupo do terceiro grau incompleto.

Na categoria 12 (O amor com fonte de emoções, atitudes e comportamentos positivos) os resultados obtidos mostram maior frequência de respostas entre os pós-graduados; posteriormente pelos participantes com terceiro grau completo seguido pelo

terceiro grau incompleto; a seguir, com o mesmo número de atribuições tanto pelos que possuem o segundo grau completo quanto o primeiro grau completo. Finalmente, com o menor número de associações, o grupo do segundo grau incompleto.

Em relação à categoria 13 (O amor como fonte de emoções, atitudes e comportamentos negativos), o maior número de atribuições correspondeu ao segundo grau incompleto, menos pelos participantes de terceiro grau incompleto, ainda menos no grupo de terceiro grau completo, seguido pelos pós-graduados e finalizando com os participantes que têm o segundo grau completo.

Por fim, em relação à categoria 14 (Outras respostas), categoria que engloba respostas muito específicas, particulares, idiossincráticas, a maior frequência de respostas ocorreu no grupo de pós-graduados, seguido pelo terceiro grau completo, terceiro grau incompleto, segundo grau incompleto, segundo grau completo e, por último, primeiro grau completo.

4.9 Como os resultados desta pesquisa podem ser interpretados?

Os resultados/dados desta pesquisa sugeriram aos autores a análise e a discussão dos aspectos a seguir apresentados. Certamente fossem outros os autores deste trabalho, outros aspectos poderiam ter sido considerados e/ou enfatizados em função da história de vida e/ou fundamentação teórica dos pesquisadores. No presente caso, tal discussão reflete, como não poderia deixar de ser, os percursos de cada um dos seus autores como pesquisadores nas áreas da formação de conceitos e das relações amorosas e pretende contribuir, ainda que modestamente, para uma melhor compreensão de ambos os fenômenos e de seus desdobramentos para o desenvolvimento humano e interpessoal.

Inicialmente gostaríamos de salientar que, ao delinear este estudo, nunca foi nosso propósito chegar a uma definição consensual de amor. Se, ao longo de milhares de anos, algumas das

mentes mais privilegiadas da humanidade nas áreas da filosofia e literatura, não conseguiram definir precisamente o fenômeno amoroso, não seríamos nós a ter esta pretensão. Todavia, na medida em que vários psicólogos há não muitos anos atrás começaram a se interessar pelo estudo científico do fenômeno amoroso, surgiu imediatamente a necessidade de delimitar com mais precisão este objeto de estudo, até então tido como extremamente subjetivo, etéreo, inefável, enfim como algo impossível de ser cientificamente estudado. A partir daí, como considerado na introdução teórica deste trabalho, começaram a surgir tentativas de circunscrever ou delimitar o que se deveria entender por “amor”. Criação de inventários e escalas referentes ao relacionamento amoroso, distinções entre sentimentos como “gostar” e “amar”, estudos empíricos sobre o comportamento sexual de homens e mulheres que, ainda que tangencialmente dizem respeito ao amor dentre duas pessoas, e, talvez principalmente, a elaboração de uma grande variedade de teorias sobre amor, são exemplos destas tentativas de deslocar o amor do campo da Filosofia e da Literatura e trazê-lo para dentro da Psicologia. E por que não? Se a Psicologia tem sido tradicionalmente definida como o estudo do comportamento dos organismos, por que o comportamento/relacionamento amoroso deveria ficar fora do seu campo de interesse? Como visto, a resposta dos estudiosos desta área foi procurar gradualmente aproximar-se de uma conceituação menos imprecisa de seu objeto de estudo. É patentemente óbvio que não chegamos ao final desta caminhada, talvez nem no meio do percurso, mas podemos afirmar com bastante segurança que grande parte do caminho já foi percorrida. E, que a caminhada continua, haja vista o aumento exponencial de trabalhos na área ao longo dos últimos anos. É neste sentido que o presente trabalho se insere nesta área de estudos. Ou seja, como uma aproximação a um melhor entendimento do fenômeno do relacionamento amoroso.

Para tal buscamos dentro das teorias de conceitos aquela que, no nosso entender, é a mais adequada para nosso propósito, qual seja a visão teórica, pelas razões a seguir explicitadas.

4.9.1 *A visão teórica como um quadro de referência para a interpretação dos resultados.*

Como anteriormente considerado na parte inicial deste estudo, optou-se pela a visão teórica para análise dos resultados, na medida em que o conceito, dentro dos pressupostos dessa teoria, nunca pode ser analisado isoladamente, uma vez que faz parte de uma rede de relações com outros conceitos, da qual deriva seu significado (Nunes & Lomônaco, 2008). Consequentemente, o significado de um conceito é derivado dos conceitos que a ele estão relacionados.

Primeiramente, é importante ressaltar que os resultados desse estudo confirmam outros muitos estudos realizados no Brasil e em várias partes do mundo (Jankowiak, Shen, Yao, Wang, & Volsche, 2015; Mouton & Montijo, 2015; Munck & Kronenfeld, 2016; Pilishvili, & Koyanongo, 2016; Fehr & Russell, 1991) que indicam que o fenômeno amoroso é um conceito complexo, multifacetado e multidimensional. Alguns estudos (como podem ser citados Fehr & Russell, 1984; Fehr & Russell, 1991; Fehr, 1993; Fehr, 1994; Fehr, 1999; Regan, Kocan & Whitlock, 1998), com objetivos semelhantes ao nosso, foram conduzidos e analisados de acordo com os pressupostos da visão prototípica, visão essa que, como vimos, tem sido sujeita a um grande número de críticas em função de suas limitações, tal como considerado na fundamentação teórica deste trabalho. Não obstante tal divergência epistemológica constata-se que categorias muito semelhantes às nossas foram encontradas por parte desses pesquisadores. Por exemplo, Fehr e Russell (1991), em seu estudo *The concept of love viewed from a prototype perspective* (O conceito de amor visto de uma perspectiva prototípica), conduziram uma série de seis estudos que identificaram vinte manifestações de amor dos participantes, a

saber: amor materno, amor paterno, amor entre irmãos sejam homens ou mulheres (no estudo original: *sibling love*), amizade, amor fraterno (no estudo original: *fraternal love*), amor romântico, amor entre irmãos homens (no estudo original: *brotherly love*), amor entre irmãs (no estudo original: *sisterly love*), amor familiar (no estudo original: *familial love*), amor de afeição (no estudo original: *affection love*), amor de compromisso (no estudo original: *committed love*), amor pela humanidade, amor espiritual, amor apaixonado (no estudo original: *passionate love*), amor próprio, amor sexual, amor patriótico, amor pelo trabalho, amor pelos animais, gamação/ paixão cega (no estudo original: *infatuation*). A língua inglesa permite pormenorizar alguns termos, por exemplo, para designar um amor exclusivamente para irmãos homens, outro para irmãs, outro para irmãos e irmãs. No presente estudo optamos por considerar desnecessária tal subdivisão, até mesmo, porque em território brasileiro, no qual foi conduzida essa pesquisa, não há esta diferenciação.

Um aspecto crucial para avaliar a pertinência da visão teórica na interpretação dos resultados é verificar se ocorre ou não o fenômeno que Keil (1989) denominou de *homeostase causal* e que é um conceito fundamental em sua perspectiva teórica. Tal termo designa um estado no qual os diferentes conceitos associados a um conceito nuclear ou central convergem num mesmo sentido, ou seja, não apresentam divergências ou oposições entre si, mas formam um sistema coeso e coerente (às vezes, denominado de “teoria”). Será que este fenômeno pode ser identificado nos resultados deste estudo?

Pensamos que sim, pois, no conjunto das treze categorias consideradas (a categoria “Outras Respostas” não será incluída nesta análise específica), em 12 delas, pode-se observar o fenômeno da homeostasia causal, uma vez que, quando consideradas em conjunto, pode-se identificar uma rede na qual as categorias apontam numa mesma direção, qualificando o amor como uma emoção positiva, de aproximação, ainda que dirigida para

diferentes e variados objetos (família, animais, flores, pessoas, Deus etc.). Não obstante, todas as categorias contribuíam para o resultado final, isto não implica que cada uma delas deva contribuir igualmente para tal resultado. Tal como pode ser observado na Figura 62, a porcentagem de respostas variou amplamente, indicando que elas podem assumir pesos diferentes. Tal aspecto é particularmente notado na categoria 12, que considera o amor como uma fonte de emoções positivas.

Em outras palavras, os aspectos identificados nessas doze primeiras categorias parecem manter-se em estado equilíbrio uns com os outros, sem contradições ou oposições aparentes entre os conceitos associados que constituem a rede ou sistema (ou “teoria”) referente ao amor. São estas relações encontradas entre os conceitos que possibilitam a coesão do sistema, conferindo-lhe um caráter de totalidade ou globalidade. E, nesse todo coeso, mudanças em uma das partes, provocam mudanças no todo. E, uma vez que os diferentes atributos de um mesmo conceito se apresentam altamente inter-relacionados, é impossível mudar um atributo sem afetar os outros que fazem parte dessa rede conceitual (Lomônaco, Cazeiro & Ferreira, 2006). Decorre deste aspecto que, à medida que se desenvolvem, as pessoas vão modificando seus conceitos de acordo com suas experiências amorosas, uma vez que as novas informações interagem com essa rede conceitual já formada e provocam uma ruptura no sistema, levando a sua reorganização. Ou seja, a rede de interconexões entre os conceitos (ou seja, a “teoria”) vem a sofrer mudanças e a se transformar no decorrer de novas aprendizagens.

Este aspecto pode ser observado neste estudo quando, por exemplo, comparamos falas das pessoas mais velhas e/ou com maior grau de instrução, pois, provavelmente, tais pessoas por terem tido um maior número de experiências, estímulos ou mesmo conhecimentos instrumentais ao longo de sua vida, emitiram um maior número de associações neste ou naquele sentido. Por exemplo, enquanto pessoas mais jovens neste estudo emitiram

respostas relacionando o amor a aspectos mais românticos; pessoas mais velhas e/ou com maior grau de instrução emitiram mais respostas relacionadas ao amor enquanto um aspecto relacionado a elementos positivos, tais como os que foram descritos na categoria 12. Acreditamos ser possível inferir, a partir de resultados como estes, que o fenômeno dinâmico da homeostase causal está presente na formulação do conceito de amor e é alterado por fatores como experiências novas e aprendizagens diversas que tendem a ocorrer com a passagem do tempo.

Um aspecto supostamente destoante dessa análise é o da categoria 13, que concebe o amor como fonte de emoções, atitudes e comportamentos negativos e cuja frequência percentual foi de 7%, não muito alta, mas bastante superior ao de algumas outras categorias. Como interpretar esta aparente dissonância nos resultados?

Embora a explicação para tal aparente contradição não seja claramente evidente, é possível formular algumas hipóteses na tentativa de compreendê-la, ainda que deva estar claro que são apenas especulações fundamentadas em parte, ainda que não exclusivamente, na historiografia do amor apresentada na primeira parte deste trabalho.

Como visto nesta parte do trabalho, algumas das raízes que podem ter levado os participantes deste estudo a considerar o amor como algo próximo ao descrito na categoria 13, podem ser encontradas no amor cortês da Idade Média, no ultrarromantismo do século XIX ou mesmo na influência do cinema americano. Elementos como a idealização do inatingível ser amado e o sofrimento que tal distanciamento causa puderam ser encontrados nas respostas referentes a dramas entre casais, pessimismo afetivo, negativismo interpessoal e desilusão amorosa etc. O que se hipotetiza neste caso é que o sofrimento amoroso talvez não seja considerado tão dolorido, algo do qual devemos fugir a qualquer custo, mas como uma sina ou condição de quem ama alguém e, portanto, até mesmo como algo desejável. É como se a pessoa

disse para si mesma: *Melhor sofrer por amor do que não ter nenhum amor*, ou algo similar. Em nossos dias, tal condição é frequentemente descrita e, até mesmo valorizada, em canções de diferentes estilos musicais e no linguajar cotidiano, às vezes expressa em neologismos como *sofrência*. Num ou outro caso os termos que expressam este tipo de sofrimento não parecem carregar uma conotação negativa. Em outras palavras, o sofrimento pode ser considerado como inevitável num relacionamento amoroso e visto, até mesmo, como uma etapa necessária na construção de uma relação mais amadurecida e duradoura. Ou seja, é possível que as pessoas afetadas por um sofrimento amoroso não considerem esta situação que as debilita como se fosse algo muito ruim, do qual querem se ver livres o mais rapidamente possível. A dor do amor, na visão daqueles que a sofrem, pode ter algo de bom – ainda que as maltrate em seu cotidiano. Se nossas suposições corresponderem à realidade, então os termos incluídos dentre desta categoria não deveriam ser considerados como inerentemente negativos.

Outro exemplo ilustrativo do que foi aventado é o caso do ciúme que foi uma resposta bastante evocada por muitos respondentes deste estudo e que, aparentemente, poderia ser pensada como um aspecto negativo. Para grande parte das pessoas, como atestam os estudos de Mullen & Martin (1994), há uma relação estreita entre o amor romântico, relacionamentos amorosos e o ciúme. Mesmo para outros teóricos tais como Ferreira-Santos, 1998; Leonel, 1993; Mathes, 1991; Pittman, 1994; Salazar, Couto, Gonçalves e Pereira, 1996 e White e Mullen, 1989, há a possibilidade de haver algum aspecto neutro, ou ainda positivo no ciúme, no sentido de ele acarretar a aproximação do casal, como uma estratégia útil para se lidar com uma situação ameaçadora. Já para o senso comum, e, sobretudo, para a cultura brasileira, percebe-se a manutenção de um ambiente favorável às atitudes ciumentas. Isto é, os parceiros se veem na obrigação de demonstrar ciúme como prova de amor (Ferreira-Santos, 1998). De fato,

principalmente no contexto brasileiro, muitas pessoas que são alvos do ciúme do (a) parceiro (a), dependendo do grau e de acordo com seus históricos de vida, sentem-se lisonjeados em provocar este tipo de atenção sobre elas mesmas. Ou seja, no contexto brasileiro, as atitudes de ciúme não são necessariamente malvistas pelas pessoas; elas até podem servir de termômetro do relacionamento. Enfim, se a resposta ciúme puder ser assim relativizada, talvez outras respostas também possam, reduzindo assim o percentual de repostas que expressam um genuíno sentimento de dor.

4.9.2 Conceituação do amor em função do sexo dos participantes

De acordo com o sexo de cada pessoa, ela pode conceituar o amor de forma diferenciada. No que diz respeito a esse quesito, esta pesquisa apontou: (1) que as mulheres associam mais do que os homens o amor relacionado à família, à amizade, aos animais e como uma fonte de emoções, atitudes e comportamentos positivos; (2) que os homens citam o amor relacionado mais a elementos sexuais (tais como os descritos pela categoria 4); (3) que existe uma correlação baixa, mas significativa quando as pessoas citam aspectos românticos (tais como os descritos pela categoria 5) e aspectos sexuais (tais como os descritos pela categoria).

Sob uma perspectiva evolutiva, Buss (1988) propôs que o amor funcionalmente foi um comportamento selecionado para: (1) atrair um companheiro, (2) reter esse companheiro, (3) reproduzir com o companheiro, e (4) investir parentalmente na descendência resultante e, por isso, homens e mulheres apresentam algumas diferenças. No entanto, como se pode intuir, homens e mulheres apresentam diferenças comportamentais que vão além de mecanismos evolutivos de reprodução e da manutenção da espécie; que não podem ser explicadas apenas pelas origens sociais e culturais (Berry, Poortinga, Segall, & Dasen, 1992). Essas características também são um produto de diferenças biológicas (Hatfield & Rapson, 2002; Sprecher & Toro-Morn, 2002; Santos-

Iglesias, Calvillo & Sierra, 2013) e psicológicas (Almeida & Madeira, 2015; Dosch, Rochat, Ghisletta, Favez & der Linden, 2015), que atuam como agentes de diferentes configurações de relacionamento romântico e na forma de se conceber o amor em suas mais diversas representações.

Como se pode observar neste estudo, homens são mais propensos a relacionar amor a sexo do que as mulheres. Este apontamento coaduna-se com aportes teóricos e empíricos indicativos de que, em termos de interesse sexual, os homens parecem estar mais interessados do que as mulheres nos aspectos sexuais e associam o estímulo amor, também mais frequentemente do que as mulheres, a elementos eróticos ou genitais, tais como os abrangidos pela categoria 4, pensando mais frequentemente no tópico e relatando um maior número de fantasias sexuais (Hendrick, Hendrick, Foote, & Slapion-Foote, 1984; Baumeister, Catanese, & Vohs 2001; Beck, Bozman & Qualtrough, 1991; Carvalho, & Nobre, 2011 a e b; Janssen, 2011; Sierra, Perla, & Santos-Iglesias, 2011; Sierra et. al., 2014; Murray, 2014).

Por outro lado, quando o assunto é família, as mulheres parecem se importar mais com este aspecto e com os conteúdos a ele relacionados (por exemplo, animais irracionais) como se pode observar nesse estudo. Geralmente as mulheres são mais propensas a pensar no amor associado ao comprometimento emocional, à experiência de ser desejada pelo parceiro e aos componentes de segurança que este possa lhe transmitir (Buss, 2000; Cimbalo e Novell, 1993; Meana, 2010; Murray & Milhausen, 2012 a e b Murray, 2014), enquanto os homens são vistos como desempenhando os papéis de nutrir e de serem responsáveis financeiramente pela família. Neste sentido, nossos resultados confirmam estudos que evidenciam um maior interesse do sexo feminino por questões familiares e relacionam o amor aos mais variados elementos que evocam este estímulo. Em outras palavras, homens e mulheres valorizam diferentes aspectos da família, mas os homens passam a se preocupar mais com essa questão quando já

fazem parte de uma unidade familiar. Este dado confere com a literatura (e.g. Matos, 2008) que evidencia a grande importância que as mulheres atribuem a suportes mais estáveis como o que as relações familiares podem proporcionar.

É sabido por muitos estudos (como podem ser citados: Gilman et al., 2008; Souza & Hutz, 2012; Souza & Duarte, 2013; Souza & Hutz, 2008) que relacionar-se com o ser amado e com amigos são o principal indicador de bem-estar na vida de alguém. No que diz respeito às amizades, diferentemente do que se toma como certo pelo senso comum, as mulheres parecem lembrar mais da amizade enquanto uma possível manifestação do amor do que os homens. Em outras palavras, as amizades são importantes, mas especialmente para as mulheres. Estudos como os de Fehr & Broughton (2001), Warde e Tampubolon (2002) e Hendrick & Hendrick (2005) dão suporte a tal constatação e vão além, ao apontarem que as mulheres valorizam mais as amizades do que os homens. Além disto, a amizade entre mulheres parece ser fundamentalmente diferente da amizade entre homens. Estudos (como os conduzidos por Mendelson, & Aboud, 2003; Souza, & Hutz, 2007b) sugerem que as amizades entre mulheres são de melhor qualidade do que entre homens, mais íntimas, próximas e divertidas, envolvendo maior satisfação e trocas afetivas. Complementarmente a essa discussão, Dunbar (http://library.fora.tv/2010/02/18/Robin_Dunbar_How_Many_Friends_Does_One_Person_Need) aponta que as mulheres têm relacionamentos muito mais intensos, assemelhando-se a relações românticas.

Há de se ressaltar que neste estudo foi observado uma correlação moderada (0,52) e significativa ($p > 0,000$) entre as categorias 5 e 6, o que é coerente com esses apontamentos teóricos anteriores, pelo fato de, provavelmente, os participantes dessa pesquisa considerarem família e amigos, seu entorno mais próximo, fontes de apoio e suporte social. Esses dados resgatam e confirmam a importância do Modelo do Comboio Social. Segundo

esta teoria (Kahan e Antonucci, 1980), as pessoas passam pela vida cercada por comboios sociais: relacionamentos sociais dentre os quais círculos de amigos próximos e de familiares com os quais elas podem contar para auxílio, proteção, socialização, apoio emocional, instrumental, bem-estar e apoio social e aos quais elas, por sua vez, também oferecem assistência, interesse e ajuda. Essas pessoas são significativas e importantes para a saúde psicológica dos indivíduos.

Mas, embora exista no pensamento popular/leigo a crença de que as mulheres associam e, talvez, cultivam uma visão mais romântica do amor, essa crença não pode ser corroborada ou refutada por meio deste estudo. Curiosamente, alguns autores, tais como Hendrick & Hendrick, (1997), Spreacher & Metts, (1989), Weaver & Ganong (2004) indicam que os homens têm uma visão até mais romântica do amor do que as mulheres, diferentemente do que imagina o pensamento leigo. Em um instrumento de medida denominado *Escala de crenças românticas*, elaborado pelos autores Hazan e Shaver (1987), em que se pede para pessoas avaliarem o quanto elas concordam com declarações como: *A maioria de nós pode se apaixonar por várias pessoas; não existe “um amor verdadeiro” que tenha um significado único*, o sexo masculino apresentou uma maior pontuação. Além disso, homens também foram mais propensos do que as mulheres a acreditar na noção romântica de amor à primeira vista, quando concordavam com afirmações desses instrumentos tais como: *O tipo de amor que nos deixa de “pernas para o ar”, representado nos filmes e nos romances, existe na vida real*.

Para dar sentido a essas diferenças de gênero, contrárias ao ideário popular, os autores recorrem à psicologia evolutiva fundamentando-se na premissa de que as mulheres tendem a ser mais pragmáticas quando procuram um companheiro (Harrison & Shortall, 2011). De acordo com a teoria evolutiva representada por David Buss, dentre outros expoentes, as mulheres devem ser mais seletivas ao escolher companheiros porque, por necessidade biológica, elas devem investir mais em se tratando dos cuidados

oferecidos pela maternagem. Autores como Buss e Schmitt (1993) mostram que, como os homens têm o potencial biológico de ter muitos mais filhos do que mulheres e, com muito menos esforço envolvido no processo de concepção e criação, disto resultaria que uma abordagem mais cautelosa e menos romântica do amor seria mais adequada evolutivamente para as mulheres do que para os homens. Ou seja, as mulheres que, em nosso passado ancestral, adotaram uma abordagem mais pragmática e cautelosa na escolha do parceiro amoroso, futuro pai de seus filhos, foram mais bem-sucedidas em transmitir seus genes ao longo do tempo e possibilitaram que essa tendência viesse a se constituir em um legado comportamental para as gerações futuras (Rubin, Peplau, & Hill, 1981).

4.9.3 O amor no decorrer do desenvolvimento humano: o fator idade dos participantes

Os resultados obtidos nesse estudo confirmam a teoria de que as pessoas consideram o amor um sistema complexo e dinâmico que envolve cognições, emoções e comportamentos relacionados muitas vezes à felicidade do ser humano, conforme apontam cientificamente Almeida e Mayor (2006). Como pudemos observar, em todos os grupos etários pesquisados, a categoria 12 apresentou uma frequência de associações maior do que todas as outras, o que condiz com a teoria de que, amar alguém, em primeira análise, significa reconhecer uma pessoa como fonte real ou potencial de sua própria felicidade (Ingenieros, 1910/1968; Simmel, 1993). De fato, o amor constitui um elo, não necessariamente relacionado à satisfação e/ou a gratificação pessoal, mas a situações, pessoas, objetos, que têm importância para as pessoas que nos cercam.

Maturana (1998) atesta que o amor passou a ser uma das maiores fontes de socialização do ser humano, contribuindo para o seu desenvolvimento visto que inclui relações de proximidade, cooperação, respeito e colaboração constituindo-se num dos

fundamentos mais importantes do ser humano. Ainda, de acordo com Maturana (1998), foi o modo de vida hominídeo que tornou possível a linguagem, e foi o amor, como a emoção que constituiu o espaço de ações em que se estabeleceu o modo de viver hominídeo, a emoção central na história evolutiva que deu origem a espécie. Outros autores como Braz (2006) são categóricos ao afirmar que: *Sem amor os seres humanos não formariam vínculos. Sem vínculos não formariam os sistemas sociais, sem estes não haveria socialização genuína dos seres humanos e, por fim, a evolução estaria comprometida* (sem página, online). Esse vínculo incomparável e singular (que também recebe a denominação amor) participou ativamente do surgimento da pessoa humana como criatura psicológica e social, segundo Morin (1969) e May (1973).

Como se pode observar nesse estudo, com o passar do tempo as pessoas abandonam referências românticas anteriores, tal como definido e delimitado pela categoria 5, para conceituar e compreender esse fenômeno como algo descrito e delimitado pela categoria 12. O que se pode constatar quando se verifica uma correlação positiva e significativa apenas com relação à categoria 12, enquanto categorias como a 5, com o passar da idade, são menos citadas. Em outras palavras, as pessoas que anteriormente possuíam uma compreensão conceitual e um sistema de referência amoroso predominantemente romântico, passam a encarar o amor, com o passar do tempo com novos critérios e a considerá-lo, uma fonte de emoções positivas, não necessariamente românticas. Com o passar do tempo, as interações afetivas e, porque também não dizer, as decepções que as pessoas terão ao longo de seu ciclo vital, tenderão a mudar sua concepção sobre amor e relacionamento amoroso. É mais provável, então, que uma pessoa acima dos 30 anos se preocupe mais com os aspectos funcionais do relacionamento como arranjar um namorado, noivo, marido ou mulher para se casar, nutrindo ou não sentimentos como a paixão que estão mais relacionados ao romance em grupos abaixo dos 30 anos, para os quais o amor e a paixão são elementos

imprescindíveis para o relacionamento ocorrer. Em outras palavras, muitas são as motivações que levam uma pessoa a ter um relacionamento de longo prazo, como um matrimônio ou um morar juntos, diferente daquelas vistas de uma perspectiva romantizada, tais como os referenciais do trovadorismo medieval ou do movimento literário romântico.

Este estudo também verificou que as pessoas fazem mais associações entre o estímulo amor e elementos religiosos na primeira e na terceira faixa etária estudada, sendo menores as associações produzidas pelos respondentes de 18 a 30 anos. É possível que isto ocorra pelo fato dos participantes estarem mais centrados, ainda que temporariamente, em algumas outras tarefas e atividades do desenvolvimento humano que requeiram maior atenção e/ou preocupação.

Há de se presumir também que a amizade venha a diferir conforme a etapa do desenvolvimento humano em que nos encontramos. Nas fases primeiras da vida, a pessoa parece não ter exageradas restrições para sua interação com os amigos. Paulatinamente, com o passar do tempo e das relações interpessoais que essa venha a consolidar, cada pessoa vai se tornando mais criteriosa com aqueles os quais quer conviver (Borsa, 2013). Dessa forma, pode-se assumir que, em média, a quantidade de amigos diminui com a entrada na idade adulta e o envolvimento em romance estável, casamento, surgimento de filhos e dedicação ao trabalho (Carbery & Buhrmester, 1998). Autores contemporâneos como Laura L. Carstensen desenvolveram uma teoria para explicar esse efeito. Essa teoria é conhecida como Teoria da Seletividade Socioemocional.

De acordo com a teoria da seletividade socioemocional, as pessoas tendem a diminuir sua rede de relações sociais e seu envolvimento social, mas a qualidade das relações e do engajamento é mantida por meio de um processo de seleção. Os fundamentos dessa teoria foram propostos por Carstensen (1991) para explicar o afastamento social, o declínio nas interações sociais

e o declínio na intensidade e na variedade das respostas emocionais dos idosos, cujas teorias clássicas da atividade (Havighurst & Albrecht, 1953) e do afastamento (Cummings & Henry, 1961) apontavam como consequências naturais do envelhecimento. Assim, de acordo com os pressupostos dessa teoria, os adultos e, sobretudo, os idosos investiriam em relações significativas, que envolvem proximidade afetiva, descartando aquelas que lhes são perturbadoras ou que lhes exigem recursos emocionais adicionais. Tendem a escolher atividades nas quais se sentem mais competentes, menos ameaçados, mais parecidos com seus pares etários, ou cujo desempenho favoreça a autoestima e a auto eficácia. Tendem a abandonar atividades sociais que lhes oferecem menos possibilidades de desembocar nesses desfechos. No processo de seletividade socioemocional, os idosos tendem a relacionar-se com pessoas que lhe ofereçam conforto emocional ao invés de investir na busca de informações e no status social. Como vimos nesta pesquisa, embora o número de participantes idosos não tenha sido expressivo, pode-se observar que com o passar da idade as pessoas vão revelando algumas tendências, como por exemplo, valorizar mais as amizades, quando abaixo dos 17 anos, do que aqueles que estão acima dos 30 anos. Em suma, nossos resultados estão de acordo com os pressupostos da teoria da seletividade socioemocional.

4.9.4 O amor e a variável grau de instrução dos participantes

Além do fator idade, que está relacionado a um maior número de experiências vividas, sejam elas positivas ou negativas, é possível hipotetizar que o grau de escolaridade de uma pessoa também influencia a sua forma de conceituar os fenômenos a sua volta. Embora não se possa estabelecer uma correlação entre grau de instrução e idade, pode-se presumir que, dadas às exigências da sociedade contemporânea, nos locais onde os participantes foram recrutados para este estudo e a competitividade na alocação de pessoas cada vez mais especializadas nos diversos setores e cargos

da sociedade, que exista alguma relação entre idade e grau de instrução. No caso, costumeiramente pensa-se que quanto maior for a idade, provavelmente maior será o seu grau de instrução. E quanto maior for o grau de instrução, maior serão possivelmente as associações formadas em relação aos diversos conceitos que possuem. Partindo-se desses pressupostos, pode-se aventar que o conceito de amor também é influenciado pelo fator escolaridade.

Outra questão importante levantada pela literatura que tematiza as idiossincrasias encontradas nas relações românticas é a proposta por Aloni e Bernieri (2004). Os autores levantaram a hipótese de que pode haver diferenças na constituição de esquemas formulados sobre o amor de acordo com diferentes modalidades de relação romântica. Por essa perspectiva, a experiência individual e o conhecimento do objeto de interesse influenciam as representações cognitivas das pessoas. Apesar da falta de consenso na literatura, os autores afirmam que as pessoas mais velhas geralmente são mais experientes em relação ao amor e desenvolvem esquemas cognitivos mais ricos sobre o fenômeno. Pode-se observar no nosso estudo que, em geral, as pessoas das faixas etárias mais altas são aquelas que expressam um maior número de citações idiossincráticas (tais como as descritas e abarcadas pela categoria 14) sobre o amor em relação a faixas etárias mais jovens. Paralelamente a essa observação também se pode observar que pessoas com um grau de instrução maior, como ter uma pós-graduação, consideram o amor como um aspecto tipicamente positivo (tal como descrito e abarcado pela categoria 12).

4.9.5 Propinquidade

De acordo com a maior parte de estudiosos dessa área, são apreciadas e valorizadas mais aquelas pessoas que vivem ou moram perto de nós. A esse efeito dá-se o nome de propinquidade que faz referência à proximidade física ou psicológica entre pessoas. Propinquidade pode significar proximidade física,

parentesco entre pessoas ou semelhança de natureza entre as coisas. Preferiu-se usar o termo propinquidade neste estudo por serem muitas as formas de interação possíveis na atualidade, inclusive as virtuais, as quais não se atêm a espaços físicos ou geográficos. Embora, esse estudo não tenha se proposto a analisar esse fenômeno, pode-se detectá-lo inferencialmente, como se mostrará mais à frente. Levando-se em consideração que a questão da propinquidade não foi um dos objetivos dessa pesquisa, mas foi identificada, considera-se então oportuna, uma introdução, ainda que sumária desse fenômeno.

Desde o final da década de 50 do século passado, estudos como os de Festinger, Schachter & Back (1959) e de Zajonc (1968), demonstraram que, quanto maior a exposição e a interação com determinado estímulo, maior a probabilidade de se vincular a ele e melhor é a qualidade dessa interação. Enquanto Zajonc realizou seu experimento utilizando caracteres chineses e também retratos de pessoas, apresentando estes estímulos às pessoas por 10, 20 e 25 vezes, Rodrigues e Bosch (citado por: Rodrigues, Assmar & Jablonski, 2002) replicaram o experimento de Zajonc com participantes brasileiros e acrescentaram duas outras intensidades de frequência 40 e 60 vezes. Os resultados confirmam os de Zajonc para as frequências de até 25 vezes. Embora seja inadequado generalizar estes dados para a situação interpessoal, percebe-se, entretanto que, pelo menos, o início das amizades pode ser facilitado pela frequência de contatos puramente visuais (tal como nos experimentos anteriormente citados). Daí em diante o fenômeno da propinquidade adquire características próprias e diversas do que foi considerado nos experimentos citados.

Desta forma, em geral, gosta-se mais das pessoas que estão próximas umas das outras porque interagem mais frequentemente entre si. Nossos resultados validam essas observações, tais como os estudos conduzidos por Fischer e Shavit (1995), ou mesmo, ou de Granovetter (1983) de que amigos próximos tendem a ter mais ligações uns com os outros do que amigos mais distantes.

Uma simples e mera exposição, ou seja, quanto mais se vê uma pessoa, mesmo que não fale com ela, mais se gosta dela. Este é um efeito muito poderoso, e, se assim não fosse, não seria tão largamente utilizado pelos publicitários. Fica claro que a mera exposição funciona desde que não se tenha uma atitude negativa face àquela pessoa e, mesmo assim, há exceções (Almeida, 2004). Ao que tudo indica, a geografia parece influenciar fortemente as histórias de amor e as relações de amizade. Os dados dessa pesquisa corroboram esses estudos acerca de propinquidade quando, por exemplo, apontam uma correlação significativamente moderada entre as citações de palavras e termos que foram posteriormente categorizados como associados com os conteúdos amigos e família, quando os participantes dessa pesquisa foram solicitados a lembrarem de palavras relacionadas ao amor.

Para explicar esse efeito da propinquidade, Rodrigues, Assmar e Jablonski (1999) realizam um levantamento científico de hipóteses acerca desse fenômeno, a saber:

- *Conveniência*: levando-se em consideração que o ser humano se comporta inerentemente por um princípio econômico de energia (lei do mínimo esforço) é muito mais cômodo envidar esforços para a manutenção de contatos com alguém que está próximo. Dessa forma, os custos envolvidos na superação do problema da distância física entre pessoas que se gostam desaparecem na situação de proximidade, tornando a relação interpessoal mais gratificante;

- *Familiaridade*: o fato de encontrar-se com uma pessoa frequentemente conduz a uma procura, ao menos, de relações amistosas com a mesma, principalmente devido à convivência entre as mesmas. Duas pessoas que moram no mesmo andar de um prédio, por exemplo, têm uma maior propinquidade que aquelas vivendo em andares diferentes, tal como duas pessoas com convicções políticas possuem uma propinquidade maior que aquelas cujas convicções podem diferir grandemente;

– *Diminuição da ansiedade perante o desconhecido:* presumivelmente, o ser humano possui mecanismos de prevenção contra o novo, o diferente, o fora do comum. Assim, o contato repetido reduz as ansiedades e demais desconfortos. A proximidade também significa que as pessoas que se gostam podem frequentar-se amiúde e acumular experiências satisfatórias que reforçam o próprio contato e conseqüentemente o relacionamento.

– *Oportunidade de maior conhecimento mútuo, resultando em uma maior capacidade de predição do comportamento:* essa característica beneficia o desenvolvimento do ser humano no que diz respeito à integração entre si e o entorno no qual se encontra inserido por favorecer a aquisição de informações que subsidiam a predição do comportamento futuro, promovendo vínculos de confiança (por meio do histórico de relações), intimidade, cooperatividade, adesão interpessoal e socialização, reafirmando a estabilidade do grupo. Decorrente desse aspecto pode-se observar uma maior probabilidade de se atribuir mais características positivas e julgar as ações do entorno próximo como mais favoráveis;

– *Simples familiaridade, decorrente da frequência dos encontros:* desde o início, estudos de Zajonc (1968), bem como o de Rodrigues e Boschi (1971) mostraram que as pessoas tendem a desenvolver sentimentos mais positivos em relação a objetos que lhes são apresentados mais vezes. Os dados desse estudo também fortalecem esse conhecimento. Considerando o porte das cidades sede da coleta (São Paulo – grande porte) e (São Carlos – médio porte), podem-se aventar, com alguma segurança, diferenças nas oportunidades de convivência entre as pessoas destas cidades. Talvez por isso, pessoas de uma cidade de médio porte como São Carlos, cite mais vezes do que pessoas de São Paulo palavras relacionadas à família como sinalizam nossos resultados.

A título de informação para o leitor, São Carlos é um município brasileiro localizado no interior do estado de São Paulo, na região Centro-Leste, e a uma distância rodoviária de 230

quilômetros da capital paulista. Com uma população recenseada (em 2010) em 221.950 habitantes, distribuídos em uma área de unidade territorial, em 2015, de 1.136,907 km², de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Diferentemente da cidade São Carlos a cidade de São Paulo (situada dentro do estado de São Paulo) é um município brasileiro, capital do estado de São Paulo e principal centro financeiro, corporativo e mercantil da América do ul. Com uma população recenseada (em 2010) em 11.253.503 habitantes, distribuídos em uma área de unidade territorial, em 2015, de 1.521,110 km², de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sendo o nono maior em extensão territorial. De toda a área do município, 968,3248 km² são de áreas urbanas, sendo a maior área urbana do país.

4.9.6 Considerações finais

O amor é um fenômeno muito complexo. Ao longo da história humana ele tem sido entendido e definido de múltiplas maneiras. O que as pessoas acreditam que o amor é? Quais são seus atributos e características? Que tipos ou exemplos do amor melhor o representam? Apesar de sua evidente importância e onipresença em nossa vida, o termo amor é frequentemente utilizado de forma indiscriminada pelas pessoas, levando a variadas e diferentes concepções do que ele seja. Logo, pesquisar a respeito da temática amorosa nos impele a um reposicionamento ante esse fenômeno conhecido desde a nossa mais tenra idade, com o qual crescemos e, por vezes, vivenciamos diariamente, mas não refletimos suficientemente sobre o seu real significado. Há que se evidenciar que, pesquisar, discorrer ou falar de amor é uma façanha árdua. Corre-se o risco de cair na banalidade, na ambiguidade, no espiritualismo ou até mesmo no sentimentalismo. E como poderia haver uma afirmação veemente de validade universal no que diz respeito ao amor, levando-se em consideração a pluralidade de idiosincrasias (muitas delas provavelmente

contaminadas pelo etnocentrismo), que tentam estabelecer uma primazia na definição do que o amor realmente é. Também é fato que as concepções de amor certamente evoluíram e continuam a evoluir ao longo do tempo em função do contexto histórico no qual está inserido. Neste sentido, acreditamos que os achados deste estudo podem ajudar a obter uma melhor compreensão do amor enquanto um fenômeno psicológico, na medida em que dados empíricos mais objetivos puderam ser coletados nesta área em que reina o subjetivismo.

Como se pode constatar nesse estudo, o amor é um fenômeno plural e multidimensional que inclui as mais variadas expressões e que se modifica ao longo do tempo em função de fatores tais como sexo, idade e nível de instrução, considerados neste estudo. Consequentemente, o amor pode significar coisas diferentes para pessoas diferentes em diferentes culturas e momentos históricos. Embora outros estudos no passado tenham se proposto a definir o amor e a descrevê-lo de acordo com critérios próprios, este trabalho, de forma original, procurou não partir de definições apriorísticas, considerando toda a expressão de amor possível e não hegemônica sobre as demais, tal como propõe Lee (1988) dentre outros. Um estudo como este que contou com uma amostra de 600 sujeitos, identificou 14 categorias, analisou sete grupos e mais de três mil respostas, é singular tanto em termos quantitativos, quanto qualitativos.

Todavia, ainda que este estudo tenha propiciado muitos dados e achados a respeito do tema, há que se evidenciar que seus resultados, embora obtidos de uma amostra significativa de sujeitos, não podem ser automaticamente generalizados para outros grupos e amostras, uma vez que se refere a apenas duas cidades brasileiras e não foi possível, por razões práticas, principalmente de ordem econômica, constituir uma amostra representativa do nosso país.

Desta forma, sugere-se e espera-se que outras pesquisas na área, similares ao presente estudo, venham a ser realizadas,

ampliando e diversificando as amostras e/ou investigando aspectos ou variáveis não consideradas neste trabalho. Por exemplo, futuros pesquisadores poderiam considerar outras amostras nacionais e internacionais, ocidentais e orientais com o intuito de comparar os resultados obtidos, levando-se em consideração o desenho do método utilizado para este estudo, de tal forma a corroborar seus resultados e/ou sugerir interpretações e análises teóricas alternativas.

ANEXO

Transcrição *ipsis litteris* do capítulo 5 da tese de Almeida (2017), no qual a análise estatística dos dados é apresentada.

RESULTADOS

5.1 Tabulação das respostas

De posse do material coletado, todas as respostas dos participantes foram digitadas e tabuladas. Posteriormente, algumas das respostas foram desmembradas em suas partes componentes. Quando, por exemplo, um participante respondeu, mediante a sua exposição ao estímulo amor: *Amor, um sentimento importante e necessário. Amor ao próximo, amor de mãe e pai, amor como namorado e namorada. O amor precisa ter moradia em todos os corações do mundo inteiro. É o que falta no mundo. Amor vence a guerra.* Fragmentadas as respostas, teremos sete itens ou dados a considerar, a saber: (1) amor, um sentimento importante e necessário; (2) amor ao próximo; (3) amor de mãe e pai; (4) amor como namorado e namorada; (5) o amor precisa ter moradia em todos os corações do mundo inteiro; (6) é o que falta no mundo; (7) amor vence a guerra. Esse processo de fragmentação das respostas frasais dos participantes, conjuntamente com suas respostas singulares resultou num total de 3243 respostas, que foram objeto de posterior análise e categorização.

5.2 Criação das categorias

Após a tabulação das respostas, teve início a etapa de criação das categorias. As categorias inicialmente formuladas foram

discutidas entre o pesquisador e seu orientador a fim de chegar-se a um consenso sobre quais itens deveriam ou não ser incluídos em cada categoria criada, assim como quais itens não fariam parte de nenhuma das categorias existentes e deveriam ser agrupadas na categoria “Outras respostas”. Em sucessivas reuniões de orientação, chegou-se a ao consenso de 13 categorias, sendo a décima quarta, reservada para respostas idiossincráticas evocadas pelos diversos participantes. Consequentemente, foram criadas, definidas e exemplificadas as categorias, a seguir consideradas.

5.2.1 CATEGORIA 1: O AMOR COMO UMA RELAÇÃO ENTRE PESSOAS ESPECÍFICAS, NÃO NECESSARIAMENTE ROMÂNTICA.

Respostas que indicam uma relação entre o respondente e uma pessoa específica, geralmente nomeada por um pronome pessoal, apelido, chamamento, abreviação ou sigla, de forma a particularizar a indicação do participante. Foram também incluídas referências a pessoas que não foram identificadas por nomes próprios, mas por alguma característica pessoal, tal como “o meu ruivo”, o “meu namorado” etc. Exemplos: “você é meu melhor presente” (resposta da participante 197); “Lucas” (resposta da participante 41); “Willian” (resposta da participante 114), “CBJR” (resposta da participante 126); “Não sei bem dizer o que é, mas essa palavra me remete a uma pessoa especial, uma garota chamada Vanessa, minha namorada e talvez minha esposa” (resposta do participante 171); “B” (resposta do participante 206); “eu amo a minha Luiza” (resposta do participante 207); “Pan” (resposta do participante 542); “Fernando P.” (resposta do participante 600).

5.2.2 CATEGORIA 2: O AMOR COMO ALGO ESSENCIAL/FUNDAMENTAL AO SER HUMANO E/OU À HUMANIDADE.

Respostas que consideram o amor como algo necessário, algo fundamental ao homem e/ou ao mundo e, até mesmo, como um

aspecto constitutivo da natureza humana. Exemplos: “É o que falta no mundo.” (resposta do participante 6); “Apenas ame, pois é o que o mundo precisa apenas” (resposta do participante 46); “É tudo em minha vida” (resposta do participante 51); “Sem o amor o mundo será um lugar repleto de monotonia e guerra.” (resposta do participante 93); “Amor é essencial” (resposta do participante 93); “Amor é tudo” (resposta do participante 266); “Sem ele, não há respeito, não há empatia, não há vida.” (resposta do participante 296); “Amor é tudo” (resposta do participante 358); “Na minha experiência, amor é o fundamento de todas as ações e movimento humano.” (resposta do participante 421); “Ninguém vive sem amor.” (resposta do participante 430).

5.2.3 CATEGORIA 3: O AMOR COMO ALGO INDEFINÍVEL, INEFÁVEL, ETÉREO.

Respostas que explicitam a dificuldade de definir/conceituar o amor, visto como um fenômeno abstrato, sem uma definição específica, que não pode ser explicado ou descrito por meio de palavras. Exemplos: “Uma coisa inexplicável que a gente sente um pelo outro que se leva pela vida inteira” (resposta do participante 15); “É tudo e é nada” (resposta do ao mesmo tempo participante 17); “O amor não se pode explicar deve ser sentido” (resposta do participante 31); “É abstrato” (resposta do participante 149); “Algo cientificamente inexplicável” (resposta do participante 304); “Sem definição específica” (resposta do participante 420); “Amor pra mim é sentir algo inexplicável pela pessoa.” (resposta do participante 427); “Amor é um sentimento inexplicável que há dentro de ser humano em relação algo ou alguém.” (resposta do participante 444); “Complexidade” (resposta do participante 471); “É algo que não vemos” (resposta do participante 517).

5.2.4 CATEGORIA 4: O AMOR COMO ALGO LIGADO A COMPONENTES SEXUAIS.

Respostas que evidenciam uma íntima relação do fenômeno amoroso explicitando elementos/componentes sexuais/genitais. Exemplos: “transa” (resposta do participante 83); “sexo” (resposta do participante 83 e de muitos outros); “buceta” (resposta do participante 83), “fuder/comer” (resposta do participante 83); “meter” (resposta do participante 83). “tesão” (resposta do participante 428); “União entre dois seres através do ato sexual” (resposta do participante 459).

5.2.5 CATEGORIA 5: O AMOR COMO UMA RELAÇÃO ROMÂNTICA ENTRE DUAS PESSOAS.

Respostas que indicam que o amor é o produto da união entre duas pessoas. Tais respostas geralmente salientam que o amor é um aspecto que une/vincula duas pessoas, sugerindo apego e paixão em suas descrições, o que leva a um sentimento de completude ou de complementaridade e/ou a uma sensação de união entre elas, de tal forma que elas passam a ser ver como uma só pessoa/entidade. Exemplos: “Uma forma de chamar a namorada” (resposta do participante 3); “Amor como namorado e namorada” (resposta do participante 6); “namoro” (resposta do participante 32); “relacionamento” (resposta do participante 256); “Quando minha namorada demonstra carinho a mim” (resposta do participante 306); (resposta do participante); “namorado” (resposta do participante 301); “Amor é a união de dois seres em prol da mesma causa” (resposta do participante 438); “nós dois” (resposta do participante 566); “eu e você” (resposta do participante 566).

5.2.6 CATEGORIA 6: O AMOR VOLTADO PARA PESSOAS DA FAMÍLIA.

Respostas que indicam que o objeto do amor são pessoas da família, tais como mães, pais, avós, filhos, irmãos etc. Exemplos:

“tio” (resposta do participante 137); “primos” (resposta do participante 137); “neto” (resposta da participante 589); “nora” (resposta da participante 589); “genro” (resposta da participante 589); “marido” (resposta da participante 280); “família” (resposta do participante 14); “minha família” (resposta da participante 48); “amor de família perfeito” (resposta da participante 60); “parentes” (resposta da participante 515).

5.2.7 CATEGORIA 7: O AMOR VOLTADO PARA AMIGOS.

Respostas que focam a importância das relações de amizade. O objeto de amor é/são amigos (as) dos (as) respondentes. Exemplos: “Amor é quando perdemos um dente e seus amigos continuam te amando do jeito que você ficou ou você é.” (resposta do participante 10); “amigos” (resposta da participante 40); “bons amigos” (resposta do participante 286); “afeto por amigos” (resposta do participante 504); “amizade” (resposta da participante 39); “estar com amigos” (resposta da participante 312); “amigos verdadeiros” (resposta do participante 322); “dos amigos” (resposta do participante 357); “meus amigos” (resposta da participante 590); “amigo companheiro” (resposta do participante 12).

5.2.8 CATEGORIA 8: O AMOR VOLTADO PARA ENTIDADES DIVINAS E/OU SOBRENATURAIS.

Nesta categoria estão incluídas respostas que indicam como objetos de amor entidades sobrenaturais, geralmente de caráter divino ou religioso, tais como Deus, Jesus, Nossa Senhora, a própria Igreja, versículos da Bíblia etc. Exemplos: “Não há amor maior do que o do Pai Celestial” (resposta do participante 192); “O maior exemplo é Jesus, o filho de Deus que morreu lá na cruz, mestre dos mestres, o reis dos reis; em suma, se fez homem para me salvar, para me curar, me libertar, por amor a você” (resposta do participante 170); “Deus/Jesus” (resposta do participante 265); “O amor é Deus, dele vem tudo.” (resposta do participante 328);

“Dádiva de Deus” (resposta do participante 373); “Amor ágape” (resposta da participante 430); “Quando penso em amor, penso em Deus” (resposta do participante 444); “Jesus é a demonstração de amor verdadeiro.” (resposta do participante 446); “O amor infelizmente está extinto no coração das pessoas, pois o verdadeiro amor só Jesus Cristo demonstrou e ensinou que sem o amor não podemos viver” (resposta do participante 573).

5.2.9 CATEGORIA 9: O AMOR VOLTADO PARA ANIMAIS IRRACIONAIS.

Esta categoria inclui um conjunto variado de respostas indicativas de que o objeto do amor são animais, de alguma espécie, ou de maneira geral (“animal/animais”) indicando que a resposta da pessoa convergiu para algum ser vivo, que não pessoas ou plantas. Exemplos: resposta dos participantes: 40,52 “cachorrinhos; 119, 144 “animais de estimação”; 150, 210, 212, 221 “amar os animais”; 225 “Amor é uma paixão por uma determinada coisa, pessoa ou animal; 378 “animais”; 540 “papagaio”; 569 “natureza, plantas, animais”.

5.2.10 CATEGORIA 10: O AMOR VOLTADO PARA SERES INANIMADOS.

Esta categoria inclui um conjunto variado de respostas indicativas de que o objeto do amor do participante são seres inanimados (p. ex. flores), objetos (p. ex. dinheiro), situações (viver na natureza) ou eventos (p. ex. viagens), obras de artes e/ou literárias (p. ex. ‘Mario Quintana’). Exemplos: “desenho animado” (resposta do participante 174); “academia” (resposta do participante 277); “teatro” (resposta do participante 122); “música” (resposta do participante 12); “jogar xadrez” (resposta do participante 323); “Brasil” (resposta do participante 211); “Netflix” (resposta do participante 250); “mundo” (resposta do participante 380); “pediatria” (resposta do participante 126); “Mário Quintana” (resposta do participante 600).

5.2.11 CATEGORIA 11: O AMOR DIRIGIDO A SI MESMO.

Respostas indicativas de que o objeto do amor é a própria pessoa e expressa autovalorização. Exemplos: “eu” (resposta do participante 88); “poder ser quem eu sou” (resposta do participante 320); “se gostar” (resposta do participante 62); “Ter amor à própria vida” (resposta do participante 221); “Amar também é se amar” (resposta do participante 221); “Amar a si mesmo.” (resposta do participante 252); “O amor é um sentimento que pode se expressar tanto com outras pessoas quanto a si próprio,” (resposta do participante 294); “si mesmo” (resposta do participante 405); “se bastar” (resposta do participante 487); “É importante se amar em 1º lugar” (resposta do participante 516).

5.2.12 CATEGORIA 12: O AMOR COMO FONTE DE EMOÇÕES, ATITUDES E COMPORTAMENTOS POSITIVOS.

Respostas indicativas de que o amor implica ou está relacionado a um conjunto variado de sentimentos, atitudes e comportamentos que visam o bem-estar e à satisfação/qualidade de vida do ser humano. Também foram incluídas nesta categoria respostas indicativas de que o amor motiva o ser humano a realizar ações adequadas e/ou adotar determinadas atitudes positivas. Exemplos: “afinidade” (resposta do participante 375), “dedicação” (resposta da participante 398), “amor”/“amar” (resposta de vários participantes como, por exemplo, da participante 269 e da participante 428, respectivamente), “abraço(s)”/“abraçar” (resposta de vários participantes como, por exemplo, da participante 525 e da participante 143, respectivamente), “empatia” (resposta da participante 250), “cumplicidade” (resposta do participante 355), “paciência” (resposta da participante 386), “compreensão”/“compreender” (resposta de vários participantes como, por exemplo, da participante 34 e do participante 374, respectivamente), “intimidade” (resposta do participante 569), “beijo(s)”/“beijar” (resposta de vários participantes como, por exemplo, da participante 164 e da participante 143,

respectivamente), “paixão”/“apaixonar-se”/“apaixonado”/“se apaixonar” (resposta de vários participantes como, por exemplo, da participante 148, da participante 298, do participante 188 e da participante 302, respectivamente).

5.2.13 CATEGORIA 13: O AMOR COMO FONTE DE EMOÇÕES, ATITUDES E COMPORTAMENTOS NEGATIVOS.

Respostas indicativas de que o amor implica ou está relacionado a um conjunto variado de sentimentos, atitudes e comportamentos que não estão relacionados ao bem-estar e à satisfação/qualidade de vida do ser humano, mas à falta desses elementos. Também foram incluídas nesta categoria respostas indicativas de que o amor motiva o ser humano a realizar ações inadequadas e/ou a adotar determinadas atitudes negativas. Exemplos: “choro” (resposta da participante 12), “dor” (resposta da participante 157); melancolia (resposta da participante 157), “suicídio” (resposta do participante 83), (resposta do participante 83), “me matar” (resposta do participante 83) “morte súbita” (resposta do participante 83), “overdose” (resposta do participante 83), “quero morrer” (resposta do participante 83), “ingratidão” (resposta da participante 450), “solidão” (resposta da participante 509).

5.2.14 CATEGORIA 14: OUTRAS RESPOSTAS.

Respostas idiossincráticas, com conteúdo diferente de todas as outras categorias listadas anteriormente. Exemplos: “planejamento” (resposta do participante 23), “momentos” (resposta da participante 47), “sonhos” (resposta da participante 52), “coração bate forte” (resposta do participante 110), “saudades” (resposta da participante 123), “opiniões diferentes” (resposta da participante 248), “Onde está o meu amor?”, ou ainda, “Quem será com quem se parece?” (ambas as respostas foram emitidas pelo participante 361), “exclusividade” (resposta do participante 370).

5.3 Avaliações das categorias por juízes

A partir da criação, definição e exemplificação das categorias, o rol de respostas foi, então, lido diversas vezes pelo pesquisador e por outros cinco juízes (a saber: o orientador deste trabalho, o proponente deste estudo, um matemático, uma bibliotecária e um psicólogo – esses três últimos escolhidos por conveniência), no intuito de identificar aspectos comuns que permitam a inserção das respostas de cada participante nesta ou naquela categoria para o posterior agrupamento dos dados. Adotou-se um número ímpar de juízes a fim de evitar eventuais situações de empate ou impasse. Esse trabalho de interpretação às cegas e seu consequente agrupamento às categorias formuladas ocorreu de maneira independente pelos cinco juízes. Pesquisadores e profissionais geralmente usam o termo confiabilidade entre juízes como uma expressão genérica para a consistência das respostas obtidas por diferentes avaliadores para os quais se encaminham um determinado conjunto de dados. Dessa maneira, ao contrário da confiabilidade entre juízes, a concordância entre juízes é uma medida da consistência entre o valor absoluto das classificações dos avaliadores (Graham, Milanowski & Miller, 2012). De acordo com Matos (2014), a concordância entre os juízes mede com que frequência dois ou mais avaliadores atribuem exatamente a mesma classificação. Ainda, de acordo com este autor, a confiabilidade entre os avaliadores mede a semelhança relativa entre dois ou mais conjuntos de classificações. Para este estudo a confiabilidade das respostas entre os juízes foi de 92,5 %, indicando uma alta consistência entre as categorias criadas para este estudo e as respostas que compuseram cada categoria.

5.4 Análise estatística dos resultados.

5.4.1 Estatísticas utilizadas

Para a análise dos resultados foi utilizado o *Software R* (R Development Core Team, 2016). Este *software* foi criado em 1996 e é

um ambiente computacional específico para análise estatística e sua licença é gratuita. Está disponível para download através do site <http://cran.r-project.org>. Sendo um software livre, o R recebe atualizações dos usuários por meio de pacotes. Para a realização dos cálculos estatísticos foi utilizada a versão 3.3.1 do Software R.

Os dados deste estudo foram registrados em escala ordinal, uma vez que foi analisada a relação entre as respostas de cada um dos entrevistados, as quais foram posteriormente categorizadas. Neste sentido, optou-se pelo uso de métodos estatísticos não paramétricos, uma vez que - devido ao comportamento dos dados coletados - as suposições clássicas da estatística paramétrica não podem ser assumidas, ou seja, normalidade ou igualdade de variâncias do modelo de análise e/ou tamanhos de amostras muito pequenos. Os métodos não paramétricos utilizados foram o Teste de Kruskal-Wallis e o Coeficiente de Correlação Linear de Spearman, descritos a seguir.

5.4.1.1 O Teste de Kruskal-Wallis.

O teste de Kruskal-Wallis é um teste não paramétrico, também chamado de análise de variância por postos ou ordenações. Esse teste é utilizado para comparar três ou mais populações. Ele é usado para testar a hipótese nula de que todas as populações possuem funções de distribuição iguais contra a hipótese alternativa de que ao menos duas das populações possuem funções de distribuição diferentes. O teste de Kruskal-Wallis é o análogo ao teste F utilizado na ANOVA 1 fator. Enquanto a análise de variância dos testes paramétricos depende da hipótese de que todas as populações em confronto são independentes e normalmente distribuídas, o teste de Kruskal-Wallis não coloca nenhuma restrição sobre a comparação.

Para aplicarmos o teste de Kruskal-Wallis, primeiramente devem-se determinar os postos de todas as n observações, sem desconsiderar a divisão em grupos. Os postos são determinados de tal forma que a menor observação receberá a posição 1, a segunda

menor receberá a posição 2 e assim por diante, até a maior observação, que deverá receber a posição n . Após a determinação dos postos das observações, devemos calcular a soma R_i dos postos para cada tratamento e estabelecermos as hipóteses, conforme apontado a seguir:

Teste: H_0 : A resposta é a mesma para todos os k grupos;

H_A : A resposta não é a mesma para todos os k grupos.

A estatística H para o teste de Kruskal-Wallis é dada por:

$$H = \frac{\frac{12}{N(N+1)} \sum_{i=1}^k n_i \left(R_i - \frac{N+1}{2} \right)^2}{1 - \frac{\sum_{j=1}^g t_j^3 - t_j}{N^3 - N}}$$

A distribuição da estatística H para amostras pequenas e valores não muito elevados de k , pode ser encontrada em tabelas específicas. No entanto, para amostras suficientemente grandes a distribuição de H pode ser aproximada pela distribuição qui-quadrado com $(k-1)$ graus de liberdade, ou seja, $H \sim \chi^2_{(k-1)}$. Neste sentido, o teste de Kruskal-Wallis é um teste estatístico unilateral à esquerda.

5.4.1.2 O Coeficiente de Correlação de Spearman.

O coeficiente de correlação linear de Spearman mensura a intensidade da relação entre variáveis ordinais. Utiliza-se apenas a ordem das observações, em vez do valor observado. Deste modo, este coeficiente não é sensível a assimetrias na distribuição, nem à presença de observações discrepantes, não exigindo, portanto que os dados provenham de duas populações normais.

Uma possível fórmula para calcular o coeficiente de correlação de Spearman

(σ) é dada por:

$$\sigma = 1 - \frac{6 \sum_{i=1}^n d_i^2}{n(n^2 - 1)}$$

sendo d_i = a diferença entre cada posto de valor correspondentes de x e y , e $n = 0$, número dos pares dos valores.

O coeficiente de correlação de Spearman varia entre -1 e +1. Quanto mais próximo estiver destes extremos, maior será a associação entre as variáveis. O sinal negativo da correlação significa que as variáveis variam em sentido contrário, isto é, as categorias mais elevadas de uma variável estão associadas a categorias mais baixas da outra variável.

5.4.2 Análises descritiva e inferencial

Retomando o que foi apontado na seção método, para se evidenciar melhor os resultados obtidos, optou-se por distribuir os participantes em sete grupos e não em três grupos, como os anteriormente apontados, pois as correlações entre idade e grupos foram moderadas ($r=0,698$, $p>0,000$) e a correlação entre os dados idade e escolaridade foi forte ($r=0,758$, $p>0,000$). Esses dados indicam que quanto maior a idade, maior a escolaridade dos participantes.

Quanto à frequência de citação de respostas, a Figura 2 apresenta, por meio de um gráfico de barras verticais, a distribuição das respostas para cada uma das 14 categorias de amor criadas e avaliadas para este estudo. Pode-se observar, para todas as categorias, ausência de resposta por parte de vários participantes. As categorias 12 e 14 apresentam, comparadas às demais, maiores frequências. Esse resultado estatístico pode ser observado nos histogramas, Figuras 2 e 3. Como pode ser observado, em todas as categorias analisadas o número de participantes que não a indicaram (zero respostas) é bastante significativo. Na verdade, em todas elas, o número de participantes que não assinalou nenhuma resposta à categoria foi sempre maior do que os que a assinalaram.

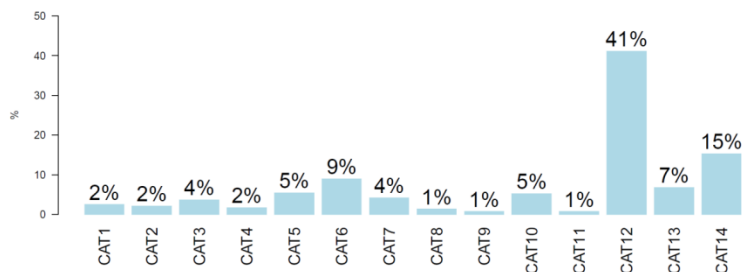


Figura 2. Porcentagem de respostas em cada uma das categorias.

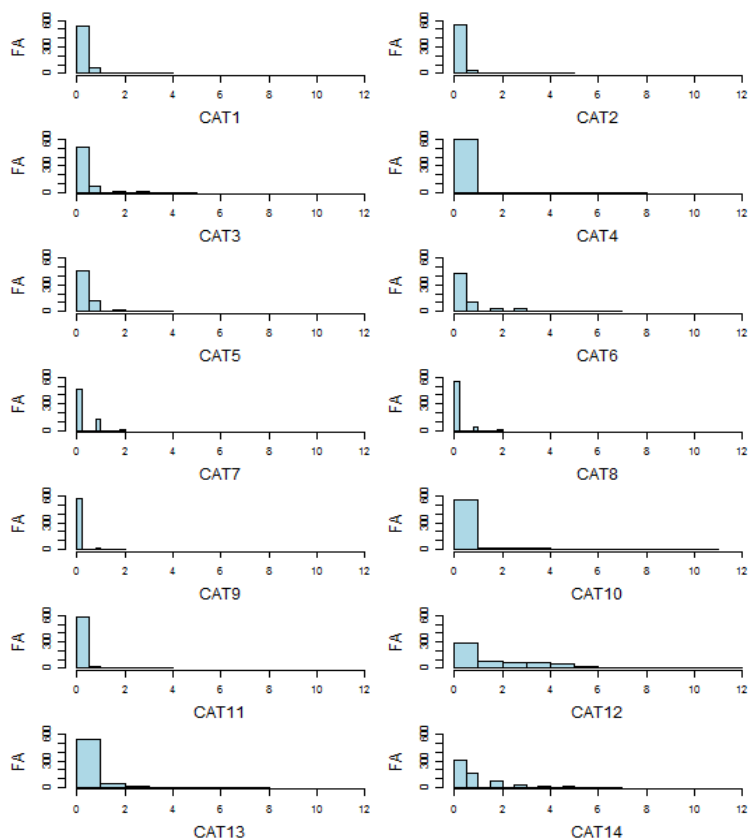


Figura 3. Histogramas para cada uma das categorias de amor.

A Tabela 4 apresenta as estatísticas gerais para as categorias de amor. As Tabelas 5-11 apresentam tais descrições para os sete grupos analisados, como pode se observar a seguir.

Tabela 4. Número de respostas apresentadas pelos participantes da amostra para cada uma das categorias de amor (Valor absoluto): mínimo, máximo, média e desvios padrão dessas respostas para cada categoria.

Variável	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
CAT1	0	4	0,14	0,40
CAT2	0	5	0,12	0,45
CAT3	0	5	0,20	0,56
CAT4	0	8	0,09	0,43
CAT5	0	4	0,30	0,58
CAT6	0	7	0,49	0,94
CAT7	0	2	0,23	0,43
CAT8	0	2	0,07	0,28
CAT9	0	2	0,04	0,20
CAT10	0	11	0,28	0,91
CAT11	0	4	0,04	0,25
CAT12	0	12	2,22	2,30
CAT13	0	8	0,37	0,93
CAT14	0	7	0,83	1,14

Pelo o que se pode observar na Tabela 4, a maior parte dos respondentes, em média, indicou termos que foram posteriormente enquadrados e considerados pertinentes à categoria 12. Em outras palavras, obteve-se 2,22 citações, em média, de termos que foram alocados e categorizados, conforme o que foi definido para a categoria 12 (O amor como fonte de emoções, atitudes e comportamentos positivos). Observa-se, também, que as menores citações correspondem para as categorias 9 (O amor voltado para animais irracionais) e 11 (O amor dirigido a si mesmo), ambas com

0,04 respostas, em média, que posteriormente foram alocadas para essas categorias.

Tabela 5. Número de respostas apresentadas pelos participantes da amostra (Grupo 1 - ADULTOS/SÃO CARLOS) para cada uma das categorias de amor (Valor absoluto): mínimo, máximo, média e desvios padrão dessas respostas para cada categoria.

Variável	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
CAT1	0	4	0,18	0,6
CAT2	0	1	0,09	0,29
CAT3	0	3	0,25	0,58
CAT4	0	1	0,05	0,23
CAT5	0	2	0,23	0,46
CAT6	0	7	0,72	1,31
CAT7	0	2	0,25	0,47
CAT8	0	1	0,09	0,29
CAT9	0	1	0,02	0,13
CAT10	0	11	0,46	1,58
CAT11	0	1	0,09	0,29
CAT12	0	10	2,28	2,58
CAT13	0	3	0,14	0,52
CAT14	0	5	0,84	1,28

Pelo o que se pode observar na Tabela 5, a maior parte dos respondentes do Grupo 1, em média, indicou termos que foram enquadrados pertinentes à categoria 12. Em outras palavras, obteve-se 2,28 citações, em média, de termos que foram alocados e categorizados, conforme o que foi definido para a categoria 12. Observa-se, também, que a menor citação corresponde para a categoria 9, com 0,02 respostas, em média, que posteriormente foram alocadas para essa categoria.

Tabela 6. Número de respostas apresentadas pelos participantes da amostra (Grupo 2 - ADULTOS/SÃO PAULO) para cada uma das categorias de amor (Valor absoluto): mínimo, máximo, média e desvios padrão dessas respostas para cada categoria.

Variável	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
CAT1	0	2	0,08	0,31
CAT2	0	3	0,14	0,45
CAT3	0	5	0,21	0,62
CAT4	0	2	0,06	0,26
CAT5	0	2	0,17	0,42
CAT6	0	3	0,25	0,61
CAT7	0	1	0,12	0,32
CAT8	0	2	0,08	0,31
CAT9	0	1	0,02	0,13
CAT10	0	3	0,11	0,43
CAT11	0	1	0,02	0,15
CAT12	0	12	2,89	2,74
CAT13	0	8	0,33	0,99
CAT14	0	7	1,12	1,44

Pelo o que se pode observar na Tabela 6, a maior parte dos respondentes do Grupo 2, em média, indicou termos que foram enquadrados pertinentes à categoria 12. Em outras palavras, obteve-se 2,89 citações, em média, de termos que foram alocados e categorizados, conforme o que foi definido para a categoria 12. Observa-se, também, que a menor citação corresponde para a categoria 9, com 0,02 respostas, em média, que posteriormente foram alocadas para essa categoria.

Tabela 7. Número de respostas apresentadas pelos participantes da amostra (Grupo 3 - ESCOLA PARTICULAR/COLEGIAL/SÃO PAULO) para cada uma das categorias de amor (Valor absoluto): mínimo, máximo, média e desvios padrão dessas respostas para cada categoria.

Variável	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
CAT1	0	1	0,16	0,37
CAT2	0	2	0,08	0,34
CAT3	0	5	0,28	0,81
CAT4	0	1	0,02	0,14
CAT5	0	3	0,54	0,84
CAT6	0	4	0,7	1,04
CAT7	0	2	0,42	0,54
CAT8	0	0	0,0	0,0
CAT9	0	1	0,1	0,3
CAT10	0	4	0,52	1,2
CAT11	0	1	0,04	0,2
CAT12	0	7	2,18	1,85
CAT13	0	2	0,16	0,47
CAT14	0	3	0,68	0,91

Pelo o que se pode observar na Tabela 7, a maior parte dos respondentes do Grupo 3, em média, indicou termos que foram enquadrados pertinentes à categoria 12. Em outras palavras, obteve-se 2,18 citações, em média, de termos que foram alocados e categorizados, conforme o que foi definido para a categoria 12. Observa-se, também, que a menor citação corresponde para a categoria 8 (O amor voltado para entidades divinas e/ou sobrenaturais), com 0 respostas.

Tabela 8. Número de respostas apresentadas pelos participantes da amostra (Grupo 4 - ESCOLA PÚBLICA/COLEGIAL/SÃO PAULO) para cada uma das categorias de amor (Valor absoluto): mínimo, máximo, média e desvios padrão dessas respostas para cada categoria.

Variável	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
CAT1	0	2	0,19	0,41
CAT2	0	5	0,13	0,61
CAT3	0	3	0,24	0,56
CAT4	0	1	0,12	0,33
CAT5	0	4	0,37	0,72
CAT6	0	3	0,40	0,72
CAT7	0	1	0,19	0,39
CAT8	0	2	0,07	0,30
CAT9	0	1	0,04	0,19
CAT10	0	4	0,28	0,80
CAT11	0	2	0,06	0,28
CAT12	0	8	1,65	2,02
CAT13	0	5	0,35	0,80
CAT14	0	5	0,79	1,04

Pelo o que se pode observar na Tabela 8, a maior parte dos respondentes do Grupo 4, em média, indicou termos que foram enquadrados pertinentes à categoria 12. Em outras palavras, obteve-se 1,65 citações, em média, de termos que foram alocados e categorizados, conforme o que foi definido para a categoria 12. Observa-se, também, que a menor citação corresponde para a categoria 11, com 0,06 respostas, em média, que posteriormente foram alocadas para essa categoria.

Tabela 9. Número de respostas apresentadas pelos participantes da amostra (Grupo 5 - ESCOLA PÚBLICA/SÃO CARLOS/COLEGIAL) para cada uma das categorias de amor (Valor absoluto): mínimo, máximo, média e desvios padrão dessas respostas para cada categoria.

Variável	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
CAT1	0	3	0,14	0,43
CAT2	0	4	0,11	0,46
CAT3	0	2	0,16	0,42
CAT4	0	8	0,16	0,69
CAT5	0	2	0,34	0,56
CAT6	0	7	0,62	1,10
CAT7	0	1	0,27	0,45
CAT8	0	1	0,10	0,30
CAT9	0	1	0,04	0,19
CAT10	0	6	0,27	0,77
CAT11	0	1	0,01	0,11
CAT12	0	7	1,74	1,73
CAT13	0	8	0,57	1,14
CAT14	0	4	0,63	0,84

Pelo o que se pode observar na Tabela 9, a maior parte dos respondentes do Grupo 5, em média, indicou termos que foram enquadrados pertinentes à categoria 12. Em outras palavras, obteve-se 1,74 citações, em média, de termos que foram alocados e categorizados, conforme o que foi definido para a categoria 12. Observa-se, também, que a menor citação corresponde para a categoria 9, com 0,04 respostas, em média, que posteriormente foram alocadas para essa categoria.

Tabela 10. Número de respostas apresentadas pelos participantes da amostra (Grupo 6 - UNIVERSITÁRIOS/ESCOLA PARTICULAR/SÃO CARLOS) para cada uma das categorias de amor (Valor absoluto): mínimo, máximo, média e desvios padrão dessas respostas para cada categoria

Variável	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
CAT1	0	1	0,17	0,38
CAT2	0	1	0,04	0,20
CAT3	0	0	0,00	0,00
CAT4	0	2	0,08	0,41
CAT5	0	1	0,25	0,44
CAT6	0	3	0,83	1,17
CAT7	0	1	0,42	0,50
CAT8	0	1	0,04	0,20
CAT9	0	2	0,17	0,48
CAT10	0	4	0,79	1,38
CAT11	0	0	0,00	0,00
CAT12	0	7	2,21	2,28
CAT13	0	3	0,29	0,75
CAT14	0	2	0,62	0,71

Pelo o que se pode observar na Tabela 10, a maior parte dos respondentes do Grupo 6, em média, indicou termos que foram enquadrados pertinentes à categoria 12. Em outras palavras, obteve-se 2,21 citações, em média, de termos que foram alocados e categorizados, conforme o que foi definido para a categoria 12. Observa-se, também, que as menores citações correspondem para as categorias 3 (O amor como algo indefinível, inefável, etéreo) e 11, às quais não foram emitidas nenhuma resposta, para serem posteriormente alocadas para essas categorias.

Tabela 11. Número de respostas apresentadas pelos participantes da amostra (Grupo 7 - UNIVERSITÁRIOS/ESCOLA PÚBLICA/SÃO PAULO) para cada uma das categorias de amor (Valor absoluto): mínimo, máximo, média e desvios padrão dessas respostas para cada categoria.

Variável	Mínimo	Máximo	Média	Desvio Padrão
CAT1	0	1	0,09	0,29
CAT2	0	1	0,09	0,29
CAT3	0	2	0,13	0,46
CAT4	0	0	0,00	0,00
CAT5	0	1	0,26	0,45
CAT6	0	2	0,35	0,65
CAT7	0	2	0,26	0,54
CAT8	0	0	0,00	0,00
CAT9	0	1	0,04	0,21
CAT10	0	5	0,26	1,05
CAT11	0	4	0,17	0,83
CAT12	0	9	3,35	2,21
CAT13	0	4	0,39	0,94
CAT14	0	5	0,74	1,18

Pelo o que se pode observar na Tabela 11, a maior parte dos respondentes do Grupo 7, em média, indicou termos que foram enquadrados pertinentes à categoria 12. Em outras palavras, obteve-se 3,35 citações, em média, de termos que foram alocados e categorizados, conforme o que foi definido para a categoria 12. Observa-se, também, que as menores citações correspondem para as categorias 4 (O amor como algo ligado a componentes sexuais) e 8, às quais não foram emitidas nenhuma resposta, para serem posteriormente alocadas para essas categorias.

Há de se evidenciar que em todos os grupos pesquisados a categoria 12 apresentou uma expressividade, em termos de

frequência de citação de respostas maior, em comparação com todas as outras categorias.

Posteriormente, foi conduzido o Teste de Kruskal-Wallis para verificação de diferenças significantes entre os sete grupos analisados. Os resultados podem ser observados na Tabela 12, a seguir.

Tabela 12. Teste de Kruskal-Wallis para verificação de diferenças significantes entre os sete grupos analisados.

Variável	Estatística			
	g.l	X ² crítico	H observado	Sig.
CAT1	6	12,59	9,5	0,149
CAT2	6	12,59	2,5	0,867
CAT3	6	12,59	7,6	0,270
CAT4	6	12,59	12,4	0,053
CAT5	6	12,59	17,1	0,009*
CAT6	6	12,59	24,2	0,000*
CAT7	6	12,59	28,5	0,000*
CAT8	6	12,59	7,9	0,247
CAT9	6	12,59	12,9	0,050
CAT10	6	12,59	18,7	0,005*
CAT11	6	12,59	10,7	0,097
CAT12	6	12,59	27,6	0,000*
CAT13	6	12,59	23,7	0,001*
CAT14	6	12,59	9,9	0,127

*Diferença significativa ao nível de 5%.

As Tabelas 13 e 14 apresentam as médias e os desvios-padrão, em função dos grupos e das categorias consideradas.

Tabela 13. Média e desvio-padrão, por grupo, das categorias de 1 a 7.

GRUPO	CAT 1	CAT 2	CAT 3	CAT 4	CAT 5	CAT 6	CAT 7
ADULTOS / SÃO CARLOS 1	0,18 (0,60)	0,09 (0,29)	0,25 (0,58)	0,05 (0,23)	0,23 (0,46)	0,72 (1,31)	0,25 (0,47)
ADULTOS/SÃO PAULO 2	0,08 (0,31)	0,14 (0,45)	0,21 (0,62)	0,06 (0,26)	0,17 (0,42)	0,25 (0,61)	0,12 (0,32)
ESCOLA PARTICULAR/COLEGIAL/SÃO PAULO 3	0,16 (0,37)	0,08 (0,34)	0,28 (0,81)	0,02 (0,14)	0,54 (0,84)	0,70 (1,04)	0,42 (0,54)
ESCOLA PÚBLICA/COLEGIAL/SÃO PAULO 4	0,19 (0,41)	0,13 (0,61)	0,24 (0,56)	0,12 (0,33)	0,37 (0,72)	0,40 (0,72)	0,19 (0,39)
ESCOLA PÚBLICA/SÃO CARLOS/COLEGIAL 5	0,14 (0,43)	0,11 (0,46)	0,16 (0,42)	0,16 (0,69)	0,34 (0,56)	0,62 (1,10)	0,27 (0,45)
UNIVERSITÁRIOS/ESCOLA PARTICULAR/SÃO CARLOS 6	0,17 (0,38)	0,04 (0,20)	0,00 (0,00)	0,08 (0,41)	0,25 (0,44)	0,83 (1,17)	0,42 (0,50)
UNIVERSITÁRIOS/ESCOLA PÚBLICA/SÃO PAULO 7	0,09 (0,29)	0,09 (0,29)	0,13 (0,46)	0,00 (0,00)	0,26 (0,45)	0,35 (0,65)	0,26 (0,54)
KW	9,5	2,5	7,6	12,4	17,1	24,2	28,5
p-valor	0,149	0,867	0,270	0,053	0,009	0,000	0,000

Tabela 14. Média e desvio-padrão, por grupo, das categorias de 8 a 14.

GRUPO	CAT 8	CAT 9	CAT 10	CAT 11	CAT 12	CAT 13	CAT 14
UNIVERSITÁRIOS/ESCOLA PÚBLICA/SÃO PAULO	0,00 (0,00)	0,04 (0,21)	0,26 (1,05)	0,17 (0,83)	3,35 (2,21)	0,39 (0,94)	0,74 (1,18)
UNIVERSITÁRIOS/ESCOLA PARTICULAR/SÃO CARLOS	0,04 (0,20)	0,17 (0,48)	0,79 (1,38)	0,00 (0,00)	2,21 (2,28)	0,29 (0,75)	0,63 (0,71)
ESCOLA PÚBLICA/SÃO CARLOS/COLEGIAL	0,10 (0,30)	0,04 (0,19)	0,27 (0,77)	0,01 (0,11)	1,74 (1,73)	0,57 (1,14)	0,63 (0,84)
ESCOLA PÚBLICA/COLEGIAL/SÃO PAULO	0,07 (0,3)	0,04 (0,19)	0,28 (0,80)	0,06 (0,28)	1,65 (2,02)	0,35 (0,80)	0,79 (1,04)
ESCOLA PARTICULAR/COLEGIAL/SÃO PAULO	0,00 (0,00)	0,10 (0,30)	0,52 (1,20)	0,04 (0,20)	2,18 (1,85)	0,16 (0,47)	0,68 (0,91)
	0,08 (0,31)	0,02 (0,13)	0,11 (0,43)	0,02 (0,15)	2,89 (2,74)	0,33 (0,99)	1,12 (1,44)
ADULTOS/SÃO PAULO	0,09 (0,29)	0,02 (0,13)	0,46 (1,58)	0,09 (0,29)	2,28 (2,58)	0,14 (0,52)	0,84 (1,28)
ADULTOS / SÃO CARLOS							
KW	7,9	12,9	18,7	10,7	27,6	23,7	9,9
p-valor	0,247	0,050	0,005	0,097	0,000	0,001	0,127

Conforme se pode observar na Tabela 12, 13 e 14 as categorias que apresentam diferenças estatisticamente significantes, ao nível de 5%, são: Categoria 5 (KW = 17,1; $p=0,009$), Categoria 6 (KW = 24,2; $p=0,000$), Categoria 7 (KW = 28,5; $p=0,000$), Categoria 10 (KW = 18,7; $p=0,005$), Categoria 12 (KW = 27,6; $p=0,000$) e Categoria 13 (KW = 23,7; $p=0,001$). Relacionando essas diferenças significantes, por grupos, com os seus respectivos valores para média e desvio-padrão, tal como podemos observar nas Tabelas 13 e 14, nota-se que para as situações compreendidas e definidas como categorias 1, 2, 3, 4, 8, 9, 11 e 14, não ocorreram diferenças significantes entre os grupos, ou seja, todos os grupos apresentam uma similaridade de pensamento em relação a esses atributos do conceito de amor. Há que se evidenciar que quanto maior o valor KW, maior é a evidência que existe diferença entre os grupos. Logo, a categoria 7, com 28,5 de KW é a que mais se diferencia entre todos os grupos, por ter sido mais pensada e citada. Em segundo lugar, a categoria 12, com 27,6 de KW foi a mais pensada e citada entre todos os grupos. Em outras palavras, as respostas que compuseram posteriormente as categorias 7 e 12 foram pensadas e citadas de forma bastante diferenciada entre todos os grupos considerados.

Quando se analisa a categoria 5 (O amor como uma relação romântica entre duas pessoas), é possível afirmar que os grupos consideram diferentemente o estímulo amor ligado a esse aspecto romântico. Podemos observar por meio do gráfico de box-plots, a seguir, que os alunos do Ensino Médio (tanto de São Paulo, como de São Carlos), tanto de escola pública ou da escola de Ensino Médio e particular recrutados para a pesquisa, assinalam frequentemente e mais do que os universitários e adultos pesquisados, respostas pertinentes à categoria 5. Por outro lado, é interessante observar que o menor número de respostas referentes a esta categoria ocorreu nos grupos de adultos. Graficamente podemos representar essa diferença estatisticamente significativa na

Figura 4. Há que se evidenciar que os círculos vazios correspondem às respostas desviantes (outliers)

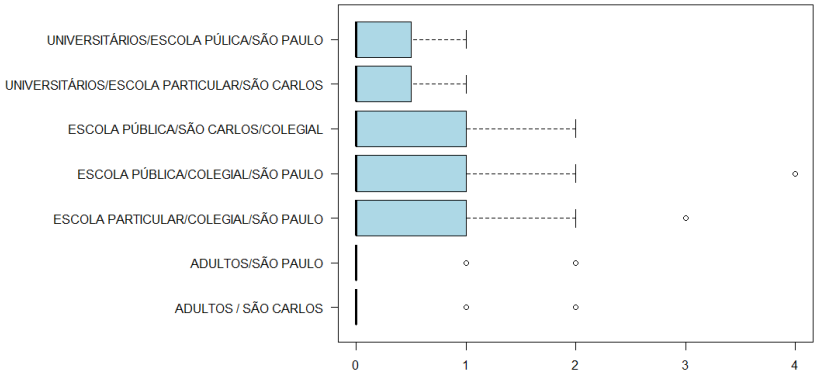


Figura 4. Distribuição por grupos das frequências de amor CAT5.

No que diz respeito à Categoria 6 (O amor voltado para pessoas da família), pode-se observar novamente a ocorrência de um comportamento estatisticamente significativo para esses grupos. Pode-se afirmar que o Grupo 6 (alunos universitários da rede privada de São Carlos) emitiram com uma maior frequência respostas relacionadas à categoria 6. Podemos também observar que os grupos 1, 3, 5, 4, 7 e 2 citam cada vez menos o estímulo amor relacionado a esse conjunto de características. Graficamente podemos representar essa diferença estatisticamente significativa na Figura 5.

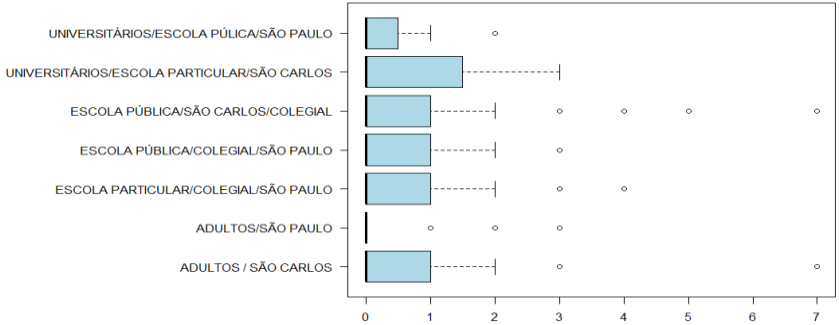


Figura 5. Distribuição por grupos das frequências de amor CAT6.

Podemos observar por esses box-plots que os alunos universitários da cidade de São Carlos (Grupo 6), citam mais do que todos os universitários e adultos pesquisados, respostas pertinentes à categoria 6. Por meio dessa representação gráfica também se pode verificar que os Grupos 3, 4, 5 e 1, apresentaram respostas relacionadas com a categoria 6 um número semelhante de vezes. Note que o ‘número de vezes’ para as categorias é dado pelo eixo x do box-plot. Assim, os universitários/particular/São Carlos citaram, de uma forma geral, mais vezes a categoria 6.

No que diz respeito à Categoria 7 (O amor voltado para amigos), pode-se observar novamente a ocorrência de diferenças estatisticamente significantes entre os grupos. Pode-se afirmar que ambos os Grupos 3, 5 e 6 (alunos do Ensino Médio de uma escola da rede privada de São Paulo, alunos da Escola Pública colegial de São Carlos e alunos universitários da rede privada de São Carlos, respectivamente) citam com maior frequência respostas incluídas na categoria 7. Podemos observar também que os grupos 7, 1, 4 e 2 (adultos da cidade de São Paulo) citam cada vez menos o estímulo amor relacionado a esse conjunto de características. Graficamente podemos representar essas diferenças estatisticamente significantes na Figura 6.

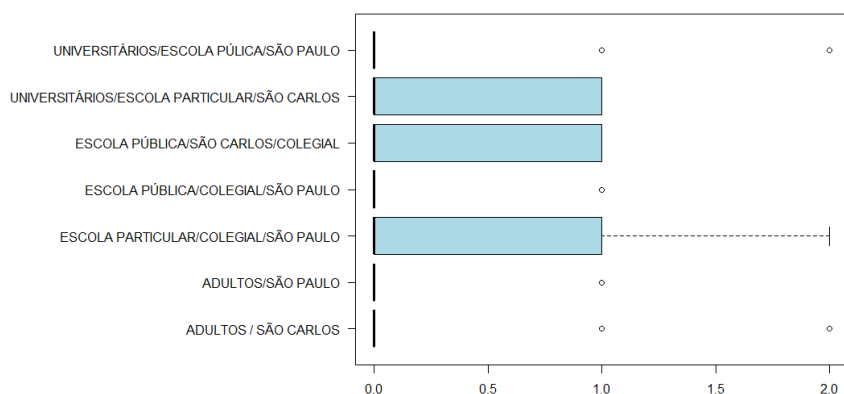


Figura 6. Distribuição por grupos das frequências de amor CAT7.

Podemos observar por esses box-plots que os participantes dos grupos 6, 5 e 3, citam mais do que todos os outros grupos, respostas pertinentes à categoria 7. Por meio dessa representação gráfica também pode se assumir que os Grupos 1, 2, 4 3 7, recrutados para este estudo, não citam o amor relacionado com a categoria 6 um número similar de vezes.

No que diz respeito à Categoria 10 (O amor voltado para seres inanimados), pode-se observar novamente a ocorrência de diferenças estaticamente significantes entre os grupos. Pode-se afirmar que o Grupo 6 (alunos universitários da rede privada de São Carlos) citam com uma maior frequência, respostas relacionadas com o que se definiu para classificar as respostas que compuseram a categoria 10. Posteriormente, podemos observar que os grupos 3, 1, 4, 5, 7 e 2 citam cada vez menos o estímulo amor relacionado a esse conjunto de características. Graficamente podemos representar essa diferença na Figura 8.

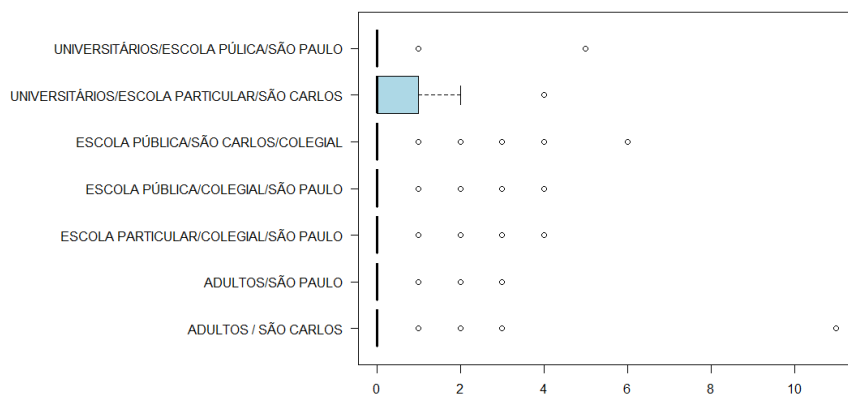


Figura 7. Distribuição por grupos das frequências de amor CAT10.

Podemos observar por esses box-plots que os participantes do grupo 6, recrutados para a pesquisa, citam mais frequentemente do que todos os outros grupos respostas que foram pertinentes para a categoria 10.

No que diz respeito à Categoria 12 (O amor como fonte de emoções, atitudes e comportamentos positivos), pode-se observar novamente a ocorrência de diferenças estatisticamente significativas entre grupos. Pode-se afirmar que o Grupo 7 (alunos universitários da rede pública de São Paulo) citam com uma maior frequência respostas relacionadas à categoria 12. Também é possível observar que os grupos 2, 1, 6, 3, 5 e 4 citam cada vez menos o estímulo amor relacionado a esse conjunto de características. Graficamente podemos representar essa diferença estatisticamente significativa tal como pode ser observado na Figura 8.

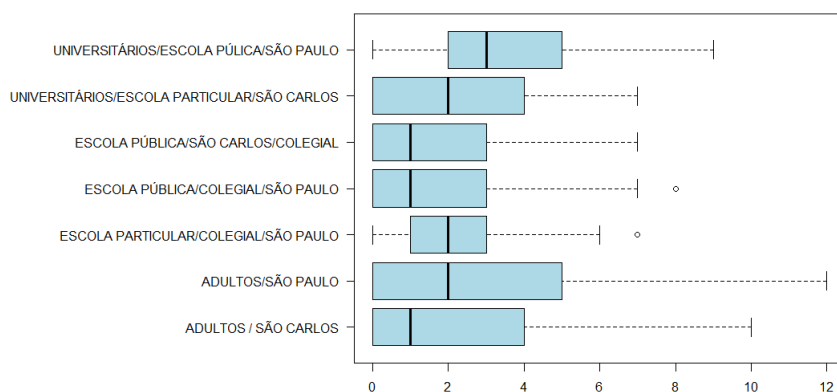


Figura 8. Distribuição por grupos das frequências de amor CAT12.

Podemos observar por esses box-plots que existe grande variabilidade entre os 7 Grupos. Em suma, o grupo de universitários da escola pública de São Paulo assinalou um maior número de vezes respostas referentes à categoria 12. Neste gráfico existe um pequeno indicativo descritivo em que os indivíduos de São Paulo, em comparação com os participantes de São Carlos, citaram um maior número de vezes tal categoria. Nota-se esse fato por meio da comparação da distribuição do Grupo 1 x Grupo 2, Grupo 5 x Grupo 3 e Grupo 6 x Grupo 7.

Por fim, no que diz respeito à Categoria 13 (O amor como fonte de emoções, atitudes e comportamentos positivos), pode-se

observar novamente a ocorrência de diferenças estatisticamente significantes entre esses grupos. Graficamente podemos representar essa diferença na Figura 9.

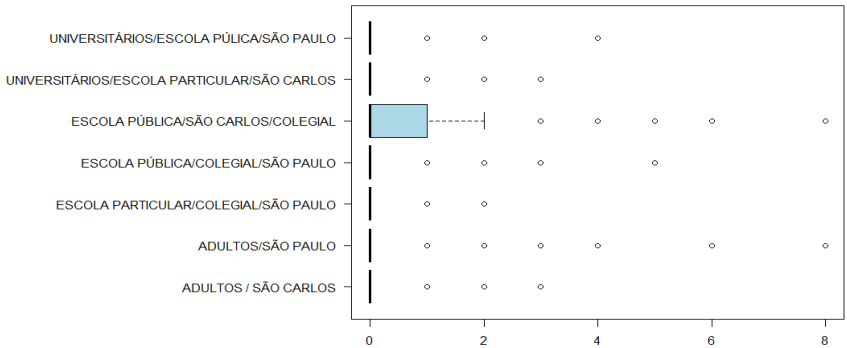


Figura 9. Distribuição por grupos das frequências de amor CAT13.

Podemos observar por esses box-plots que os participantes do grupo 4, assinalam mais frequentemente do que todos os outros grupos, respostas pertinentes à categoria 13.

Também foi conduzido um teste de Kruskal-Wallis para verificação de diferenças significantes em função do sexo indicado dos participantes, tal como pode ser observado na Tabela 15.

Tabela 15. Teste de Kruskal-Wallis para verificação de diferença significativa entre os sexos.

Variável	Estatística			
	g.l	X ² crítico	H observado	Sig.
CAT1	1	3,83	3,4	0,064
CAT2	1	3,83	0,2	0,692
CAT3	1	3,83	0,3	0,557
CAT4	1	3,83	17,4	0,000*
CAT5	1	3,83	1,8	0,180
CAT6	1	3,83	7,8	0,005*
CAT7	1	3,83	4,8	0,029*

CAT8	1	3,83	0,0	0,917
CAT9	1	3,83	7,1	0,008*
CAT10	1	3,83	1,8	0,181
CAT11	1	3,83	0,2	0,635
CAT12	1	3,83	17,2	0,000*
CAT13	1	3,83	0,4	0,521
CAT14	1	3,83	0,7	0,415

*Diferenças significantes ao nível de 5%.

Tabela 16. Média e desvio-padrão, por sexo, da contagem das categorias de amor para as categorias de 1 a 7.

SEXO	CAT1	CAT2	CAT3	CAT4	CAT5	CAT6	CAT7
Feminino	0,16 (0,46)	0,13 (0,48)	0,21 (0,60)	0,05 (0,22)	0,32 (0,59)	0,56 (1,01)	0,26 (0,45)
Masculino	0,09 (0,28)	0,10 (0,39)	0,17 (0,47)	0,18 (0,65)	0,26 (0,56)	0,35 (0,79)	0,17 (0,38)
KW	9,5	2,5	7,6	12,4	17,1	24,2	28,5
p.valor	0,064	0,692	0,558	0,000	0,180	0,005	0,029

Tabela 17. Média e desvio-padrão, por sexo, da contagem das categorias de amor para as categorias de 8 a 14.

SEXO	CAT8	CAT9	CAT10	CAT11	CAT12	CAT13	CAT14
Feminino	0,07 (0,28)	0,05 (0,23)	0,31 (0,97)	0,04 (0,27)	2,52 (2,43)	0,39 (0,99)	0,87 (1,21)
Masculino	0,07 (0,28)	0,01 (0,15)	0,23 (0,77)	0,04 (0,19)	1,67 (1,92)	0,33 (0,82)	0,75 (1,01)
KW	7,9	12,9	18,7	10,7	27,6	23,7	9,9
p.valor	0,917	0,008	0,181	0,635	0,000	0,521	0,415

Podem-se observar nas tabelas 15, 16 e 17 as categorias que apresentam diferenças estatisticamente significantes em função do sexo, são: Categoria 4 (KW = 12,4; $p > 0,000$), Categoria 6 (KW = 24,2; $p > 0,005$), Categoria 7 (KW = 28,5; $p > 0,029$), Categoria 9 (KW = 12,9; $p > 0,008$) e Categoria 12 (KW = 27,6; $p > 0,000$). Relacionando essas diferenças significantes, em função do sexo dos participantes da pesquisa, com os seus respectivos valores para média e desvio-padrão, tal como podemos observar nas tabelas 15 e 16, podemos observar que para as situações compreendidas e definidas como categorias 1, 2, 3, 5, 8, 10, 11, 13 e 14, não existe diferença significativa entre os grupos masculino e feminino, ou seja, os sexos indicados pensam da mesma forma no tocante aos atributos considerados. No entanto, quando se analisa a categoria 4 (O amor como algo ligado a componentes sexuais), podemos dizer que os grupos entendem diferentemente o estímulo amor ligado a esse aspecto erotizado. E esse comportamento da amostra de identificar o estímulo amor, de uma forma mais erotizada, vai acontecer mais para os homens, quase quatro vezes mais.

No que concerne à categoria 6 (O amor voltado para pessoas da família), podemos dizer que as mulheres citam (e, provavelmente entendem) diferentemente e mais frequentemente o estímulo amor ligado a esse aspecto familiar. E esse comportamento da amostra de atribuição de respostas vai predominar mais entre as mulheres do que entre os homens.

Em relação à categoria 7 (O amor voltado para amigos), podemos dizer que os grupos masculino e feminino concebem diferentemente o amor ligado a esse aspecto. E esse comportamento da amostra de identificar o estímulo amor, dessa forma, vai acontecer mais entre as mulheres do que entre os homens.

No tocante à categoria 9 (O amor voltado para animais irracionais), podemos dizer que os grupos masculino e feminino citam (e, provavelmente como entendem) diferentemente o estímulo amor relacionado a esse aspecto. E esse comportamento

da amostra de identificar o estímulo amor, dessa forma, vai acontecer cinco vezes mais para os as mulheres do que para os homens.

No que diz respeito à categoria 12 (O amor como fonte de emoções, atitudes e comportamentos positivos), podemos dizer que os grupos apresentam diferenças no tocante a este aspecto. E esse comportamento da amostra de identificar o estímulo amor, dessa forma, vai acontecer mais vezes para os as mulheres do que para os homens. Também foi conduzido um teste de Kruskal-Wallis para verificação de diferença significativa em função de três faixas etárias consideradas, a saber: até 17 anos, de 18 a 30 anos e acima de 30 anos. Os resultados desse teste podem ser verificados na Tabela 18, a seguir.

Tabela 18. Teste de Kruskal-Wallis para verificação de diferenças significantes entre as faixas etárias.

Estatística				
Variável	g.l	X ² crítico	H observado	Sig.
CAT1	2	5,99	5,5	0,063
CAT2	2	5,99	0,1	0,935
CAT3	2	5,99	0,2	0,904
CAT4	2	5,99	5,3	0,07
CAT5	2	5,99	12,5	0,002*
CAT6	2	5,99	12,5	0,002*
CAT7	2	5,99	8,6	0,013*
CAT8	2	5,99	6,3	0,043*
CAT9	2	5,99	2,5	0,293
CAT10	2	5,99	2,7	0,259
CAT11	2	5,99	1,7	0,421
CAT12	2	5,99	11,8	0,003*
CAT13	2	5,99	5,3	0,071
CAT14	2	5,99	5,1	0,079

*Diferença significativa ao nível de 5%.

Tabela 19. Média e desvio-padrão, em função da faixa etária, para as categorias de amor 1 a 7.

FAIXA ETÁRIA	CAT1	CAT2	CAT3	CAT4	CAT5	CAT6	CAT7
Até 17 anos	0,17 (0,43)	0,12 (0,52)	0,20 (0,54)	0,08 (0,27)	0,40 (0,68)	0,60 (1,02)	0,27 (0,45)
De 18 a 30 anos	0,13 (0,46)	0,11 (0,41)	0,22 (0,62)	0,15 (0,68)	0,23 (0,46)	0,44 (0,85)	0,23 (0,45)
Acima de 30 anos	0,07 (0,26)	0,10 (0,36)	0,18 (0,51)	0,04 (0,24)	0,17 (0,40)	0,34 (0,91)	0,14 (0,35)
KW	5,5	0,1	0,2	5,3	12,5	12,5	8,6
p.valor	0,063	0,936	0,904	0,07	0,002	0,002	0,013

Tabela 20. Média e desvio-padrão, em função da faixa etária, para as categorias de amor 8 a 14.

FAIXA ETÁRIA	CAT8	CAT9	CAT10	CAT11	CAT12	CAT13	CAT14
Até 17 anos	0,08 (0,29)	0,05 (0,22)	0,30 (0,83)	0,03 (0,19)	1,84 (1,92)	0,38 (0,82)	0,67 (0,91)
De 18 a 30 anos	0,03 (0,21)	0,05 (0,24)	0,30 (0,88)	0,06 (0,36)	2,51 (2,42)	0,37 (1,00)	1,04 (1,44)
Acima de 30 anos	0,10 (0,33)	0,02 (0,13)	0,25 (1,13)	0,04 (0,20)	2,83 (2,78)	0,32 (1,08)	0,85 (1,10)
KW	6,3	2,5	2,7	1,7	11,8	5,3	5,1
p.valor	0,043	0,293	0,259	0,421	0,003	0,071	0,079

Como se pode observar nas tabelas 18, 19 e 20, as categorias que apresentam uma diferença estatisticamente significativa em função da faixa etária, são: Categoria 5 (KW = 12,5; $p > 0,002$), Categoria 6 (KW = 12,6; $p > 0,002$), Categoria 7 (KW = 8,6; $p > 0,013$) e Categoria 12 (KW = 11,8; $p > 0,003$). Relacionando essas diferenças significativas, em função do sexo indicado pelos participantes da pesquisa, com os seus respectivos valores para média e desvio-

padrão, tal como podemos observar nas tabelas 19 e 20, podemos observar que para as situações compreendidas e definidas como categorias 1, 2, 3, 4, 9, 10, 11, 13 e 14, não existe diferença significativa entre os grupos, ou seja, as três faixas etárias indicadas não diferem na atribuição de atributos ao conceito de amor. No entanto, quando se analisa a categoria 5 (O amor como uma relação romântica entre duas pessoas), podemos dizer que os grupos etários diferem quanto ao atributo aspecto romântico. E esse comportamento da amostra de atribuir ao estímulo amor atributos românticos, vai acontecer mais para as pessoas na faixa etária até 17 anos; depois menos para as pessoas na faixa etária de 18 a 30 anos, e por último, são as pessoas acima de 30 anos que citam menos respostas relacionadas com o amor romântico. Em outras palavras, conforme os dados observados, quanto à medida que a pessoa fica mais velha, ela vai descaracterizando o amor de um possível aspecto romântico.

Para a categoria 6 (O amor voltado para pessoas da família), os dados indicam que os grupos etários citam (e, provavelmente como entendem) diferentemente o estímulo amor ligado a esse aspecto familiar. E esse comportamento da amostra de identificar o estímulo amor, de uma forma mais voltada para aspectos familiares, vai acontecer mais para as pessoas na faixa etária até 17 anos; depois menos para as pessoas acima de 30 anos e, por último, são as pessoas na faixa etária de 18 a 30 anos que citam menos respostas relacionadas com o amor familiar.

Para a categoria 7 (O amor voltado para amigos), os dados indicam que os grupos etários citam diferentemente o estímulo amor ligado a aspectos relacionados à amizade. E esse comportamento da amostra de caracterizar o amor em termos de amizade, vai acontecer mais para as pessoas que na faixa etária até 17 anos; depois menos para as pessoas na faixa etária de 18 a 30 anos e, por último, são as pessoas acima de 30 anos que atribuem menos respostas relacionadas com o amor em seu possível aspecto relacionado com a amizade.

Para a categoria 8 (O amor voltado para entidades divinas e/ou sobrenaturais), os dados indicam que os grupos etários citam (e, provavelmente como entendem) diferentemente o estímulo amor ligado a esse aspecto familiar. E esse comportamento da amostra de identificar o estímulo amor, de uma forma mais sobrenatural, vai acontecer mais para as pessoas acima de 30 anos, posteriormente para as pessoas que possuem faixa etária até 17 anos; depois menos para as pessoas que possuem faixa etária de 18 a 30 anos, que são as pessoas que menos citam respostas relacionadas com o amor com essa possível característica a ser relacionada com o termo amor.

Para a categoria 12 (O amor como fonte de emoções, atitudes e comportamentos positivos), também ocorreram diferenças significantes entre os grupos. E esse comportamento da amostra de identificar o estímulo amor, como fonte de emoções, atitudes e comportamentos positivos, vai acontecer mais para as pessoas acima de 30 anos, posteriormente para as pessoas na faixa etária de 18 a 30 anos, e, por último, com um menor grau de citação para as pessoas na faixa etária até 17 anos. Em outras palavras, conforme os dados observados, quanto mais o tempo de vida de uma pessoa possui, maior a possibilidade de ela caracterizar o amor como uma fonte de emoções, atitudes e comportamentos positivos.

Também foi conduzido um teste de Kruskal-Wallis para verificação de diferenças significantes, em função do grau de escolaridade dos participantes, a saber: até o primeiro grau completo, primeiro grau completo, segundo grau incompleto, segundo grau completo, terceiro grau incompleto, terceiro grau completo e pós-graduação. Os resultados desse teste podem ser verificados na Tabela 21, a seguir:

Tabela 21. Teste de Kruskal-Wallis para verificação de diferenças significantes entre níveis de escolaridade.

Variável	g.l	Estatística		Sig.
		X ² crítico	H observado	
CAT1	6	12,59	5,8	0,442
CAT2	6	12,59	6,2	0,397
CAT3	6	12,59	9,9	0,128
CAT4	6	12,59	7,5	0,277
CAT5	6	12,59	14,6	0,024*
CAT6	6	12,59	13,2	0,041*
CAT7	6	12,59	8,1	0,228
CAT8	6	12,59	2,8	0,839
CAT9	6	12,59	2,8	0,829
CAT10	6	12,59	8,7	0,191
CAT11	6	12,59	6,6	0,357
CAT12	6	12,59	26	0,000*
CAT13	6	12,59	13,2	0,040*
CAT14	6	12,59	13,6	0,034*

*Diferença significativa ao nível de 5%.

Tabela 22. Média e desvio-padrão, por escolaridade, da contagem das categorias de amor 1 a 7.

ESCOL.	CAT1	CAT2	CAT3	CAT4	CAT5	CAT6	CAT7
Primeiro grau incompleto	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)	1,00 (0,00)	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)
Primeiro grau completo	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)	0,50 (0,84)	0,00 (0,00)	0,17 (0,41)	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)
Segundo grau incompleto	0,16 (0,41)	0,11 (0,50)	0,20 (0,54)	0,12 (0,53)	0,38 (0,66)	0,55 (0,98)	0,26 (0,45)
Segundo grau completo	0,17 (0,48)	0,17 (0,38)	0,04 (0,20)	0,08 (0,28)	0,04 (0,20)	0,83 (1,17)	0,17 (0,38)
Terceiro grau incompleto	0,05 (0,22)	0,19 (0,57)	0,21 (0,52)	0,06 (0,25)	0,23 (0,46)	0,35 (0,75)	0,16 (0,37)
Terceiro grau completo	0,10 (0,31)	0,09 (0,32)	0,23 (0,68)	0,04 (0,24)	0,23 (0,46)	0,39 (0,80)	0,24 (0,47)
Pós Graduação	0,20 (0,66)	0,06 (0,31)	0,16 (0,50)	0,06 (0,31)	0,18 (0,43)	0,41 (1,15)	0,14 (0,35)
KW	5,8	6,2	9,9	7,5	14,6	13,2	8,1
p.valor	0,442	0,398	0,128	0,277	0,024	0,041	0,228

Tabela 23. Média e desvio-padrão, por escolaridade, da contagem das categorias de amor 8 a 14.

ESCOL.	CAT8	CAT9	CAT10	CAT11	CAT12	CAT13	CAT14
Primeiro grau incompleto	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)
Primeiro grau completo	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)	0,00 (0,00)	2,50 (1,38)	0,00 (0,00)	0,17 (0,41)
Segundo grau incompleto	0,07 (0,27)	0,05 (0,21)	0,31 (0,85)	0,04 (0,20)	1,77 (1,86)	0,43 (0,96)	0,70 (0,93)
Segundo grau completo	0,08 (0,28)	0,04 (0,20)	0,21 (0,66)	0,08 (0,28)	2,50 (2,60)	0,08 (0,41)	0,50 (0,88)
Terceiro grau incompleto	0,13 (0,42)	0,03 (0,18)	0,05 (0,28)	0,02 (0,13)	2,84 (3,02)	0,42 (1,05)	0,95 (1,15)
Terceiro grau completo	0,04 (0,20)	0,05 (0,26)	0,33 (0,93)	0,04 (0,38)	2,85 (2,51)	0,37 (1,01)	1,06 (1,45)
Pós-Graduação	0,08 (0,27)	0,00 (0,00)	0,43 (1,63)	0,08 (0,27)	3,14 (2,69)	0,18 (0,65)	1,20 (1,54)
KW	2,8	2,8	8,7	6,6	26,0	13,2	13,6
p.valor	0,839	0,829	0,191	0,357	0,000	0,040	0,034

Pelos resultados apresentados nas tabelas 21, 22 e 23, as categorias que apresentam diferenças estatisticamente significantes, em função da faixa etária, são: Categoria 5 (KW = 14,6; $p > 0,024$), Categoria 6 (KW = 13,2 $p > 0,041$), Categoria 12 (KW = 26; $p > 0,000$), Categoria 13 (KW = 13,2; $p > 0,040$) e Categoria 14 (KW = 13,6; $p > 0,034$). Relacionando essas diferenças em função do grau de escolaridade dos participantes da pesquisa, com os seus respectivos valores para média e desvio-padrão, tal como podemos observar nas tabelas 22 e 23, podemos observar que, para as situações compreendidas e definidas como categorias 1, 2, 3, 4, 7, 8, 9, 10 e 11, não existe diferença significativa entre os grupos. No entanto, quando, se analisa a categoria 5 (O amor como uma relação romântica entre duas pessoas), podemos dizer que os grupos citam (e, provavelmente como entendem) diferentemente o

estímulo amor ligado a esse aspecto romântico. E esse comportamento da amostra de identificar o estímulo amor, de uma forma mais romântica, vai ocorrer mais frequentemente entre os que têm o segundo grau incompleto, depois menos respostas relacionadas a este aspecto vão ocorrer entre os que têm o terceiro grau completo e o terceiro grau incompleto, pois empatam em frequência de citação de respostas, em média. Posteriormente, pessoas que tem pós-graduação, e por último, citarão menos respostas que posteriormente compuseram a categoria 12 pelas pessoas que tem o primeiro grau completo, pois não houve nenhuma resposta das pessoas com o primeiro grau incompleto de instrução que citaram quaisquer respostas que foram posteriormente consideradas pertinentes para compor a categoria 12.

Para a categoria 6 (O amor voltado para pessoas da família), os dados indicam que os grupos citam (e, provavelmente como entendem) diferentemente o estímulo amor ligado a esse aspecto familiar. E esse comportamento da amostra de identificar o estímulo amor, de uma forma mais familiar, vai acontecer de ser citado mais frequentemente para as pessoas que possuem o segundo grau completo, depois menos citado pelas pessoas que possuem o segundo grau incompleto, depois será menos citado pelas pessoas que têm pós-graduação, depois será menos citado pelas pessoas que tem o terceiro grau completo, e por último, será menos citado ainda pelas pessoas que tem o terceiro grau incompleto, já que as pessoas que tem até o primeiro grau completo, não citaram quaisquer respostas relacionadas a essa categoria.

Para a categoria 12 (O amor como fonte de emoções, atitudes e comportamentos positivos), os dados indicam que os grupos atribuem diferentemente atributos ao estímulo amor ligados a esse aspecto. E esse comportamento da amostra de identificar o estímulo amor, como fonte de emoções, atitudes e comportamentos positivos, vai acontecer mais para as pessoas que

possuem pós-graduação, posteriormente será menos citado pelas pessoas que possuem o terceiro grau completo, depois menos citado pelas pessoas com o terceiro grau incompleto, depois será menos citado, com a mesma frequência, tanto pelas pessoas que possuem o segundo grau completo quanto pelas pessoas que possuem o primeiro grau completo e, por último, pelas pessoas que possuem o segundo grau incompleto.

Para a categoria 13 (O amor como fonte de emoções, atitudes e comportamentos negativos), os dados indicam que os grupos citam diferentemente atributos ao estímulo amor ligados a esse aspecto. E esse comportamento da amostra de identificar o estímulo amor, como fonte de emoções, atitudes e comportamentos negativos, vai acontecer mais para as pessoas que possuem segundo grau incompleto, posteriormente será menos citado pelas pessoas que possuem o terceiro grau incompleto, depois menos citado pelas pessoas com o terceiro grau completo, depois pelas pessoas que possuem pós-graduação e, por último, pelas pessoas que tem o segundo grau completo.

Na categoria 14 (Outras respostas), os dados indicam que os grupos citam diferentemente respostas muito específicas, particulares, idiossincráticas. Este aspecto é mais comum em quem possuem pós-graduação, posteriormente será menos citado pelas pessoas que possuem o terceiro grau completo, depois pelas pessoas com o terceiro grau incompleto, por pessoas que possuem o segundo grau incompleto, pelas pessoas que possuem o segundo grau completo, e, por último, pelas pessoas que tem o primeiro grau completo.

Por fim, foi realizado o cálculo do coeficiente de correlação linear de Spearman entre as categorias de amor e a idade a fim de verificar a dependência linear entre tais categorias e idade de uma forma direta, ou seja, verificar se os indivíduos associam de forma crescente ou decrescente as categorias de amor com relação ao aumento ou diminuição da idade. A Tabela 24 exibe os resultados e o nível de significância para esse conjunto de dados.

Tabela 24. Coeficiente de Correlação Linear de Spearman para verificação de tendência linear significativa entre as categorias de amor e a idade.

Variável	Correlação Linear de Spearman	Sig.
CAT1	-0,10	0,02*
CAT2	0,01	0,81
CAT3	-0,02	0,63
CAT4	-0,04	0,32
CAT5	-0,14	0,00*
CAT6	-0,17	0,00*
CAT7	-0,12	0,00*
CAT8	-0,01	0,85
CAT9	-0,08	0,05
CAT10	-0,07	0,09
CAT11	0,05	0,23
CAT12	0,15	0,00*
CAT13	-0,09	0,03*
CAT14	0,08	0,05

*Diferenças significantes ao nível de 5%.

Em função dos resultados apresentados na Tabela 24, notamos correlações significantes, porém fracas, entre a idade e as categorias de amor 1, 5, 6, 7, 12 e 13. Nota-se que há uma correlação positiva e significativa apenas com relação à categoria 12, ou seja, quanto mais velhos os indivíduos, mais eles citam aspectos posteriormente considerados abrangidos pelo que foi definido para compor a categoria 12. Do mesmo modo, quanto mais velhos os indivíduos, menos eles citam as categorias 1, 5, 6, 7 e 13.

A Figura 11 exibe os gráficos de dispersão entre a idade e as categorias de amor, sendo cada ponto do gráfico indicando um ou mais indivíduos. Neste sentido, justifica-se a fraca correlação linear entre tais variáveis, uma vez que existe um comportamento muito variável e pouco linear entre elas.

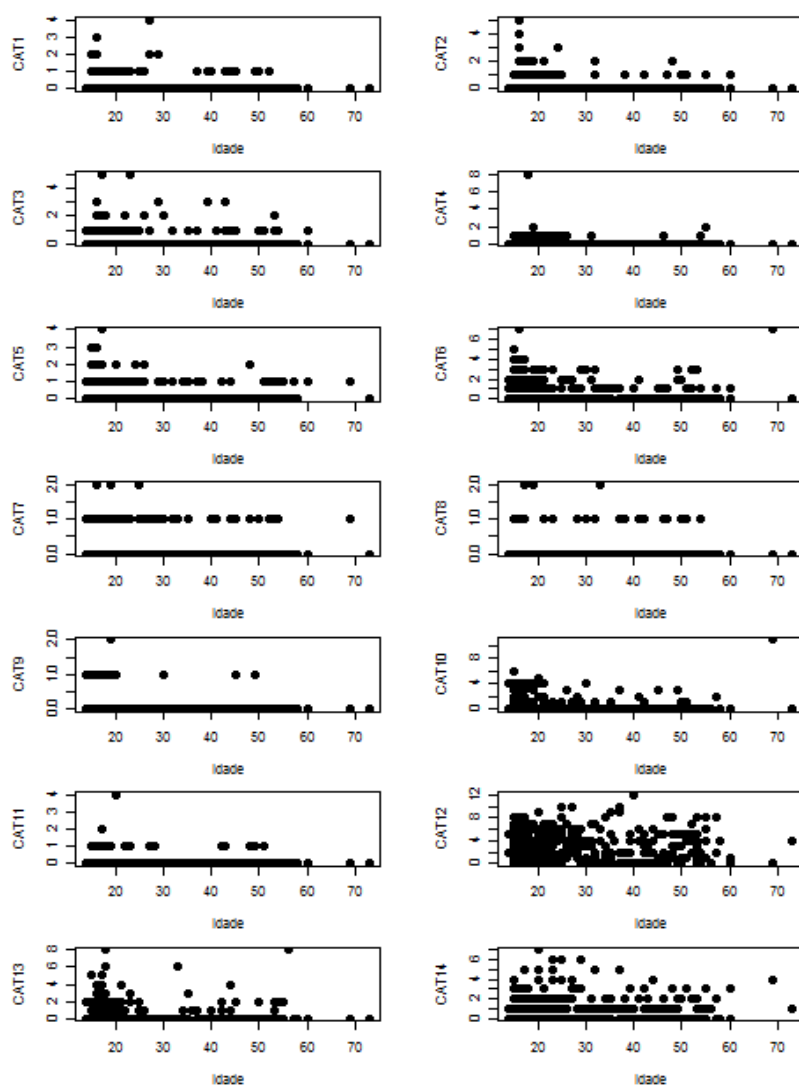


Figura 10. Gráfico de dispersão entre as Categorias de Amor e a Idade.

Tabela 25. Correlação de Spearman entre as Categorias de Amor.

[illegible]

Além disso, foi realizado o cálculo do coeficiente de correlação linear de Spearman entre as categorias de amor a fim de verificar a dependência linear entre as respostas entre tais categorias, ou seja, verificar se quando um indivíduo cita uma determinada categoria, também cita de forma crescente ou decrescente outra categoria de amor. A Tabela 25 apresenta tais resultados e, por meio dela, pode-se constatar que existe uma dependência significativa e linearmente moderada maior entre as categorias de amor 6 e 7 ($r=0,52$) em relação a todas as outras categorias. Em outras palavras, há uma tendência de quem cita respostas que se enquadrarão na categoria 6, citar também respostas que se enquadrarão na categoria 7.

REFERÊNCIAS³

- Abbagnano, N. (1970). *Dicionário de filosofia*. São Paulo, SP: Mestre Jou.
- Ackerman, D. (1997). *Uma História Natural do Amor*. Rio de Janeiro, BCD União dos Editores S/A.
- Agostinho, Santo. (1999). *Confissões*. São Paulo, SP: Nova Cultural.
- *⁴ Almeida, T. (2003). O perfil da escolha de objeto amoroso para o adolescente: possíveis razões. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal de São Carlos, São Paulo.
- * Almeida, T. (2004). A gênese e a escolha no amor romântico: alguns princípios regentes. *Revista de Psicologia* (Fortaleza), 22, 15-2.
- * Almeida, T. (2007). *Ciúme romântico e infidelidade amorosa entre paulistanos: incidências e relações*. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Almeida, T. (2008). O percurso do amor romântico e do casamento através das eras. *Psicopedagogia Online*. Recuperado de <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrID=1041>
- Almeida, T. (2012). O ciúme romântico atua como uma profecia autorrealizadora da infidelidade amorosa? *Estudos de Psicologia (PUCCAMP)*, 29, 489-498.
- * Almeida, T. (2013). Os processos de apaixonamento e de enamoramento: curso, evolução e benefícios físicos e

³ Normalizadas de acordo com o estilo adotado pela American Psychological Association (APA), publicada em Português como American Psychological Association. (2012). Manual de publicação da APA (6ª ed.). Porto Alegre.

⁴ As referências que foram precedidas de um asterisco indicam os estudos incluídos na revisão, mas não diretamente citadas no corpo do texto.

- psicológicos para o ser humano. In T. Almeida (Org.), *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois*. (Vol. 1, pp. 103-116). São Carlos, SP: Compacta.
- * Almeida, T. (Org.). (2013). *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois*. (Vol. 1). São Carlos, SP: Compacta.
- * Almeida, T. (Org.) (2014). *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois*. (Vol. 2). São Paulo, SP: PoloBooks.
- * Almeida, T. (Org.). (2015). *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois*. (V. 3). São Paulo, SP: PoloBooks.
- Almeida, T., Del Vecchio, T. C., & Lourenço, M. L. (2015). O desenvolvimento das relações amorosas: do início do século XX até os dias de hoje. In T. Almeida (Org.), *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois*. (Vol. 3, pp. 51-90). São Paulo, SP: Polo Books.
- *Almeida, T., & Madeira, D. (2011). *A arte da paquera: inspirações à realização afetiva*. São Paulo, SP: Letras do Brasil.
- *Almeida, T., & Madeira, D. (2013). A paquera em Marte e em Vênus. In T. Almeida (Org.), *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois*. (Vol. 1, pp. 33-67). São Carlos, SP: Compacta.
- Almeida, T. (2017). *O conceito de amor: um estudo exploratório com uma amostra brasileira* (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Almeida, T., & Lourenço, M. L. (2011). Ciúme romântico: um breve histórico, perspectivas, concepções correlatas e seus desdobramentos para os relacionamentos amorosos. *Revista de Psicologia (Fortaleza)*, 2, 18-32.
- *Almeida, T., & Madeira, D. (2014). *Enigmas do amor*. São Paulo, SP: Polo Books.
- Almeida, T., & Mayor, A. S. (2006). O amar, o amor: uma perspectiva contemporâneo-ocidental da dinâmica do amor para os relacionamentos amorosos. In R. R. Starling & K. A. Carvalho (Org.), *Ciência do comportamento: conhecer e avançar*. (Vol. 5, pp. 99-105). Santo André, SP: Esetec.

- Almeida, T., & Oliveira, H. C. (2007). A importância e a banalização do amor no cotidiano. In *5o Jornada APOIAR: saúde mental nos ciclos da vida* (pp. 127-142). São Paulo, SP: Vetor/ IP-USP.
- Almeida, T., Rodrigues, K. R. B., & Silva, A. A. (2008). O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais contemporâneos. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 13 (1), 83-90.
- *Almeida, T., & Schlösser, A. (2014). Romantic jealousy and love infidelity correlations. *Current Urban Studies*, 2, 212-219.
- Almeida, T., & Vanni, G. (2013) *Amor, ciúme e infidelidade: como estas questões afetam sua vida*. São Paulo, SP: Letras do Brasil.
- Aloni, M., & Bernieri, F. J. (2004). Is love blind? The effects of experience and infatuation on the perception of love. *Journal of Nonverbal Behavior*, 28(4), 287-295.
- Amaral, J. F. (s.d.). *O casamento na idade média: a concepção de matrimônio no livro da intenção (c. 1283) e nos exemplos do livro das maravilhas (1288-1289) do filósofo Ramon Llull*. Recuperado de http://www.rotadoromanico.com/SiteCollectionDocuments/Romanico_Mais%20Informacao/Artigos/Sociedade/O_Casamento_na_Idade_Media.pdf
- *Andrade, A. L. (2011). *Relacionamentos românticos: modelos de qualidade e satisfação em relacionamentos de casal*. (Tese de Doutorado). Universidade Federal do Espírito Santo, UFES, Vitória.
- *Andrade, A. L., & Cassepp-Borges, V. (2013). Considerações teóricas e práticas sobre a qualidade em relacionamentos amorosos. In D. Bartholomeu, J. M. Montiel, F. K. Miguel, L. F. Carvalho & J. M. H. Bueno (Orgs.), *Atualização em avaliação e tratamento das emoções*. (pp. 113-124). São Paulo, SP: Vetor.
- *Andrade, A. L., & Garcia, A. (2009). Attitudes and beliefs about love: brazilian version of The Love Styles Scale. *Interpersona: an International Journal on Personal Relationships*, 3, 89-100.
- *Andrade, A. L., & Garcia, A. (2012). Desenvolvimento de uma medida multidimensional para avaliação de qualidade em

- relacionamentos românticos - Aquarela-R. *Psicologia: Reflexão e Crítica (Impresso)*, 25, 634-643.
- *Andrade, A. L., & Garcia, A. (2014). Escala de crenças sobre amor romântico: indicadores de validade e precisão. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 14, 63-71.
- *Andrade, A. L., Garcia, A., & Cano, D. S. (2009). Predictors of global satisfaction in romantic relationships. *Revista de Psicologia: Teoria e Prática*, 11, 143-156.
- *Andrade, A. L., Garcia, A., & Cassepp-Borges, V. (2013). Evidências de validade da escala triangular do amor de Sternberg - Reduzida (ETAS-R). *Psico-USF (Impresso)*, 18, 501-510.
- *Andrade, A. L., & Silva, P. O. M. (2013). Configuration and affective consequences of investing in romantic relationships. *Psicologia e Saber Social*, 2, 217-228.
- *Andrade, A. L., & Wachelke, J. R. (2011). The association of structural configurations of romantic relationships with beliefs about couple relationships: a social representations study. *Anales de Psicología*, 27, 834-842.
- *Andrade, A. L., Wachelke, J. R., Andreani, M., Gomes, M. A., Accorsi, M., Scatamburlo, N., & Cruz, R. (2006). Perceived determinants of success and failure in romantic relationships (resumo expandido). In Garcia, A. (Org.), *Relacionamento interpessoal: estudos e pesquisas*. (pp. 120-122). Vitória, ES: UFES.
- Antelme, R. S., & Rossin, S. (1999). *Sacred sexuality in ancient Egypt: the erotic secret of forbidden papyru*. Rochester, VT: Inner Traditions International.
- Araújo, E. (2000). *O escrito para eternidade: a literatura no Egito faraônico*. Brasília, DF: UNB.
- Araújo, L. M. (1995). *Estudos sobre erotismo no antigo Egito*. Lisboa, Portugal: Colibri.
- Araújo, M. F. (2002). Amor, casamento e sexualidade: velhas e novas configurações. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 22(2), 70-77.

- Arendt, H. (1978). *O conceito de amor em Santo Agostinho*. Lisboa, Portugal: Instituto Piaget.
- Ariès, P. (1981). *História social da criança e da família*. (2a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Guanabara.
- Ariès, P. (1986). *História social da infância e da família*. Rio de Janeiro, RJ: Guanabara.
- Ariès, P. (1987). O amor no casamento. In P. Ariès & A. Béjin (Orgs), *Sexualidades ocidentais* (pp.153-162). São Paulo, SP: Brasiliense.
- Aron, A., Fisher, H., Mashek, D. J., Strong, G., Li, H., & Brown, L. L. (2005). Reward, motivation, and emotion systems associated with early-stage intense romantic love. *Journal of Neurophysiology*, 94, 327-337.
- Assoun, P. L. (1978). *Freud, a filosofia e os filósofos*. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves.
- *Assumpção Junior, F. B., & Almeida, T. (Orgs.) (2008). *Sexualidade, cinema e deficiência*. São Paulo, SP: Livraria Médica Paulista.
- Ausubel, D.P. (1963). *The psychology of meaningful verbal learning*. New York: Grune & Stratton.
- Azevedo, T. (1986). *As regras do namoro à antiga*. São Paulo: Ática.
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. (W. Dutra, trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- * Barsalou, L. W. (1987). The instability of graded structure: implications for the nature of concepts. In U. Neisser (Ed.), *Concepts and conceptual development: ecological and intellectual factors in categorization* (pp. 101-140). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Bassanezi, C. (2006). Mulheres dos anos dourados. In: M. Del Priore (Org.), *Histórias de mulheres no Brasil* (pp. 607-639). São Paulo: Contexto.
- Batista, C. G. (2005). Formação de conceitos em crianças cegas: questões teóricas e implicações educacionais. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(1), 7-15.

- Batten, M. (1995). *Estratégias sexuais: como as fêmeas escolhem seus parceiros*. (R. Mendes, trad.). Rio de Janeiro, RJ: Rosa dos Tempos.
- Bauman, Z. (2009). *Vida líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Baumeister, R. F., Catanese, K. R., & Vohs, K. D. (2001). Is there a gender difference in strength of sex drive? Theoretical views, conceptual distinctions, and a review of relevant evidence. *Personality and Social Psychology Review*, 5, 242-273. doi: 10.1207/S15327957PSPR0503_5
- Beck, J. G., Bozman, A. W., & Qualtrough, T. (1991). The experience of sexual desire: psychological correlates in a college sample. *Journal of Sex Research*, 28(3), 443-456.
- Berks, J. (2009). *Crazy in love: concepts of morbid love in western medicine from 1951 to the present*. Albany, Nova Zelandia: Massey University.
- Berry, J. W., Poortinga, Y. H., Segall, M. H., & Dasen, P.R. (1992). *Cross-cultural psychology: research and applications*. Cambridge (UK): Cambridge University Press.
- Bittencourt, R. N. (2012). Do amor socrático ao amor líquido. *Revista Húmus*, 6, 41-55.
- Bittencourt, R. N. (2013). As contingências do amor e a dissolução da alteridade amorosa no capitalismo afetivo. *Cadernos Zygmunt Bauman*, 3(6), 2-40.
- Bittencourt, R. N. (2014). O amor coisificado pela sociedade de consumo e suas implicações nas relações humanas. *Revista EDUC-Faculdade de Duque de Caxias*, 1(1), 65-81.
- Blanc, C. (2010). *Uma breve história do sexo*. São Paulo, SP: Gaia.
- Bloch, R. H. (1995). *Misoginia medieval e a invenção do amor romântico ocidental*. Rio de Janeiro, RJ: Editora 34.
- Bloom, A. (1993). *Amor e amizade*. São Paulo, SP: Mandarin.
- *Boaventura de Bagnoregio, São. (1985). Itinerário da mente para Deus. In São Boaventura de Bagnoregio. *Obras Escolhidas*. (L. A. de Boni, J. Jerkovic, Frei S. Schneidertrads., pp. 205-219). Caxias do Sul, RS: Sulina.

- Bonnassie, P. (1985). *Dicionário de história medieval*. Lisboa, Portugal: Dom Quixote.
- Boroni, A. (2002). *Gêneros textuais e cognição: um estudo sobre a organização cognitiva da identidade dos textos*. Florianópolis, SC: Insular.
- Borsa, J. C. (2013). O papel da amizade ao longo do ciclo vital. *Psico-USF*, 18(1), 161-162. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-82712013000100017>
- Bowlby, J. (1979). *The making and breaking of affectional bonds*. London, UK: Tavistock.
- Bowlby, J. (1989). *Uma base segura: aplicações clínicas para a teoria do apego*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Bradbury, T. N., & Karney, B. R. (2010). *Intimate relationships*. New York, NY: W. W. Norton.
- Braz, A. L. N. (2006). Reflexões sobre as origens do amor no ser humano. *Psicologia para América Latina*, 5, Recuperado de http://scielo.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870350X2006000100006&lng=pt&nrm=iso
- *Brandti, J. A., & Silva, A. A. (2010). A conversação no contexto das relações assimétricas no trabalho organizado. *Cadernos de Psicologia Social do Trabalho (USP)*, 13, 43-58.
- Brown, P. (1990). *Corpo e sociedade: o homem, a mulher e a renúncia sexual no início do cristianismo*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Bruner, J. S., Goodnow, J. J., & Austin, G. A. (1967). *A study of thinking*. New York, NY: Wiley.
- Buss, D. (1988). Love acts: the evolutionary biology of love. In R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.), *The psychology of love* (pp. 100-118). New Haven, CT: Yale University Press.
- Buss, D. M. (1989). Sex differences in human mating preferences: evolutionary hypothesis tested in 37 cultures. *Behavioral and Brain Sciences*, 12, 1-49.

- Buss, D. M. (2000). *A paixão perigosa: por que o ciúme é tão necessário quanto o amor e o sexo*. (M. Campelo, trad., 3a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Objetiva.
- Buss, D. M. (2003). *The evolution of desire: strategies of human mating*. New York, NY: Basic Books.
- Buss, D. M., & Schmitt, D. R. (1993). Sexual strategies theory: An evolutionary perspective on human mating. *Psychological Review*, 100, 204-232.
- Byrne, D., London, O., & Reeves, K. (1968). The effects of physical attractiveness, sex, and attitude similarity on interpersonal attraction. *Journal of Personality*, 36, 259-271.
- Bystronski, B. (1992). *A liberação dos costumes e suas conseqüências sobre os relacionamentos amorosos heterossexuais*. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS, Porto Alegre.
- Bystronski, B. (1995). Teorias e processos psicossociais da intimidade interpessoal. In A. Rodrigues (Org.), *Psicologia social para principiantes: estudo da interação humana*. (pp. 59-90). Petrópolis, RJ: Vozes.
- Cabecinhas, R. (2002). Mídia, etnocentrismo e estereótipos sociais. In As Ciências da Comunicação na Viragem do Século. *1o Actas do Congresso de Ciências da Comunicação*. (pp. 407-418). Lisboa, Portugal: Veja.
- Cabral, C. P. (2011). *Avaliação de um recurso técnico na aprendizagem de conceitos por crianças cegas: um estudo exploratório*. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Canevaro, A. (2002). Terapia trigeracional para as simbioses do casal. In M. A. Andolfi. *A crise do casal: uma perspectiva sistêmico-relacional*. (pp. 79-98). Porto Alegre, RS: Artmend.
- Carstensen, L. L. (1991). Socioemotional selectivity theory: social activity in life-span context. *Annual Review of Gerontology and Geriatrics*, 11, 195-217.

- Carstensen, L. L., Turan, B., Scheibe, S., Ram, N., Ersner-Hersfield, H., Samanez-Larkin, G. R., ... Nesselroade, J. R. (2011). Emotional experience improves with age: evidence based on over 10 years of experience sampling. *Psychology and Aging, 26*(1), 21-33.
- Carstensen, L. L., & Turk-Charles, S. (1994). The salience of emotion across the adult life course. *Psychology and Aging, 9*, 259-264.
- Carvalho, J., & Nobre, P. (2011a). Predictors of men's sexual desire: the role of psychological, cognitive-emotional, relational, and medical factors. *Journal of Sex Research, 48*, 254-262. doi: 10.1080/00224491003605475
- Carvalho, J., & Nobre, P. (2011b). Biopsychosocial determinants of men's sexual desire: testing an integrative model. *Journal of Sexual Medicine, 8*, 754-763.
- *Carvalho, J. A. M., & Brito, F. (2005). A demografia brasileira e o declínio da fecundidade no Brasil: contribuições, equívocos e silêncios. *Revista Brasileira de Estudos de População, 22*(2), 351-369. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-30982005000200011>
- Carvalho, J. C. P. (1997, aug.). Etnocentrismo: inconsciente, imaginário e preconceito no universo das organizações educativas. *Interface, 1*(1).
- Casey, J. (1992). *A história da família*. (S. Bath, trad.). São Paulo, SP: Ática.
- *Cassep-Borges, V. (2006). *Escala triangular do amor de Sternberg no Brasil: tradução, validação de conteúdo e propriedades psicométricas*. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo.
- *Cassep-Borges, V. (2010). *Amor e construtos relacionados: evidências de validade de instrumentos de medida no Brasil*. (Tese de Doutorado). Universidade de Brasília, Brasília.
- *Cassep-Borges, V., & Andrade, A. L. (2013). Uma breve história das tentativas para medir atributos dos relacionamentos

- amorosos em língua portuguesa. *Estudos de Psicologia (UFRN)*, 18, 631-638.
- *Cassepp-Borges, V., & Pasquali, L. (2011). Características psicométricas da relationship assessment scale. *Psico-USF*, 16, 255-264.
- *Cassepp-Borges, V., & Pasquali, L. (2012a). Estudo nacional dos atributos psicométricos da escala triangular do amor de Sternberg. *Paidéia*, 22, 21-31.
- *Cassepp-Borges, V., & Pasquali, L. (2012b). Sternberg's triangular love scales national study of psychometric attributes. *Paidéia*, 22, 21-31.
- *Cassepp-Borges, V., & Pasquali, L. (2013). Amor: múltiplas perspectivas. In D. Bartholomeu, J. M. Montiel, F. K. Miguel, L. F. Carvalho, & J. M. H. Bueno (Orgs.), *Atualização em avaliação e tratamento das emoções*. (pp. 71-93). São Paulo, SP: Vetor.
- *Cassepp-Borges, V., & Pasquali, L. (2014). A redução de itens como uma alternativa para a escala triangular do amor. *Psicologia*, 28, 11-20.
- *Cassepp-Borges, V., & Teodoro, M. L. M. (2009). Versión reducida de la escala triangular del amor: características del sentimiento en Brasil. *Interamerican Journal of Psychology*, 43, 30-38.
- Cavalcanti, L. S. (2005). Cotidiano, mediação pedagógica e formação de conceitos: uma contribuição de Vygotsky ao ensino de geografia. *Cad. Cedes, Campinas*, 25(66), 185-207.
- Cazeiro, A. P. M. (2013). *Um estudo sobre o domínio de conceitos básicos por crianças com paralisia cerebral e por crianças pré-escolares em função da forma de avaliação*. (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Cazeiro, A. P. M., & Lomônaco, J. F. B. (2011). Formação de conceitos por crianças com paralisia cerebral: um estudo exploratório sobre a influência de atividades lúdicas. *Psicologia: Reflexão e Crítica (UFRGS. Impresso)*, 24, 40-50.
- Chapman, G. (1997). *As cinco linguagens do amor*. São Paulo, SP: Artmed.

- Chauí, M. (1995). *Espinoza, uma filosofia da liberdade*. São Paulo, SP: Moderna.
- Chauí M. (1999). *A nervura do real: imanência e liberdade em Espinoza*. São Paulo, SP: Cia. das Letras.
- Chaves, J. (1994). *Ficar com: um novo código entre os jovens*. Rio de Janeiro, RJ: Revan.
- Cimbalo, R. S., & Novell, D. O. (1993). Sex differences in romantic love attitudes among college students. *Psychological Reports*, 73, 15-18.
- Cloninger, C. R. (2006). The science of well-being: an integrated approach to mental health and its disorders. *World Psychiatry*, 5, 71-76.
- *Critelli, J. W., Myers, E. J., Loos, & V. E. (1986) The components of love: romantic attraction and sex role orientation. *Journal of Personality*, 54 (2), 355-370.
- *Collins, A. M., & Quillian, M.R. (1969). Retrieval time from semantic memory. *Journal of Verbal Learning and Verbal Behavior*, 8, 240-247.
- *Conover, W. J. (1980). *Practical nonparametric statistics*. (2a ed.). New York, NY: John Wiley & Sons.
- Copplestone, T. (1997). *Vida e obra de Hieronymus Bosch*. Rio de Janeiro, RJ: Ediouro.
- Costa, J. F. (1998). *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. (5a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Rocco.
- Costa, W. D., & Diez, C. L. F. (2012). A relação eu-outro na educação: abertura à alteridade. In *Anais do 9o ANPEDSUL: Seminário de Pesquisa da Região Sul*. (pp. 1-11). Caxias do Sul, RS: Universidade de Caxias do Sul.
- Cronbach, L. J. (1996). *Fundamentos da testagem psicológica*. (5a ed.). Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- *Cruz, R. M., Wachelke, J. R., & Andrade, A. L. (Orgs.). (2012). *Avaliação e medidas psicológicas no contexto dos relacionamentos amorosos*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

- Cummings, E. S., & Henry, W. E. (1961). *Growing old: the process of disengagement*. New York, NY: Basic Books.
- Damásio, A. (2003). *Looking for Spinoza: joy, sorrow, and the feeling brain*. Orlando, FL: Harvest Books.
- De Boni, L. A. (1983). *Obras escolhidas de São Boaventura*. (Edição bilíngue latim/ português). Porto Alegre, RS: Est/ Sulina/Ucs.
- Del Priore, M. D. (2006). *História do amor no Brasil*. (2ª ed.). São Paulo: Contexto.
- Demeny, P., & McNicoll, G. (Eds.) (2003). *Encyclopaedia of Population*. New York, NY: Macmillan.
- Descartes, R. (1983). *As paixões da alma*. São Paulo, SP: Abril Cultural.
- DIC Prático Michaelis. (1998). (CD-ROM -Versão 5.1). São Paulo, SP: Melhoramentos.
- Dion, K. L., & Dion, K. K. (1988). Romantic love: individual and cultural perspectives In R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.), *The psychology of love*. (pp. 264-289). New Haven, CT: Yale University Press.
- Dosch, A., Rochat, L., Ghisletta, P., Favez, N., & Van der Linden, M. (2015). Psychological factors involved in sexual desire, sexual activity and sexual satisfaction: a multi-factorial perspective. *Archives of Sexual Behavior*, 45(8), 2029-2045 doi: 10.1007/s10508-014-0467-z
- Doucet-Bon, L. V. (1975). *Mariage dans les civilisations anciennes*. Paris, France: Albin Michel.
- Duarte, R. I. S. (2012). *Do amor e do desamor: variedades de experiências de ruptura e reparação e regulação de necessidades na aliança amorosa de casais* (Dissertação de Mestrado). Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, Lisboa, Portugal.
- Duby, G. (1990a). *Idade Média, idade dos homens do amor e outros ensaios*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Duby, G. (1990b). (Org). *História da vida privada 2: da Europa feudal à Renascença*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.

- Duby, G., & Ariès, P. (1990). *História da vida privada 2: da Europa feudal à Renascença*. São Paulo: Companhia das Letras.
- El-Qhamid, & Toledano, J. (2006). *Erotismo y sexualidad en el antiguo Egipto*. Barcelona, Espanha: Folio.
- *Engelman, P. C. (2011). *A History of the Birth Control Movement in America*. Santa Barbara, CA: Praeger.
- Evangelista, P. (2010). *Paixão e sentido na clínica fenomenológico-existencial*. Palestra proferida no Espaço Sabina Cultural, Sorocaba, SP, em 20/01/2010. Recuperado de <https://www.yumpu.com/pt/document/view/12527837/paixao-e-sentido-na-clinica-fenomenologico-existencial/3>
- Eysenck, M.W., & Keane, M.T. (1990). *Cognitive psychology: a student's handbook*. London: Laurence Erlbaum Associates.
- Ezcurdia, J. (2008). Imanência e amor na filosofia de Espinosa. *Cadernos Espinosanos* 19, 11-19.
- Fehr, B. (1988). Prototype analysis of the concept of love and commitment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 55(4), 557-579.
- Fehr, B. (1993). How do I love thee? Let me consult my prototype. In S. Duck (Ed.), *Understanding relationship processes*: (Vol. I, cap, pp. 87-120). Newbury Park, CA: Sage.
- Fehr, B. (1994). Prototype-based assessment of laypeople's views of love. *Personal Relationships*, 1, 309-331.
- Fehr, B. (1999). Lay people's conceptions of commitment. *Journal of Personality and Social Psychology*, 76, 90-106.
- Fehr, B. (2001). The status of theory and research on love and commitment. In G. J. O. Fletcher & M. S. Clark (Eds.), *Blackwell handbook of social psychology: interpersonal process* (pp. 331-356). Oxford, UK: Blackwell.
- Fehr, B. (2006). A prototype approach to studying love. In R. J. Sternberg & K. Weis (Eds.), *The new psychology of love* (pp. 225-246). New Haven, CT: Yale University Press.

- Fehr, B., & Broughton, R. (2001). Gender and personality differences in conceptions of love: An interpersonal theory analysis. *Personal Relationships*, 8, 115-136.
- Fehr, B., & Russell, J. A. (1984). Journal of Experimental Psychology: General, Vol 113(3), Sep 1984, 464-486. <http://dx.doi.org/10.1037/0096-3445.113.3.464>
- Fehr, B., & Russell, J. A. (1991). The concept of love viewed from a prototype perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 60(3), 425-438.
- Ferreira, A. B. H. (1999). *Século XXI: novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.
- Ferreira-Santos, E. (1998). *Ciúme, o medo da perda*. São Paulo: Editora Ática.
- Finger, I. (2008). A abordagem connexionista de aquisição da linguagem. In R. M. Quadros, I. Finger (Ed.), *Teorias de aquisição da linguagem*. (pp.147-168). Santa Catarina: Ed. UFSC.
- Fischer, C. S., & Shavit, Y. (1995). National differences in network density: Israel and the United States. *Social Networks*, 17, 129-145.
- Fisher, H. (1995). *Anatomia do amor: a história natural da monogamia, do adultério e do divórcio*. Rio de Janeiro, RJ: Eureka.
- Fisher, H. (2006). *Por que amamos*. Rio de Janeiro, RJ: Record.
- Fisher, H., Aron, A., & Brown, L. L. (2005). Romantic love: an fMRI study of a neural mechanism for mate choice. *Journal of Comparative Neurology*, 493, 58-62.
- Flavell, J. H. (1976). O desenvolvimento de conceitos. In P. H. Mussen (Org.), *Carmichael: psicologia da criança*. (M. H. S. Patto, trad., pp. 1-130). São Paulo, SP: EPU/ EDUSP.
- Fromm, E. (2002). *A arte de amar*. Lisboa, Portugal: Pergaminho.
- Gandillac, M. (1990). O amor na idade média. In A. Novaes (Org.), *O desejo*. (pp. 197-208). São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Gelman, S. A., & Coley, J. D. (2008). Language and categorization: the acquisition of natural kind terms. In S.A. Gelman & J. P. Byrnes. (Orgs.), *Perspectives on language and thought*:

- interrelations in development* (pp.146-196). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Giddens, A. (1990). *The consequences of modernity*. Cambridge, UK: Polity Press.
- Giddens, A. (1993). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. São Paulo, SP: Unesp.
- Gilman, R., Huebner, E., Tian, L., Park, N., O'Byrne, J., Schiff, M., & Langknecht, H. (2008). Cross-national adolescent multidimensional life satisfaction reports: Analyzes of mean scores and response style differences. *Journal of Youth and Adolescence*, 37, 142-154.
- Gilson, E. (1995). *A filosofia na idade média*. São Paulo, SP: Martins Fontes.
- Gleizer, M. A. (2005). *Espinosa & a afetividade humana*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar.
- *Goklanky, I. M. (2007). *The improving state of the world: why we're living longer, healthier, more comfortable lives on a cleaner planet*. Washington, D. C.: Cato Institute.
- *Graham, M., Milanowski, A., & Miller, J. (2012). *Measuring and promoting inter-rater agreement of teacher and principal performance ratings*. Washington, DC: Center for Educator Compensation Reform.
- Granovetter, M. (1983). The strength of weak ties: A network theory revisited. *Sociological Theory*, 1, 201-233.
- Graziano, L. A (2005). *Felicidade revisitada: um estudo sobre o bem-estar subjetivo na visão da psicologia positiva*. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Greenberg, L. S., & Paivio, S. C. (1997). *Working with emotions in psychotherapy*. New York, NY: The Guilford Press.
- Greenblatt, S. (2005). *Will in the world: how Shakespeare became Shakespeare*. Londres, Inglaterra: Pimlico.
- Grimal, P. (1991). *Amor em Roma*. (H. F. Feist, trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes.

- Gutman, G. (2009). Amor celeste e amor terrestre: o encontro de Alcibiades e Sócrates em O banquete, de Platão. *Revista Latino-americana de Psicopatologias*, 12 (3), 539-552.
- Harlow, H. F., & Harlow, M. K. (1965). The affectional systems. In A. M. Schrier, H. F. Harlow & F. Stollnitz (Eds.), *Behaviour of nonhuman primates: modern research trends*, (p. 287-334). New York, NY: Academic Press.
- Harrison, M. A., & Shortall, J. C. (2011). Women and men in love: Who really feels it and says it first? *The Journal of Social Psychology*, 151(6), 727-736. doi:10.1080/00224545.2010.522626
- Hatfield, E., & Rapson, R. L. (2002). Passionate love and sexual desire. Cross-cultural and historical perspectives. In A. Vangelisti, H. T. Reis & M. A. Fitzpatrick (eds.), *Stability and changes in relationships*. (pp. 306-324). Cambridge, England: Cambridge University Press.
- Havighurst, R. J., & Albrecht, R. (1953). *Older people*. New York, NY: Longmans.
- Heer, F. (1976). *The medieval word: Europe 1100-1350*. Nova York, NY: Mentor Book.
- *Heider, E. R. (Rosch). (1971). "Focal" Color. Areas and the Development of Color Names. *Developmental Psychology*, 4, 447-455.
- *Heider, E. R. (Rosch). (1972 a). Probabilities, sampling, and ethnographic method: The case of Dani colour names. *Man*, 7 (3), 448-466.
- *Heider, E. R. (Rosch). (1972 b). Universals in color naming and memory. *Journal of Experimental Psychology*, 93, 10-20.
- Hendrick, S. S., & Hendrick, C. (1992). *Romantic love*. Newbury Park, CA: Sage Publications.
- Hendrick, C., & Hendrick, S. (1997). Love and Satisfaction. In R. Stenberg, M. Hojjat, *Satisfaction in close relationships*. (pp. 56-78). NY: The Guilford Press.

- Hendrick, S., & Hendrick, C. (2005). Love. In C.R. Snyder & S. Lopez (Eds.), *Handbook of positive psychology* (pp. 472-484). Oxford, UK: University Press.
- Hendrick, S., Hendrick, C., Slapion-Foote, M. J., & Foote, F. F. (1985). Gender differences in sexual attitudes. *Journal of Personality and Social, 1*, 177-195.
- Hernandez, J. A. E., & Oliveira, I. M. B. (2003). Os componentes do amor e a satisfação. *Psicologia Ciência e Profissão, 21*(3), 58-69.
- Heuzé, P. (Pref.). (1994). In Ovídio. *L'art d'aimer*. (pp. 5-12). Paris, França: Les Belles Lettres.
- Highwater, J. (1992). *Mito e sexualidade*. São Paulo, SP: Saraiva.
- Hill, C. T., Peplau, L. A., & Rubin, Z. (1981). Differing perceptions in dating couples. *Psychology of Women Quarterly, 5*(3), 418-434.
- Hinde, R. A. (1997). *Relationships: a dialectical perspective*. Hove, U.K: Psychology Press.
- Hintz, H. C. (2008). Questões afetivas versus questões financeiras na relação conjugal. In R. M. S. Macedo (Org.), *Terapia familiar no Brasil na última década*. (pp. 376-382). São Paulo, SP: Roca.
- Hobsbawm, E. (2003). *Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Houaiss, A., & Villar, M. S. (2009). *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva.
- Huffman, K., Vernoy, M., & Vernoy, J. (2003). *Psicologia*. São Paulo, SP: Atlas.
- Hull, C. (1920). Quantitative aspects of evolution of concepts: An experimental study. *Psychological monographs, 28*(1), 1-86.
- Hunt, M. (1959). *The natural history of love*. New York, NY: Knopf.
- Hunt, M. (1963). *História Natural do Amor*. São Paulo: Ibrasa.
- Hunt, M. (1974). *Sexual behavior in the 1970's*. New York, NY: Playboy Press.
- Ingenieros, J. (1968). *O que é o amor*. (2a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Gráfica Editora Laemmert.

- Introna, L., & Ilharco, F. (2004). The ontological screening of contemporary life: a phenomenological analysis of screens. *European Journal of Information Systems*, 13(3), 221-234.
- Introna, L., Ilharco, F., & Fäy, E. (2008). *Phenomenology, organization and technology*. Lisboa, Portugal: Universidade Católica Editora.
- Iyengar, S. (2015). *A arte da escolha*. Belo Horizonte, MG : Unicult.
- Iyer, H. (1995) Cognition and categories. In H. Iyer. *Classificatory structures: concepts, relation and representation* (pp. 40-59). Frankfurt, Germany: Indeks Verlag.
- James, W. (1991). *As variedades da experiência religiosa*. São Paulo, SP: Cultrix.
- Janssen, E. (2011). Sexual arousal in men: a review and conceptual analysis. *Hormones & Behavior*, 59(5), 708-716. doi: 10.1016/j.yhbeh.2011.03.004
- Jankowiak, W. R., & Fischer, E. F. (1992). A cross-cultural perspective on romantic love. *Ethnology*, 31(2), 149-157.
- Jankowiak, W., Shen, Y., Yao, S., Wang, C., & Volsche, S. (2015). *Investigating love's universal attributes: A research report from China*. *Cross-Cultural Research*, 49, 4(7), 422-436. doi: 10.1177/1069397115594355
- Johnson, R. A. (1987). *She: a chave do entendimento da psicologia feminina*. São Paulo, SP: Mercuryo.
- Joppert, R. (1979). *O alicerce cultural da China*. Rio de Janeiro, RJ: Avenir.
- Kahn, R. L. & Antonucci, T. C. (1980). Convoys over the life course: Attachment, roles, and social support. In Baltes P. B., O. Brim. (Eds.), *Life-span development and behavior* (Vol. 3, pp. 254-283). New York: Academic Press.
- Kaminsky, G. (1990). *Spinoza: la política de las pasiones*. Barcelona, Espanha: Gedisa.
- Kaplan, H., Hill, K., Lancaster, J., & Hurtado, A. (2000). A theory of human life history evolution: Diet, intelligence, and longevity. *Evolutionary Anthropology*, 9, 156-185.

- Kehl, M. R. (2006). As duas décadas dos anos 70. In A. Risério. Anos 70: das trajetórias (pp. 31-37). São Paulo: Iluminuras
- Keil, F. C. (1989). *Concepts, kinds, and cognitive development*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Kierkegaard, S. (2007). *As obras do amor: algumas considerações cristãs em forma de discursos*. Bragança Paulista, SP: Ed. Universitária São Francisco.
- Klausmeier, H. J. (1992). Concept learning and concept teaching. *Educational Psychologist*, 27(3), 267-286.
- Klein, D. F., & Lebowitz, M. (1983). *The chemistry of love*. Boston, MA: Little, Brown & Co.
- Kockelmans, J. J., & Kisiel, T. J. (1970). *Phenomenology and the natural sciences* (Northwestern University Studies in Phenomenology and Existential Philosophy). Evanston, ILL: Northwestern University.
- Komatsu, L. (1992). Recent views of conceptual structure. *Psychological Bulletin*, 112, 500-526.
- Konder, L. (2007). *Sobre o amor*. São Paulo, SP: Boitempo.
- Kreeft, P. (1990). *Summa of the summa: essential passages of Aquinas*. San Francisco, CA: Ignatius Press.
- Lakoff, G. (1987). *Women fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago, IL: University of Chicago Press.
- Lauand, J. (1999). La filosofía de S. Tomás de Aquino y nuestro lenguaje cotidiano. *Mirandum (USP)*, 2 (4), 35-52.
- Lázaro, A. (1996). *Amor: do mito ao mercado*. Rio de Janeiro, RJ: Vozes.
- Le Goff, J. (1984). *A civilização do Ocidente medieval* (Vol. 2.). Lisboa, Portugal: Editorial Estampa.
- Le Goff, J. (1995). *Os intelectuais na Idade Média*. São Paulo, SP: Brasiliense.
- Lee, J. A. (1977). *The colors of love*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.

- Lee, J. A. (1988). Love-styles. In R. J. Sternberg, & M. L. Barnes (Eds.). *The Psychology of love* (pp. 38-67). New Haven, CT: Yale University Press.
- Lejarraga, A. L. (2002). *Paixão e ternura, um estudo sobre a noção de amor na obra freudiana*. Rio de Janeiro, RJ: Relume-Dumará.
- Lejarraga, A. L. (2005). Sobre a ternura, noção esquecida. *Interações*, 10(19), 87-102.
- Leonel, M. L. N. (1993). Inveja e ciúme: Os vilões desmitificados. *Viver Psicologia*, 17, 35-37.
- Levi, G., & Schimitt, J. C. (Org.). (1996). *História dos jovens: da antigüidade à era moderna*. São Paulo, SP: Cia das Letras.
- Lévinas, E. (2007). *Ética e infinito*. Lisboa, Portugal: Edições 70.
- Levine, S. B. (1988). Intrapsychic and individual aspects of sexual desire. In S. R. Leibrum & R. C. Rosen (Orgs.), *Sexual desire disorders*. (pp 21-44). New York, NY: The Guilford Press.
- Levinger, G. (1988). "Can we picture "Love". In R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.), *The psychology of love*. (pp. 139 - 158). New Haven, CT: Yale University Press.
- Lévi-Strauss, C. (1976). *As estruturas elementares do parentesco*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Lin, E. L., & Murphy, G. L. (1997). Effects of background knowledge on object categorization and part detection. *Journal of Experimental Psychology: Human Perception and Performance*, 23(4), 1153-1169.
- Lima, G. A. B. O. (2007). Categorização como um processo cognitivo. *Ciências & Cognição*, 11, 156-167.
- Lima, R. D., & Almeida, T. (2013). Relações poliamorosas: quando o amor se multiplica. In T. Almeida (Org.), *Relacionamentos amorosos: o antes, o durante... e o depois*. (Vol.1, pp. 375-390). São Carlos, SP: Compacta.
- Lins, R. N. (2012a). *O livro do amor: da Pré-história à Renascença*. (Vol. 1). Rio de Janeiro, RJ: Best Seller.
- Lins, R. N. (2012b). *O livro do amor: do Iluminismo à atualidade*. (Vol. 2). Rio de Janeiro, RJ: Best Seller.

- Lloyd, G. (1996). *Spinoza and the ethics*. London, UK: Routledge.
- Lomônaco, J. F. B. (1997). *A natureza dos conceitos: visões psicológicas*. (Tese de Livre-docência). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Lomônaco, J. F. B. (2002). Concept-set: uma tecnologia educacional para o ensino de conceitos. In M. C. R. A. Joly (Org.), *A tecnologia no ensino: implicações para a aprendizagem*. (pp. 143-162). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Lomônaco, J. F. B., & Campos, K. C. L. (2003). O protótipo do psicólogo organizacional: um estudo exploratório com graduandos de um curso de psicologia. *Boletim de Psicologia*, 53(118), 75-87.
- Lomônaco, J. F. B., Caon, C. M., Heuri A. L., Santos, D. M., & Franco, G. T. (1996). Do característico ao definidor: um estudo exploratório sobre o desenvolvimento de conceitos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 12(1), 51-60.
- Lomônaco, J. F. B., Capovilla, A. G. S., Costa, C. E., Albernaz, J. M., Souza, M. A. D., & Aguiar, R. M. (2000). Desenvolvimento de conceitos: o paradigma das descobertas. *Psicologia Escolar e Educacional*, 4(2), 31-39.
- Lomônaco, J. F. B., Cazeiro, A. P. M., & Ferreira, A. (2006). Concepções de deficiência e reabilitação: um estudo exploratório com graduandos de fisioterapia. *Psicologia Escolar e Educacional*, 10(1), 83-97.
- Lomônaco, J. F. B., Nunes, S. S., & Sano, W. T. (2004). Concepções de cegueira de estudantes de um curso de psicologia. *Boletim de Psicologia*, 54(120), 23-46.
- Lomônaco, J. F. B., Pardal, C. C., Ulasowicz, C., Quinelato, P. T., Villagran, P. A. B., & Zampieri, T. C. R. C. (2012). Conceito de responsabilidade social e gestores e empregos. *Psicologia: Ciência e Profissão (Impresso)*, 32, 220-233.
- Lomônaco, J. F. B., Paula, F. V., Mello, C. B., & Almeida, F. A. (2001). Desenvolvimento de conceitos: o paradigma das transformações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17(2), 161-168.

- Lystra, K. (1989) *Searching the heart: women, men, and romantic love in nineteenth-century America*. New York, NY: Oxford University Press.
- Macedo, J. R. (2002). *A mulher na Idade Média*. São Paulo, SP: Contexto.
- MacFarlane, A. (1989). *A cultura do capitalismo*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- MacFarlane, A. (1990). *História do casamento e do amor: Inglaterra - 1300/1840*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Macherey, P. (1994). *Introduction à l'éthique de Spinoza*. Paris, France: PUF.
- Malinowski, B. (1955). *Sex and repression in savage society*. New York, NY: Meridian Books.
- Malinowski, B. (1970) *La vie sexuelle des sauvages du nord-ouest de la Mélanésie*. Paris, France: Payot.
- Malinowski, B. (1983). *A vida sexual dos selvagens do noroeste da Melanésia: descrição etnográfica do namoro, do casamento e da vida de família entre os nativos das ilhas Trobriand*. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves.
- Manniche, L. (1987). *A vida sexual no antigo Egito*. Rio de Janeiro, RJ: Imago.
- Marazziti, D., Akiskal, H. S., Rossi, A., & Cassano, G. B. (1999). Alteration of the platelet serotonin transporter in romantic love. *Psychological Medicine*, 29, 741-745.
- Marazziti, D., & Canale, D. (2004). Hormonal changes when falling in love. *Psychoneuroendocrinology*, 29, 931-936.
- Markman, E. M. (1989). *Categorization and naming in children: Problems of induction*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Marlowe, F. (2000). Good genes and paternal care in human evolution. *Behavioral and Brain Sciences*, 23, 611-612.
- *Martins, P. O., Andrade, A. L., & Cassepp-Borges, V. (2013). Interconexões entre amor, satisfação e qualidade nas relações românticas. In A. Garcia, J. H. Wilson & F. N. Pereira (Orgs.),

- Relacionamento interpessoal: temas contemporâneos.* (pp. 7-20), Vitória, ES: UFES.
- Maslow, A. H. (1954). *Motivation and personality*. New York, NY: Harper Row.
- Maslow, A. H. (1975). Uma teoria da motivação humana. In Y. Balcão, & L. L. Cordeiro (Orgs.), *O comportamento humano na empresa* (pp. 337-366). Rio de Janeiro, RJ: FGV.
- Maslow, A. H. (1976). *El hombre autorrealizado: hacia una psicología del ser.* (2a ed.). Barcelona, España: Kairós.
- Maslow, A. H. (1999). *La personalidad creadora*. Barcelona, España: Kairós.
- Mathes, E. W. (1992). *Jealousy: The psychological data*. Lanham, Maryland: University Press of America.
- Matos, R. (2009). Fatores de fixação em cidades intermediárias e percepção dos habitantes. In *Anais do 6º Encontro Nacional sobre Migrações*. Belo Horizonte, MG, ABEP
- Matos, D. A. S. (2014, set. /dez.). Confiabilidade e concordância entre juízes: aplicações na área educacional. *Estudos em Avaliação Educacional*, 25 (59), 298-324.
- Maturana, H. (1998). *Da biologia à psicologia*. (J. Acuña, trad., 3a ed). Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- May, R. (1973). *Eros e repressão: amor e vontade*. (A. Weissemberg, trad.). Petrópolis, RJ: Vozes.
- May, S. (2011). *Love: a history*. London, UK: Yale University Press.
- Meana, M. (2010). Elucidating women's (hetero)sexual desire: definitional challenges and content expansion. *Journal of Sex Research*, 47, 104-122. doi: 10.1080/00224490903402546
- Medin, D. L. (1989). Concepts and conceptual structure. *American Psychologist*, 44(12), 1.469-1.481.
- Medin, D. L., & Ross, B. H. (1996). *Cognitive psychology*. Forth Worth: Harcourt Brace College Publishers.
- Medin, D. L., & Shoben, E. J. (1988). Context and structure in conceptual combination. *Cognitive Psychology*, 20, 158-190.

- Melo, J. R. (1992). *O cotidiano no imaginário medieval*. São Paulo, SP: Contexto.
- Menandro, P. R. M., Rölke, R. K., & Bertollo, M. (2005). Concepções sobre relações amorosas / conjugais e sobre seus protagonistas: um estudo com provérbios. *Psicologia Clínica, R.J.*, 17 (2), 81-100.
- Mendelson, M. J., & Aboud, F. E. (1999). Measuring friendship quality in late adolescents and young adults: McGill Friendship Questionnaires. Em: *Canadian Journal of Behavioural Science* 31(2): 130-132.
- Meneses, P. (2000). Etnocentrismo e relativismo cultural: algumas reflexões. *Síntese de Filosofia*, 27 (88), 245-254.
- Morin, E. (1979). *O enigma do homem, para uma nova antropologia*. (F. C. Ferro, trad., 2a ed.). Rio de Janeiro, RJ: Zahar.
- Money, J. (1986). *Lovemaps*. New York, NY: Irvington Publishers.
- Montet, P. (1989). *O Egito no tempo de Ramsés*. São Paulo, SP: Companhia das Letras.
- Mouton, A. R., & Montijo, M. N. (2017). Love, passion, and peak experience: A qualitative study on six continents. *Journal of Positive Psychology*, 12(3), 263-280.
- Mullen, P. E., & Martin, J. (1994). Jealousy: A community study. *British Journal of Psychiatry*, 164, 35-43.
- Munck, V. C., & David B. Kronenfeld, D. B. (2016). Romantic love in the United States: Applying cultural models theory and methods. *Open Sage*, 1-17.
- Murphy, G. L. & Medin, D. L. (1985). The role of theories in conceptual coherence. *Psychological Review*, 92(3), 289-316.
- Murray, S. H. (2014). A qualitative exploration of men's experiences of sexual desire in heterosexual long-term relationships. (Doctor of Philosophy, Ph.D.). University of Guelph, Guelph, CA.
- Murray, S. H., & Milhausen, R. R. (2012a). Sexual desire and relationship duration in young men and women. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 38, 28-40. doi: 10.1080/0092623X.2011.569637

- Murray, S. H., & Milhausen, R. R. (2012b). Factors impacting women's sexual desire: examining long-term relationships in emerging adulthood. *Canadian Journal of Human Sexuality*, 21, 101-115.
- Murstein, B. I. (1988). A taxonomy of love. In R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.), *The psychology of love* (pp. 13-37). New Haven, CT: Yale University Press.
- Mysliwiec, K. (2004). *Eros on the Nile*. Ithaca, NY: Cornell University Press.
- Newman, F. X. (1968). *The meaning of courtly love*. Albany, NY: State University of New York Press.
- Noblecourt, C. D. (1994). *A mulher no tempo dos faraós*. São Paulo, SP: Papirus.
- Nunes, R. (1979). A escolástica. In *História da educação na Idade Média* (pp. 243-286). São Paulo, SP: EDUSP.
- Nunes, S. S. (2004). *Desenvolvimento de conceitos em cegos congênitos: caminhos de aquisição do conhecimento*. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Nunes, S. S., & Lomônaco, J. F. B. (2008). Desenvolvimento de conceitos em cegos congênitos: caminhos de aquisição do conhecimento. *Psicologia Escolar e Educacional (Impresso)*, 12(1), 119-138.
- Odent, M. (2000). *A cientificação do amor*. São Paulo, SP: Terceira Margem.
- Oliveira, M. B. (1994). Rumo a uma teoria dialética de conceitos. In P. Abrantes (Org.), *Epistemologia e cognição* (pp 25-69). Brasília, Editora da Universidade de Brasília.
- Oliveira, M. B. (1999). *Da ciência cognitiva à dialética*. São Paulo, SP: Discurso.
- Paludo, S. S., & Koller, S. H. (2005). Resiliência na rua: um estudo de caso. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21(2), 187-195.
- Paludo, S. S., & Koller, S. H. (2007). Psicologia positiva: uma nova abordagem para antigas questões. *Paidéia*, 17(36), 9-20.

- Paris, G. (1883). Études sur les romans de la table ronde: Lancelot du Lac, II: le conte de la charrette. *Romania*, 12, 459-534.
- Parker, H. N. (1992). Love's cody anatomized: the ancient erotic handbooks and the rhetoric of society. In A. Richlin (Ed.), *Pornography and representation in Greece and Rome* (pp. 90-111). Oxford, UK: Oxford University Press.
- Palchykov, V., Kaski, K., Kertesz, J., Barabasi, A.L., & Dunbar, R.I.M. (2012). Sex differences in intimate relationships. *Scientific Reports*, 370, 1-5.
- Paz, O. (1994). *A dupla chama: amor e erotismo*. (W. Dupont, trad.). São Paulo, SP: Siciliano.
- Peele, S. (1988). Fools for Love. In R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.), *The psychology of love*. (pp. 159 - 188). New Haven, CT: Yale University Press.
- Perpétuo, I. H. O., & Aguirre, M. A. C. (1998). O papel da esterilização feminina nos diferenciais sócio-econômicos do declínio da fecundidade no Brasil. In *Anais do 11o Encontro Nacional de Estudos Populacionais* (V.1, p. 2997-3024). Caxambu: ABEP.
- Perrot, M. (2005). *As mulheres ou os silêncios da história*. Bauru, SP: EDUSC.
- Philippe, M.-D. (1999). *O amor: na visão teológica, filosófica e mística*. Rio de Janeiro, RJ: Vozes.
- Pilão, A. C., & Goldenberg, M. (2012). Poliamor e monogamia: construindo diferenças e hierarquias. *Ártemis*, 13, 62-71.
- Pilishvili T. S., Koyanongo E. (2016). The representation of love among Brazilians, Russians and Central Africans: A comparative analysis. *Psychology in Russia: State of the Art*, 9(1), 84-97.
- Pittman, F. (1994). *Mentiras privadas: A infidelidade e a traição na intimidade*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- R Development Core Team (2016). *R: a language and environment for statistical computing*. Vienna, Austria: R Foundation for

- Statistical Computing. Recuperado de URL <https://www.R-project.org/>.
- Ramalho, E. F. (2005) *Par Perfeito: um novo espaço virtual para a procura de parceiros amorosos*. (Dissertação de Mestrado) - Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio, Rio de Janeiro.
- Ramboux, C. (1985). *Trois analyses de l'amour: Catulle, poesies; Ovide, les amours; Apulee, le conte de Psyche*. Paris, France: Les Belles Lettres.
- Regan, P., Kocan, E., & Whitlock, T. (1998). Ain't love grand! A prototype analysis of romantic love. *Journal of Social and Personal Relationships*, 15, 411-420.
- Roazzi, A., Federicci, F. C. B., & Wilson, M. (2001). A estrutura primitiva da representação social do medo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(1), 57-72.
- Robson, A. J., & Kaplan, H. L. (2003). The evolution of human life expectancy and intelligence in hunter-gatherer economies. *The American Economic Review*, 93 (1), 150-169.
- Rocha, E. (1994). *O que é etnocentrismo*. (Coleção Primeiros Passos, 11a ed.). São Paulo, SP: Brasiliense.
- Rocha-Coutinho, M. L. (1994). *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Rogers, C. (1951). *Client-centered therapy: its current practice, implications and theory*. Boston, MA: Houghton Mifflin.
- Rosch, E. (1973). Natural categories. *Cognitive Psychology*, 4, 328-350.
- Rosch, E. (1975). Cognitive representations of semantic categories. *Journal of Experimental Psychology: General*, 104, 192-233.
- Rosch, E., Mervis, C. B., Gray, W. D., Johnson, D. M., & Boyes-Braem, P. (1976). Basic objects in natural categories. *Cognitive Psychology*, 8, 382-452.
- Rosch, E. (1978). Principles of categorization. In E. Rosch & B. B. Lloyd (Eds.), *Cognition and categorization*. Hillsdale, NJ:

- Erlbaum. Reprinted in: Margolis, E. and Laurence, S. (Eds.) (1999). *Concepts: Core readings*. Cambridge, MA: MIT Press.
- Rosch, E., Mervis, C. B. et al. (1976). Basic objects in natural categories. *Cognitive Psychology*, 8, 382-439.
- Rougemont, D. (1988). *O amor e o ocidente*. (P. Brandi & E. B. Cachapuz, trads.). Rio de Janeiro, RJ: Guanabara.
- Rubin, Z. (1970). Measurement of romantic love. *Journal of Personality and Social Psychology*, 16, 265-273.
- Rubin, Z. (1973). *Liking and loving: an invitation to social psychology*. New York, NY: Holt, Rinehart & Winston.
- Salazar, A., Couto, V. D., Gonçalves, L., & Pereira, C. A. (1996). Ciúme: uma questão de dosagem. In: Sociedade Brasileira de Psicologia (Org.), *Resumo de comunicações científicas*, XXVI Reunião Anual de Psicologia (p. 140). Ribeirão Preto: SBP.
- Santos-Iglesias, P., Calvillo, G., & Sierra, J. C. (2013). A further examination of Levine's model of sexual desire. *Psychology & Sexuality*, 4, 34-45.
- Seligman, M. (2009). *Felicidade autêntica: usando a psicologia positiva para a realização permanente*. Rio de Janeiro, RJ: Objetiva.
- Seligman, M. (2002). Positive psychology, positive prevention, and positive therapy. In C. R. Snyder & S. J. Lopez (Eds.), *Handbook of positive psychology* (pp. 3-9). New York, NY: Oxford University Press.
- Seligman, M. (1998). Building human strength: psychology's forgotten mission. *APA Monitor*, 29(1), 1.
- Seligman, M. E. P., & Csikszentmihalyi, M. (2000). Positive psychology: an introduction. *American Psychologist*, 55(1), 5-14.
- Shakespeare, W. (1998). *Romeu e Julieta*. Rio de Janeiro, RJ: Ediouro.
- Shaver, P. R., Hazan, C., & Bradshaw, D. (1988). Love as attachment: the integration of three behavioral systems. In R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.), *The psychology of love* (pp. 264-292). New York, NY: Yale University.
- Shaver, P. R., Wu, S., & Schwartz, J. C. (1991). Cross-cultural similarities and differences in emotion and its representation: a

- prototype approach. *Review of Personality and Social Psychology*, 13, 175-212.
- Sierra, J. C., Perla, F., & Santos-Iglesias, P. (2011). Culpabilidad sexual en jóvenes: influencia de las actitudes y la experiencia sexual. *Revista Latinoamericana de Psicología*, 43, 73-81.
- Sierra, J. C., Vallejo-Medina, P., Santos-Iglesias, P., Moyano, N., Granados, M. R., & Sánchez-Fuentes, M. M. (2014). Funcionamiento sexual en personas mayores: influencia de la edad y de factores psicosexuales. [Sexual functioning in older people: Influence of age and psychosexual variables]. *Revista Internacional de Andrologia*, 12, 64-70.
- *Silva, A. A. (1982). *Julgamento de pessoas desconhecidas*. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- *Silva, A. A. (1987). *Julgamento de expressões faciais de emoções*. (Tese de Doutorado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- *Silva, A. A. (1998a). Timidez para iniciar um relacionamento amoroso. *Psicologia Argumento*, 16(23), 85-102.
- *Silva, A. A. (1998b). Therapie cognitive de l'inhibition amoureuse. *Le Journal des Psychologues*, 36-39.
- *Silva, A. A. (2001). *O mapa do amor*. São Paulo, SP: Gente.
- *Silva, A. A. (2002). Pequenos motivos, grandes romances. In N. Garcia (Org.), *Da sedução ao casamento*. (pp. 13-14). São Paulo, SP: Caras.
- *Silva, A. A. (2006). O conteúdo da vida amorosa de estudantes universitários. *Interação em psicologia*, 10, 301-312.
- *Silva, A. A. (2009). *Relacionamento amoroso*. São Paulo, SP: Publifolha.
- *Silva, A. A., & Martinez, M. (2005). *Para viver um grande amor*. São Paulo, SP: Gente.
- *Silva, A. A., Mayor, A. S., Martinez, M., Almeida, T., & Oliveira, L. M. (2005). Determinação das histórias de amor mais adequadas para descrever relacionamentos amorosos e identificação das

- histórias de amor que produzem mais identificação, menos identificação e que as pessoas mais gostariam de viver. *Interação em Psicologia*, 9(2), 297-311.
- *Silva, A. A., Paula, S. A., & Xavier, A. G. (2003). Estilos de amor X Estilos de apego: uma relação possível? *Revista da Universidade Vale do Verde, UNICOR*, 6(1), 20-26.
- *Silva, P. O. M., Andrade, A. L., & Cassepp-Borges, V. (2013). Interconexões entre amor, satisfação e qualidade nas relações românticas. In A. Garcia, J. E. Pereira & F. Nogueira (Orgs.), *Relacionamento interpessoal: temas contemporâneos*. (pp. 7-20). Vitória, ES: UFES.
- Silva, D. Z., & Pereira, C. A. A. (2005). O papel da consistência ideal: percepção no bem-estar subjetivo em relacionamentos íntimos. *Psico*, 36(2), 181-188.
- Silva, J. G. (2012). Espaço das representações sexuais e eróticas no Egito Antigo. *Revista Espacialidades*, 5(4). Recuperado de: <http://cchla.ufrn.br/espacialidades/v5n4/Josiane.pdf>
- Smith, E. E., & Medin, D. L. (1981). *Categories and concepts*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Snyder, C. R. & Lopez, S. J. (2009). *Psicologia positiva: uma abordagem científica e prática das qualidades humanas*. (R. C. Costa, trad.). São Paulo, SP: Artmed.
- Soares, G. B. (1997). *Refúgio no mundo sem coração: um estudo sobre o amor na obra de Rousseau*. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Medicina Social, UERJ. Rio de Janeiro.
- Souza, E. L. L. (2012). Espinosa, Deleuze e Guattari: o desejo como metamorfose. *Alegrear*, 1, 1-15.
- Souza, E. L. L. (2013). Spinoza e o sentido. *Revista Conatus*, 7, 19-29.
- Souza, L. K., & Duarte, M. G. (2013). Amizade e bem-estar subjetivo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 29(4), 429-436. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722013000400009>
- Souza, L. K., & Hutz, C. S. (2007). Diferenças de gênero na percepção da qualidade da amizade. *Psico (PUCRS)*, 38, 125-132.

- Souza, L. K., & Hutz, C. S. (2008). Relacionamentos pessoais e sociais: amizade em adultos. *Psicologia em Estudo*, 13(2), 257-265. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722008000200008>
- Souza, L. K., & Hutz, C. S. (Org.). (2012). *Amizade em contexto: desenvolvimento e cultura*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Spinoza, B. (1954). *Oeuvres complètes*. Paris, France: Pléiade.
- Spitzer, D. (1975). What is concept. *Educational Technology*, 15, 36-39.
- Sprecher, S. & Metts, S. (1989). Development of the 'Romantic Beliefs Scale' and examination of the effects of gender and gender-role orientation. *Journal of Social and Personal Relationships*, 6, 387-411.
- Sprecher, S., & Toro-Morn, M. (2002). A study of men and women from different sides of Earth to determine if men are from mars and women are from venus in their beliefs about love and romantic relationships. *Sex Roles*, 46, 131-147.
- Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychological Review*, 93, 119-135.
- Sternberg, R. J. (1988). Triangulating Love. In R. J. Sternberg & M. L. Barnes (Eds.), *The psychology of love*. (pp. 119 - 138). New Haven, CT: Yale University Press.
- Sternberg, R. J. (1997). Construct validation of a triangular love scale. *European Journal of Psychology*, 27, 313-335.
- Susin, L. C., Fabri, M., Pivatto, P. S., & Souza, R. T. (Orgs.). (2003). *Éticas em diálogo: Lévinas e o pensamento contemporâneo: questões e interfaces*. Porto Alegre, RS: EDIPUCRS.
- Tomás de Aquino, São. (2003). *Suma Teológica*. (Vols, 1-5). São Paulo, SP: Loyola.
- Tannahill, R. (1983). *O sexo na história*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Torrel, J.-P. (2004). *Iniciação a Santo Tomás de Aquino: sua pessoa e sua obra*. São Paulo, SP: Loyola.
- Trauncker, C. (1995). *Os deuses do Egito*. Brasília, DF: UNB.

- Trivers, R. L. (1972). Parental investment and sexual selection. In B. Campbell (ed.), *Sexual selection and the descent of man, 1871-1971*. (pp 52-95). Chicago, IL: Aldine.
- Tyldesley, J. (1995). *Daughters of Isis: women of Ancient Egypt*. New York, NY: Penguin Books.
- Vainfas, R. (1986). *Casamento, amor e desejo no ocidente cristão*. São Paulo, SP: Ática.
- Valiente, S., Varona, L., & Orozco, I. (2011). Morir de amor. *Norte de salud mental*, 9, (41), 27-30.
- Varella, D. (2014). *Longevidade irresponsável*. Recuperado de <http://drauziovarella.com.br/envelhecimento/longevidade-irresponsavel/>
- Vincent, L. (2005). *Por que nos apaixonamos: como a ciência explica os mistérios do amor*. Rio de Janeiro, RJ: Ediouro.
- Wachelke, J. F. R., & Andrade, A. L. (2012a). O universo das medidas psicológicas na avaliação de relacionamentos amorosos. In R. M. Cruz, J. F. R. Wachelke & A. L. Andrade. *Avaliação e medidas psicológicas no contexto dos relacionamentos amorosos*. (cap. 2). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Wachelke, J. F. R., & Andrade, A. L. (2012b). Satisfação no relacionamento amoroso e bem-estar psicológico. In R. M. Cruz, J. F. R. Wachelke & A. L. Andrade. *Avaliação e medidas psicológicas no contexto dos relacionamentos amorosos*. (cap. 5). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Wachelke, J. F. R., Andrade, A. L., & Cruz, R. M. (2006). Factorial relationship satisfaction scale: validation process and prediction of global relationship satisfaction (Resumo expandido). In A. Garcia (Org.), *Relacionamento interpessoal: estudos e pesquisas*. (pp. 117-119). Vitória, ES: UFES.
- Wachelke, J. F. R., Andrade, A. L., Natividade, J. C., & Cruz, R. M. (2012). Satisfação no contexto dos relacionamentos amorosos. In J. R. Wachelke & A. L. Andrade. *Avaliação e medidas psicológicas no contexto dos relacionamentos amorosos*. (cap. 4). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

- Wachelke, J. F. R., Andrade, A. L., Souza, A. M., & Cruz, R. M. (2007). Estudo complementar da validade fatorial da escala fatorial de satisfação em relacionamentos e predição de satisfação global com a relação. *Psico-USF*, 12, 221-225.
- Wachelke, J. F. R., Faggiani, R. B., Andrade, A. L., Natividade, J. C., & Cruz, R. M. (2004). Medida da satisfação em relacionamento de casal. *Psico-USF*, 9, 11-18.
- Warde, A., & Tampubolon, G. (2008). Social capital, networks and leisure consumption. *The Sociological Review*, 50 (2), 155-180.
- Watson, W. (1969). *China antiga*. Lisboa, Portugal: Verbo.
- Weitzman, G., Davidson, J., & Phillips, R.A. (2010). *What psychology professionals should know about polyamory*. New York, NY: National Coalition for Sexual Freedom Inc.
- Weaver, S., & Ganong, L. (2004). The factor structure of the Romantic Beliefs Scale for African. Americans and European Americans. *Journal of Social and Personal Relationships*, 21, 171-185.
- Westermarck, E. (1934). *Histoire du mariage: la promiscuité primitive: la valeur de la virginité*. Paris, France: Mercvire de France.
- White, G. L., & Mullen, P. E. (1989). *Jealousy: Theory, research, and clinical strategies*. New York: Guilford.
- Wright, R. (2006). *O animal moral: porque somos como somos: a nova ciência da psicologia evolucionista; a fidelidade está em nosso DNA?* Rio de Janeiro, RJ: Elsevier.
- Yalom, M. (2001). *A história da esposa*. Rio de Janeiro: Ediouro.
- Yunes, M. A. M. (2003) Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, 8, (n.spe), 75-84.